

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE ARQUITETURA

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO URBANO E
REGIONAL - PROPUR**

**FATORES QUE AFETAM O NÍVEL DE SATISFAÇÃO E
O USO DOS ESPAÇOS ABERTOS COMUNS EM
CONJUNTOS HABITACIONAIS POPULARES: ESTUDO
DE CASO - SANTO TOMÉ (ARGENTINA) E SÃO BORJA
(BRASIL)**

MAIRA INEZ PAZ MORAES

Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Planejamento Urbano e Regional.

Orientador: PhD ANTÔNIO TARCISIO DA L. REIS

Porto Alegre, 5 de setembro de 1996

Dedicatória

Ao **João Fernandes**, meu companheiro e incentivador e a **Mirela** e **Naila**, minhas filhas e amigas, com amor.

Agradecimentos

Foram muitas as pessoas que participaram deste trabalho, através de sugestões, críticas, questionamentos, idéias, força e palavras estimulantes nas horas de angústia. Agradeço a todos os amigos que de alguma forma me auxiliaram na sua realização, e em especial:

➤ ao Prof. PhD Antônio Tarcisio da Luz Reis, orientador deste estudo, pelo apoio, incansável colaboração e valiosas críticas em todas as etapas de sua realização;

➤ a Profa. PhD Maria Cristina Dias Lay, por estar sempre disposta a ajudar nos momentos solicitados;

➤ aos Professores do PROPUR, pelo encorajamento e contribuição de conhecimentos, especialmente aos incentivadores da finalização deste estudo;

➤ aos Funcionários do PROPUR e da biblioteca da Faculdade de Arquitetura, pelo apoio e atenção;

➤ aos Colegas de curso Décio Bevillacua e Mariza Wagner, que me acompanharam nesta jornada e compartilharam as ansiedades;

➤ aos Colegas de trabalho da Cohab-RS, pela solicitude manifestada em todas as etapas;

➤ à Diretoria da Cohab-RS, pelo apoio que possibilitou a realização desse trabalho;

➤ aos Técnicos da INVICO, pelo fornecimento de dados;

➤ aos Residentes dos dois conjuntos habitacionais, pela cooperação.

Sumário

Título	pág.
Lista de figuras	VII
Lista de tabelas	X
Lista de abreviaturas e símbolos	XI
Resumo	XII
Abstract	XIII
Introdução	XIV
Capítulo I	
1. Conceitos preliminares	2
1.1. Conjunto habitacional e vida comunitária	2
1.2. Finalidades e papéis dos espaços abertos comuns de recreação	5
1.2.1. Finalidade um : Promoção do contato social	6
1.2.2. Finalidade dois : Promoção do contato com a natureza	7
1.2.3. Finalidade três : Promoção de atividades esportivas	8
1.3. Orientações gerais	10
1.4. Fatores que afetam a percepção dos indivíduos em relação ao desempenho dos espaços abertos comuns	13
1.4.1. Fatores composicionais	14
1.4.2. Fatores contextuais	15
1.4.2.1. Equipamentos Recreacionais	16
1.4.2.2. Acessibilidade	26
1.4.2.3. Visibilidade	30
1.4.2.4. Segurança	31
1.4.2.5. Manutenção	35
1.4.2.6. Vegetação	38
1.4.2.7. Aparência	41
1.4.2.8. Conforto Térmico	43
1.4.2.9. Tráfego	45
1.4.2.10. Pavimentação	49
1.5. Avaliação Pós-Ocupação do Ambiente Construído - APO	53
1.5.1. A satisfação do usuário	54
1.5.2. O comportamento do usuário	56

Capítulo II	
2. Metodologia e instrumentos da pesquisa	58
2.1. Critérios de seleção dos conjuntos habitacionais	58
2.1.1. Caracterização do contexto estudado	60
2.1.1.1. Conjunto Habitacional de Santo Tomé	60
2.1.1.2. Conjunto Habitacional de São Borja	68
2.2. Coleta de dados	77
2.2.1. Análise comparativa entre os projetos originais e a situação atual dos espaços abertos comuns de recreação	77
2.2.2. Observação do comportamento do usuário e dos traços físicos dos espaços abertos comuns de recreação	78
2.2.3. Aplicação de questionários	78
2.2.4. Realização de entrevistas	79
2.3. Seleção da amostra	79
2.4. Desenvolvimento do trabalho de campo	82
Capítulo III	
3. Resultados	86
3.1. Modificações, manutenção e uso dos espaços abertos comuns	86
3.1.1. Análise das modificações físicas e da manutenção dos espaços abertos comuns	87
3.1.1.1. Conjunto habitacional de Santo Tomé	87
3.1.1.2. Conjunto habitacional de São Borja	99
3.1.2. Uso dos espaços abertos comuns recreacionais de acordo com os diferentes grupos de usuários -- faixa etária	115
3.1.2.1. Crianças até seis anos incompletos	116
3.1.2.2. Crianças de seis anos a 12 anos incompletos	128
3.1.2.3. Adolescentes de 12 anos a 18 anos incompletos	140
3.1.2.4. Adultos de 18 anos a 60 anos incompletos	153
3.1.2.5. Idosos a partir de 60 anos	166
3.2. Nível de satisfação dos usuários	178
3.2.1. Nível de satisfação dos usuários em relação aos espaços abertos comuns recreacionais e aos conjuntos habitacionais: pontos positivos e negativos	178
3.2.2. Nível de satisfação dos usuários em relação aos fatores contextuais	183
3.2.2.1. Equipamentos recreacionais	184
3.2.2.2. Acessibilidade	186

3.2.2.3.	Visibilidade	188
3.2.2.4.	Segurança	188
3.2.2.5.	Manutenção	191
3.2.2.6.	Vegetação	192
3.2.2.7.	Aparência	193
3.2.2.8.	Conforto térmico	195
3.2.2.9.	Tráfego	196
3.2.2.10.	Pavimentação	198
3.3.	Comentários Gerais	198
Capítulo IV		
4.	Conclusões	201
4.1.	Quanto aos Objetivos da Pesquisa	201
4.1.1.	Identificação do Grau de Correspondência do Projeto Original com a Realidade	201
4.1.1.1.	Supressão	201
4.1.1.2.	Inadequação do projeto	202
4.1.1.3.	Acréscimo e/ou adaptações	204
4.1.2.	Manutenção como elemento desencadeador de responsabilidade, apropriação e uso	204
4.1.3.	Uso dos espaços abertos comuns por faixa etária	205
4.1.3.1.	Crianças até seis anos incompletos	206
4.1.3.2.	Crianças de seis anos a 12 anos incompletos	207
4.1.3.3.	Adolescentes de 12 anos a 18 anos incompletos	208
4.1.3.4.	Adultos de 18 anos a 60 anos incompletos	209
4.1.3.5.	Idosos a partir de 60 anos	210
4.1.4.	Níveis de satisfação dos usuários pontos positivos e negativos	211
4.1.5.	Níveis de satisfação em relação aos fatores contextuais	213
4.2.	Considerações Finais.....	220
4.2.1.	Potencialidades	220
4.2.2.	Limitações	221
4.2.1.	Continuidade dos Trabalhos	222
	Referências bibliográficas	224
Anexo I		229
Anexo II		235
Anexo III		239

Lista de figuras

1.1	Localização das duas cidades na América Latina	XVI
2.1	Planta de situação do conjunto habitacional de Santo Tomé	60
2.2	Planta original do urbanismo do conjunto habitacional de Santo Tomé	61
2.3	Planta original do Espaço Aberto Comum 1 do CHST	63
2.4	Planta original do Espaço Aberto Comum 2 do CHST	64
2.5	Planta original do Espaço Aberto Comum 3 do CHST	64
2.6	Planta original do Espaço Aberto Comum 4 do CHST	65
2.7	Planta original do Espaço Aberto Comum 5 do CHST	65
2.8	Planta original do Espaço Aberto Comum 6 do CHST	66
2.9	Planta original do Espaço Aberto Comum 7 do CHST	66
2.10	Vista atual do Espaço Aberto Comum 6 do CHST, setor de descanso	67
2.11	Vista atual do Espaço Aberto Comum 6 do CHST	67
2.12	Planta de situação do CHSB	68
2.13	Planta original do urbanismo do CHSB	69
2.14	Planta original da Praça 1 do CHSB	71
2.15	Vista atual da Praça 1 do CHSB	71
2.16	Planta original da Praça 2 do CHSB	73
2.17	Vista atual da Praça 2 do CHSB - Centro Comunitário	73
2.18	Vista atual da Praça 2 do CHSB - Setor de atividades passivas	74
2.19	Vista atual da Praça 2 do CHSB - Comércio	74
2.20	Planta original da Praça 3 do CHSB	75
2.21	Vista atual da Praça 3 do CHSB	76
2.22	Vista atual da Área Verde 1 do CHSB	76
2.23	Localização das habitações dos moradores selecionados para a amostra -CHST .	80
2.24	Localização das habitações dos moradores selecionados para a amostra -CHSB .	81
3.1	Planta original do Espaço Aberto Comum 1 do CHST	88
3.2	Planta com as modificações físicas do Espaço Aberto Comum 1 do CHST	88
3.3	Planta original do Espaço Aberto Comum 2 do CHST	89
3.4	Planta com as modificações físicas do Espaço Aberto Comum 2 do CHST	89
3.5	Planta original do Espaço Aberto Comum 3 do CHST	90
3.6	Planta com as modificações físicas do Espaço Aberto Comum 3 do CHST	90
3.7	Planta original do Espaço Aberto Comum 4 do CHST	91
3.8	Planta com as modificações físicas do Espaço Aberto Comum 4 do CHST	91
3.9	Planta original do Espaço Aberto Comum 5 do CHST	92
3.10	Planta com as modificações físicas do Espaço Aberto Comum 5 do CHST	92
3.11	Planta original do Espaço Aberto Comum 6 do CHST	93
3.12	Planta com as modificações físicas do espaço aberto comum 6 do CHST	93
3.13	Planta original do Espaço Aberto Comum 7 do CHST	94
3.14	Planta com as modificações físicas do Espaço Aberto Comum 7 do CHST	94
3.15	Vista do Espaço Aberto Comum 2 do CHST (bem mantido)	96
3.16	Vista do Espaço Aberto Comum 7 do CHST (mal conservado)	97
3.17	Vista do Complexo Esportivo Municipal	97
3.18	Planta de localização do Complexo Esportivo Municipal	98
3.19	Planta de urbanismo do CHSB com as modificações dos espaços abertos	100
3.20	Vista Praça 1 do CHSB com as modificações físicas	101
3.21	Planta original da Praça 1 do CHSB	102
3.22	Planta da Praça 1 do CHSB com as modificações físicas	102
3.23	Vista Praça 1 do CHSB com as modificações físicas	103
3.24	Planta original da Praça 2 do CHSB	104
3.25	Planta da Praça 2 do CHSB com as modificações físicas	104

3.26	Vista da Praça 2 do CHSB com as modificações físicas	105
3.27	Vista da Praça 2 do CHSB com as modificações físicas	105
3.28	Vista da Praça 2 do CHSB com as modificações - cancha de bocha, grade de ferro, carramanchão coberto de capim e vegetação	106
3.29	Vista da Praça 2 do CHSB - piso dos passeios e das áreas de recreação, novas rotas de circulação, tela proteção, luminárias, cancha de bocha.....	106
3.30	Vista da Praça 3 do CHSB - gramado, vegetação, Posto de Saúde ampliado, arranjo de bancos	107
3.31	Planta original da Praça 3 do CHST	108
3.32	Planta da Praça 3 do CHSB com as modificações físicas	108
3.33	Vista da Praça 3 do CHSB com as modificações físicas - gramado, vegetação, Posto de Saúde ampliado, tela galvanizada	109
3.34	Planta original da Área Verde 1 do CHSB	110
3.35	Planta da Área Verde 1 do CHSB com as modificações físicas	110
3.36	Vista da Área Verde 1 do CHSB com as modificações - abrigo na parada de ônibus vegetações, novas rotas de circulações	111
3.37	Vista da Área Verde 1 do CHSB com as modificações - vegetações, campo de jogos improvisado, tela. No fundo sede camp. Clube Comercial	111
3.38	Vista da Área Verde 7 do CHSB com as modificações - tela, equip. e vegetações .	112
3.39	Planta original da Área Verde 7 do CHSB	113
3.40	Planta da Área Verde 7 do CHSB com as modificações físicas	114
3.41	Outros espaços próximo ao conjunto de São Borja utilizados para recreação.....	114
3.42	Vista do terreno emprestado para atividades esportivas	108
3.43	Mapa comportamental - Espaços Abertos Comuns do CHST - Crianças até 6 anos	120
3.44	Apropriação e uso do Espaço Aberto Comum 1 do CHST - Crianças até 6 anos ...	121
3.45	Apropriação e uso do Espaço Aberto Comum 4 do CHST - Crianças até 6 anos ...	121
3.46	Apropriação e uso do Espaço Aberto Comum 5 do CHST - Crianças até 6 anos ...	122
3.47	Apropriação e uso do Espaço Aberto Comum 4 do CHST - Crianças até 6 anos....	122
3.48	Mapa comportamental - Espaços Abertos Comuns do CHSB-crianças até 6 anos .	123
3.49	Apropriação e uso da Praça 3 do CHSB - Crianças até 6 anos	124
3.50	Apropriação e uso da Área Verde 7 do CHSB - Crianças até 6 anos	124
3.51	Espaços abertos mais utilizados no CHSB - Crianças até 6 anos	127
3.52	Outros espaços do CHST ou próximos a esses utilizados para recreação - Crianças até 6 anos	127
3.53	Outros Espaços do CHSB ou próximos a esses utilizados para recreação Crianças até 6 anos.....	127
3.54	Mapa comportamental - Espaços Abertos do CHST - Crianças de 6 a 12 anos.....	132
3.55	Apropriação e uso do Espaço Aberto 7 do CHST - Crianças de 6 a 12 anos	133
3.56	Apropriação e uso do Espaço Aberto 1 do CHST - Crianças de 6 a 12 anos	133
3.57	Apropriação e uso do Espaço Aberto 7 do CHST - Crianças de 6 a 12 anos	134
3.58	Apropriação e uso do Espaço Aberto 2 do CHST - Crianças de 6 a 12 anos	134
3.59	Mapa comportamental - Espaços Abertos do CHSB - Crianças de 6 a 12 anos	135
3.60	Apropriação e uso da Praça 1 do CHSB - Crianças de 6 a 12 anos	136
3.61	Apropriação e uso da Praça 1 do CHSB - Crianças de 6 a 12 anos	136
3.62	Apropriação e uso da Praça 2 do CHSB - Crianças de 6 a 12 anos	137
3.63	Apropriação e uso da Praça 2 do CHSB - Crianças de 6 a 12 anos	137
3.64	Apropriação e uso da Praça 3 do CHSB - Crianças de 6 a 12 anos	138
3.65	Apropriação e uso da Área Verde 7 do CHSB - Crianças de 6 a 12 anos	138
3.66	Espaços abertos mais utilizados no CHSB - crianças de 6 a 12 anos	139
3.67	Outros espaços do CHST ou próximos a esses utilizados para recreação - Crianças de 6 a 12 anos	139
3.68	Outros espaços do CHSB ou próximos a esses utilizados para recreação - Crianças de 6 a 12 anos	140
3.69	Mapa comportamental - Espaços Abertos do CHST - Adolesc. de 12 a 18 anos	144
3.70	Apropriação e uso do Espaço Aberto 5 do CHST - Adolesc. de 12 a 18 anos.....	145
3.71	Apropriação e uso do Espaço Aberto 4 do CHST - Adolesc. de 12 a 18 anos.....	145
3.72	Apropriação e uso do Espaço Aberto 6 do CHST - Adolesc. de 12 a 18 anos.....	146
3.73	Apropriação e uso do Espaço Aberto 5 do CHST - Adolesc. de 12 a 18 anos.....	146

3.74	Mapa comportamental - Espaços Abertos do CHSB - Adolesc. de 12 a 18 anos	147
3.75	Apropriação e uso da Praça 1 do CHSB - Adolescentes de 12 a 18 anos	148
3.76	Apropriação e uso da Praça 1 do CHSB - Adolescentes de 12 a 18 anos	148
3.77	Apropriação e uso da Praça 1 do CHSB - Adolescentes de 12 a 18 anos	149
3.78	Apropriação e uso da Praça 2 do CHSB - Adolescentes de 12 a 18 anos	149
3.79	Apropriação e uso da Praça 2 do CHSB - Adolescentes de 12 a 18 anos	150
3.80	Apropriação e uso da Praça 2 do CHSB - Adolescentes de 12 a 18 anos	150
3.81	Espaços Abertos mais utilizados no CHSB - Adolescentes de 12 a 18 anos	152
3.82	Outros Espaços do CHST ou próximos a esses utilizados para recreação - Adolescentes de 12 a 18 anos	152
3.83	Outros Espaços do CHSB ou próximos a esses utilizados para recreação - Adolescentes de 12 a 18 anos	153
3.84	Mapa comportamental - Espaços Abertos do CHST - Adultos de 18 a 60 anos	158
3.85	Apropriação e uso do Espaço Aberto 4 do CHST - Adultos de 18 a 60 anos	159
3.86	Apropriação e uso do Espaço Aberto 2 do CHST - Adultos de 18 a 60 anos	159
3.87	Apropriação e uso do Espaço Aberto 1 do CHST - Adultos de 18 a 60 anos	160
3.88	Apropriação e uso do Espaço Aberto 3 do CHST - Adultos de 18 a 60 anos	160
3.89	Mapa comportamental - Espaços Abertos do CHSB - Adultos de 18 a 60 anos	161
3.90	Apropriação e uso da Praça 1 do CHSB - Adultos de 18 a 60 anos	162
3.91	Apropriação e uso da Praça 2 do CHSB - Adultos de 18 a 60 anos	162
3.92	Apropriação e uso da Praça 2 do CHSB - Adultos de 18 a 60 anos	163
3.93	Apropriação e uso da Área Verde 7 do CHSB - Adultos de 18 a 60 anos	163
3.94	Espaços Abertos mais utilizados no conjunto de S. Borja - Adultos de 18 a 60 anos	165
3.95	Outros Espaços do CHST ou próximos a esses utilizados para recreação - Adultos de 18 a 60 anos	165
3.96	Outros Espaços do CHSB ou próximos a esses utilizados para recreação - Adultos de 18 a 60 anos	166
3.97	Mapa comportamental - Espaços Abertos do CHST - Idosos acima de 60 anos	170
3.98	Mapa comportamental - Espaços Abertos do CHSB - Idosos acima de 60 anos	171
3.99	Espaços Abertos Comuns mais utilizados no CHSB - Idosos acima de 60 anos	172
3.100	Outros Espaços do CHSB ou próximos a esses utilizados para recreação – Idosos acima de 60 anos	172
3.101	Mapa comportamental - Espaços Abertos do CHST - todas as faixas etárias	174
3.102	Mapa comportamental - Espaços Abertos do CHSB - todas as faixas etárias	175
3.103	A Praça 2 do CHSB se transforma em local de festa	176

Lista de tabelas

3.1	Uso dos espaços abertos comuns - até 6 anos	116
3.2	Frequência de uso dos espaços abertos comuns - até 6 anos	118
3.3	Turno de uso dos espaços abertos comuns - até 6 anos	118
3.4	Tipo de uso dos espaços abertos comuns - até 6 anos	119
3.5	Uso dos espaços abertos comuns - de 6 a 12 anos	126
3.6	Frequência de uso dos espaços abertos comuns - de 6 a 12 anos	129
3.7	Turno de uso dos espaços abertos comuns - de 6 a 12 anos	130
3.8	Tipo de uso dos espaços abertos comuns - de 6 a 12 anos	130
3.9	Uso dos espaços abertos comuns - de 12 a 18 anos	140
3.10	Frequência de uso dos espaços abertos comuns - de 12 a 18 anos	141
3.11	Turno de uso dos espaços abertos comuns - de 12 a 18 anos	142
3.12	Tipo de uso dos espaços abertos comuns - de 12 a 18 anos	143
3.13	Uso dos espaços abertos comuns - de 18 a 60 anos	153
3.14	Frequência de uso dos espaços abertos comuns - de 18 a 60 anos	154
3.15	Turno de uso dos espaços abertos comuns - de 18 a 60 anos	155
3.16	Tipo de uso dos espaços abertos comuns - de 18 a 60 anos	156
3.17	Uso dos espaços abertos comuns - acima de 60 anos	167
3.18	Frequência de uso dos espaços abertos comuns - acima de 60 anos	168
3.19	Turno de uso dos espaços abertos comuns - acima de 60 anos	168
3.20	Tipo de uso dos espaços abertos comuns - acima de 60 anos	169
3.21	Nível de satisfação dos usuários com os espaços abertos do conjunto	178
3.22	Nível de satisfação com o conjunto habitacional	179
3.23	Número e frequência de ocorrência das respostas indicando os pontos positivos dos espaços abertos comuns do conjunto habitacional	180
3.24	Número e frequência de ocorrência dos pontos negativos indicando os problemas dos espaços abertos comuns do conjunto habitacional	181
3.25	Importância dos espaços abertos comuns no conjunto habitacional	183
3.26	Nível de satisfação com os equipamentos recreacionais existentes nos e.a.c.	184
3.27	Nível de satisfação com os bancos existentes nos espaços abertos comuns	186
3.28	Nível de satisfação com a localização dos espaços abertos no conjunto	187
3.29	Nível de satisfação com a distância da habitação ao e.a.c. mais próximo.....	187
3.30	Importância de visualizar um espaço aberto comum a partir da habitação	188
3.31	Nível de satisfação com a segurança dos e.a.c. quanto a criminosos e vândalos	189
3.32	Nível de satisfação com a iluminação dos espaços abertos comuns à noite	190
3.33	Nível de satisfação com a limpeza e manutenção dos espaços abertos comuns	191
3.34	Nível de satisfação com a vegetação dos espaços abertos comuns	193
3.35	Nível de satisfação com a aparência dos espaços abertos comuns	194
3.36	Nível de satisfação com a proteção contra os ventos nos espaços abertos comuns	195
3.37	Nível de satisfação com as áreas de sombras nos e.a.c., no verão	195
3.38	Nível de satisfação com as áreas de sol nos e.a.c., no inverno	195
3.39	Nível de satisfação com a segurança dos e.a.c. quanto ao trafego de veículos	197
3.40	Nível de satisfação com a pavimentação dos espaços abertos comuns	198

Lista de abreviaturas e símbolos

BNH - Banco Nacional de Habitação

CHSB - Conjunto Habitacional de São Borja

CHST - Conjunto Habitacional de Santo Tomé

COHAB-RS - Companhia Habitacional do Estado do Rio Grande do Sul

CONE SUL - Países localizados no cone sul da América Latina

INVICO - Instituto de Vivienda da Província de Corrientes.

MERCOSUL - Mercado Comum do Sul

Resumo

O presente trabalho investiga a adequação, o desempenho e a respectiva importância, para os usuários dos espaços abertos comuns com fins de recreação em conjuntos habitacionais populares, e traz as principais conclusões da análise comparativa realizada, em dois desses conjuntos: Santo Tomé (Argentina) e São Borja (Brasil).

Esta pesquisa de avaliação pós-ocupação utiliza, como indicadores, o comportamento e a satisfação dos seus usuários, para avaliar o desempenho desses espaços abertos comuns. É feita uma análise comparativa da percepção dos usuários de seus ambientes de recreação, nos dois conjuntos habitacionais, de modo a entender-se melhor como eles se apropriam, utilizam e avaliam os espaços abertos comuns, com o objetivo de identificar os principais fatores que afetam positiva ou negativamente o uso desses espaços e o seu nível de satisfação e, conseqüentemente o desempenho dos conjuntos habitacionais para a vida coletiva. Pretende produzir informações e reflexões que realimentem projetos futuros semelhantes.

Igualmente este estudo, impulsionado pelo processo de integração do Mercosul, se propõe a tentar viabilizar a iniciação de estudos integrados entre países limítrofes, em temas de interesse comum, como o do planejamento urbano.

Abstract

The present study investigates the suitability, the performance and the respective significance for the users of common open recreation spaces in housing estates and shows the main conclusions drawn from the analysis of those spaces in two estates: Santo Tomé (Argentina) and São Borja (Brazil).

This research of post-occupancy evaluation uses as a criterion its users' behaviour and satisfaction to evaluate the performance of those common open spaces. A comparative analysis is made by the users of the perception of their recreation environments in both housing estates in order to better understand how they assume, use and assess the common open space with the purpose of identifying the main factors which affect positively or negatively the use of those spaces and their satisfaction level and, consequently, the performance of the housing estates for the social life. It intends to give information and reflections which can feed back similar future projects.

Stimulated by MERCOSUL's integration process, this study also intends to make the beginning of integrated studies among neighbouring countries possible in subjects of common interest, such as the urban planning.

Introdução

O desenvolvimento deste estudo se verifica em torno da questão habitacional. Mais especificamente, refere-se aos seus aspectos urbanísticos e de vida coletiva. Pretende-se principalmente, investigar o aproveitamento e o uso, que fazem dos espaços abertos comuns de recreação em conjuntos habitacionais populares, os seus habitantes. A pesquisa foi aplicada em dois conjuntos, um localizado na cidade de Santo Tomé - Argentina - e outro na de São Borja - Brasil - (Figura 1.1), admitidos como casos de estudo.

A importância dessa pesquisa reside, no fato de que são gastos muitos dos escassos recursos das políticas habitacionais em projetos e construções de conjuntos habitacionais, e nem sempre essas propostas obtêm sucesso quando da sua realização. Além disso, poucos técnicos (urbanistas, arquitetos, engenheiros, cientistas sociais e outros profissionais atuantes nessa área) se preocupam em saber se o desenho desses espaços respondem ou não às necessidades, às aspirações e aos valores dos usuários.



Figura 1.1: Localização das duas cidades na América Latina

Uma investigação dessa natureza pode ser realizada em várias direções. Pode-se voltar o estudo, entre outras alternativas, para os conceitos e métodos selecionados da morfologia urbana e da análise sistêmica, por modelos configuracionais ou para percepção ambiental ou psicologia ambiental. Neste trabalho, por se tratar de estudo de conjuntos habitacionais projetados e construídos, optou-se pela área do comportamento e meio ambiente, dentro de uma abordagem qualitativa, utilizando-se uma estratégia compatível com a avaliação pós-ocupação.

A escolha desse tema pressupõe a habitação como um dos principais elementos formadores da cidade e que desempenha um papel fundamental na sua fisionomia e na sua configuração, principalmente a identificada como habitação popular, nos países da América Latina, devido a grande desigualdade social existente. A Argentina e o Brasil vivem um processo de crescente urbanização, o que gerou um déficit habitacional crônico e progressivo, acumulado nas classes de baixa renda. Para minimizar esse agudo déficit, uma das estratégias adotadas nos dois países foi, e continua sendo, a construção de conjuntos habitacionais. Habitar num conjunto, porém, pressupõe viver em comunidade, e, para isso, é importante que os moradores estejam razoavelmente integrados e que exista uma certa coesão entre eles (ATTADIA DA MOTTA, 1975). Assim, associada à solução material, está a necessidade de promover a integração social nesses conjuntos habitacionais, através, principalmente, da valorização dos espaços abertos comuns com fins de recreação, já que estes podem propiciar e fortalecer a socialização (LANG, 1987; KATO, 1993).

Ao longo da história, os espaços abertos comuns desempenharam um papel importante para a comunidade, propiciavam ambiente para reunião, encontro, recreação, escambo, intercâmbios, festas, desde a ágora grega, o fórum romano, as praças das cidades medievais e os

largos das igrejas e dos mercados públicos brasileiros do período colonial. Esses espaços não são conformados só pelo desenho, embora esse possa favorecer ou inibir as relações. São espaços de socialização que assumem uma proporção maior em cidades pequenas e distantes de grandes centros urbanos, o que reforçou a escolha das cidades em estudo.

Neste estudo serão levantados e analisados os dados, bem como, comparados os resultados obtidos em dois conjuntos habitacionais, mais especificamente os relacionados aos seus espaços abertos comuns, para analisar a realidade desses buscando conhecer as relações entre o projeto e os resultados do ambiente construído e a influência que este exerce na satisfação, no comportamento e na percepção dos usuários, verificando o papel que ocupam. São escassos os estudos que abordam essa questão, ainda mais em cidades de menor porte e localizadas em áreas de fronteira.

As cidades de Santo Tomé, na Argentina, e de São Borja, no Brasil foram escolhidas para este estudo comparativo, face às novas diretrizes políticas sobre a integração regional que apontam as necessidades e as vantagens de serem realizadas pesquisas sobre cidades localizadas em faixas fronteiriças, com vistas a conhecer seus possíveis elementos conformadores e valores espaciais comuns, suas inter-relações e suas lógicas e para incentivar trocas de informação para o aperfeiçoamento de projetos futuros. Este trabalho pode ser considerado ainda, como uma tentativa de viabilizar a iniciação de futuros estudos integrados na área de planejamento urbano, entre os países do Mercosul, para intercâmbios culturais, em assuntos de mútuo interesse, como algumas das características dos espaços urbanizados nas fronteiras.

Essas duas cidades têm muitas semelhanças entre si. Ambas foram fundadas pelos padres jesuítas da Companhia de Jesus, no ano de 1638. Santo Tomé está situada à margem direita do rio Uruguai, na atual Província de Corrientes, e São Borja, à margem esquerda, no atual Estado do

Rio Grande do Sul. A economia das duas cidades é baseada na atividade agropastoril e ambas possuem o mesmo tipo de clima e aspectos geográficos, como topografia e solo, fatores que também determinaram a escolha.

No caso do Brasil, especificamente do Rio Grande do Sul, cresce a necessidade de conhecer, analisar, avaliar e elaborar estudos comparativos de experiências similares de projetos habitacionais em países vizinhos, que tenham algumas características fundamentais em comum (mas preferencialmente que apresentem alternativas diferenciadas de desenho), assim como já ocorre em outras áreas, com outros países do Mercado Comum.

Ao identificar as qualidades espaciais nos conjuntos habitacionais populares, estudos feitos com os usuários revelam que alguns deles são percebidos como positivos, e outros não, apresentando um mau desempenho de uso. Essa dicotomia existe e é fundamental percebê-la. Vários pesquisadores (DARKE, 1982; COOPER & SARSISSIAN, 1986; DARKE, 1987; REIS, 1992) têm identificado os espaços abertos comuns como um dos elementos básicos para a satisfação ou insatisfação dos moradores dos conjuntos habitacionais.

Pressupõe-se que tal problema se deva ao fato de que os conjuntos habitacionais destinados às classes populares, de uma maneira geral, tanto na Argentina quanto no Brasil, vêm sendo construídos de uma forma repetitiva, ignorando-se peculiaridades e hábitos locais - quer culturais, quer físicos - ao longo dos anos de atuação dos órgãos responsáveis pelo encaminhamento das políticas de habitação. Os projetos normalmente não são retroalimentados, uma vez que existem poucas pesquisas relacionadas aos níveis de satisfação e insatisfação dos usuários, nos dois países.

Por isso, este trabalho procura **identificar, de acordo com a percepção dos usuários, os principais fatores que afetam positiva ou negativamente o desempenho dos espaços abertos comuns de recreação em conjuntos habitacionais populares**, contribuindo, assim, com

informações para realimentar projetos futuros semelhantes, e também com subsídios para novas pesquisas.

O objetivo geral pela sua amplitude, inclui uma série de objetivos específicos, a serem perseguidos e que necessitam ser explicitados para o adequado encaminhamento da pesquisa. Assim sendo, este estudo visa, também, ao conhecimento:

➤ do grau de correspondência do projeto original com a situação atual, considerando que, no decorrer do tempo, os espaços tendem a ser modificados pelos usuários segundo suas necessidades;

➤ das formas de apropriação e uso desses espaços abertos comuns recreacionais, pelos residentes do conjunto, segmentados por faixa etária, verificando se tais espaços se constituem ou não em fator de integração e de socialização para a comunidade;

➤ do grau de satisfação dos usuários em relação aos espaços abertos comuns e seus elementos conformadores;

➤ dos fatores contextuais (características físicas do ambiente) e composicionais (características dos indivíduos) que afetam mais intensamente a percepção de desempenho, positivo ou negativo, desses espaços.

Este estudo, perseguindo os objetivos específicos para atingir o geral, permitirá reunir informações que subsidiem novos estudos e projetos similares, considerando-se a viabilidade de formular planos conjuntos de desenvolvimento para essa região da fronteira, especialmente nas questões espaciais de projeto. Esta região provavelmente se tornará cenário de

consideráveis transformações espaciais resultantes das principais políticas de integração do Conesul.

Visa também à realização de uma síntese dos aspectos mais significativos para que os espaços abertos comuns de recreação e o conjunto habitacionais contemplem as necessidades e valores dos usuários. Porém não é fácil responder às exigências individuais, quando se trata de realizar um projeto em que está envolvido um grande e anônimo grupo de pessoas. Um dos instrumentos capazes de gerar insumos para realimentar esse tipo de projeto é a **avaliação pós-ocupação**, quando o usuário final do produto urbanístico é consultado (ORNSTEIN, 1988, 1989, 1992; PREISER, *et al.* 1987, 1988; AZEVEDO, 1989; SERRA, 1989; DEL CARLO e ORNSTEIN, 1990; ;LAY, 1992; REIS, 1992; LAY & REIS 1993 e 1994).

Reconhecendo a necessidade de avaliação do ambiente residencial do ponto de vista do usuário, este trabalho adota a sua **satisfação** como um dos indicadores de avaliação de desempenho desses espaços. Esse indicador tem sido largamente utilizado em pesquisas para avaliar a relação entre o ambiente físico e o usuário (LEFEBVRE, 1978; WIGNER, 1978; FRANCESCATO *et al.*, 1979; DARKE, 1982; LAY, 1992; REIS, 1992; LAY e REIS, 1993).

O outro indicador adotado para avaliar o desempenho dessas áreas é o **comportamento** do usuário, já que o ambiente influencia consciente e inconscientemente o comportamento das pessoas, e existe uma relação de reciprocidade entre o homem e o espaço (RAPOPORT, 1978; LYNCH, 1980; Department of the Environment, 1981; DEL RIO, 1990; LAY, 1992). Além disso, compreender como e por que esses espaços são apropriados e qual é a influência que os aspectos físicos desses espaços exercem sobre a percepção e o comportamento dos usuários é de fundamental importância para a definição de critérios para futuros projetos.

A metodologia utilizada neste estudo incluiu a observação do comportamento do usuário e dos traços físicos dos espaços abertos comuns, comparação entre os projetos originais e a situação atual desses espaços, e também questionários e entrevistas, para a obtenção do maior número e da melhor qualidade de dados possível.

Para avaliar o desempenho dos espaços abertos comuns, a respectiva importância desses ambientes e o nível de satisfação dos usuários procurou-se, primeiro, estabelecer parâmetros a partir de uma revisão da literatura e, posteriormente, por avaliação pós-ocupação, realizar um estudo sistemático em dois conjuntos habitacionais: um em Santo Tomé (Argentina) e o outro em São Borja (Brasil), possibilitando uma análise comparativa da percepção dos usuários. As duas cidades possuem estrutura e porte semelhantes e estão localizadas numa região fisiograficamente parecidas. Essa escolha partiu do conhecimento prévio de que a importância desses espaços abertos em cidades relativamente pequenas assume conotações diferentes daquelas das cidades grandes.

Nesta introdução, é situada a problemática da pesquisa, definindo o objeto a ser pesquisado e noções gerais dos procedimentos de análise. No Capítulo 1 são introduzidos os conceitos gerais subjacentes ao tema escolhido. Fez-se uma revisão dos principais fatores composicionais e contextuais que afetam o desempenho desses espaços e a satisfação dos usuários, sintetizados de diferentes autores, reconhecidos nessa área de estudo. Além disso, é apresentado o instrumento empregado para avaliar o desempenho dos espaços abertos comuns --avaliação pós-ocupação, e os indicadores utilizados para conseguir esse fim -- comportamento e satisfação do usuário.

No segundo capítulo, é descrita a metodologia adotada neste trabalho. Inicialmente são definidos os critérios usados para selecionar os conjuntos habitacionais e são descritos os ambientes escolhidos para serem investigados como estudo de caso. Adicionalmente, são descritos,

sucintamente, a coleta de dados, bem como a seleção da amostra. Por último é mostrado o trabalho de campo.

O Capítulo 3 é reservado para a apresentação dos resultados das observações diretas realizadas nos espaços abertos comuns do CHST e do CHSB, tanto para a análise dos traços físicos destes espaços, com vistas a detectar as modificações introduzidas no layout original pelos respectivos moradores e os procedimentos adotados para sua manutenção, quanto para a elaboração de mapas comportamentais, que tornaram possível a percepção de como os usuários de diferentes faixas etárias se apropriaram e como costumam utilizar os espaços abertos comuns dos referidos conjuntos habitacionais. Para complementar estas informações foram utilizados os depoimentos das entrevistas e dos questionários (questão 8). Nesse capítulo, também são apresentados os resultados provenientes dos questionários, para identificar os fatores que afetam mais intensamente a percepção do usuário e, conseqüentemente, o seu grau de satisfação com seu conjunto habitacional, com os espaços abertos comuns do conjunto e com os principais fatores contextuais desses ambientes. Finalmente, no quarto capítulo, são apresentadas as conclusões e considerações finais, apontando as potencialidades e limitações dos métodos empregados.

CAPITULO I

1. Conceitos Preliminares

Para a realização desse trabalho, são retomadas algumas concepções gerais que envolvem o tema, tais como os atuais conceitos sobre conjunto habitacional, espaços abertos comuns com fins de recreação e outros. Nesse primeiro capítulo é feita uma apresentação dos elementos teóricos, conforme têm sido tratados na literatura, incluindo-se as finalidades e papéis dos espaços abertos comuns, orientações gerais dos especialistas em relação aos projetos desses espaços, os principais fatores que parecem influenciar a percepção ambiental, a avaliação, as atitudes e o comportamento dos usuários dos espaços abertos comuns de recreação, em conjuntos habitacionais. Também é mostrado o procedimento avaliativo, identificado como avaliação pós-ocupação do ambiente construído relativo ao desempenho dos espaços abertos comuns e os dois indicadores adotados: satisfação e comportamento do usuário.

1.1. Conjunto Habitacional e Vida Comunitária

A idéia de conjunto habitacional está associada a um elenco de expressões: habitat coletivo planejado; um número razoável de unidades habitacionais reunidas, formando um todo com os espaços de uso comuns; um plano urbanístico e arquitetônico implantado, que serve de cenário para que as relações aconteçam; relação indivíduo/espaço físico e relação pessoal, familiar e social. Habitar num conjunto pressupõe viver em comunidade. Supõe-se que, de alguma forma, os residentes estejam razoavelmente integrados e que exista uma certa coesão entre eles (ATTADIA DA MOTTA, 1975). Parte-se do pressuposto de que, para conseguir integração social nos conjuntos

habitacionais, é importante valorizar os espaços abertos comuns com fins de recreação, porque estes podem propiciar e fortalecer a socialização (LANG, 1987; KATO, 1993). A partir da constatação de que as populações de baixa renda, em geral, dispõem de pouco tempo livre, considera-se de fundamental importância, nos conjuntos habitacionais, a existência de espaços abertos comuns recreacionais adequados, que cumpririam a função não só de promover a socialização e a vida comunitária, mas, igualmente, a oportunidade de recreação nas horas de lazer.

Cabe aqui assinalar como alguns autores definem essas duas necessidades básicas - recreação e lazer - associando-as às concepções de projetos urbanísticos para populações de baixa renda. Segundo Medeiros (1975), recreação:

abarca uma multiplicidade de experiências. Em um número considerável de situações, considera-se como recreativa uma atividade se alguém a faz por espontânea vontade no seu tempo de sobra, sem prescindir outro fim que não o prazer da própria execução... A recreação representa, para a sociedade, não apenas fator de bem-estar social, mas também ponderável força econômica, elementos que, bem aproveitados, resultam em melhor integração no grupo, maior produtividade individual, melhor aproveitamento de dotes pessoais, redução de gastos com acidentes e transgressões da ordem (Medeiros, 1975, p. 131).

De um modo geral, o emprego do termo **recreação** está intimamente relacionado ao termo **lazer**, como se ambos fossem inseparáveis, embora não sejam palavras sinônimas. Em linhas gerais, os autores concordam com a idéia de que o **lazer** seria qualquer porção do **tempo individual disponível, não utilizado para o trabalho**, do qual podemos dispor livremente. Sua função consiste em propiciar o descanso após a fadiga, permitindo reparar perdas ocorridas em virtude das obrigações cotidianas. Já a **recreação** seria uma **atividade desenvolvida nas horas de lazer** (BUTLER, 1973; DUMAZEDIER, 1973; GOLD, 1973; MEDEIROS, 1975).

Ora, muitos urbanistas, há longo tempo, dedicam-se a buscar soluções espaciais que contemplem a necessidade de recreação, vital para o homem. Le Corbusier (1964 e 1971), por exemplo, apontou soluções urbanísticas para a recreação, partindo da idéia de que, na sociedade da máquina, o homem necessita, além da habitação, de algumas comodidades básicas, as quais devem ser a prolongação direta de sua casa, pois fazem parte da vida cotidiana. Um desses prolongamentos são, dentro dos espaços da moradia, os espaços abertos comuns, destinados a jogos, passeios e atividades coletivas, a serem utilizados nas horas de lazer do cidadão.

Se nos conjuntos de habitação popular esses espaços não forem adequados às necessidades dos residentes, estes só poderão usufruir desse tipo de ambiente, nos fins-de-semana, em outros lugares da cidade; porém, nesse caso, a missão de tais espaços ficaria reduzida, pois o recomendável é que as horas livres diárias sejam despendidas em ambientes próximos ao lugar de moradia (LE CORBUSIER, 1964 e 1971).

Salviati (1988), na avaliação que fez dos espaços abertos comuns urbanos de Brasília, afirma que, em relação à recreação, o grupo de menor renda é o mais prejudicado, uma vez que essas pessoas dispõem de menos tempo livre e, normalmente, possuem menos acesso aos espaços de recreação variados oferecidos na cidade. Esses espaços, em geral, localizam-se em lugares distantes, próximos a zonas destinadas aos grupos de maior renda, embora estes tenham mais facilidades para acessá-los e tendam a preferir formas privadas de recreação. Carr *et al.* (1992) concordam com Salviati e Le Corbusier. Para eles, a classe de baixa renda necessita ter espaços abertos comuns para recreação e socialização próximos a sua habitação, enquanto a classe alta e média não precisaria tanto deles, já que tem condições de pagar para ter acesso a diferentes lugares e formas de diversão.

Um outro aspecto que ressalta a importância desses espaços em conjuntos habitacionais populares é o fato de que as unidades habitacionais normalmente são de tamanho reduzido, gerando falta de espaço e empobrecimento do ambiente; os espaços abertos comuns de recreação tornam-se, por essa razão, um complemento absolutamente necessário (COLVIN, 1970; MEDEIROS 1975; PRINZ, 1984; LIMA 1989).

1.2. Finalidades e Papéis dos Espaços Abertos Comuns de Recreação.

A função dos espaços abertos comuns é a de apresentar-se como sendo uma arena para a vida pública, no entender de Gehl (1987). Na sociedade moderna, esses locais dinâmicos são essenciais para a saúde física e psicológica dos homens: proporcionam relações sociais, repõem energia, dão refúgio. As pessoas os utilizam para realizarem **recreação ativa**, que são atividades dinâmicas e de movimento como praticar esporte, correr, brincar, circular e passear, bem como, para **recreação passiva**, que são atividades de calma ocupação como reunir-se, conversar, cortejar, ler, relaxar, meditar e contemplar a paisagem. Ambos tipos de recreação podem ser realizadas **isoladamente** ou em **grupo**. Os espaços abertos comuns atualmente assumem um valor muito grande, sendo considerados um fator fundamental para definir a qualidade de vida urbana. Essas afirmações podem ser encontradas em alguns autores como: Butler (1973), Jacobs (1973), Cooper (1975), Stone e Church (1978), Carr & Lynch (1981), Laurie (1983), Santos et al. (1985), Cooper & Sarkissian (1986), Hultsmam (1987), Lang (1987), Salviati (1988), Carstens (1990), Cooper & Francis (1990), Carr *et al.* (1992) e Kato (1993).

Nos conjuntos habitacionais, os espaços abertos comuns devem desempenhar o papel de um verdadeiro coração e os usuários devem ser os elementos mais importantes desses espaços (HULTSMAN, 1987; ALEXANDER, 1980; SANTOS *et al.*, 1985). Lay (1992) concorda com a importância dada a esses espaços, quando devidamente projetados, tanto para alavancar o desenvolvimento de uma vida comunitária, quanto para satisfazer as necessidades de atividades recreacionais e funcionais dos moradores, principalmente em se tratando de conjuntos de habitações multifamiliares. As principais finalidades para as quais esses espaços abertos comuns são construídos são apresentadas a seguir.

1.2.1. Finalidade Um: Promoção do Contato Social.

Habitar um conjunto, como já foi dito, pressupõe vida em comunidade, integração e coesão entre os moradores, muitas vezes difícil para a pessoa urbanizada. A implantação de espaços abertos comuns com fins de recreação pode propiciar e fortalecer a socialização e, por ser a base para a formação e o prosseguimento de uma organização social, pode favorecer a criação do senso de comunidade. Esses espaços podem vir a ser espaços para a articulação de contatos sociais, estimulando trocas de experiências e influências recíprocas (ATTADIA DA MOTTA, 1975; LANG, 1987, KATO, 1993).

Esses espaços, ao facilitarem a interação entre as pessoas, assumem importância conforme o estágio do ciclo de vida das mesmas, sendo mais importante para as crianças e os idosos. Para as crianças, a necessidade de socializar-se é um dos motivos que as levam aos espaços abertos comuns; elas têm interesse em ter contato com outras pessoas. Aliás, tanto crianças como as demais faixas etárias preferem estar onde as coisas acontecem, onde

haja chance de trocas, para, dessa maneira, construírem a unidade de suas relações afetivas, cognitivas e psíquicas. Para os jovens, um dos papéis que os espaços abertos comuns recreacionais desempenham é o de propiciar ambientes interessantes e com um certo grau de privacidade, por permitir-lhes se reunirem informalmente com os amigos. Boa parte da vida social dos adolescentes ocorre nesses pontos de encontro, nos quais eles formam grupos e agem apoiados na segurança que ali encontram. Para os adultos, a interação social ocorre normalmente no contexto da recreação: os pais, ao levarem seus filhos aos espaços abertos recreacionais infantis, estabelecem contato social, particularmente com outros pais. Os adultos não só apreciam as atividades que tenham movimento -- os esportes ativos são bastante procurados, o uso da bicicleta é crescente --, como, também, apreciam lugares que permitam o descanso e o encontro com amigos. Já os velhos preferem as atividades passivas. Os idosos utilizam os espaços comunitários para encontrar os amigos, participar das atividades e observar o ambiente; eles preferem ambientes tranquilos, mas de onde possam visualizar a ação. Os aspectos relativos à interação social dentre crianças, jovens, adultos e idosos são encontrados em Jacobs (1973); Cooper (1975); Stone e Church (1978); Alexander (1980); Cooper & Sarkissian (1986); Gehl (1987); Lima (1989); Cooper & Francis (1990); Carr et al. (1992).

1.2.2. Finalidade Dois: Promoção do Contato com a Natureza

Um número significativo de usuários dos espaços abertos comuns afirma que o principal motivo que os faz utilizá-los é a convivência com os elementos naturais, e isso tem dado suporte à vida pública externa. Pesquisas revelam que os elementos considerados mais prazerosos pelos usuários são o verde e a água. A vegetação (item 1.4.2.6) como um todo é valorizada e atrai as pessoas para os espaços urbanos, contribuindo para a troca de

experiências. Esses espaços verdes são lugares para se aprender não só sobre a história natural, mas, também, sobre a sociedade e sobre nós mesmos. As pessoas são atraídas por lugares que proporcionam sensação de oásis e dão prazer visual. Os cidadãos necessitam de lugares abertos, com plantas (LYNCH, 1980; ALEXANDER, 1980; CARR *et al.*, 1992; COOPER & FRANCIS, 1990).

A vegetação age significativamente sobre o psiquismo humano; tem o poder de reduzir o *stress*, relaxar e acalmar, tem valor restaurativo e terapêutico, produz sensação de tranquilidade e totalidade (CARR *et al.*, 1992; VELASCO, 1971). Ainda, intensifica o desenvolvimento cognitivo e perceptivo das pessoas (FRANCIS, 1990) e, também pode produzir efeitos positivos para a saúde pública, tanto pela melhoria da qualidade do meio ambiente quanto pela proteção contra a poluição sonora, produzida pela cidade (PRINZ, 1984).

As crianças gostam de brincar entre as plantas para liberarem suas fantasias (HURTWOOD, 1968; BUTLER, 1973); também precisam divertir-se com areia, com água, com barro, etc. Precisam experimentar o prazer de ter contato com bichos, pois são encantadas por eles; devem também ter permissão para colher e cheirar flores, pois esses contatos ensinam valiosas lições, especialmente quanto aos princípios ecológicos básicos. Os idosos também utilizam esses espaços para terem contato com a natureza e para receberem o sol e, assim, se reabastecerem e manterem as suas reservas de energias (BUTLER, 1973; CARSTENS, 1990; COOPER & FRANCIS, 1990; FRANCIS, 1990; CARR *et al.*, 1992).

1.2.3. Finalidade Três: Promoção de Atividades Esportivas

As atividades esportivas realizadas durante as horas de lazer estão associadas com o crescimento físico e mental dos homens e costumam dar-lhes prazer e satisfação pessoal. A prática de esportes, além de

representar um desafio saudável e permanente para o desenvolvimento psíquico e intelectual das pessoas, aumenta-lhes o interesse pela vida (BUTLER, 1973).

A demanda por atividades esportivas ao ar livre varia conforme o grupo social e conforme a faixa etária. O crescente interesse pela prática de esportes trouxe a necessidade de espaços abertos próximos à habitação ou ao trabalho, que atendam às novas demandas. Os médicos costumam indicar as caminhadas como uma boa alternativa de prática de exercícios para a saúde das pessoas. Essa atividade física tornou-se, nos últimos tempos, uma das mais populares, assim como as atividades de jogar voleibol, futebol e/ou outros jogos de campo (LYNCH, 1980; CARSTENS, 1990; CARR *et al.*, 1992).

Os jovens necessitam formar grupos para jogar, conversar e namorar, adoram medir forças e têm paixão pelas atividades esportivas. A prática de esportes é aconselhável para esse grupo etário, pois lhes propicia uma existência dinâmica e criativa (WILLIAM, 1958; JACOBS, 1973; COOPER, 1975; ALEXANDER, 1980; COOPER & SARKISSIAN, 1986; COOPER & FRANCIS, 1990).

As atividades esportivas contribuem para o desenvolvimento das habilidades físicas, mentais e sociais das crianças. Elas encaram o jogo com seriedade. Através do jogo, descobrem o que são e o que significam para o seu mundo e dão-se conta do que podem trocar. Elas necessitam espaços e equipamentos para correr, subir, pular, exercitar-se e desenvolver sua coordenação motora, seu senso de domínio e seu desenvolvimento social e também para conhecer suas limitações (BUTLER, 1973; SEELEY, 1973; STONE e CHURCH, 1978; WALTERS, 1985; FRANCIS, 1990; CARR *et al.*, 1992).

Os espaços abertos comuns, ainda, possibilitam **atividades funcionais**, como lavagem e conserto de veículos, secagem de roupas e todas aquelas que os usuários considerarem necessárias (GEHL, 1987).

1.3. Orientações Gerais

Em relação ao desenho dos espaços abertos comuns, são encontrados nos autores as orientações gerais e as informações a seguir apresentadas.

Arengo de Taipa (1983) diz que desenhar espaços abertos comuns é uma ação que exige conhecer leis de composição morfológico-espaciais, leis de percepção, materiais inertes e suas técnicas construtivas, manejo de escala e proporção, vegetação, aspectos plásticos e sua utilização, além de necessidades e expectativas culturais da população que vai ocupar esses espaços. Os princípios básicos do desenho, para ela, são: desenhar com uma atitude totalizadora, aplicar uma ética do solo, interpretar a paisagem, compreender o caráter do local, estimar a função, compreender a escala, conseguir identidade e uma paisagem significativa. Cooper & Francis (1990) e Laurie (1983) acrescentam a importância de o projetista ter noção do microclima (item 1.4.2.8) ao projetar esses ambientes.

Vários autores (COLVIN, 1970; BUTLER, 1973; GOLD, 1973; SEELEY, 1973; MEDEIROS, 1975; TANDY, 1976; ALEXANDER, 1980; LYNCH, 1980; PRINZ, 1980; WALTERS, 1985; KIRSCHENMANN & MUSCHALEK, 1985; COOPER & SARKISSIAN, 1986; CARSTENS, 1990; CARR, 1992) estabelecem pontos a serem observados para projetos de espaços abertos comuns. Argumentam que o desenho desses espaços e a sua localização pode fomentar ou impedir a realização de atividades e a integração dos usuários. Portanto, segundo eles, a localização dos espaços abertos deve ser tal que facilite aos moradores o acesso diário. A acessibilidade (item 1.4.2.2) e a visibilidade (item 1.4.2.3) são fatores apontados como geradores da maior frequência de uso de tais espaços, tendo

maior relevância quando os usuários são crianças, e necessitam da supervisão dos pais.

Sobre o dimensionamento, argumentam sobre a importância de considerar-se a população alvo, as atividades a serem desenvolvidas, os equipamentos (item 1.4.2.1) necessários para tais atividades e espaços de circulação, levando-se em conta não apenas suas necessidades atuais mas também a tendência à expansão. Sobre segurança (item 1.4.2.4), afirmam que, para que os espaços abertos sejam usados e apreciados, o ambiente deve oferecer segurança em relação a vândalos e criminosos. Outro fator considerado relevante é a manutenção (item 1.4.2.5) desses ambientes e, para que o custo seja reduzido, os autores sugerem uma criteriosa escolha dos materiais e dos equipamentos. Já em relação aos materiais destinados à pavimentação (item 1.4.2.10) dos diversos ambientes, por interferirem na caracterização e na definição dos espaços abertos comuns, os autores sugerem que ela receba um destaque especial.

Pesquisas (COOPER, 1975; DARKE, 1982; COOPER E SARKISSIAN, 1986; HULTSMAN, 1987, LAY, 1992) revelam que as crianças são os principais usuários dos espaços abertos comuns dos conjuntos habitacionais; por isso, ao se desenharem esses ambientes, é conveniente priorizar-se a recreação infantil e providenciar para que a necessidade de as crianças brincarem seja atendida. Para Lima (1989), ao se projetar um ambiente infantil, é preciso "*(...) deixar o espaço suficientemente pensado para estimular a curiosidade e a imaginação da criança, mas incompleto o bastante para que ela se aproprie e transforme esse espaço através de sua própria ação.*"

Nas brincadeiras informais, as crianças têm preferência por muretas, escadas, cercas, diferenças de níveis, para poderem saltar, escalar, baixar e atravessar (TANDY, 1976; WALTERS, 1985).

Prinz (1984), por sua vez, sugere que sejam implantados, junto às habitações, parques infantis, pontos de encontros e locais de descanso e que estes devem estar conectados diretamente, sem cruzamento de tráfego (item 2.3.9), sendo seguros quanto a veículos. Tandy (1976) argumenta que, ao se projetar esses ambientes, deve-se tirar partido da topografia do terreno, evitando-se modificar as curvas de nível.

Também deve haver uma relação de escala, ou seja, noções de tamanho, dimensão e proporção, altura e largura, de forma a criar lugares agradáveis e interessantes (MEDEIROS, 1975; TANDY, 1976; ALEXANDER et al., 1980; WALTERS, 1985). Para Krier (1976), na criação do espaço público urbano, a escala do corpo humano é uma dimensão obrigatória. Ele vê este ambiente como um espaço de movimento e atividades e considera que, muitas vezes, tais espaços são portadores de um conteúdo simbólico e exercem uma grande influência sobre as unidades privadas.

Os espaços abertos comuns, para serem positivos, segundo Alexander *et al.* (1980), devem estar claramente definidos e ser parcialmente fechados, de modo a proporcionarem uma boa aparência (item 1.4.2.7). Nas áreas de repouso para propiciar esse tipo de aparência e a sensação de enclausuramento, uma das estratégias sugerida é a criação de um respaldo natural atrás dos assentos, mas também consideram importante oferecer, a partir desses espaços um visual amplo. Walters concorda com Alexander *et al.* (1980) e sugere que a paisagem visualizada contenha água e vegetação (item 1.4.2.6) por considerá-las, em geral, mais repousantes e antiestressante.

Medeiros (1975) identifica a necessidade de projetar espaços específicos para distintos grupos de idade: lugares apropriados para os adultos, que favoreçam a realização de atividades lúdicas -- esportes, festas, espetáculos, jogos de salão -- ou que, simplesmente, permitam o descanso e o encontro com amigos; espaços para adolescentes, que propiciem atividades culturais, sociais e esportivas e parques infantis com boa distribuição de

equipamento, para que as crianças possam se movimentar e liberar as energias, sem entrar em conflito com outros grupos etários.

Existem, porém, controvérsias quanto a essas orientações. Outros autores (TANDY, 1976; KIRSCHENMANN & MUSCHALEK, 1985, SANTOS *et al.*, 1985) julgam que não se devem formar guetos para crianças, adolescentes ou adultos e, sim, que deve ser considerado um território comum para todos, sendo distinto o modo de utilizá-lo, conforme cada interesse.

Cooper & Sarkissian (1986) sugerem algumas alternativas para criar espaços atrativos de recreação em zonas urbanas, como, por exemplo, criar espaços coletivos no fundo dos lotes habitacionais, ligando-os entre si de forma segura; e até mesmo quando necessário, utilizar as ruas, ou seja, gerenciar o tráfego através da redução da velocidade e do volume de veículos; bem como, desenhar calçadas de forma a proporcionar espaços comunitários.

Com referência a de todos esses aspectos apontados, percebe-se que muitos estudos já foram feitos, muitas pesquisas realizadas e projetos testados. Observar todas essas sugestões, embora algumas se contradigam, pode segundo os autores estudados, resultar em melhores condições de projeto e/ou realização, o que não significa, necessariamente, que, fielmente realizados, atinjam as expectativas de seus autores: Ora estas são superadas, ora são frustradas. Somente os seus usuários podem confirmá-las, e uma das técnicas usadas para verificar se os ambientes respondem satisfatória ou insatisfatoriamente às necessidades dos usuários, incluindo a opinião deles, é a avaliação pós-ocupação, a ser tratada no item 1.5.

1.4. Fatores que afetam a percepção dos indivíduos em relação ao desempenho dos espaços abertos comuns

Cabe registrar que, neste trabalho, os fatores serão manipulados como aspectos que podem interferir e afetar positiva ou negativamente o nível

de satisfação dos usuários e, conseqüentemente, o uso e o desempenho dos espaços abertos comuns que constituem objeto de estudo. Esses **fatores** se dividem em dois grupos: os **composicionais** -- características pessoais dos usuários - e os **contextuais** -- características físicas ou objetivas do ambiente.

1.4.1. Fatores Composicionais

Os fatores composicionais constituem as características pessoais do usuário -- classe social, estágio do ciclo de vida, nível socio-econômico-cultural -- que afetam a sua percepção e seu comportamento e, conseqüentemente, influenciam e determinam a sua satisfação ou insatisfação com o ambiente. Portanto, podem apresentar-se como indicadores a serem utilizados para avaliar o desempenho de espaços abertos comuns.

O nível de satisfação dos moradores dos conjuntos habitacionais aumenta quando percebem que os outros usuários são semelhantes a eles, quando têm, por exemplo, os mesmos níveis - educacional e econômico (FRANCESCATO *et. al.*, 1979). Os mais importantes fatores composicionais que devem ser similares são educação, renda, estilo de vida e práticas de educação (KELLER in COOPER & SARKISSIAN, 1986). Lynch (1980) inclui nessa lista outras características, como sexo, ocupação e temperamento e diz que parece haver uma congruência entre os indivíduos do mesmo grupo -- quanto mais homogêneos, mais congruentes --, embora cada pessoa elabore e mantenha a sua própria imagem.

Outro motivo para os moradores estarem satisfeitos com o seu conjunto é ele oferecer a oportunidade de contato social. Contudo a interação e o desenvolvimento do sentimento de comunidade tendem a ocorrer quando existe homogeneidade entre os mutuários dos conjuntos habitacionais e quando eles estão no mesmo estágio do ciclo de vida, visto que as pessoas

preferem viver junto a outras que estejam aproximadamente na mesma faixa etária (COOPER & SARKISSIAN, 1986; DARKE, 1982).

Porém, Santos *et al.* (1985) descobriram que, isoladamente, a homogeneidade social não determina a constituição de uma comunidade. A pesquisa que realizaram no conjunto Selva de Pedra, localizado na zona sul do Rio de Janeiro, revelou que as pessoas, apesar de próximas na estratificação social, mantinham distanciamento entre si no dia-a-dia.

A recreação toma múltiplas feições que exercem atração variável para diferentes idades, interesses e desejos dos indivíduos (BUTLER, 1973) durante diferentes estágios do ciclo da vida; espaços assumem uma importância particular como um assentimento para interação com amigos e conhecidos (CARR *et al.*, 1992). As pessoas que têm menos mobilidade, como idosos; crianças e suas mães costumam ser mais afetadas pelo seu ambiente (DARKE, 1982).

Neste estudo, o **fator composicional** considerado para avaliar os espaços abertos comuns foi à **faixa etária**, que por si só desencadeia diversidade de opiniões, embora também tenha investigado outros fatores, como por exemplo: fator nível sócio-econômico como critério para a seleção dos conjuntos habitacionais estudados; bem como, o grau de escolaridade dos moradores de cada conjunto, composição familiar e tempo de moradia, que não foram explorados.

1.4.2. Fatores Contextuais

Fatores contextuais são as características físicas ou objetivas do ambiente que afetam a percepção do usuário e, conseqüentemente, influenciam o seu nível de satisfação e seu comportamento, ou seja, são aqueles aspectos que servem para avaliar o desempenho dos espaços abertos

comuns. Na realização da revisão bibliográfica, percebeu-se que alguns elementos de desenho parecem afetar mais o desempenho desses ambientes. Então, por essa razão, neste estudo foram escolhidos para serem investigados, dentre outros, os seguintes fatores: equipamentos recreacionais, acessibilidade, visibilidade, segurança, manutenção, vegetação, aparência, conforto térmico, tráfego, e pavimentação.

1.4.2.1. Equipamentos Recreacionais

Nos novos complexos habitacionais, geralmente são previstos espaços abertos comuns que incluam parque infantil, ponto de encontro e locais de repouso (PRINZ, 1984). Carr *et al.* (1992) concordam com a afirmativa, mas acrescentam a necessidade da inclusão de pequenas praças de esportes, devido ao crescente interesse das pessoas em praticar atividades esportivas.

Além de adequar o desenho dos espaços abertos comuns aos diferentes comportamentos do público, escolher os equipamentos compatíveis e a sua localização, os projetistas apontam a importância de definir os interesses e as necessidades de grupos específicos de usuários, como *crianças em idade pré-escolar e escolar, jovens, adultos e idosos* (ANDERSON, 1982; COOPER & FRANCIS, 1990; HULTSMAN, 1987; LAURIE, 1983; LYNCH, 1980; SERRA E VALERA, 1983), bem como as necessidades humanas básicas - conforto, relaxe, recreação, contato social e realização de descobertas (CARR *et al.*, 1992); a adequação do equipamento, tipo de unidade habitacional e densidade proposta (MARENGO DE TAIPA, 1983) e critérios de durabilidade e de facilidade de manutenção desses mesmos equipamentos (COOPER, 1975).

Providenciar uma variedade de equipamentos é a chave do sucesso das áreas de recreação, porque isso proporciona o máximo possível

de oportunidades recreacionais (HULTSMAN, 1987; COOPER & FRANCIS, 1990; DARKE, 1982). Os equipamentos devem ser dispostos de forma a encorajarem o uso do espaço e a interação entre as pessoas, isto é, de modo que permitam o desenvolvimento social (HULTSMAN, 1987). Alexander (1980) propõe que, no entorno das bordas dos espaços abertos recreacionais, se implantem equipamentos que proporcionem atividades atrativas, para criar animação e vida, e, conseqüentemente, “chamem” as pessoas, induzindo-as à parada e à permanência. Butler (1973) lembra que a missão desses ambientes é estimular as atividades em família e as reuniões dos residentes do conjunto habitacional.

No planejamento dos espaços abertos comuns dos conjuntos habitacionais, é interessante prever equipamentos para **recreação ativa** ou de movimento -- circular, passear, brincar, praticar esporte, etc. -- e para **recreação passiva** ou para atividades de calma ocupação -- reunir-se, contemplar a paisagem, relaxar, conversar, ler, cortejar, etc. -- Os dois tipos de recreação podem ser realizados tanto isoladamente quanto em grupo. É conveniente que os espaços destinados a atividades de movimento sejam amplos, planos e desprovidos de obstáculos. Esses espaços devem estimular a animação e, ao mesmo tempo, proporcionar uma visão agradável. Já os locais destinados às atividades passivas devem incluir jardim com bancos, vegetação que proporcione sombra e iluminação adequada (VELASCO, 1971; HURTWOOD, 1975; ASHIHARA, 1981; COOPER & SARKISSIAN, 1986; HULTSMAN, 1987).

Observa-se ainda, a conveniência de priorizar os equipamentos de recreação infantil, visto serem as crianças os principais usuários destes espaços, portanto, esses equipamentos apresentar-se-iam melhor localizados em lugares protegidos do barulho e do perigo do tráfego veicular (VELASCO, 1971; COOPER, 1975; HURTWOOD, 1975; COOPER & SARKISSIAN, 1986; HULTSMAN, 1987).

De acordo com Hultsman (1987) existem três tipos de equipamentos recreacionais infantis: **imóveis** -- escorregador, caixa de areia, trepa-trepa, túneis, etc. --; **manipuláveis** -- bicicleta, bola, triciclos, etc. --; e **móveis** -- balanço, gangorra, vai-e-vém, barra horizontal, etc.

Os equipamentos citados são seguros e os mais populares, por isso tendem a ser os mais utilizados. Porém é preciso saber o que é necessário para estimular a iniciativa e a curiosidade das crianças, ou seja, também é necessário projetar outros equipamentos que aumentem o interesse e estimulem brincadeiras imaginativas e criadoras das crianças (BUTLER, 1973; LIMA, 1989; COOPER & FRANCIS, 1990) e que permitam, por exemplo, desenvolver aventuras (LYNCH, 1980). Para tal, Cooper & Francis (1990) sugerem a criação de lugares secretos, a fim de que elas possam esconder-se momentaneamente e soltar sua imaginação. Butler (1973) recomenda criar ambientes íntimos, através do plantio de vegetação resistente com galhos baixos e com fendas, para que as crianças brinquem no meio.

Alexander et. al. (1980); Carr et. al. (1992) e Cooper (1975) citam o *playground* de aventura, como espaço indicado para as crianças. Esse tipo de espaço surgiu na Europa, e é mais comum na Inglaterra e na Escandinávia - - consiste em lugares, normalmente terrenos vazios, onde crianças de todas as idades podem desenvolver suas próprias brincadeiras, participar e construir os equipamentos e os ambientes, de forma espontânea (HURTWOOD, 1975; CARR *et al.*, 1992). Hurtwood (1968) afirma que a maioria das pessoas tem uma profunda necessidade de experimentar fogo, terra, água e madeira de construção e, também, de trabalhar com ferramentas reais, sem ser censurado ou criticado.

Nos *playground* de aventura, as crianças têm liberdade de realizar seus atos e suas próprias escolhas. Os materiais recicláveis, de refugo, como troncos, resíduos, etc. servem para a construção dos seus brinquedos (SEELEY, 1973, LYNCH, 1980). A comunidade e especialmente as crianças

são profundamente envolvidas nas atividades e o resultado é o aparecimento de lugares imaginativos e interessantes, nos quais se cria "uma sociedade livre em miniatura" (NICHOLSON, 1971). Francis (1990) considera que, às vezes, é melhor brincar com os elementos do ambiente do que com brinquedos manufaturados .

Nos espaços abertos comuns, principalmente nos infantis, é importante também se introduzirem equipamentos que utilizem elementos naturais. O contato com a natureza em zonas urbanas, pode ajudar as crianças a se tornarem pessoas mais criativas e saudáveis. Quando viável, é interessante incluir água (elemento de fascinação de todas as idades) nos espaços recreacionais, tanto para brincarem como para beberem, bem como, areia e terra para que as crianças possam se divertir com barro, com poças d'água, etc. (BUTLER, 1973; COOPER & SARKISSIAN, 1986; FRANCIS, 1990). Kato (1993) considera que, nos *playgrounds*, além dos elementos naturais citados anteriormente, é fundamental incluir elementos característicos e significativos do contexto histórico e cultural.

Alguns autores (BUTLER, 1973; COOPER, 1975; ANDERSON, 1982; SEELEY, 1973) sugerem como adequados os equipamentos dos espaços recreacionais infantis separados por faixas etárias, conforme divisão que segue:

1) Área para crianças em idade pré-escolar (até 6 anos)

As crianças em idade pré-escolar movimentam-se facilmente dentro de locais familiares e de caminhos habituais, são ativas, gostam de explorar e experimentar coisas novas, mas não têm noção da fragilidade de alguns materiais e objetos. Nessa fase, elas aprendem a confiar em si mesmas, mas tal confiança depende da auto-imagem que o ambiente oferece em retorno para ela (STONE e CHURCHE, 1978). Elas necessitam de equipamentos e espaços para desenvolver habilidades motoras básicas, como

coordenação, balanço, direção e agilidade (HULTSMAN, 1987). É importante que as crianças joguem bastante com outras crianças até os cinco anos, inclusive para prevenir algum tipo de distúrbio neuropsicológico (ALEXANDER *et. al.*, 1980), ou mesmo torná-lo evidente, facilitando um possível tratamento posterior.

Os espaços abertos recreacionais para as crianças dessa faixa etária apresentam-se convenientes quando localizados muito próximo das suas habitações, para facilitar a supervisão casual e dar a sensação de proteção e segurança (LYNCH, 1980; ANDERSON, 1982; PRINZ, 1984). Para as crianças é importante o contato visual e vocal com a casa e com seus pais (PRINZ, 1984; COOPER, 1975) e, ainda, a prevenção do perigo de se perderem (SEELEY, 1973).

Crianças de dois a três anos aprendem a negociar a separação em relação aos adultos, através de pequenos passeios exploratórios fora de casa (COOPER & SARKISSIAN, 1986). Para tanto, porém, é importante que os espaços abertos comuns estejam livres de tráfego (item 1.4.2.9). Além dos riscos relacionados com o trânsito -- carros, ruas e estacionamentos --, também existem outros riscos para as crianças pequenas, como: ladeiras, piscina, bicicletas de crianças maiores, cachorros e condições climáticas (ventos e frio - - item 1.4.2.8), para os quais a prevenção é aspecto considerado relevante. Uma alternativa é levar em conta todos esses condicionantes, prevendo equipamentos e estruturas para proporcionar ambientes seguros, como é o caso das cercas baixas, para criar espaços enclausurados e protegidos (COOPER & SARKISSIAN, 1986).

Seeley (1973) também nos ensina que espaços abertos comuns seguros nas redondezas, para as crianças pequenas, facilitam o brincar prazeroso e o sonho e, dessa forma, oportunizam a descoberta do mundo e de si mesmas, tornando-as pessoas criativas.

2) Áreas para crianças maiores (6 -12 anos)

As crianças maiores necessitam jogos imaginativos e de aventura e devem desenvolver a coordenação motora ampla e fina (HULTSMAN, 1987). Além dos exercícios físicos, necessitam de brincadeiras que desenvolvam a atividade mental (COLVIN, 1970). Nessa faixa etária, brincam em qualquer espaço e não apenas nos lugares destinados especialmente a esse fim; preferem brincar em ambientes variados, misteriosos, cheios de surpresas, que transmitam uma sensação de perigo, localizados nas vizinhanças de suas casas (BUTLER, 1973; COOPER, 1975; DARKE, 1982). Com a idade, aumenta também a necessidade de território; as crianças não se limitam só à área imediata de suas casas (DARKE, 1982). Podem caminhar de 275m a 365m (HURTWOOD, 1975; HULTSMAN, 1987), ou seja, são capazes de caminhar a maiores distâncias de suas moradias (SEELEY, 1973).

Na faixa etária entre os 6 e os 12 anos, necessitam mover-se constantemente, precisam de uma variedade de equipamentos, ambientes e oportunidades para satisfazerem as suas necessidades, pois já possuem aperfeiçoada a sua coordenação motora para correr, saltar, subir e dirigir bicicleta (SEELEY, 1973; COOPER & SARKISSIAN, 1986). Têm condições, também, de explorar e vagar no seu entorno com segurança para encontrarem crianças da sua idade (COOPER & SARKISSIAN, 1986). A partir dos 11 anos, começa uma mudança de interesse: elas dispõem de mais energia física e tendem a jogar em grupo, começa a aumentar a necessidade de encontro com amigos, de companheirismo (SEELEY, 1973).

A conveniência de separação dos equipamentos destinados às crianças maiores dos pertencentes às menores, nos espaços abertos comuns de recreação, porque os interesses são diferentes e por questões de segurança, é apontada por Anderson (1982). Porém, é importante que se localizem em sítios contíguos, para que os grupos não fiquem completamente

segregados. Essa proposta requer um planejamento cuidadoso, para evitar possíveis conflitos (COOPER, 1975; SEELEY, 1973). Esta ponderação diverge das orientações contidas em Santos et al. (1985) e Jacobs (1973) já assinaladas anteriormente.

Certamente, entre os diversos equipamentos necessários para os espaços abertos comuns, os **bancos** desempenham um importante **papel** para a **integração social** do **usuário** de **todas** as **faixas etárias**. A maneira de implantá-los merece um cuidado especial, porque disso pode depender o estímulo ou a inibição dessa interação (LAURIE, 1983). Para Butler, 1973; Cooper, 1975 e Carr *et al.*, 1992 a função dos bancos é proporcionar locais para as pessoas sentarem e descansarem, possibilitando não só o conforto, mas também verem as coisas acontecer e tomar sol. Pesquisa feita por Whyte, em praças de Manhattan, e mencionada por Cooper & Francis (1990) revela que o banco é o elemento primordial para o uso dos espaços abertos comuns.

Variedade de tamanho e de formas de bancos afetam seu potencial de uso. Os arranjos côncavos de bancos encorajam o contato social, porém o arranjo convexo o desestimula (COOPER & FRANCIS, 1990). Para Bentley *et al.* (1987), os bancos retos são adequados para a pessoa sozinha ou em dupla, permitem a observação de eventos a sua frente e a conversação entre dois indivíduos, mas é pobre para a interação de um grupo: se outras pessoas pararem para conversar, podem obstruir o caminho dos pedestres. Cooper & Francis (1990) argumentam que os assentos retos admitem um espaçamento natural entre as pessoas e não forçam o contato dos olhos, permitindo que se façam alguns arranjos, como colocar um banco na frente do outro, ou implantá-los de maneira que formem ângulo reto - cantos. No primeiro exemplo, Bentley *et al.* (1987) lembram que, para permitir a interação entre usuários, a distância máxima entre eles deve ser de 1.20 m, e, se houver uma circulação entre os bancos, essa distância mínima deve ser de 3.00 m. Nesse caso, não haverá interação com as pessoas sentadas à frente. A

colocação de bancos formando ângulo de 90 graus favorece a socialização de até quatro seres humanos e não atrapalha a rota de circulação. Eles apontam que a melhor solução para atender a uma grande demanda de assentos é fazer uma composição de ambientes formados por vários bancos em canto.

Bancos circulares com assentos externos não congregam, a conversação é possível entre dupla, apesar de não muito confortável e, embora não proporcionem intimidade para as pessoas (COOPER & FRANCIS, 1990; BENTLEY *et al.*, 1987), permitem que cada uma olhe para uma diferente direção (COOPER & FRANCIS, 1990). Carstens (1990) enfatiza o desconforto e o pouco uso dos bancos circulares ou helicoidais com mais de 180 graus.

São identificados como atrativos os bancos localizados onde exista uma vista aprazível (água, vegetação, outras pessoas) distante ou próxima com visão de alguma atividade, principalmente se tiverem um fechamento no encosto para dar uma sensação de proteção e enclausuramento e esse for com vegetação (ALEXANDER *et al.*, 1980; COOPER, 1975; COOPER & FRANCIS, 1990). Estudo feito em Vancouver, relatado por Cooper & Francis (1990), comprova que os bancos mais utilizados são os localizados em cantos e junto a vegetações. Entretanto, Gehl (1987) descobriu que as pessoas usam mais os bancos que tem vista de atividades vizinhas e utilizam menos os que têm vista para vegetação.

A localização dos assentos, levando em conta o sol e a sombra, proporcionam diversos tipos de ambientes e, assim, atendem à demanda dos diversos grupos de usuários, dando oportunidade para escolherem conforme as suas necessidades, de acordo, inclusive, com a estação do ano (COOPER & FRANCIS, 1990). Alexander (1980) lembra que as pessoas em climas quentes gostam que, nos espaços abertos comuns, exista um equilíbrio entre sol e sombra (itens 1.4.2.7. e 1.4.2.8.)

Vários autores (BUTLER, 1973; COOPER, 1975; COOPER & SARKISSIAN, 1986; COOPER & FRANCIS, 1990; CARR *et al.*, 1992) afirmam

que é importante providenciar bancos junto aos espaços comuns recreacionais destinados às crianças pequenas, para os adultos poderem supervisionar as brincadeiras. Entretanto, nos espaços destinados a jogos para crianças entre cinco e 10 anos, os bancos podem estar localizados um pouco mais distantes, podem permitir que os pais, pessoas idosas ou mesmo outras crianças sentem e visualizem o lugar, assim como facilitar a socialização dos pais, que é tão importante quanto às crianças brincarem nos *playgrounds*. Essa socialização requer arranjos de bancos confortáveis, que permitam a interação face a face. Cabe lembrar, também, a importância da adequação de bancos e outros mobiliários às dimensões das crianças, como forma de lhes possibilitar brincadeiras e conversas com iguais (COOPER & SARKISSIAN, 1986 ; COOPER & FRANCIS, 1990).

Os adolescentes buscam bancos localizados em espaços que propiciem privacidade, para se reunirem com o grupo e verem a ação e não serem supervisionados por adultos. No entanto, privacidade, no caso, não pode oportunizar atividades anti-sociais, ilegais ou inconvenientes. Os bancos podem ser arranjados em forma de **L** ou de **U**, pois promovem uma boa socialização. Especialmente para essa faixa etária, é válida a implantação de bancos junto às quadras esportivas (COOPER, 1975; COOPER & FRANCIS, 1990).

Os adultos precisam de lugares atrativos e confortáveis para sentarem. Apreciam que os bancos fiquem localizados embaixo de árvores ou guarda-sóis, porque, além de proporcionarem sombra, eles criam um senso de enclausuramento, e oferecem um visual convidativo a quem passa, encorajando-os a permanecerem no ambiente. São interessantes bancos com mesa para que os adultos possam ler, escrever, estudar e jogar enquanto as crianças brincam (COOPER & SARKISSIAN, 1986; COOPER & FRANCIS, 1990).

As pessoas idosas, por possuírem pouca mobilidade, declínio de visão e tempo de reação vagaroso, necessitam que os bancos tenham fácil acesso e sejam localizados próximos a suas residências, mas em lugares movimentados, o que lhes proporciona segurança e proteção, mas, ao mesmo tempo a desejada privacidade é aspecto a ser considerado (CARSTENS, 1990 ; COOPER & FRANCIS, 1990; CARR *et al.*, 1992). A integração social dos idosos implica a integração física, tanto com outros idosos como com pessoas jovens (ALEXANDER *et al.*, 1980). Por preferirem atividades mais passivas (CARSTENS, 1990), uma opção é a colocação de bancos junto à entrada e ao redor do perímetro da praça e junto a ambientes de circulação para que eles possam observar a vida da rua e da vizinhança (CARR *et al.*, 1992). Quando os espaços abertos comuns têm inclinações acentuadas, exigindo escadas ou rampas, a presença de bancos nos patamares intermediários torna-se necessária (COOPER & FRANCIS, 1990).

Existem outras boas possibilidades de localização de bancos: junto à parada de ônibus ou à de táxi, internamente em ilhas separadas e quietas, para as pessoas namorarem, lerem e meditarem, e, também, junto a locais de atividades (COOPER, 1975; COOPER & FRANCIS, 1990). Butler (1973) sugere a existência de bancos portáteis, para serem utilizados em ocasiões especiais. Cooper & Francis (1990) concordam com essa sugestão, porque os bancos móveis, devido à sua flexibilidade, permitem que os usuários estructurem o espaço conforme seus desejos e necessidades.

Bentley *et al.* (1987) indicam no mínimo três metros lineares de assentos para cada três metros quadrados de espaços abertos comuns. Cooper & Francis (1990) mencionam que o plano da cidade de São Francisco (USA) exige 0,305 m linear de assento para cada 0,305 m linear de perímetro da praça; já o de Nova Iorque (USA) recomenda 0.305 m linear de assento para cada 9,15 m quadrados de espaço de praça.

Aconselha-se que os bancos sejam construídos de materiais que não sejam afetados facilmente pela temperatura e que facilitem a limpeza e a conservação. A madeira é uma das melhores opções, pois é acolhedora e confortável. Materiais frios e duros, tais como metal, pedra, concreto, etc. não são adequados. Bancos bem acabados evitam o estrago de roupas dos usuários. A pintura com cores brilhantes, apresenta um bonito visual e desencoraja os vândalos (COOPER & FRANCIS, 1990).

Cooper & Francis (1990) mencionam ainda, um estudo feito em 10 praças em Vancouver (Canadá) que descobriu que as pessoas não sentam só em bancos, mas também em artefatos de vários tamanhos e formas, junto e/ou ao redor de elementos focais como fontes e esculturas, principalmente se ali houver outras pessoas.

Os equipamentos recreacionais serão investigados como fator que podem propiciar a socialização entre os moradores de conjuntos habitacionais e também como fator de influência no nível de satisfação dos usuários dos espaços abertos comuns.

1.4.2.2. Acessibilidade

Acessibilidade é a capacidade que o espaço possui de permitir que as pessoas neles penetrem e se desloquem em seu interior. Para aumentar o uso e a frequência dos espaços abertos comuns de recreação, é fundamental que eles sejam acessíveis fisicamente, isto é, devem ter facilitado o acesso a todas as pessoas, oportunizando que joguem, descansem, passeiem e se congreguem (BUTLER, 1973; GOLD, 1973; ALEXANDER *et. al.*, 1980; LYNCH, 1980; PRINZ, 1980; KIRSCHENMANN, 1985; CARSTENS, 1990; CARR, 1992).

Um espaço comum só poderá ser considerado aberto se for acessível e permitir que as pessoas atuem nele livremente (LYNCH, 1981). Carr & Lynch (1981) julgam que a liberdade de acesso e de uso dos espaços abertos comuns é essencial: é um direito das pessoas e contribui para a troca e para o crescimento social. Contudo Carr *et al.* (1992) citam outras tendências, quando se trata de espaços abertos em áreas residenciais: uma é a de limitar o uso para o grupo da comunidade residente, quando eles próprios se responsabilizam pelo espaço; outra é a de só permitir o acesso a pessoas externas, quando alguém da comunidade estiver presente.

O desenho do conjunto determina a acessibilidade dos espaços abertos comuns. A localização dos prédios e desses espaços no terreno afeta a percepção, a avaliação dos moradores e o uso dado por estes aos espaços abertos comuns. Portanto, espaços públicos e privados delimitados claramente pelo *layout* podem aumentar a freqüência de uso e reduzir conflitos entre moradores, além de facilitarem o acesso, o controle e à responsabilidade sobre os mesmos (COOPER, 1975; LAY, 1992).

O espaço para a circulação é o elemento importante da acessibilidade dos espaços abertos comunitários, pois conecta esses espaços com as habitações e também com os diversos ambientes existentes (HULTSMAN, 1987). Ele ajuda as pessoas a chegarem de forma direta e fácil aos vários equipamentos e também é usado para recreação. Nele as pessoas jogam, andam de bicicleta e fazem caminhadas (BUTLER, 1973; CARSTENS, 1990).

É interessante a existência de várias alternativas de rotas de circulação para que o usuário possa escolher a que melhor lhe convém, tanto em distância quanto em facilidades (CARSTENS, 1990; LAURIE, 1983). O sistema de circulação pode favorecer o contato social (COOPER & FRANCIS, 1990); para isso, é importante formar ambientes que não sejam usados somente como passagem, mas, sim, que propiciem a permanência

(ALEXANDER *et. al.*, 1980). Os passeios planos, pavimentados com material liso (item 1.4.2.10), sem escadas, com rampas quando necessária, facilitam o uso a pessoas com carrinhos de nenê, deficientes físicos e idosos (COOPER & FRANCIS, 1990).

O ser humano percorre a pé, com facilidade e comodamente, até 300 metros de distância; daí até o limite de 650 metros, ele ainda pode ir á pé, porém prefere utilizar um veículo. Entretanto, acima dessa distância, usar um veículo é uma necessidade. Essa informação é valiosa para o desenho de espaços abertos comuns (ASHIHARA, 1981).

Considera-se que a acessibilidade nos espaços abertos recreacionais é mais relevante, principalmente quando os usuários são crianças (COLVIN, 1970; BUTLER, 1973; COOPER, 1975; DARKE, 1982). Cooper & Sarkissian (1986) dizem que as crianças necessitam de acesso a todo sítio ou vizinhança, para explorarem e descobrirem seus próprios espaços de brincadeiras.

Alguns autores (por exemplo, COLVIN, 1970; LINCH, 1981; COOPER & SARKISSIAN, 1986) sugerem que, nos conjuntos habitacionais, cada habitação tenha acesso direto a uma área comunitária, para permitir que as crianças se desloquem a pé e possam brincar com segurança. Alexander *et. al.*(1980) sugerem que as áreas recreacionais estejam próximas aos usuários, a não mais do que três minutos de distância de suas casas, aproximadamente 225 metros.

Anderson (1982) e Cooper (1975) consideram que é preferível prever espaços abertos comuns pequenos, fechados e conectados entre si, localizados junto às habitações, do que um grande espaço localizado na área central. São preferíveis, também, os localizados de forma que as brincadeiras das crianças não sejam inconvenientes aos residentes do conjunto habitacional, pelo barulho e/ou pelas vidraças quebradas, por exemplo

(DARKE, 1982; HURTWOOD, 1975). Os pesquisadores do *Department of the Environment* (1975) afirmam que as crianças que moram em apartamentos acima do primeiro andar, em conjuntos habitacionais multifamiliares, têm desvantagens quanto ao acesso às áreas recreacionais infantis em relação às que moram no térreo e no primeiro andar. Também citam um estudo feito na Dinamarca que chegou à mesma conclusão, ou seja, que o percentual de crianças que brincam nos *playgrounds* de conjuntos habitacionais decresce proporcionalmente à altura do andar em que a criança mora. Assim, crianças pequenas que residem em apartamentos em andares altos ficam pouco tempo fora de casa e têm menos contato com outras crianças, se comparadas com as que residem nos andares térreos ou no primeiro andar.

Entretanto, Lay (1992), numa avaliação de desempenho de conjuntos habitacionais na cidade de Porto Alegre, não detectou nenhum dado que indicasse maior frequência de uso dos espaços abertos comuns pelos moradores que residem no térreo em relação aos que vivem em andares superiores.

Carstens (1990) afirma que as áreas de recreação destinadas aos idosos devem ter fácil acesso. Cooper & Francis (1990) também julgam necessário localizar esses espaços junto às residências, porque os idosos não têm grande mobilidade e, normalmente, vão e voltam sozinhos. Entretanto, eles consideram que as áreas destinadas aos adolescentes e aos adultos não precisam estar localizadas tão próximas das habitações, pois eles se locomovem facilmente e podem fazer longas caminhadas sem problemas.

A acessibilidade pode ser considerada como fator de interferência no uso e no nível de satisfação dos espaços abertos comuns.

1.4.2.3. Visibilidade

Visibilidade é consequência da habilidade de, num relance, ter-se um panorama de um determinado espaço, a partir de um ponto de vista (HIGUCHI, 1989). Considera-se que o acesso visual facilita às pessoas a entrada e a locomoção nos espaços abertos comuns (COOPER, 1975; COOPER & FRANCIS, 1990; CARR *et al.*, 1992). Lay (1992) afirma que a *acessibilidade visual* ou *visibilidade* é a que gera maior uso dos espaços destinados a atividades. Declara que, na sua pesquisa, os espaços que tinham uma melhor visibilidade, a partir das habitações, tendiam a ser mais freqüentados, até mesmo em relação aos outros espaços que estavam localizados mais próximos de suas unidades habitacionais, mas que não eram vistos. Para Cooper & Francis (1990), as pessoas que enxergam os espaços abertos comuns de suas casas freqüentam-nos muito mais do que as outras que não os visualizam.

Vários autores (COLVIN, 1970; SEELEY, 1973; ALEXANDER *et al.*, 1980; PRINZ, 1980; LYNCH, 1981; COOPER & SARKISSIAN, 1986; LAY, 1992) consideram que a visibilidade é particularmente importante quando os usuários são crianças, principalmente pré-escolares, pois ela facilita a supervisão familiar e o controle desejado pelos pais. Conforme Cooper (1975), Kirschenman & Muschaleck (1980) e Prinz (1984), as crianças também gostam de ter seus pais ao alcance de suas vistas, chamá-los quando julgarem conveniente e, por isso, preferem brincar ao redor de suas casas. Alexander (1980), Jacobs (1973), Santos *et al.* (1985) também dizem que as crianças se sentem mais seguras e protegidas quando têm vários olhos sobre elas exercendo o controle social.

Ambientes abertos comuns que sejam convidativos à reunião de crianças e o controle casual que estimule o sentido de liberdade vigiada pelos

adultos, certa e inegavelmente, contribuem para a sua educação e formação enquanto cidadãos (COOPER & SARKISSIAN, 1986).

Hultsman (1987) e Carr *et al.* (1992) argumentam que a visibilidade está associada com a segurança (item 1.4.2.4.). Além de proporcionar segurança por permitir a vigilância, a *visibilidade* também produz um senso de propriedade e territorialidade e torna os residentes mais responsáveis pelo ambiente. Portanto, é essencial providenciar aberturas que favoreçam aos residentes a vigilância, de forma estreita e próxima, dos espaços abertos comuns, de algum lugar de suas próprias casas (COOPER, 1975; LYNCH, 1980; GEHL, 1987). Cooper (1975) sugere que as aberturas que propiciam a visão sejam localizadas preferencialmente na sala de estar, de jantar ou na cozinha. Para os pesquisadores do *Department of the Environment* (1975), não é conveniente que a visibilidade se dê através dos quartos, porque as aberturas podem favorecer o ingresso do ruído provocado pelas brincadeiras das crianças, o que causaria problemas para alguns moradores, principalmente para pessoas idosas.

É interessante que os espaços abertos comuns sejam visíveis, tanto das habitações, quanto das ruas e das áreas de circulação, para que isto ocorra é conveniente evitar paredes, muros e portões altos no seu entorno (COOPER & FRANCIS, 1990).

A possibilidade de visualizar os espaços abertos comuns funciona como um fator preponderante às escolhas dos usuários desses espaços conjuntos habitacionais populares.

1.4.2.4. Segurança

Segurança é a qualidade que um espaço possui quando proporciona uma sensação de salvaguarda para as pessoas que o utilizam. Significa proteção tanto aos usuários quanto aos bens materiais do espaço.

Untermann & Small (1984) dizem que a maioria dos atentados contra a segurança e a saúde pública é viabilizada pelos indivíduos, quer diretamente, por vandalismo, assalto, roubo, incêndio provocado, etc., quer indiretamente, por contaminação da água e do ar. Os fenômenos naturais, apesar da eventualidade, quando advêm, costumam provocar muita destruição e prejuízos, contra os quais um projeto que os leva em consideração pode proporcionar segurança as pessoas.

Para que os espaços abertos comuns tenham sucesso e sejam usados e apreciados pelos residentes é fundamental que proporcionem segurança (COOPER, 1975; LYNCH, 1980, COOPER & SARKISSIAN, 1986; HULTSMAN, 1987; CARR *et al.* 1992). O desenho do conjunto habitacional pode colaborar, ou não, para a segurança dos espaços abertos (FRANCESCATO, 1979; LYNCH, 1980; DARKE, 1982; CARR *et al.*, 1992; LAY, 1992) e pode inibir comportamentos inconvenientes e até mesmo desencorajar transações de drogas nesses ambientes (CARR *et al.*, 1990). Gold (1973) lembra que a localização desses espaços é um dos principais fatores para reduzir e/ou eliminar os riscos contra a pessoa e o próprio ambiente.

Outro fator importante para a segurança dos usuários é a demarcação clara dos espaços abertos comuns e das áreas privadas (ANDERSON, 1982; REIS, 1992), pois a falta de definição facilita o crime (ANDERSON, 1982). Lay (1992) confirmou que "*(...) a adequação do tamanho dos espaços abertos e a clareza de sua definição física e social,(...) afetam positivamente (entre outros) o controle das áreas comuns (...)*"

Carr *et al.* (1992) sustentam que um desenho sensível pode equacionar bem dois desejos dos seres humanos: o de enclausuramento e o de segurança, pois, algumas vezes, os lugares que proporcionam privacidade e reclusão são inseguros. Segundo Carstens (1990), o arquiteto deve projetar

espaços que dêem proteção psicológica e física, tais como, espaços enclausurados, protegidos principalmente por vegetação (item 1.4.2.6).

Cooper & Sarkissian (1986) recomendam que, para diminuir o vandalismo nos sítios públicos, não se adotem desenhos poucos atrativos e equipamentos inflexíveis (item 1.4.2.1). Já Carstens (1990), Cooper (1975) e Lynch (1980) sugerem que se incluam detalhes e equipamentos que permitam a vigilância e promovam a segurança, como o plantio de árvores com galhos altos.

Nos *playgrounds*, a segurança pode ser garantida, para Butler (1973) através de um criterioso arranjo de equipamentos recreacionais e, para Hultsman (1987), através da colocação de bancos, a fim de que os adultos possam sentar e vigiar as brincadeiras.

Vários autores (GOLD, 1973; COOPER, 1975; *Department of the Environment*, 1975; LYNCH, 1980; CARR *et. al.*, 1992) relacionam segurança com visibilidade (item 1.4.2.3) Eles afirmam que os espaços abertos comuns devem ter visibilidade clara, de maneira que possam ser contínua e casualmente supervisionados pelos passantes e, principalmente, pelos residentes a partir de suas habitações, ou seja, é importante que haja uma porção de olhos adultos e vigilantes (COLVIN, 1970; LYNCH, 1980; ANDERSON, 1982; PRINZ, 1984; HULTSMAN, 1987), pois indivíduos com potencial criminoso são atraídos por sítios pouco vigiados (COOPER & SARKISSIAN, 1986). Pesquisadores do *Department of the Environment* (1975) afirmam que criar ambientes que proporcionem sentimento de territorialidade é uma boa estratégia para evitar riscos ao patrimônio público e a visibilidade produz esse senso nas pessoas.

As áreas de circulação também devem oferecer um panorama de todo o trajeto, ser bem definidas e sem reentrâncias, e todos os espaços abertos comuns devem ser bem iluminados à noite (LYNCH, 1980). Cooper (1975) também acredita que a segurança à noite nos espaços abertos comuns

pode ser privilegiada pela instalação de iluminação. A iluminação de passeios muito freqüentados necessita ser de uma claridade contínua e uniforme; em caminhos secundários, deve-se dimensionar e colocar iluminação de modo a evitar setores completamente escuros (PIRAS, 1984).

Cooper & Sarkissian (1986) correlacionam espaços de recreação utilizados com freqüência com a redução de vandalismo. Darke (1982) argumenta que o principal fator de insegurança é "a desintegração dos espaços públicos e a gradual transformação das áreas das ruas em áreas sem interesse para ninguém". Vários autores (GOLD, 1973; COOPER, 1975; *Department of the Environment*, 1975;) entendem que sítios comunitários, para não serem depredados, necessitam ter uma boa manutenção (item 1.4.2.5).

Segundo Cooper (1975) e Cooper & Sarkissian (1986), a segurança é acentuada e o senso de comunidade é fortalecido quando o acesso aos espaços abertos comuns do conjunto é desencorajado para as pessoas externas ao conjunto. Para Carr *et al.* (1992), uma das técnicas utilizadas para esse fim é a de criar barreiras e limitar o número de entradas.

A falta de segurança atualmente é também gerada por uma carência de valores que sustentem uma vida pública ativa, o que faz com que aumente o crime, o perigo e as drogas nos espaços abertos comuns, tornando-os deteriorados (CARR *et al.*, 1992). Santos *et al.* (1985), no estudo que fizeram nos espaços abertos comuns do conjunto Selva de Pedra na cidade do Rio de Janeiro, descobriram que a insegurança nesses espaços é motivada pela falta de confiança, de controle, de relações pessoais e pelo receio de represálias por parte de criminosos, traficantes e vândalos que utilizam as praças. Para Lynch (1980), a ausência de segurança é provocada por problemas sociais e econômicos, que devem ser solucionados para permitir a segurança necessária. Embora a segurança seja afetada pelos motivos citados anteriormente, Newman (1972) considera que ela é também afetada pelo espaço físico. Portanto, como já foi dito, o desenho dos espaços abertos

comuns pode contribuir para a diminuição da falta de segurança nesses lugares públicos.

Os espaços abertos comuns que apresentam segurança de tráfego (item 1.4.2.9), de poluição e de riscos, tanto nos aspectos físicos quanto nos sociais (COOPER & SARKISSIAN, 1986), também colaboram para o bem estar de grupos que possuem menor mobilidade, como idosos, deficientes físicos e crianças (SALVIATTI, 1988). Hultsmann (1987) e Hurtwood (1975) enfatizam que os lugares necessitam ser seguros, especialmente se os usuários forem crianças pequenas.

Já as pessoas idosas, devido a sua pouca mobilidade, precisam de lugares que tenham movimento, pois o sentimento de segurança é provido pelos amigos, por conhecidos e por passantes (CARR *et al.*, 1992).

Cooper & Sarkissian (1986) declaram que a melhor forma de desencadear um processo de segurança é criar uma associação de moradores organizada. O fato de eles próprios serem responsáveis pela segurança e pela manutenção dos espaços abertos comuns dá-lhes um sentido de propriedade, controle e responsabilidade sobre o lugar. As pessoas precisam do suporte moral de uma comunidade para defenderem os seus direitos territoriais comuns (LYNCH, 1980; COOPER & SARKISSIAN, 1986). Portanto, segurança é fator de interferência na avaliação positiva ou negativa dos usuários dos espaços abertos comuns em conjuntos habitacionais populares.

1.4.2.5. Manutenção

A manutenção e/ou conservação dos espaços abertos comuns de recreação está fortemente ligada à satisfação geral dos residentes dos conjuntos habitacionais (COOPER, 1975; DARKE, 1982; COOPER E SARKISSIAN, 1986; LAY, 1992; REIS, 1992). Envolve várias atividades, algumas quase diárias e outras temporárias, como, por exemplo, varrição,

capina, limpeza, recolhimento de lixo e cuidados com a vegetação das áreas comunitárias e, também, reparo, pintura e conservação dos equipamentos que sofreram avarias, tanto pelo uso como pelo passar do tempo e até por vandalismo (DARKE, 1982). Pesquisa feita pelo *Department of the Environment* (1975) descobriu que 28% dos residentes em conjuntos habitacionais multifamiliares estudados apontaram como um dos principais problemas o prejuízo com os estragos dos equipamentos.

Quando não são bem mantidos, os espaços abertos comuns tornam-se negligenciados e não são utilizados (CARR *et al.*, 1992). Além disso, são freqüentemente atacados por vândalos e criminosos. Então, boa manutenção gera como consequência, redução e/ou eliminação do vandalismo (item 1.4.2.4) (GOLD, 1973). Cooper & Francis (1990) relacionam boa manutenção com o aumento do envolvimento da responsabilidade dos usuários no processo de conservação. Lugares bem cuidados transmitem às pessoas a sensação / idéia de que elas são bem-vindas. Os pesquisadores do *Department of the Environment* (1975) notaram que os residentes dos conjuntos habitacionais sentem orgulho e são mais interessados em conservá-los, se os espaços abertos comuns forem bem mantidos e satisfizerem as suas necessidades. Uma estratégia para incentivar os moradores de conjunto habitacional é adotar medidas que se reflitam numa melhor manutenção e aparência dos ambientes construídos.

A manutenção não é responsabilidade direta do arquiteto, mas ele pode influenciar através de decisões expressas em seu desenho (DARKE, 1982; FRANCESCATO *et al.*, 1979; LYNCH, 1980). Seu papel como projetista é planejar aspectos que venham a reduzir a manutenção ao mínimo (HURTWOOD, 1975). A delimitação e a definição clara, a segurança (item 1.4.2.4) e a visibilidade (item 1.4.2.3) dos espaços abertos comuns afetam positivamente a manutenção, portanto, é interessante que essas variáveis sejam levadas em consideração nos projetos (GOLD, 1973). Darke (1982)

sugere a utilização de materiais fortes e duráveis, que não possam sofrer a ação dos vândalos e das intempéries. Cooper & Francis (1990) propõem o uso de materiais que possam ser facilmente limpos e, preferencialmente, pintados de cor escura, para desencorajar o grafite

Segundo Cooper & Sarkissian (1986), os custos de manutenção e os perigos de acidentes com as crianças podem ser reduzidos se pisos com areia (item 1.4.2.10) receberem a proteção adequada contra o vento. Para Butler (1973) e Hurtwood (1975) a redução de custos acontecerá na mesma proporção da redução de áreas gramadas (itens 1.4.2.6. e 1.4.2.10).

Vários autores (BUTLER, 1973; TANDY, 1976) colocam que, para que se tenha economia de manutenção, a alternativa é utilizar materiais de boa qualidade, pois a economia inicial nem sempre garante bons resultados posteriormente. Gruffydd (1987) considera que a escolha correta na seleção das vegetações é o caminho seguro para reduzir futuros problemas de manutenção. Outro fator adicional, mas importante para reduzir custo de manutenção, é envolver os residentes do entorno, tornando-os responsáveis pelos espaços abertos comuns (COOPER & SARKISSIAN, 1986; CARR *et. al.*, 1992).

Como já foi dito, a manutenção é influenciada pelo gerenciamento e pelos cuidados dos residentes e está diretamente relacionada com aparência (item 1.4.2.7) (FRANDESCATO *et. al.*, 1979). A estratégia recomendada por Cooper & Sarkissian (1990) para que os espaços abertos comuns de recreação em conjuntos habitacionais sejam bem conservados é definir claramente a responsabilidade da manutenção e contratar um zelador. Porém Kato (1993) recorda que, se houver funcionário, não deve haver barreira entre ele e os usuários, porque é importante para a vitalidade do ambiente que todos tenham a sua própria iniciativa.

Lay (1992) confirmou que " (...) a adequação do tamanho dos espaços abertos e a clareza de sua definição física e social, (...) afetam

positivamente (entre outros) o controle das áreas comuns, o uso e manutenção dos espaços e promovem / incentivam o senso de identidade dos moradores com o ambiente em que vivem". Este é um dos motivos pelos quais o fator manutenção foi selecionado para avaliação.

1.4.2.6. Vegetação

A vegetação é um verdadeiro "coringa" no desenho dos espaços abertos comuns, sendo usada como elemento conformador e acondicionador de espaços. Utiliza-se a vegetação para condicionamento do solo, climático e ambiental, para criação de microclima e para proteção contra a erosão, bem como para evitar a poluição acústica, oferecer fragrâncias, delimitar e articular espaços, canalizar circulações, conformar e sugerir visuais, criar contrastes, dar variedade ambiental (cores e texturas), ou seja, para compor o espaço aberto comum. Árvores, arbustos, herbáceos e cobrimentos serão utilizados de acordo com a escala e as necessidades do lugar (MARENGO DE TAIPA, 1983).

A vegetação possui poder antiestressante, por isso, ela é tão valorizada pelo homem urbano em espaços abertos comuns (CARR *et al.*, 1992; VELASCO, 1971). É um recurso de que dispõe o arquiteto para aumentar o uso dos espaços abertos comuns, principalmente se os arranjos de vegetação tiverem variedade e qualidade de textura, cor, massa, fluidez e efeitos olfativos e degrade de sombras. Por conseguinte, ao fazer o paisagismo desses espaços, geralmente são escolhidas espécies que ofereçam uma variedade desses elementos (COOPER & FRANCIS, 1990). A vegetação, com suas cores e formas, variando durante as diferentes estações do ano e estágios de crescimento, propicia um aspecto visual cambiante aos espaços abertos comuns (SERRA e VALERA, 1983). Além disso, o verde

pode intensificar o desenvolvimento cognitivo e perceptivo das pessoas (FRANCIS, 1990).

O *layout* dos gramados pode determinar se ele pode ou não ser usado, uma vez que áreas gramadas, geralmente, são usadas pelas pessoas para correr, sentar, esticar-se ou tomar banho de sol (COOPER & FRANCIS, 1990). O piso irregular das superfícies com grama (item 1.4.2.10) dificulta seu uso por parte de pessoas idosas; para as crianças pequenas, contudo, o gramado é a melhor superfície (BUTLER, 1973; CARSTENS, 1990). Por outro lado, um aspecto negativo ligado a áreas gramadas refere-se à sua baixa resistência ao uso e aos elevados custos de manutenção (item 1.4.2.5.) (BUTLER, 1973; HURTWOOD, 1975; COOPER & SARKISSIAN, 1986).

O desenho dos espaços abertos comuns recreacionais geralmente prevêem o plantio de árvores. Num *layout adequado* pode-se, por exemplo, tirar partido delas, transformando-as em elemento central de um espaço comunitário. Além disso, elas têm muitas outras utilidades: servem como abrigo e elemento de contemplação, produzem frutos e até servem como equipamento recreacional, pois as crianças podem subir, pular e brincar nos seus galhos (PRINZ, 1984). Para Laurie (1983), as árvores desempenham, principalmente, as funções microclimáticas relevantes: absorvem os ruídos, protegem os ambientes do vento, diminuem os efeitos de turbulência e modificam a temperatura.

As árvores proporcionam, também, beleza e atração para um ambiente e podem ser dispostas para dar escala vertical, intimidade e enclausuramento a um espaço. São apropriadas a diferentes funções requeridas pelo desenho. Muitas delas provêm unicamente excelência individual. Na composição de uma paisagem, a altura e a forma das árvores são os aspectos mais importante; depois, vêm a cor, a massa (transparência) e as características da folhagem superficial (GRUFFYDD, 1987).

As árvores costumam ser separadas em dois grupos: as de grande e as de pequeno porte. Necessitam de tempo para exibir toda a sua beleza e magnitude, e seu crescimento depende não só do solo, da proteção, da umidade e da temperatura, mas também dos cuidados na preparação do local de plantio e de sua subsequente manutenção (GRUFFYDD, 1987).

As flores propiciam grande prazer para as pessoas (HURTWOOD, 1975) e estimulam o senso olfativo. Uma forma de estimular o senso visual, que também é importante, é plantar vegetações com diferentes texturas, cores e formas (CARSTENS, 1990). Uma alternativa para suavizar a beira dos caminhos é plantar vegetação que dê flores e permitir que elas sejam olhadas e tocadas. No limite entre gramados e passeios, uma composição de bancos e floreiras, permite que as pessoas fiquem sentadas entre as flores e folhagens (ALEXANDER *et. al*, 1980). Estudo feito em Vancouver, relatado por Cooper & Francis (1990), comprova que os bancos mais utilizados são os localizados em cantos e junto a vegetações. A seleção e a localização da vegetação não pode impedir a luz solar. A escolha entre sol ou sombra está na dependência das necessidades dos usuários, da hora do dia ou da estação do ano, principalmente nos espaços destinados para caminhar ou sentar (CARSTENS, 1990; COOPER & FRANCIS, 1990; HURYWOOD, 1975). Carstens (1990) sugere que se plantem árvores e trepadeiras adequadas que, de um lado propiciem sombra e diminuam o ofuscamentos do sol no verão e, de outro, permitam a entrada do sol no inverno (item 1.4.2.8.).

Outra questão que Cooper & Francis (1990) consideram relevante é a altura e a massa das plantas, que podem cortar a visibilidade de algumas atividades (item 1.4.2.3.). No entanto, quando a proposta é ocultar alguma coisa ou propiciar a sensação de enclausuramento, este corte de visibilidade através da vegetação é considerado positivo. O tipo de planta indicado para essa finalidade é o arbusto (HURTWOOD, 1975).

As crianças apreciam correr e brincar no meio de arbustos e gostam de pequenas árvores com flores (HURTWOOD, 1975). Por isso, encontra-se nos referenciais bibliográficos a sugestão para uso da vegetação, que facilite as suas brincadeiras e sirva de cenário para elas: vegetação resistente com galhos baixos e com fendas para criar ambientes internos acolhedores onde elas possam se divertir (BUTLER, 1973). O fator vegetação foi selecionado tendo em vista sua importância para determinação do nível de satisfação dos usuários dos espaços abertos comuns e respectiva apropriação dos mesmos.

1.4.2.7. Aparência

A aparência dos espaços abertos comuns é um importante componente de satisfação total dos residentes de conjuntos habitacionais. Está associada a aspecto físico como: ambientes agradáveis que proporcionam vistas prazerosas, preferencialmente com vegetação (1.4.2.7), que utilizam uma variedade de formas e materiais, que tenham uma relação com a escala da paisagem do entorno, bem como, com a do corpo humano - usuário, além de possuir pavimentação apropriada ao tipo de atividade desenvolvida no local (1.4.2.10). Também estão relacionados com a aparência fatores não físicos, tais como práticas de gerenciamento e manutenção (1.2.2.5) e o grau de cuidados dos residentes com os espaços (KRIER, 1976; FRANCESCATO et. al., 1979; MARENGO DE TAIPA, 1983).

Francescato et. al. afirmam que ambientes de aparência positiva, não estão associados com estilo arquitetônico e tipo de *layout*. Lay (1992) também encontrou em seus estudos que, para criar uma aparência atrativa, não são tão importantes as qualidades formais e estéticas do desenho, mas, sim, são relevantes não só as percepções dos atributos que exprimem gostos,

mas os valores e aspirações sociais dos moradores e a qualidade dos espaços externos.

Sitte (1945), ao estudar as praças antigas, notou que elas tinham uma boa aparência, porque eram uniformemente enclausuradas e produziam um efeito coletivo harmonioso; apesar de parcialmente fechadas, seus espaços abriam-se uns para os outros, de maneira que sempre um conduzia a outro. Sitte critica a tendência de abrir a praça em todos os lados, visto que essas aberturas anulam o efeito coesivo, que é importante. Para ele é interessante que esses espaços tenham a dimensão mínima igual à altura da construção de maior relevância do entorno, e uma dimensão máxima que não exceda o dobro dessa altura.

Outros autores (ALEXANDER *et. al*, 1980; WALTERS, 1985) também julgam que espaços abertos comuns agradáveis são aqueles que têm fechamentos, principalmente aqueles rodeados por elementos naturais e densa vegetação, que criam ambientes tranquilos e protegidos do tráfego, dos olhares e do barulho. Vista de um espaço maior também é imprescindível. Kato (1993) diz que a unificação entre o espaço construído e o aberto colabora para o maior grau de positividade de um espaço aberto comum. Já Alexander *et al.* (1980) afirma que, para isso ocorrer, é necessário que esses espaços tenham uma forma definida e clara e serem suficientemente pequenos, de modo a permitir que as pessoas não só possam conversar de um ponto a outro somente levantando a voz, mas tenham a sensação de estarem unidas às demais, podendo até distinguir nitidamente seus rostos. Por isso, argumenta que é melhor que esses ambientes tenham um diâmetro de 20 metros. Para Ashihara (1981), é aconselhável que os espaços abertos não sejam nem demasiado pequenos, nem excessivamente grandes.

A aparência é um fator que pode vir a alterar positiva ou negativamente o nível de satisfação do usuário dos espaços abertos comuns, e, com isso, interferir no grau de apropriação desses mesmos espaços.

1.4.2.8. Conforto Térmico

O conforto térmico depende de algumas variáveis, incluindo o sol, o vento, a temperatura, a umidade e a chuva. Clima ideal é aquele estado que se encontra num espaço com ar puro, protegido das chuvas e dos ventos dominantes, com temperatura entre 10 e 25 graus e umidade entre 40 e 75%, passando, portanto, a sensação ótima de conforto ao ser humano (LANDSBERG in LAURIE, 1983).

O conhecimento das variações microclimáticas influenciam no projeto. Através do desenho, pode-se modificar, alterar os pontos negativos e valorizar os pontos positivos do clima e, assim, tirar as vantagens desejadas (LAURIE, 1983); em outras palavras, considera-se o microclima nos projetos para que os espaços abertos comuns sejam usados em qualquer estação do ano (COOPER & FRANCIS, 1990).

O sol é o fator climático mais constante, devido a seu movimento sazonal. Por isso, as dimensões das sombras podem ser calculadas para horas específicas do dia e para diferentes épocas do ano, portanto, a iluminação diurna pode ser modificada pelas árvores e pelos edifícios (LAURIE, 1983). O brilho ofuscante é outro aspecto a ser considerado, levando-se em conta que superfícies duras refletem o sol no verão. Dessa forma, considera-se seriamente os efeitos do sol nos projetos de espaços abertos comuns (COOPER & FRANCIS, 1990).

Pesquisas feitas por Lieberman em praças e parques na cidade de São Francisco, nos Estados Unidos, mencionadas por COOPER & FRANCIS (1990), confirmam que o acesso ao sol é o principal motivo que leva as pessoas às praças. Alexander (1980) lembra que as pessoas usam os espaços abertos se eles tiverem sol, mas sugere que, nos climas quentes, exista equilíbrio entre sol e sombra.

Bosselmann (1983) propõe em seus estudos algumas providências: ao se planejarem os espaços abertos comuns recreacionais, convém observar atentamente o local e fotografá-lo, fazer fotomontagens e verificar quais os prédios que estão causando sombra no local. Del Rio (1990), ao estudar alguns espaços abertos comuns, utilizou fotografias e constatou que lugares que não recebiam sol não eram utilizados no inverno e que, mesmo no verão, a sombra pode causar impacto negativo no uso dos espaços. Um exemplo citado foi à projeção da sombra dos edifícios na areia das praias do Rio de Janeiro.

Outra variável que influencia o conforto térmico dos espaços abertos comuns considerada nos projetos é o vento, que pode afetar a utilização dos espaços. Sabe-se que ventos com mais de 8 mph perturbam os cabelos e agitam as roupas; acima de 26 mph, agitam de forma continuada os cabelos, dificultam o uso do guarda-chuva e o caminhar dos pedestres (BOSSELMANN, 1983; COOPER & SARKISSIAN, 1990).

Uma das soluções para reduzir os efeitos do vento nos espaços abertos comuns é obter uma relação harmoniosa de tamanho e forma entre as construções do entorno (COOPER & FRANCIS, 1990). Segundo Tandy (1976), uma das formas de reduzir a turbulência e as correntes de vento em terrenos de topografia plana é a implantação de prédios justapostos, para produzir um perfil em forma de dente de serra. Essa solução lhe parece melhor do que plantar cinturões verdes, pois bosques largos podem provocar outros problemas, como canalizar e acelerar os ventos. Cinturões verdes localizados em situações desfavoráveis aos ventos produzirão redemoinhos.

A temperatura é outro fator que afeta o conforto térmico externo. Pesquisas comprovam que a temperatura agradável estimula as pessoas a caminharem, passearem e sentarem em espaços abertos comuns (GEHL,

1987). Por outro lado, mudanças de temperatura afetam pessoas idosas (CARSTENS, 1990).

Alguns autores (HURTWOOD, 1975; TANDY, 1976; HULTSMAN, 1987) lembram que, nos projetos de espaços abertos comuns em conjuntos habitacionais, é importante se considerar o fator chuva. São necessárias, portanto, zonas abrigadas para proteger as pessoas tanto da chuva como do sol. Os estudos de TANDY (1976) sugerem, quando possível, a criação de ambientes maiores cobertos -- estacionamentos, por exemplo --, para que funcionem também como espaços recreacionais quando ocorrem precipitações pluviométricas, por conseguinte, com dupla finalidade.

Como já foi visto no item 1.4.2.6., as árvores colaboram com o conforto térmico, pois protegem os espaços abertos comuns do vento, diminuem os efeitos de turbulência e modificam a temperatura (LAURIE, 1983).

Numa avaliação pós-ocupação o conforto térmico é um fator considerado importante, pois influencia a apropriação dos espaços abertos comuns.

1.4.2.9. Tráfego

O fator tráfego está em relação direta com a *segurança* em relação ao trânsito de veículos. Por isso, existem muitas propostas para resolver o problema do perigo do tráfego nos conjuntos habitacionais, especialmente para os grupos que dispõem de menor mobilidade: crianças, deficientes físicos e idosos. Dentre essas propostas estão: definição de área especificamente limitada para pedestres, livres do tráfego; gerenciamento do tráfego com redução do volume e da velocidade do trânsito nas ruas residenciais, através, por exemplo, da colocação, nas ruas, de controladores de velocidade e de barreiras para reduzir o tráfego; implantação de ruas estreitas, não muito compridas; criação de *cul-de-sac* e fechamento de ruas ou controle

da mistura de pedestres e veículos -- *Woonerfs*--. Essas propostas prevêm espaços, onde pedestres tenham a primazia e possam conviver quase sem riscos com os veículos, pela redução do movimento do tráfego local, pela implantação de projetos cuidadosos que eliminem o meio-fio e pela utilização de diferentes pavimentos, mobiliário externo e vegetações (COOPER & SARKISSIAN, 1986).

Outra autora, Marengo de Taipa (1983), aponta como alternativa, para separar o trânsito de veículos dos ambientes recreativos e conseqüentemente promover segurança, o uso, preferencialmente, de meios naturais, como paredes de vegetação, diferenças de nível, taludes, etc. Entretanto, lembra que essas soluções, quando adotadas, exigem a previsão de rampas para permitir livre circulação aos deficientes físicos.

Alexander *et al* (1980) declaram que o ideal é que o automóvel não domine os espaços abertos comuns de recreação e que das habitações se tenha acessibilidade direta aos espaços comuns de recreação. Prinz (1980) em sua obra, também lembra que é benéfico evitar que, entre os espaços abertos comuns e as moradias em conjuntos habitacionais, exista cruzamento com estradas e que nas ruas necessárias se dê primazia absoluta ao trânsito lento, para que carros e pessoas possam conviver tranqüilamente, prevendo caminhos seguros a todos os equipamentos, com acessibilidade direta (item 1.4.2.2).

Uma outra solução utilizada é a segregação total do tráfego. Porém Cooper & Sarkissian (1986) alertam que essa proposta, apesar de proporcionar segurança, ocasiona o surgimento de outros problemas, como os residentes se sentirem isolados da vida do entorno vizinho, dificuldade de provisão de bens e serviços e também de acesso aos estacionamentos de carros. Porém, Cooper (1975) declara que, em conjuntos habitacionais, o item mais valorizado por famílias com crianças menores de quatro anos é a

segurança e que um dos principais fatores de segurança para as crianças é a exclusão do movimento de veículos.

Sandels (1972), citado por Darke (1982), diz que, antes dos nove anos, as crianças não têm capacidade para manejar a segurança no trânsito. Já pesquisas feitas na Suécia, mencionadas por Cooper & Sarkissan (1986), informam que crianças até 11 ou 12 anos de idade são vulneráveis às situações de tráfego perigoso, porque vários mecanismos sensoriais importantes (visão, audição e habilidades para diferenciar direita de esquerda, rápido de devagar, perto de longe) podem não estar totalmente desenvolvidos. Os mesmo autores lembram que os pesquisadores do *Departments of Environment and Transport - UK - (1977)* concluíram que a maioria dos acidentes de trânsito envolvem crianças e que a metade dos acidentes com crianças ocorre no entorno de suas casas, até 100 m aproximadamente.

Hurtwood (1975) concorda e cita, com relação ao problema do trânsito, um estudo feito por Sandels (1968), em Estocolmo, que descobriu que as crianças pequenas brincam em suas próprias casas sozinhas ou com companheiros, porque o tráfego é muito perigoso. Dentre as 200 mães entrevistadas nessa pesquisa, 98% disseram que deixariam seus filhos brincarem nos espaços abertos comuns, mesmo que distantes, se eles fossem seguros e supervisionados.

É válido colocar nesse espaço, a opinião diversificada de outros autores em relação ao tema. Apesar do perigo do tráfego veicular, as ruas tradicionais são vistas, por alguns autores, também como um espaço interessante para recreação, inclusive para as crianças. Jacobs (1973) declara que não se criam e educam crianças somente em espaços abertos comuns, com equipamentos e instalações. Elas necessitam de um espaço aberto comum seguro, interessante, animado, com vitalidade, e não especializado, que lhes propicie sensação de liberdade para brincar e aprender. Para a autora, a rua é esse "microcosmos diversificado e real" de relações, ou seja, as

calçadas cumprem essas necessidades. Ela lembra que o contato com pessoas também colabora para a educação das crianças, integrando-as na sociedade, e que nas ruas existem ambientes propícios, pois há vários olhos adultos que exercem vigilância sobre elas e lhes impõem limites.

Santos *et al.* (1985) também compartilham da idéia de Jacobs (1973). Afirmam que a rua, em virtude da diversidade que oferece, é um importante espaço de recreação. Apresenta uma multiplicidade de funções, as apropriações dos lugares vão sendo negociadas no dia-a-dia, e vão variando, e muitas atividades podem coexistir juntas, formando um circuito de relações -- vida pública --, o que alimenta as redes de crédito e confiança, gerando um ambiente seguro, que também provém da vigilância adulta, estreita e próxima. As crianças são atraídas pelas ruas, porque possuem luz, movimento, cor, pessoas, barulho, aventura e, acima de tudo, perigo. Lynch (1980) ensina que, num projeto de calçadas, se leve em consideração que ela é um dos espaços de recreação mais importantes e, ao desenhá-las, é fundamental não esquecer este fato.

Gehl (1987) menciona pesquisas realizadas em espaços abertos comuns de recreação infantil em áreas residenciais, na cidade de Copenhague na Dinamarca, que concluíram serem as crianças as que menos brincam em áreas designadas para recreação. Elas tendem a brincar mais nas ruas, nos estacionamentos e próximo às entradas das habitações. Segundo ele, as crianças preferem estar em lugares que mostrem animação e movimento, que tenham muitas pessoas, tanto crianças como adultos, e proporcionem várias atividades, em última instância, espaços que ofereçam uma variedade de experiências, encontros e trocas.

Entretanto Carr *et al.* (1992) discordam desse posicionamento de romantizar a rua como um *playground* natural; consideram-no uma questão ideal e não real, porque as ruas não são seguras, têm problemas de tráfego, de drogas e de sujeira. Eles sustentam que o *playground* pode desempenhar uma

força na melhoria de nossa cultura pública, porque ele alimenta o senso do todo para a comunidade e reforça normas culturais de tolerância, permitindo que diferentes usuários coexistam tranquilamente no mesmo espaço. Dreyfuss (1981) argumenta que as ruas são monótonas e perigosas. Cooper & Sarkissian (1986) fazem menção a um estudo feito pela Universidade de Edimburgh, em conjuntos habitacionais que apresentavam condições ideais: 85% das crianças usavam os espaços abertos comuns para jogar, e somente 15% brincavam nas ruas e nos estacionamentos.

Posições tão diversificadas indicaram a importância do fator tráfego no nível de satisfação e no uso dos espaços abertos comuns em conjuntos habitacionais populares.

1.4.2.10. Pavimentação

Outro elemento que intervém na definição e na caracterização dos espaços abertos comuns é o *tipo de pavimentação*. Está fortemente relacionado com os fatores aparência (1.4.2.7) e manutenção (1.4.2.5). O material dos revestimentos pode ser usado para alterar as relações de escala, marcar direções nos caminhos, diferenciar circulações, juntar zonas, bem como, determinar uma aparência agradável. Diferentes texturas podem comunicar sensações visuais e tácteis diversas (MARENGO de TAIPA, 1983).

A superfície a ser utilizada depende da atividade recreativa desenvolvida no local. Existe uma variedade de opções de materiais, que são divididos em três categorias principais: orgânicos, inorgânicos e sintéticos. O material orgânico mais comum é a grama, considerada por Butler (1973) como o melhor piso para as áreas destinadas às crianças pequenas, por ser atraente e agradável ao tato. Cooper & Sarkissian (1986) consideram-na uma boa alternativa, embora possa acarretar problemas se utilizada sob os equipamentos recreacionais, visto que sua superfície fica lamacenta e

escorregadia em períodos de chuva e umidade elevada. Uma alternativa para reduzir a ocorrência de alagamentos nos espaços gramados em períodos de chuva é providenciar uma drenagem adequada (CARSTENS, 1990). Para proteger e definir claramente o limite da área com grama, Cooper & Francis (1990) recomendam o uso do meio-fio de concreto. Vários autores (BUTLER, 1973; HURTWOOD, 1975; COOPER & SARKISSIAN, 1986) lembram que a grama tem baixa resistência ao uso, danifica-se facilmente, influenciando negativamente na avaliação da aparência do ambiente, além de exigir muita manutenção (itens 1.4.2.5 e 1.4.2.7).

Outro *material orgânico* utilizado para piso dos espaços abertos comuns é a *serragem de madeira*, cuja principal vantagem é seu baixo custo inicial e sua fácil colocação. Apresenta, contudo, a desvantagem de ser muito absorvente, porque o ar circula entre suas partículas: nas estações úmidas, os materiais derivados de madeira absorvem facilmente a umidade, tornam o piso compacto e, pôr isso, perdem a propriedade de amortecer os impactos. Além disso, esses materiais são facilmente deslocados pela erosão e pelo movimento das pessoas, não são adequados para a circulação de carros de nenê, cadeiras de rodas e bicicletas (SIPES & ROBERTS, 1994). A *areia* é uma boa alternativa para o piso sob os equipamentos recreacionais infantis por seu alto poder de absorver os impactos das brincadeiras (BUTLER, 1973; COOPER & SARKISSIAN, 1986). A sua utilização requer alguns cuidados, tanto de projeto quanto de manutenção. Uma drenagem adequada, enclausuramento das áreas de areia com concreto ou meio fio, ou com paredes de madeira até 25 cm abaixo da superfície de areia são cuidados indispensáveis. Para evitar seu aquecimento excessivo no verão, é válido prever proteção com vegetação ou equipamentos. É necessário que a areia utilizada seja limpa, sem material sólido para não machucar as crianças, sendo regularmente recolocada e espalhada. Além das áreas com areias localizadas junto e sob os equipamentos, é conveniente a colocação de caixas de areia,

para que as crianças possam brincar mais privadamente (COOPER & SARKISSIAN, 1986).

Um recurso interessante a ser utilizado nos projetos destes espaços para definir e separar ambientes é o da troca de pisos aparentes aos pés e aos olhos dos usuários (COOPER & FRANCIS, 1990). Espaços de recreação infantil requerem pisos de materiais que proporcionem um bom amortecimento e baixo nível de impacto. Assim, concreto, asfalto, chão batido ou lajota são desaconselhados (BUTLER, 1973; COOPER & SARKISSIAN, 1986; COOPER & FRANCIS, 1990). Cooper & Sarkissian (1986) mencionam um estudo feito num hospital universitário pelo *Department of the Environment* (1976): três quartos das lesões em crianças ocorridas em *playground* eram motivadas pela superfície dura do local. A única vantagem desse tipo de piso é a facilidade de limpeza. Ele não beneficia as plantas, nem a água da chuva e nem as pessoas, pois tem intoleráveis níveis de impacto (ALEXANDER *et. al*, 1980). Além disso, tem o inconveniente de refletir o sol e produzir brilho ofuscante (COOPER & FRANCIS, 1990).

Ao escolher o revestimento do piso das quadras esportivas é bom lembrar que cada esporte tem uma superfície apropriada e se isso for levado em consideração no projeto e na execução, aumentar-se-á o rendimento dos jogadores e diminuir-se-á o desgastes de bolas e calçados. Os principais tipos de piso destinados a quadras esportivas são:

Cimentado - sua execução é simples e com baixo custo. Seu acabamento pode ser feito com argamassa de cimento e areia quando se tratar de quadras abertas, ou pó de cimento, se for fechada. A demarcação é feita com tinta acrílica resistente a brasão. O material não absorve o impacto dos movimentos dos jogadores, o que pode causar problemas de saúde.

Asfáltico - é um piso de fácil construção. Usado para a prática de quase todos os esportes (basquete, vôlei, handebol, tênis, paddle, etc.).

Apresenta baixo custo de manutenção, mas é duro e não propicia um bom amortecimento.

Saibro - também conhecido como *quadra de terra*, ideal para jogos de tênis, absorve bem o impacto dos jogadores. Sua execução requer muitos cuidados, como prever sistema de drenagem para captar a água absorvida pela terra, que poderá ser do tipo de *espinha de peixe*. Sua manutenção é bastante trabalhosa, são necessárias freqüentes reposições do pó de telha da superfície, além de mantê-la úmida.

Areia - essa quadra é própria para futebol, vôlei, peteca, etc. Seu custo de execução é baixo, também exige dreno. Sua manutenção consiste em alisar a camada de areia e repô-la quando necessário. Absorve bem os impactos dos jogadores.

Emborrachado - é a última palavra em pisos esportivos e indicado para quadras poliesportivas, entretanto seu custo é elevado. A manutenção só é necessária a cada 20 anos.

Os pisos dos passeios dos espaços abertos podem ser revestidos com pedras, lajotas, asfalto, cimento, etc., mas é conveniente que sejam suficientemente planos para facilitar seu uso por pessoas com carrinho de nenê, idosos e deficientes físicos. (COOPER & FRANCIS, 1990). A troca da textura do acabamento do revestimento diante de escadas ou interseções de muito movimento é uma alternativa de segurança, pois estímulos tácteis são importantes para alertar os perigos, principalmente para cidadãos idosos e deficientes físicos (CARTENS, 1990).

O fator pavimentação, em pesquisa, é considerado como dos mais importantes, pois esta relacionado à aparência (1.4.2.7) e a manutenção (1.4.2.5), além de indicar preferência e freqüência de uso, conseqüentemente é capaz de mostrar graus de satisfação e uso dos espaços abertos comuns pelos moradores de conjuntos habitacionais.

Todos os fatores aqui estabelecidos, a partir de um substancial referencial teórico, são considerados relevantes em qualquer investigação científica sobre o tema, uma vez que são capazes de afetar o nível de satisfação e o comportamento do usuário, bem como, sua apropriação e uso dos espaços abertos comuns em conjuntos habitacionais populares.

1.5. Avaliação Pós-Ocupação do Ambiente Construído - APO

A avaliação pós-ocupação do Ambiente Construído é um eficiente procedimento para determinar, de forma científica, o desempenho ambiental dos espaços construídos em uso. Permite que o usuário opine sobre eles, em termos de preenchimento de necessidades, expectativas e valores e, ao mesmo tempo, envolve os projetistas nesse processo, oportunizando uma análise técnica do ambiente investigado, pois leva em consideração o ponto de vista do cliente e o ponto de vista técnico. A avaliação pós-ocupação de caráter técnico se constitui:

- numa análise detalhada dos projetos originais, fotos e documentos do período da construção com o objetivo de resgatar a memória do ambiente construído;
- num cadastro atualizado do espaço construído para estabelecer semelhanças e diferenças resultantes da comparação entre o projetado e o construído.
- na determinação de alterações e modernizações, dos ambientes já em uso, realizadas por supressão de elementos considerados desnecessários ou inadequados, por ampliações e/ou adaptações face à necessidade ou carências constatadas. Esse processo amplia o conhecimento utilizando evidências e possibilita a identificação de uma infinidade de fatores que afetam, positiva e/ou negativamente o nível de satisfação dos usuários e o

nível de desempenho do ambiente construído (PREISER, *et al.* 1987, 1988; ORNSTEIN, 1988, 1989, 1992; AZEVEDO, 1989; SERRA, 1989; DEL CARLO e ORNSTEIN, 1990; LAY, 1992; REIS, 1992; LAY & REIS 1993 e 1994).

No estudo de Serra (1989), é proposto que se façam sistemáticas avaliações pós-ocupação dos conjuntos habitacionais, para reparar deficiências da construção e do projeto, para retroalimentar novos projetos semelhantes e para auxiliar a revisão de normas relacionadas à produção desses conjuntos, assim como as de todo o espaço urbano.

O grau de desempenho dos espaços abertos comuns em conjuntos habitacionais, neste trabalho de pesquisa, é estabelecido através de avaliação pós-ocupação do ambiente construído, que utilizou a **satisfação** e o **comportamento do usuário** como indicadores para avaliar o desempenho ambiental dos espaços abertos comuns em conjuntos habitacionais e para identificar os aspectos de desenho mais importantes que afetam o grau de satisfação dos usuários, em relação a esses espaços, além de também afetar o uso e a manutenção desses ambientes. A seguir abordar-se-ão esses dois aspectos.

1.5.1. A satisfação do usuário

Reconhecendo a necessidade da avaliação dos espaços abertos comuns a partir do ponto de vista do usuário, este trabalho adota a satisfação como um dos indicadores fundamentais. O termo **satisfação** tem sido largamente utilizado em pesquisas, para examinar o nível de relação do usuário com o ambiente físico (LEFEBVRE, 1978; WIGNER, 1978; FRANCESCATO *et al.*, 1979; DARKE, 1982; LAY, 1992; REIS, 1992; LAY e REIS, 1993).

Lefebvre (1978) diz que a satisfação corresponde, nos fenômenos humanos e nas ciências do homem, à noção geral de equilíbrio relativo: quando a satisfação prevalece em um grupo, esse grupo tende a ter uma certa estabilidade. Ao contrário disso, a insatisfação coletiva ou individual sempre estará acompanhada de conflitos nas relações sociais.

Segundo Reis (1992), satisfação pode ser definida como:

"Uma resposta emotiva em relação ao estímulo provocado por um objeto ou situação. Esta resposta emotiva pode ser positiva ou negativa, representada pela própria palavra satisfação e pela palavra insatisfação respectivamente. A complexidade do conceito de satisfação aumenta de acordo com o aumento do nível ou escala de generalidade do objeto considerado, porque esta generalidade representa um conjunto de reações a muitos outros itens específicos e especializados " (REIS, 1992, p. 31).

Wigner (1978) considera que satisfação é produto de um procedimento avaliativo através do processo de comparações, pelo qual um indivíduo compara a sua situação presente com sua situação anterior, com suas metas esperadas, com suas gratificações concretas e com outros indivíduos ou grupos de referência. Acentua, ainda, que um grau maior de satisfação resulta da percepção de comparações favoráveis e um grau menor de satisfação decorre da percepção de comparações desfavoráveis, enfatizando a importância de se procurarem os elementos que afetam a satisfação dos usuários, principalmente quando se trata de conjuntos habitacionais, para retroalimentar projetos futuros.

Apesar da medição do nível de satisfação do usuário ser uma boa estratégia para a avaliação de desempenho dos espaços abertos comuns em conjuntos habitacionais, ela pode não ser suficiente para determinar os fatores que afetam, positiva ou negativamente, a percepção ambiental desses usuários e seu respectivo comportamento. Portanto, é importante também identificar como os espaços influenciam o comportamento dos usuários.

1.5.2. O comportamento do usuário

Para planificar os espaços abertos comuns e o conjunto como um todo, é fundamental que se respeite à essência do homem e da natureza. Como se sabe, existe uma relação entre espaço, percepção e comportamento. Por consequência, cresce a importância da psicologia ambiental, ou seja, de saber a influência que os ambientes construídos exercem sobre a percepção humana e sobre o comportamento dos usuários (LYNCH, 1980).

As pessoas são muito importantes e os espaços as influenciam tanto consciente como inconscientemente. Quanto maior for a qualidade do ambiente e de seus elementos, maior será a probabilidade de seu uso e de sua frequência (DEL RIO, 1990; ORNSTEIN, 1992). Para Rapoport (1978), é fundamental saber como a pessoa percebe, outorga significado e organiza o espaço, porque o homem e sua bagagem influenciam o meio; em contrapartida, o homem pode também ser influenciado pelo ambiente em que vive. Este é capaz de facilitar o estabelecimento de relações ou de inibir as pessoas, até o ponto de atuar como catalisador ou como desencadeador de comportamentos latentes. Lay (1992) concorda com essas afirmações, pois acredita que existe uma relação de reciprocidade entre o homem e o espaço. A autora argumenta que "*(...) os problemas qualitativos que afetam o desempenho dos conjuntos habitacionais têm origem na inadequação de sua proposta arquitetônica, inconsistente e/ou incongruente com as necessidades dos usuários em seu potencial de responsividade ambiental*" (LAY, 1992).

CAPITULO II

2. Metodologia e Instrumentos de Pesquisa

A metodologia, os instrumentos e os procedimentos de pesquisa que passamos a apresentar neste capítulo foram selecionados e utilizados com vistas a identificar os fatores que afetam positiva ou negativamente o desempenho dos espaços abertos comuns, em conjuntos populares. Esta pesquisa caracterizou-se como básica, descritiva, individual, bibliográfica, de campo e interdisciplinar.

O método de pesquisa utilizado abrangeu, portanto, a definição dos critérios de seleção dos conjuntos habitacionais a serem objeto da investigação, a decisão sobre os procedimentos empregados na coleta de dados, a consequente seleção da amostra, e o processo de análise dos dados coletados. O produto da análise foi consubstanciado num estudo comparativo que pretendeu definir convergências, divergências, aspectos comuns e significativos da amostra e que podem servir como insumo para os próximos projetos de espaços abertos comuns de conjuntos habitacionais destinados à população de baixa renda.

2.1. Critérios de seleção dos conjuntos habitacionais

Os conjuntos habitacionais para o estudo comparativo dos espaços abertos comuns de recreação foram selecionados, levando-se em consideração os seguintes critérios:

a) serem resultantes de políticas habitacionais do governo federal dos respectivos países;

b) terem sido financiados pelo Fondo Nacional de la Vivienda (FONAVI), na Argentina, e pelo Banco Nacional de Habitação (BNH), no Brasil, organismos estes responsáveis pela aplicação das políticas habitacionais dos respectivos governos;

c) terem sido construídos pelos órgãos estaduais responsáveis pela execução da política habitacional, respectivamente, Instituto de Vivienda de Corrientes (INVICO), na Província de Corrientes e Companhia de Habitação do Estado do Rio Grande do Sul (COHAB-RS), no Estado do Rio Grande do Sul;

d) estarem localizados em cidades de fronteira;

e) serem destinados à população de baixa renda - até cinco salários mínimos (Anexo I);

f) possuírem um número semelhante de unidades habitacionais;

g) serem conjuntos habitacionais unifamiliares.

A opção de investigar conjuntos unifamiliares deve-se ao fato de que 95% do universo dos núcleos construídos pela COHAB-RS, em todo o Estado, são desse tipo, 2,6% são conjuntos mistos -- unifamiliares e multifamiliares --, e somente 2,2% são conjuntos multifamiliares, concentrando-se, estes últimos, nas maiores cidades do Estado. O mesmo ocorre com a INVICO, cujos técnicos informaram que aproximadamente 90% de sua produção é constituída de conjuntos unifamiliares. Também na Argentina, os conjuntos multifamiliares só são construídos quando a densificação é extremamente necessária, o que ocorre principalmente na capital da Província, onde a INVICO é responsável por 20,35% das construções.

Com base nesses critérios foram selecionados os conjuntos habitacionais identificados como **Conjunto Habitacional de Santo Tomé - CHST** e **Conjunto Habitacional de São Borja - CHSB**, situados, respectivamente na **Argentina** e no **Brasil**.

2.1.1. Caracterização do contexto estudado

2.1.1.1. Conjunto Habitacional de Santo Tomé - CHST

O CHST foi concluído e ocupado no ano de 1980. Está situado em uma zona de baixa densidade, a 1 km do centro, na parte sul da cidade, junto à avenida Patagônia, e ocupa uma área de 7,95 Ha (Figura 2.1).

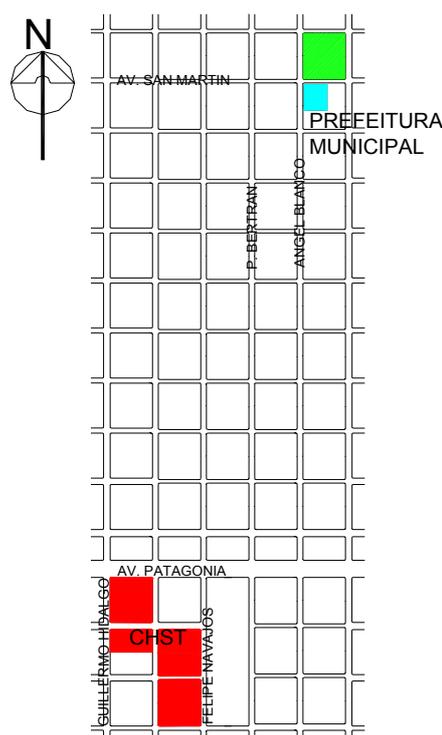


Figura 2.1: Planta de situação do Conjunto Habitacional Santo Tomé - CHST

O conjunto habitacional de Santo Tomé limita-se ao leste com o Complexo Esportivo Municipal, que compreende ginásio de esporte, canchas esportivas e um campo de futebol, ao sul com terreno desocupado e a oeste com pequenos comércios, destinados ao abastecimento diário dos moradores do CHST e alguns lotes desocupados e ao norte com Av. Patagônia. O acesso ao conjunto habitacional se dá através dessa avenida que é uma via perimetral da cidade - tráfego veicular intenso (Figuras 2.1 e 2.2).



Figura 2.2: Planta original do urbanismo do Conjunto Habitacional Santo Tomé - CHST

Pelo modelo urbanístico adotado (Figura 2.2) as áreas de residências foram organizadas em unidades de vizinhança configuradas por 4 superquadras, e foi previsto circulação de veículos em mão dupla no contorno destas, com exceção da rua Patagônia as demais vias são locais. No interior das superquadras foram implantados 7 espaços abertos comuns. Optaram pela segregação de trânsito de veículos entre esses espaços e as habitações internas que estão reunidas em torno desses ambientes. Sendo assim essas casas não possuem acesso direto à rua, e seus moradores não tem espaços destinados a estacionamento de veículos. As demais unidades habitacionais estão localizadas em frente à rua, as mais distantes distam 64 m de um espaço aberto comum e estão conectadas sem cruzamento de trânsito veicular.

Foram construídas 273 unidades unifamiliares geminadas, formando uma banda contínua, a maioria constituída de sobrados de dois pavimentos, sendo que as demais são térrea. Os lotes têm uma área média de 125,54 metros quadrados, a superfície total destinada a eles é de 3,427 Ha, o que corresponde a 43,11% do total da área. A população prevista para o loteamento foi de 1365 habitantes, com o que foi obtida uma densidade bruta de 171,70 hab./Ha e uma densidade líquida de 398,30 hab./Ha.

Todos os espaços abertos comuns foram projetados com o *layout* parecido, com uma área em torno de 1500 metros quadrados e com os mesmos equipamentos recreacionais. Alguns são iguais como o espaço 4 e 6 e o 5 e 7, outros são similares, mas rebatidos como os espaços abertos comuns 1 e 2, bem como, os espaços abertos 4 e 6 em relação aos espaços 5 e 7. Esses 4 últimos espaços recreacionais possuem suas áreas um pouco mais reduzidas, pois no quarteirão, junto à rua Adolfo dos Santos foi previsto mais um lote, ficando mais fechados em relação a essa rua. Já espaço 3 é mais amplo devido não terem sido construídas habitações nos lotes de esquinas, e sendo incorporada estas áreas ao espaço público (Figuras 2.3 a 2.11).

Os espaços abertos comuns estão delimitados e definidos claramente. A proposta para separar os ambientes privados dos comunitários foi a de construir uma mureta baixa de alvenaria rebocada, com acabamento de tijolo à vista, no topo.

O partido adotado nesses espaços oferece ambiente para recreação passiva e ativa. Para o setor de descanso, foi prevista uma área seca, situada na zona central, com um arranjo de bancos com encosto, feitos de tijolos à vista e concreto aparente, que perfazem 24 metros lineares de acento. Os bancos foram dispostos em forma quadrada. Para o setor de atividades de movimento, foram implantados equipamentos recreacionais infantis -- balanço, escorregador, gangorra e trepa-trepa.

A pavimentação adotada para os passeios e os ambientes de estar dos espaços abertos foi lajotas de concreto, rejuntadas com argamassa. As demais áreas de recreação foram enleivadas com grama. O projeto para a iluminação artificial dos espaços abertos no conjunto de Santo Tomé, previu 5 luminárias cônicas montadas sobre colunas com altura de 4m (Figuras 2.3 a 2.11).

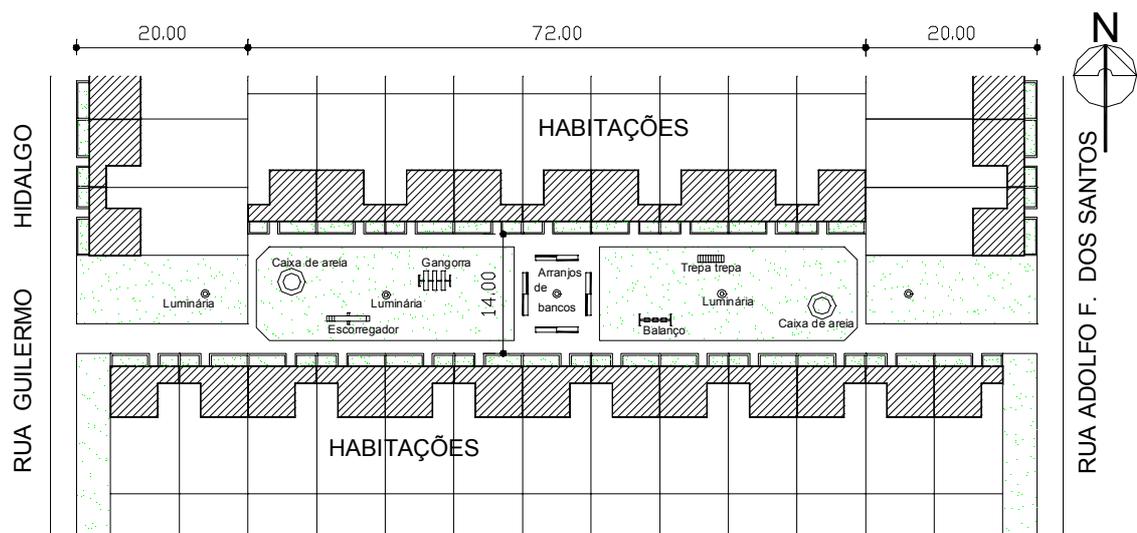


Figura 2.3: Planta Original do Espaço Aberto Comum 1 do CHST

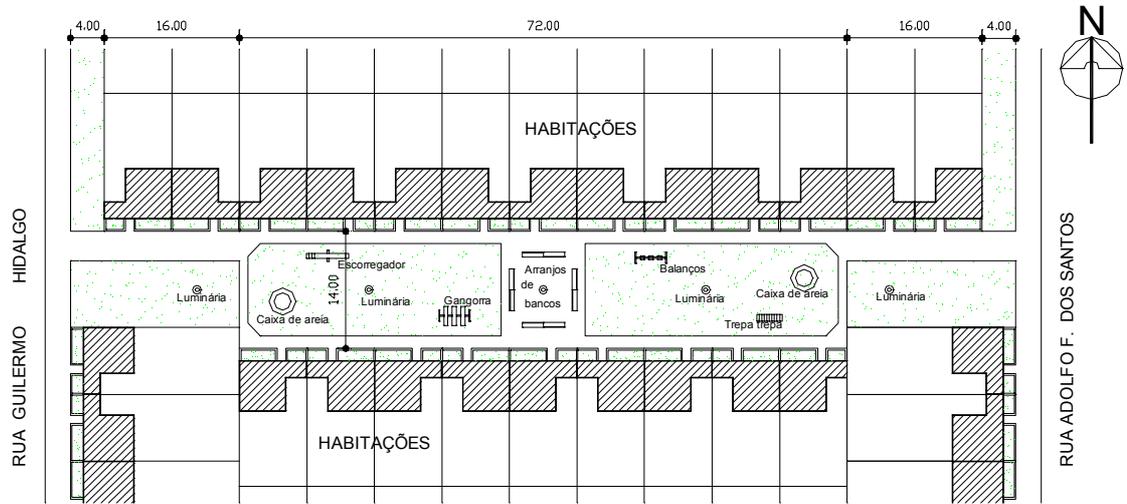


Figura 2.4: Planta Original do Espaço Aberto Comum 2 do CHST

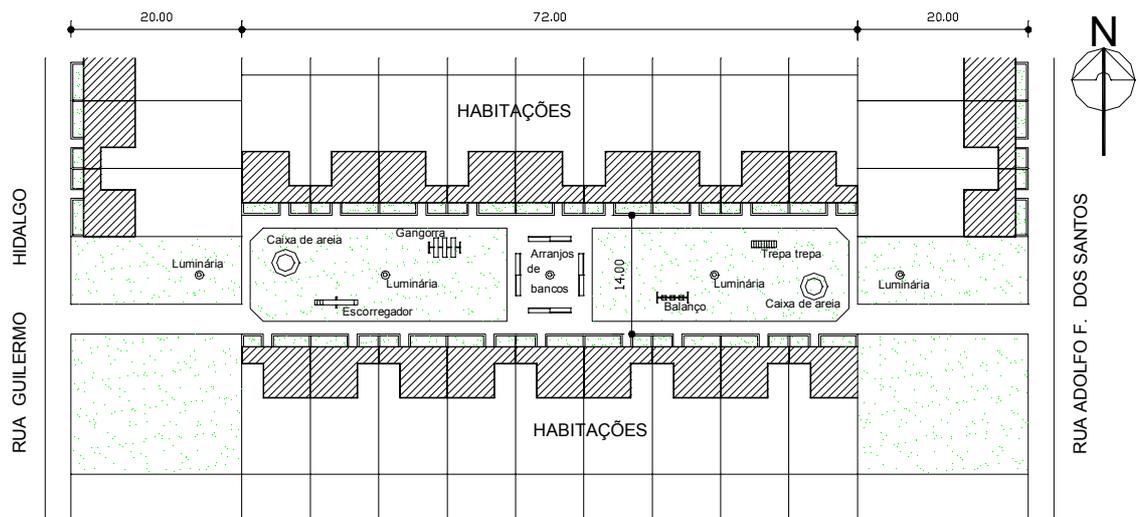


Figura 2.5: Planta Original do Espaço Aberto Comum 3 do CHST

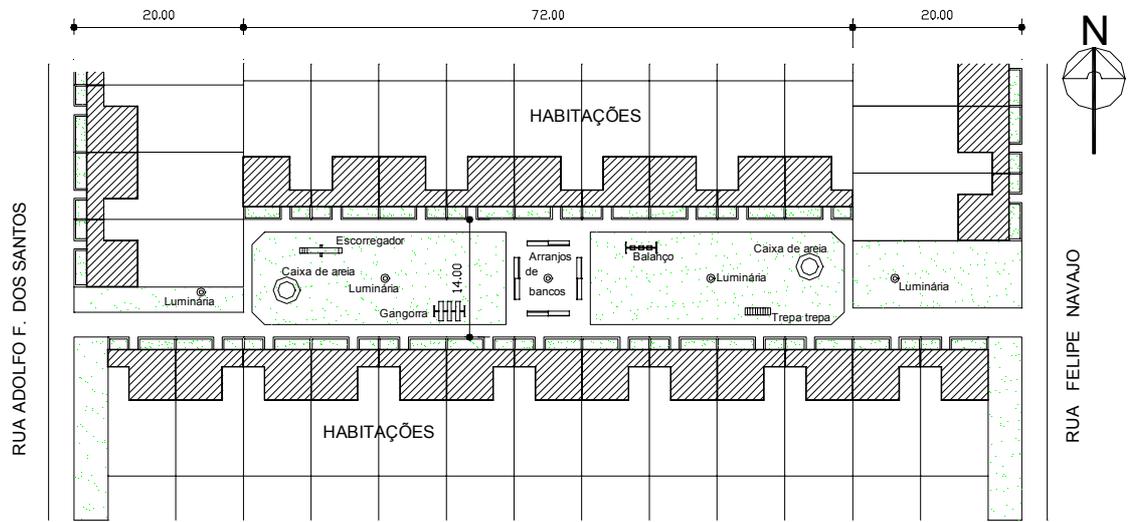


Figura 2.6: Planta Original do Espaço Aberto Comum 4 do CHST

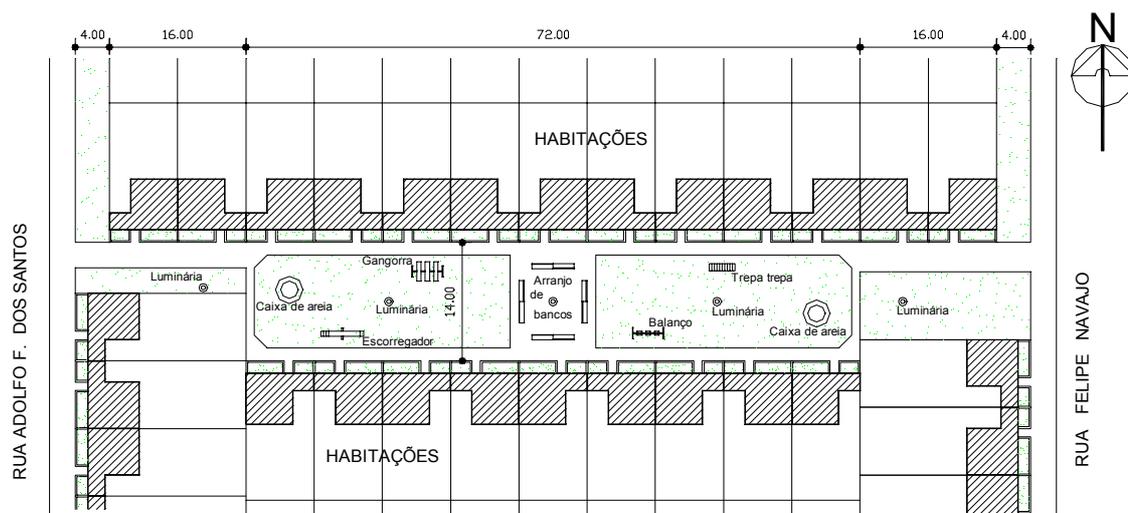


Figura 2.7: Planta Original do Es

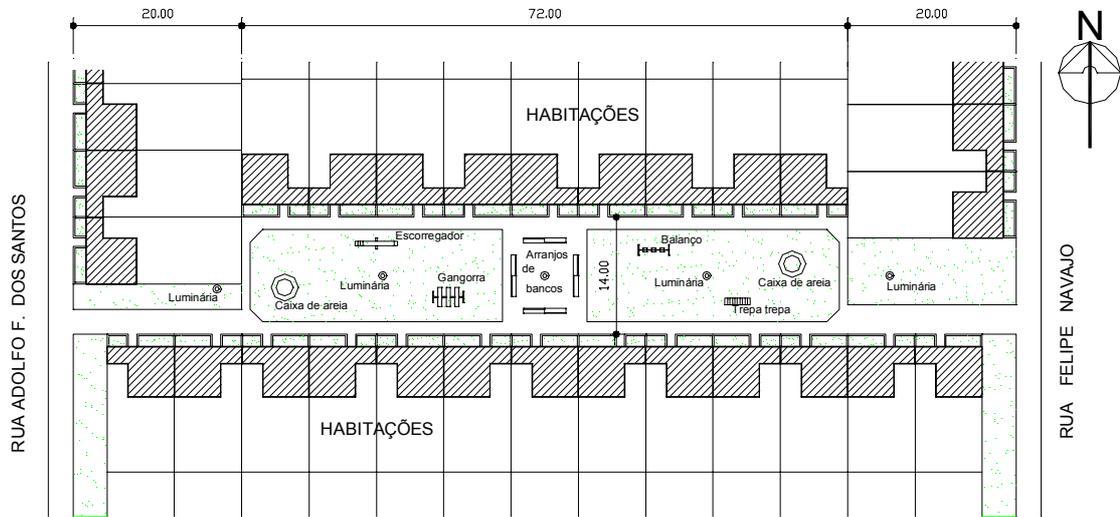


Figura 2.8: Planta Original do Espaço Aberto Comum 6 do CHST

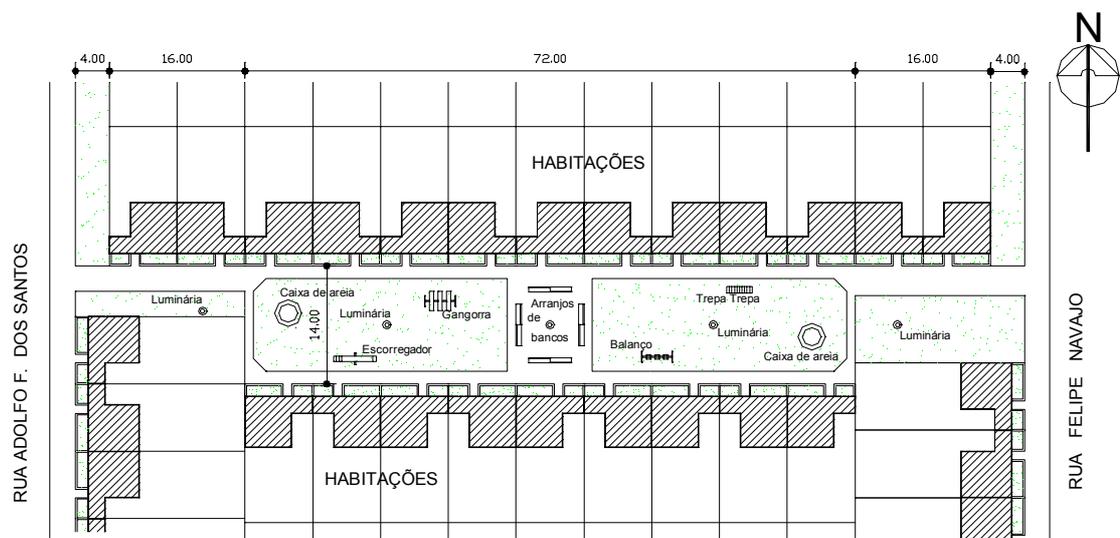


Figura 2.9: Planta Original do Espaço Aberto Comum 7 do CHST



Figura 2.10: Vista atual do Espaço Aberto Comum 6 do CHST - Setor de Descanso separado.



Figura 2.11: Vista atual do Espaço Aberto Comum 6 do CHST - trepa-trepa, luminárias, escorregador, arranjo de bancos e balanços (veículos estacionados).

2.1.1.2. Conjunto Habitacional de São Borja - CHSB

O conjunto habitacional popular de São Borja - CHSB - foi concluído e ocupado no ano de 1977. Está implantado em uma gleba de 9,59 Ha junto à rua José de Oliveira Freitas, em zona de baixa densidade, a 3 km a leste do centro da cidade (Figura 2.12).

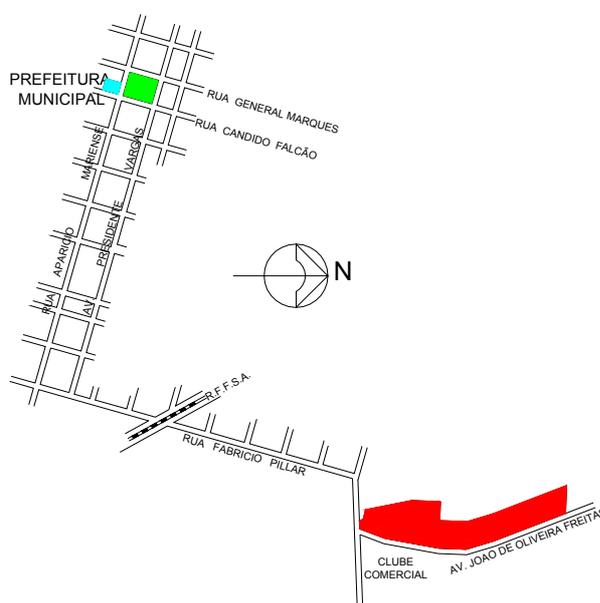


Figura 2.12: Planta de situação do Conjunto Habitacional São Borja - CHSB

Em termos de *layout*, o modelo adotado é o tradicional, o de formar quarteirões retangulares e agrupar as unidades habitacionais de frente para a rua. Foram construídas 286 unidades unifamiliares térreas, distribuídas em 16 quarteirões: 26 habitações são geminadas e 160 são isoladas no terreno (Figura 2.13). A superfície total destinada aos lotes é de 5,85 Ha, o que corresponde a 61% da área total. Os lotes têm uma área média de 204,68 metros quadrados. A população prevista para o conjunto foi de 1430 habitantes, o que representa uma densidade bruta 149,11 hab./Ha e uma densidade líquida de 244,44 hab./Ha.

O partido urbanístico adotado no CHSB optou pelo sistema viário com gabarito de vias locais, estreita e com mão dupla com o objetivo de reduzir a velocidade e o volume do tráfego veicular, por se tratar de um conjunto exclusivamente residencial. Só a rua de acesso ao conjunto, a rua João de Oliveira Freitas possui um gabarito maior, pois é uma rua estruturadora da cidade. Cabe ressaltar que essa rua só contorna o lado leste do conjunto. O *layout* adotado permite que todos os moradores do conjunto possam estacionar veículos no seu próprio terreno.

Como espaços abertos comuns foram previstas 3 praças e 8 áreas verdes menores. Nas praças, foram construídos alguns equipamentos comunitários, como Centro Comunitário e Comércio, na praça 2, e Posto de Saúde, na praça 3. Esses espaços abertos estão localizados próximos aos usuários, estando os mais distantes situados no máximo a 200 metros das habitações (Figura 2.13).

A **Praça 1** foi localizada na parte central do conjunto habitacional, num terreno de 1988,36 metros quadrados. Nesse espaço foi previsto ambientes para recreação passiva, foram implantados bancos de madeira com encosto no perímetro e junto às circulações internas que perfazem um total de 12 metros lineares de assento. Os passeios foram pavimentados com uma camada de saibro compactado; as demais áreas receberam uma cobertura de grama. O projeto de iluminação previu 1 luminária com 4 pétalas, montadas sobre colunas com altura de 4m (Figuras 2.14 e 2.15).

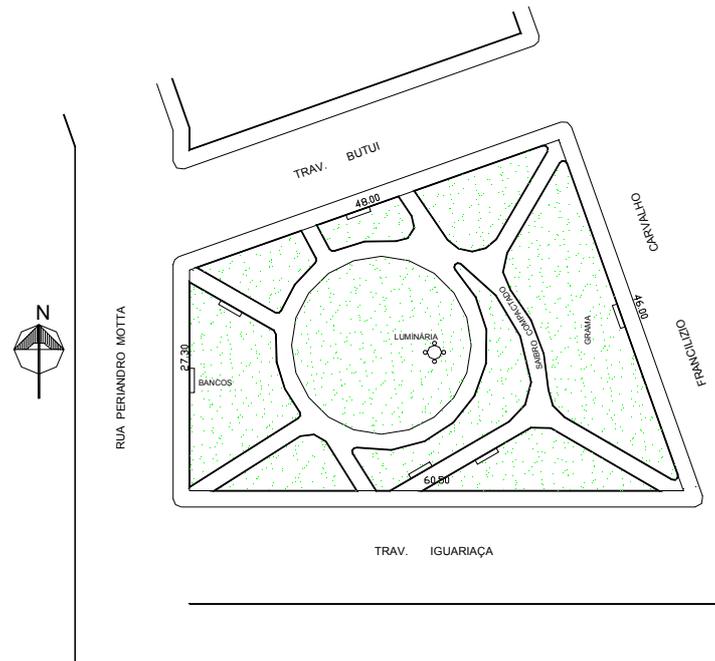


Figura 2.15: Vista atual da Praça 1 do CHSB - bancos e vegetação

A **Praça 2** do CHSB também foi localizada na parte central do conjunto, numa área de 3.689,50 metros quadrados (Figura 2.13). O *layout* dessa praça se constituiu de cinco áreas (Figura 2.16).

Na primeira, junto à rua João de Oliveira Freitas, foi construído o Centro Comunitário, que serve de barreira e protege a praça do tráfego veicular dessa via, que é intenso (Figura 2.17).

A segunda contém um setor para descanso composto por um arranjo de bancos de concreto sem encosto, com um total de 23,80 metros lineares de assento.

A terceira área da Praça 2 do CHSB constitui-se de uma zona de recreação ativa com 2 quadras esportivas. As quadras esportivas da praça 2 foram pavimentadas com concreto, os passeios e as áreas de recreação receberam uma camada de saibro compactado e os demais espaços foram enleivados com grama.

A quarta área da praça 2 do CHSB está implantada próxima à quadra esportiva, contém um setor para atividades passivas formado por dois arranjos de bancos de concreto sem encosto, com um total de 54 metros lineares de assento (Figura 2.18).

Na quinta área, localizada junto à rua Periandro Motta, foi implantado o comércio, que serve para o abastecimento diário dos residentes do conjunto habitacional (Figura 2.19).

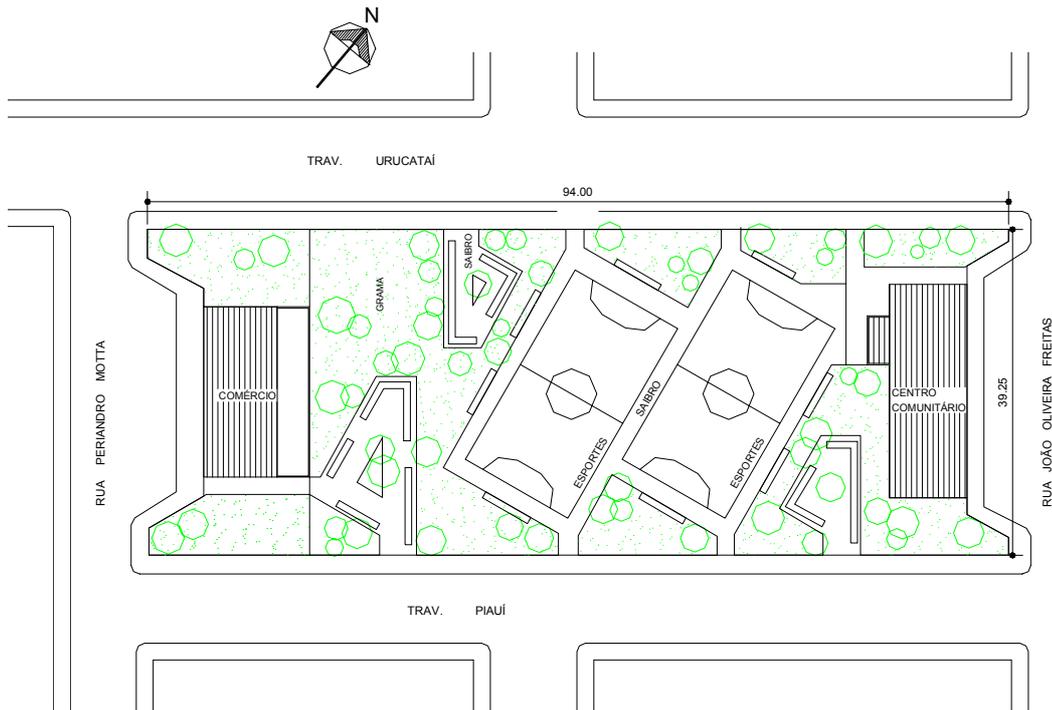


Figura 2.16: Planta Original da Praça 2 do CHSB



Figura 2.17: Vista atual da Praça 2 do CHSB - Centro Comunitário



Figura 2.18: Vista atual da Praça 2 do CHSB Setor de atividades passivas



Figura 2.19: Vista atual da Praça 2 do CHSB - Comércio

A **Praça 3** foi localizada no extremo norte do conjunto habitacional, num terreno de 3.012,80 metros quadrados (Figura 2.13). A proposta do desenho da praça 3 foi criar quatro zonas que oferecessem espaços para o movimento e para atividades passivas (Figura 2.20). A primeira delas, situada junto à rua João de Oliveira Freitas, constitui uma área para recreação infantil, com equipamentos e bancos de concretos sem encosto (Figura 2.21).

A segunda zona da praça 3 se localiza junto à travessa Ponchi e é composta por uma quadra esportiva. Na terceira, em frente à rua Gaspar Ferreira, está implantado o Posto de Saúde e, ao lado desse, está localizada a quarta zona, que contém um setor para descanso, formado por arranjos de bancos de concreto sem encosto. A praça 3 tem um total de 61 metros lineares de assento.

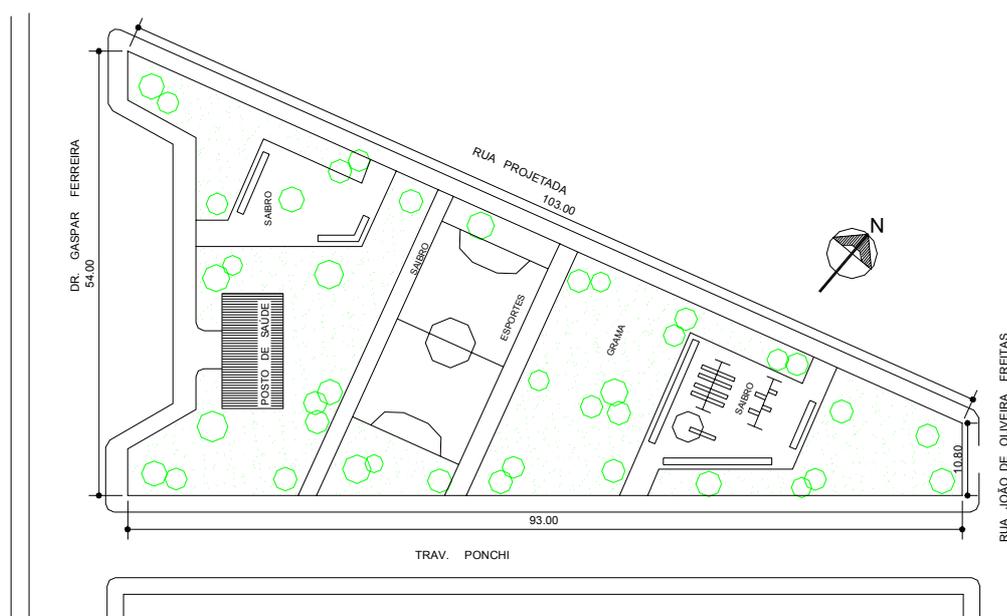


Figura 2.20: Planta Original da Praça 3 do CHSB



Figura 2.21: Vista atual da Praça 3 do CHSB – recreação infantil

No período da implantação do conjunto habitacional nenhuma das 8 áreas verdes foi contemplada com equipamento recreacional e todas receberam grama nativa como pavimentação (Figura 2.13 e 2.22).



Figura 2.22: Vista atual da Área Verde 1 do CHSB

2.2. Coleta de dados

A coleta de dados realizou-se basicamente através de: análise comparativa entre os projetos originais e a situação atual dos espaços abertos comuns, observação do comportamento do usuário e dos traços físicos desses espaços, aplicação de questionários e realização de entrevistas. Optou-se pelo uso de técnicas diversificadas, numa tentativa de diminuir os resultados falsos, tendo em vista as limitações que cada uma apresenta. Está é uma alternativa para compensar as digressões possíveis, conseqüentemente, são identificados com mais confiabilidade, os dados e as informações que estão sendo buscadas para a realização da coleta de dados.

2.2.1. Análise comparativa entre os projetos originais e a situação atual dos espaços abertos comuns de recreação

Comparar o projeto original com a situação atual é uma técnica utilizada para perceber como as pessoas se comportam em relação aos espaços originalmente previstos. São utilizadas, como instrumentos, plantas dos espaços, para registrar as modificações nos ambientes construídos, considerando-se que, no decorrer do tempo, esses espaços tendem a ser modificados pelos usuários, para adaptá-los segundo as suas necessidades, eliminam-se os elementos impróprios e/ou dispensáveis, adequam-nos e/ou ampliam-nos para suprir carências de projeto ou novas demandas. Além disso, também levanta-se os vestígios deixados pelo uso, as rotas de circulações, os desgaste de materiais, as demarcações de território e os aspectos relacionados à vegetação, para assim, poder realizar a comparação com as plantas originais desses espaços (ZEISEL, 1981).

2.2.2. Observação do comportamento do usuário e dos traços físicos dos espaços abertos comuns de recreação

A observação direta é um importante instrumento para entender como as pessoas se comportam em relação aos ambientes em estudo. Através dela, podem-se obter as mais variadas informações, no caso, sobre: os relacionamentos e as atividades desenvolvidas; o uso dos espaços e dos equipamentos, os locais mais ou menos utilizados; as áreas que recebem manutenção e as que são negligenciadas. Para realizar essas investigações relacionadas ao indicador comportamento, utiliza-se plantas dos espaços para fazer anotações, listar as atividades desenvolvidas, registrar o número e as características dos usuários, os lugares e os horários privilegiados, além de outros aspectos considerados relevantes. Conforme o sugerido por Zeisel (1981); Ornstein (1992) e Lay & Reis (1994), para observar-se simultaneamente os usuários e o local, realiza-se, além dos mapas, fotografias e videoteipes.

A observação direta permite a realização de mapas comportamentais, com a descrição do que as pessoas fazem e como se comportam nos ambientes físicos, conforme Sanoff (1991).

2.2.3. Aplicação de questionários

A aplicação de questionários é um procedimento clássico utilizado para levantar questões e descobrir informações de um determinado grupo de pessoas, além de verificar o ponto de vista desses usuários em relação ao produto investigado (WIGNER, 1978; FRANCESCATO *et al.*, 1979; LAY, 1992; ORNSTEIN, 1992; REIS, 1992; LAY & REIS, 1994). Os questionários apresentam a vantagem de poderem ser aplicados simultaneamente a um grande número de pessoas, de permitirem a coleta de um grande número de dados, além de favorecerem a análise e a comparação das respostas

fornecidas pelos informantes (ZEISEL, 1981). Mas, corre-se o risco de chegar a conclusões erradas sobre o comportamento humano, quando esse for o único instrumento para avaliá-lo (SANOFF, 1991).

2.2.4. Realização de entrevistas

Outro instrumento utilizado para obter informações é a entrevista ao usuário. Sua opinião é considerado fator relevante para a análise de um espaço, porque complementa os demais instrumentos utilizados na pesquisa, segundo orientação de Zeisel (1981), principalmente quando se trata de avaliar um ambiente construído. A entrevista permite o resgate de informações sobre toda a evolução do espaço investigado - projeto, obra, uso e manutenção (ORNSTEIN, 1992), além de consentir que o usuário opine livremente, oportunizando explicações mais esclarecedoras do que respostas de questionários ou observações (LAY & REIS, 1994).

2.3. Seleção da amostra

Para contemplar e conhecer a opinião dos usuários, levando-se em consideração as situações normais de localização das habitações em relação aos espaços abertos recreacionais, em um conjunto habitacional, optou-se por aplicar 50% dos questionários aos mutuários residentes em frente aos espaços abertos comuns e 50% a pessoas que não moram em frente a esses espaços. Os residentes questionados foram selecionados aleatoriamente nas duas estratificações já citadas (Figuras 2.23 e 2.24). Os usuários entrevistados também foram escolhidos de forma casual entre os que utilizavam os espaços abertos comuns, porém, teve-se o cuidado de se tentar saber a opinião das diversas faixas etárias.



Figura 2.23: Localização das habitações dos moradores selecionados para a amostra no CHST

2.4. Desenvolvimento do trabalho de campo

No período de 15 a 31 de julho de 1994, realizou-se a coleta dos dados a respeito de todos os espaços abertos dos dois conjuntos, utilizando os indicadores já mencionados - comportamento e satisfação - para investigar, comparar e identificar, os fatores preliminarmente selecionados e que podem afetar mais intensamente a percepção de desempenho positivo ou negativo desses espaços.

Para detectar as alterações feitas pelos moradores nos espaços abertos comuns dos conjuntos habitacionais em Santo Tomé e em São Borja, primeiramente foi feito o levantamento da memória dos projetos, através dos originais, documentos e outros dados, nos arquivos da INVICO-CO e COHAB-RS -- órgãos responsáveis pela execução da política habitacional dos dois países --, e ainda uma média, em cada instituição, de 9 entrevistas abertas com técnicos envolvidos nos projetos e na construção dos conjuntos habitacionais da amostra. Posteriormente, foram feitas observações diretas nos espaços abertos comuns, para elaborar cadastro atualizado dos projetos. Foram observados todos os espaços abertos comuns dos dois conjuntos e anotadas nos mapas as modificações e as intervenções físicas ocorridas nesses espaços, para identificar o grau de correspondência do projeto original com a situação atual. Nesta ocasião, também foram tiradas fotografias, diapositivos e vídeos. Essas informações foram comparadas com as plantas originais e outros dados obtidos anteriormente.

Após obter as informações referentes aos aspectos físicos dos espaços abertos comuns, um total de 60 questionários foi aplicado aos moradores dos dois conjuntos habitacionais durante o período indicado, 30 em cada um deles, para conhecer as suas percepções e seu nível de satisfação

sobre os vários aspectos dos espaços abertos comuns de seus respectivos conjuntos. Os questionários foram feitos sem a identificação do respondente, porém foram anotados o endereço do imóvel e outros dados pessoais do informante. Para estabelecer o nível de satisfação dos usuários em relação aos fatores, anteriormente identificados e selecionados, utilizou-se como medida uma escala com três pontos (ver anexo II). O questionário foi respondido pela pessoa selecionada, com exceção da questão 8, que foi aplicada a todos os moradores da cada habitação escolhida como parte da amostra, com o objetivo de investigar, como utilizam os espaços abertos comuns recreacionais, os demais membros da família de diferentes faixas etárias, estratificadas em: crianças de 0 a 6 anos incompletos; crianças de 6 a 12 anos incompletos; adolescentes de 12 a 18 anos incompletos; adultos de 18 a 60 anos incompletos e idosos com mais de 60 anos, conforme indicação expressa por Butler (1973); Seeley (1973); Cooper (1975); Medeiros (1975) e Anderson (1982). Pesquisou-se frequência, turno, tipo de atividade desenvolvida nesses espaços. As respostas a esta questão serviram de base para a análise da apropriação e uso dos espaços abertos comuns.

Além das entrevistas abertas citadas, feitas aos técnicos envolvidos no processo de produção dos conjuntos habitacionais investigados, também foram realizadas em torno de 10 entrevistas estruturadas com os usuários segmentados por faixa etária, nos próprios espaços abertos comuns, em cada conjunto (ver anexo III). Estas entrevistas foram realizadas durante a recreação, mediante a cessão, por parte dos usuários, do período de tempo necessário para respondê-los.

Foram realizadas, também, observações em cada espaço aberto comum dos dois conjuntos, com o fim de elaborar os mapas comportamentais para conhecer as formas de apropriação e uso desses espaços e verificar se estes constituíam ou não, fator de integração e de socialização da comunidade.

Os usuários segmentados em 6 faixas etárias foram observados nos seus momentos de recreação com o objetivo de conhecer suas preferências, ações e lugares favoritos; ver o entrosamento entre usuários da mesma faixa etária e entre os usuários de vários grupos de idade -- interação social --; examinar como os usuários percebiam, usavam e se apropriavam do espaço -- interação entre o indivíduo e o espaço físico.

Na confecção desses mapas, foram anotados o tempo de observação, a faixa etária, o número de pessoas, sua localização, se estavam sozinhas ou em grupos e o tipo de atividade que desenvolviam. Essas observações foram feitas durante 15 dias, de segunda a sexta-feira e nos fins de semana, três vezes ao dia, na metade da manhã, da tarde e no início da noite. Optou-se pela diversificação de horário, dias da semana, clima para que fossem mais diferenciados e houvesse maior riqueza de detalhes e informações. Posteriormente fez-se uma *média do total das observações* e tabulou-se os resultados nos mapas comportamentais apresentados neste estudo. Registra-se que, no período das observações, ocorreram algumas oscilações no clima, mas na maior parte do trabalho de campo os dias foram ensolarados e amenos.

Neste capítulo descreveu-se a metodologia usada na pesquisa. No capítulo seguinte será apresentado os resultados das observações diretas, tanto do espaço físico, quanto do comportamento do usuário dos espaços abertos comuns, segmentado por faixas etárias, assim como o resultado dos questionários e das entrevistas aplicadas aos residentes dos conjuntos habitacionais investigados, para conhecer o uso dos espaços abertos comuns, quanto à frequência, turno e tipo de atividade desenvolvida e também para conhecer o nível de satisfação dos usuários com os conjuntos habitacionais, com os espaços abertos comuns e com os diversos fatores que o compõem, selecionados preliminarmente na revisão da literatura.

Capitulo III

3. Resultados

Serão apresentados nesse capítulo os resultados provenientes das observações diretas realizadas nos espaços abertos comuns do CHST e do CHSB com vistas a detectar as modificações introduzidas nos *layout* original pelos respectivos moradores e os procedimentos adotados para sua manutenção. Essas observações, também, deram ensejo à elaboração de mapas comportamentais que, juntamente com as respostas das entrevistas e de parte dos questionários, auxiliaram a percepção de como os usuários de diferentes faixas etárias se apropriam e costumam utilizar os espaços abertos comuns dos referidos conjuntos habitacionais. Os resultados provenientes das respostas dos questionários também permitiu conhecer o nível de satisfação dos usuários com seu conjunto habitacional, com seus espaços abertos e com os fatores contextuais.

3.1. Modificações, manutenção e uso dos espaços abertos comuns

As observações diretas, as respostas às entrevistas e aos questionários aplicados no CHST e no CHSB buscando, então, atingir o proposto nos objetivos específicos permitiram:

1. identificar o grau de correspondência do projeto com a realidade, verificando:

- a- supressão de elementos desnecessários e ou inadequados;
- b- inadequação de projeto;
- c- acréscimos e/ou adaptações de carências;

2. analisar a manutenção dos espaços abertos comuns, como elementos desencadeadores de:

- a- sentimento de responsabilidade;
- b- apropriação e uso;

3. conhecer o uso, dos espaços abertos comuns, por faixa etária, quanto à :

- a- frequência;
- b- turno;
- c- tipo de atividade.

As técnicas utilizadas para coleta de dados foram:

- a- observação direta: que resultou nas plantas atuais dos espaços abertos com as modificações e nos mapas comportamentais;
- b- aplicação de questionários (questão 8) aos moradores de ambos conjuntos, sintetizados nas tabelas;
- c- realização de entrevistas aos técnicos da INVICO e COHAB-RS, e aos usuários dos espaços abertos comuns dos dois conjuntos.

Com os dados coletados foi possível estabelecer por quem, quando, como, onde e por que são usados os espaços abertos comuns, as modificações realizadas, as condições de uso e manutenção.

3.1.1. Análise das modificações físicas e da manutenção dos espaços abertos comuns

3.1.1.1. Conjunto Habitacional de Santo Tomé - CHST

Desde a construção do CHST, em 1980, até hoje, não houve grandes modificações nos espaços abertos comuns, só foi construído uma capelinha no espaço aberto 3 e não foi acrescentado nenhum novo equipamento. As diferenças existentes nesses espaços relacionam-se a eliminação ou troca do local de alguns equipamentos recreacionais - escorregador, trepa-trepa, balanços, gangorra e caixas de areia, ou à limpeza, conservação e manutenção, tanto desses equipamentos, quanto do ambiente. De maneira geral, não existe reparo e conservação dos equipamentos que foram avariados, com o passar do tempo, pelo uso ou até mesmo por vândalos, e, como resultado, alguns não apresentam condições de uso, principalmente os balanços e gangorras, talvez porque o material utilizado nos assentos destes equipamentos seja a madeira, o que exige um maior cuidado de conservação. As outras alterações que houveram são de caráter paisagístico (Figuras 3.1 a 3.14).

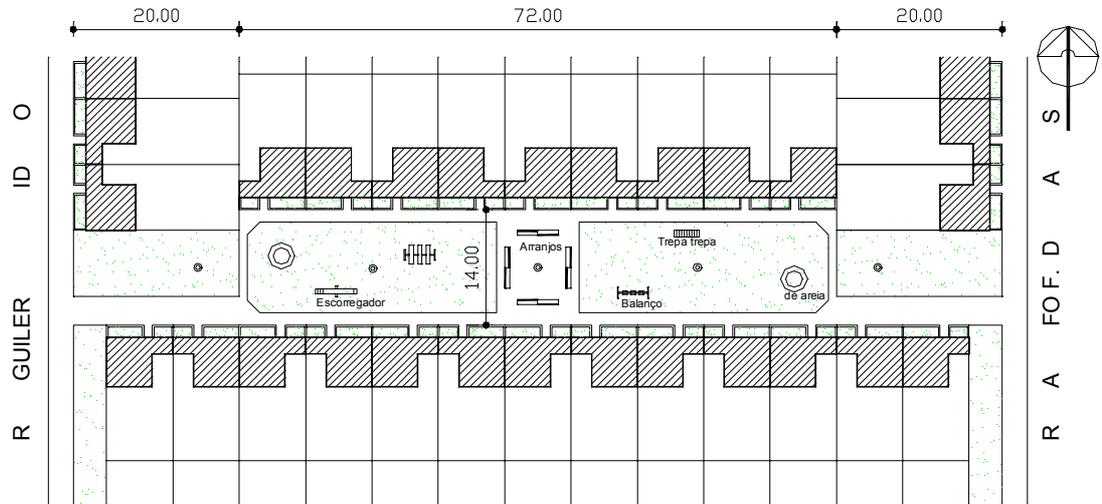


Figura 3.1: Planta Original do Espaço Aberto Comum 1 do CHST

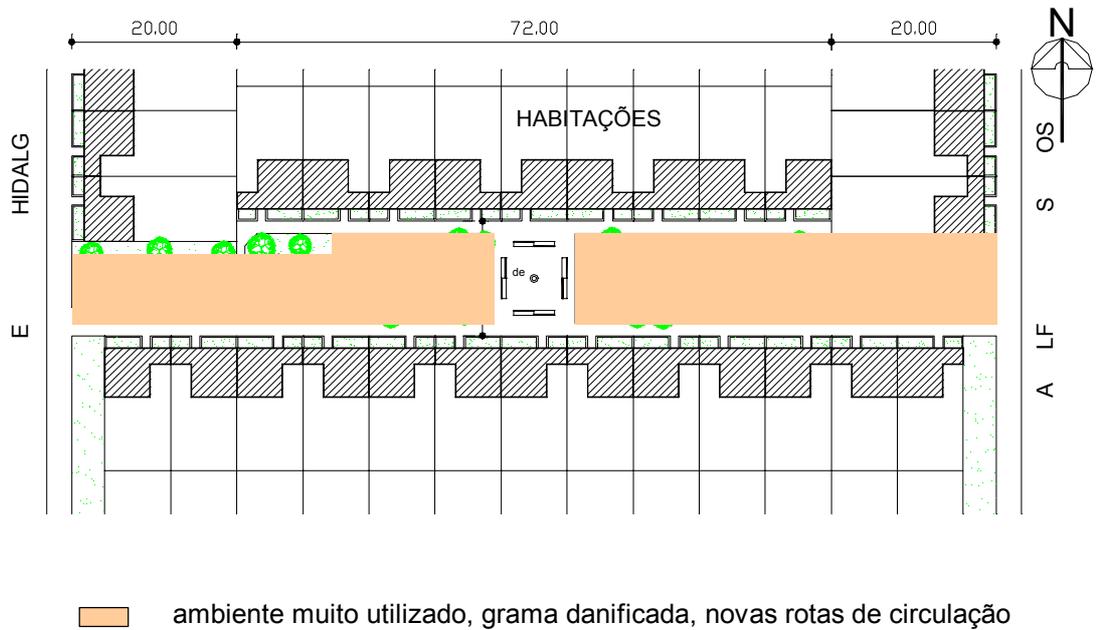


Figura 3.2: Planta com as modificações físicas do Espaço Aberto Comum 1 do CHST - acréscimo de vegetação, eliminação do escorregador, da gangorra e das cadeirinhas do balanço, uma caixa de areia transformada em jardineira

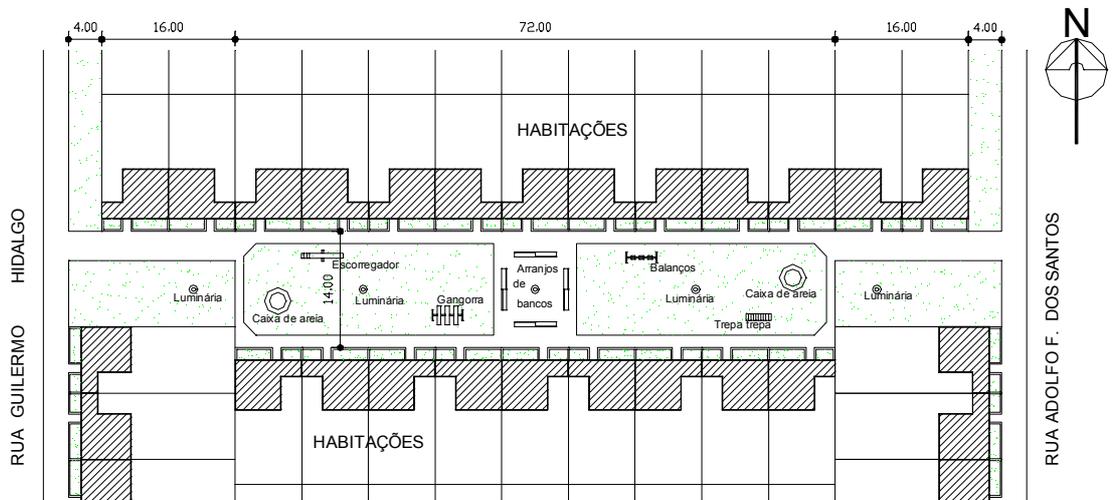
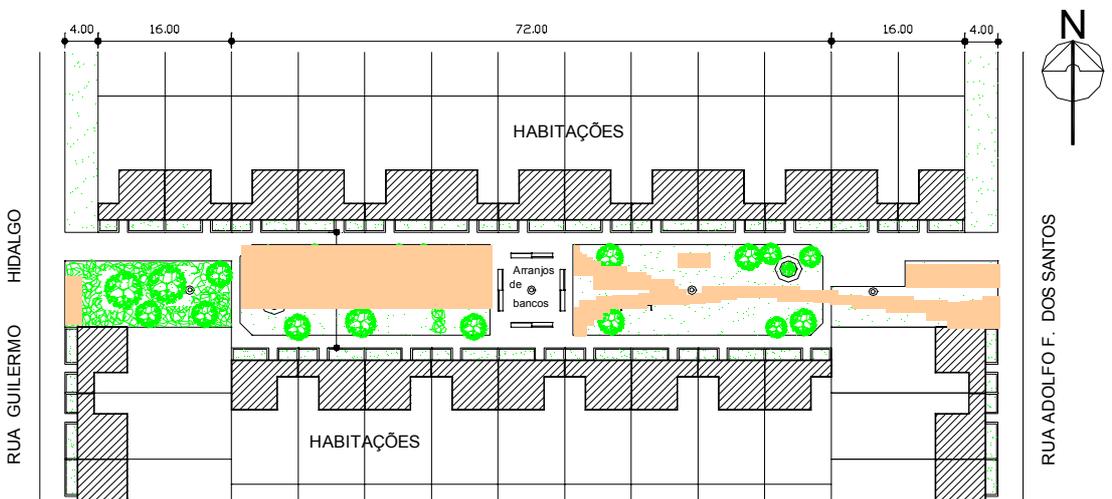


Figura 3.3: Planta Original do Espaço Aberto Comum 2 do CHST



 ambiente muito utilizado, grama danificada, novas rotas de circulação

Figura 3.4: Planta com as modificações físicas do Espaço Aberto Comum 2 do CHST - acréscimo de vegetação, eliminação do escorregador e da gangorra, uma caixa de areia rcação de estacionamento de veícul
pavimentação e toldo, em frent em da rua Adolfo dos Santos.

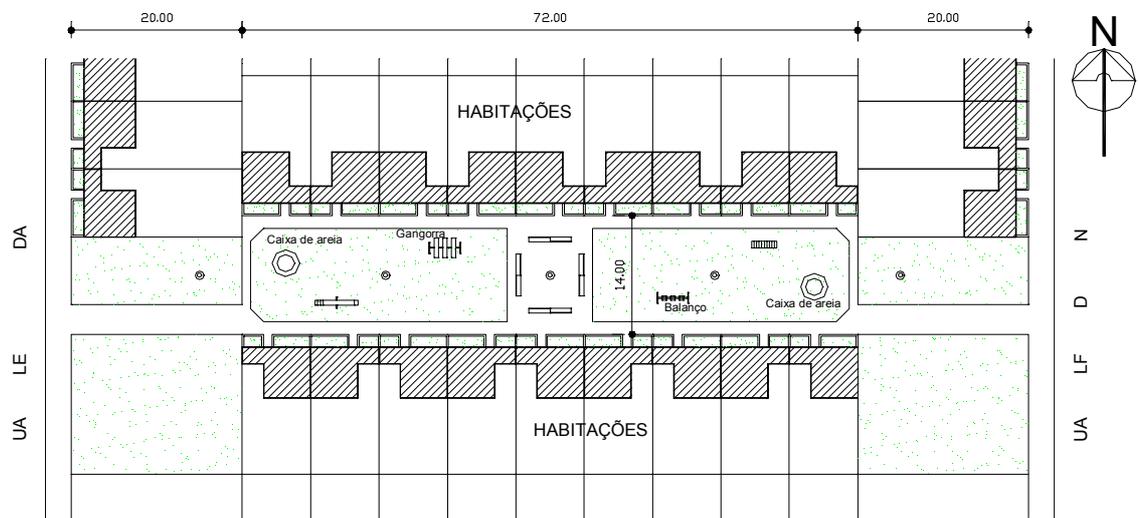
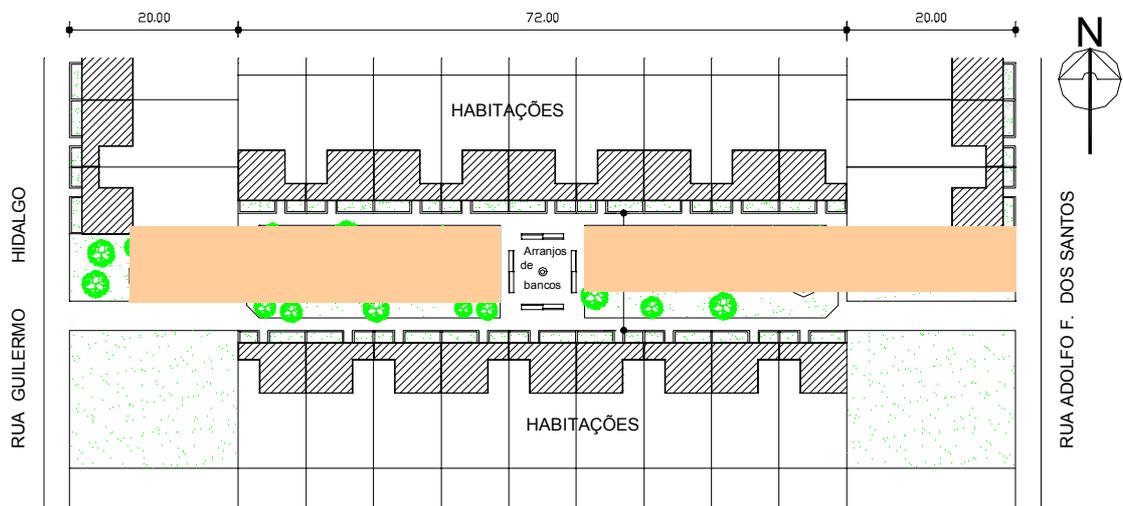


Figura 3.5: Planta Original do Espaço Aberto Comum 3 do CHST



 ambiente muito utilizado, grama danificada, novas rotas de circulação

Figura 3.6: Planta com as modificações físicas do Espaço Aberto Comum 3 do CHST - acréscimo de vegetação e de uma capelinha, eliminação do escorregador e das madeiras de assento da gangorra e das cadeirinhas do balanço, uma caixa de areia transformada em jardineira.

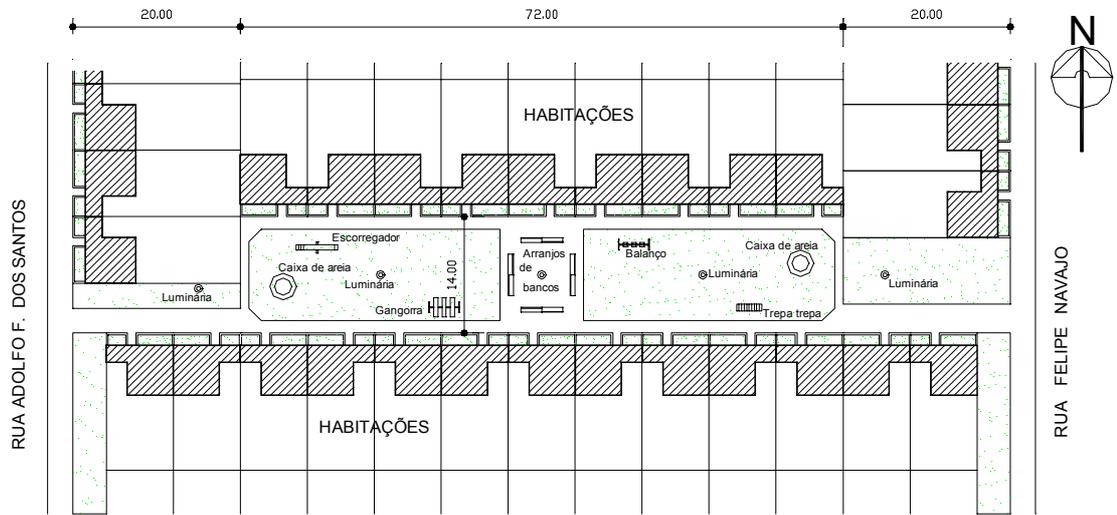
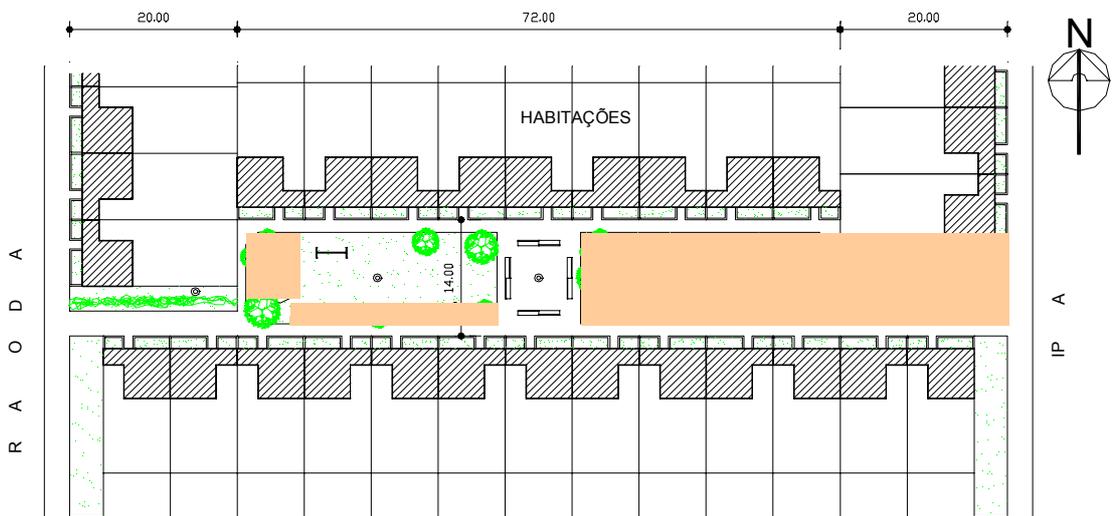


Figura 3.7: Planta Original do Espaço Aberto Comum 4 do CHST



 ambiente muito utilizado, grama danificada, novas rotas de circulação

acréscimo de vegetação, eliminação do balanço e das madeiras de assento da gangorra

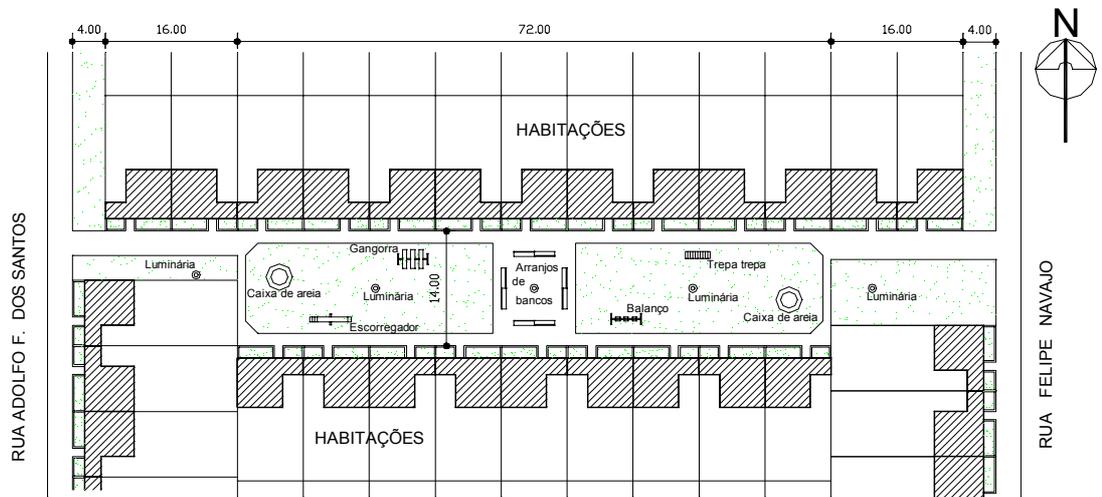
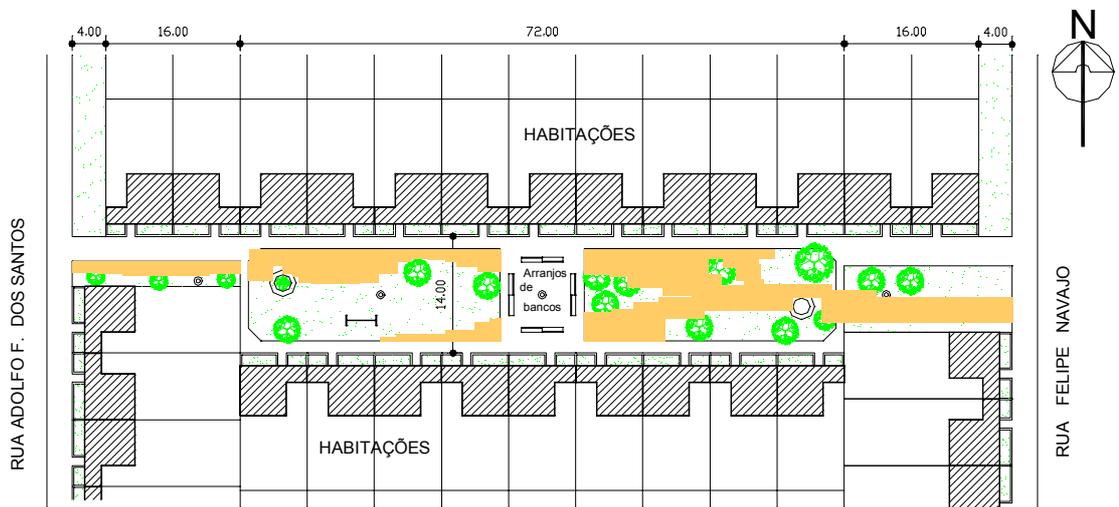


Figura 3.9: Planta Original do Espaço Aberto Comum 5 do CHST



 ambiente muito utilizado, grama danificada, novas rotas de circulação

Figura 3.10: Planta com as modificações físicas do Espaço Aberto Comum 5 do CHST - acréscimo de vegetação, eliminação do escorregador, do balanço, do trepa-trepa e da madeira de assento da gangorra, um das caixas de areia foi transformada em jardineira.

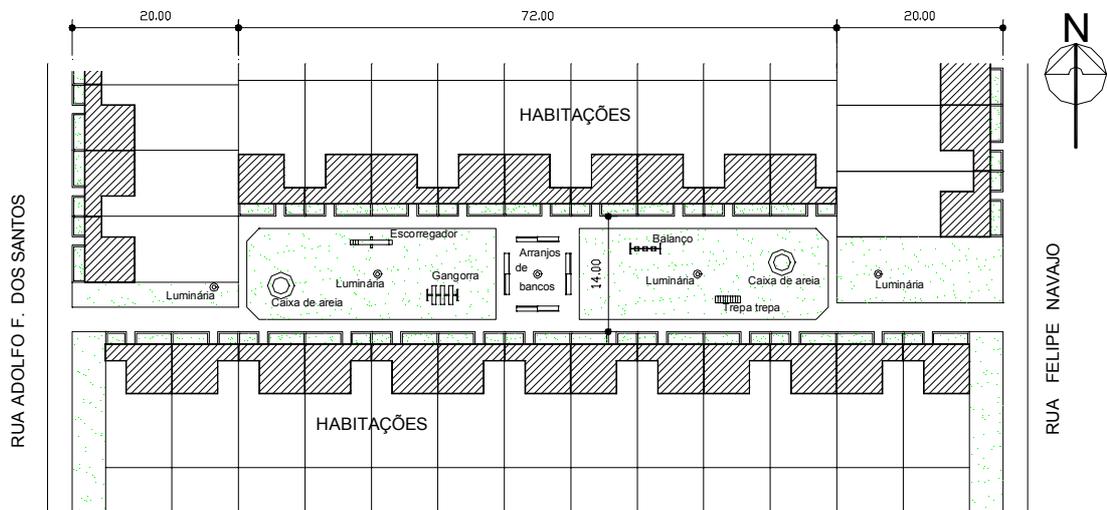


Figura 3.11: Planta Original do Espaço Aberto Comum 6 do CHST



 ambiente muito utilizado, grama danificada, novas rotas de circulação

Figura 3.12: Planta com as modificações físicas do Espaço Aberto Comum 6 do CHST - acréscimo de vegetação, eliminação da madeira de assento da gangorra e de duas cadeirinhas do balanço, uma caixa de areia transformada em jardineira, pavimentação com lajota em frente a uma habitação, à sudoeste do arranjo de bancos – executada pelo morador.

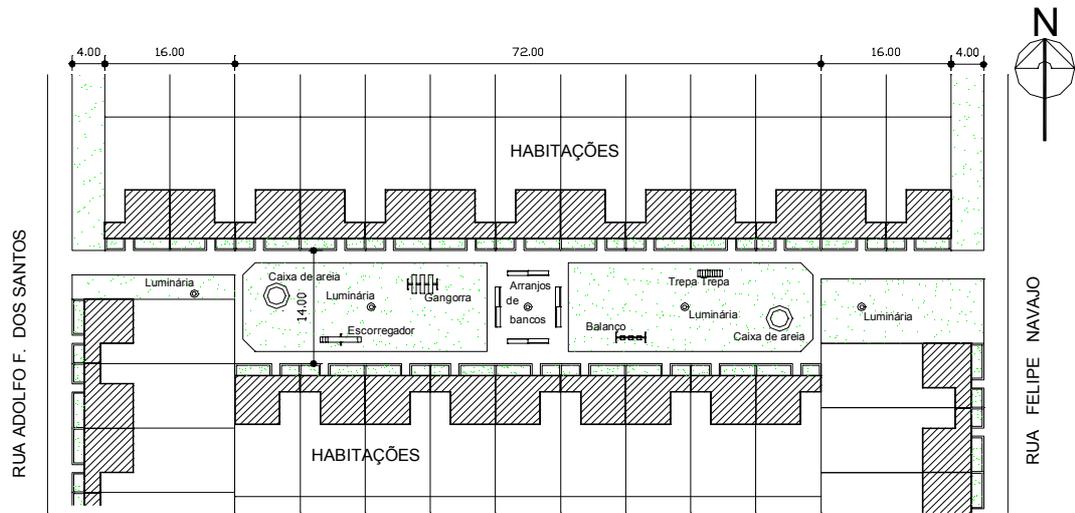
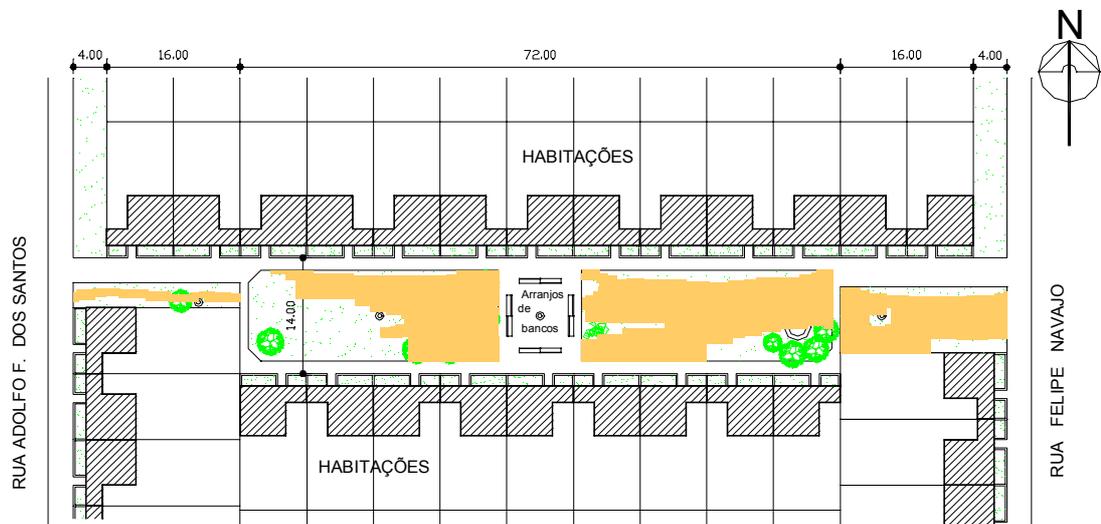


Figura 3.13: Planta Original do Espaço Aberto Comum 7 do CHST



 ambiente muito utilizado, grama danificada, novas rotas de circulação

F
Comum 7 do CHST - acréscimo de vegetação, eliminação da madeira de assento da gangorra, das cadeirinhas do balanço, do trepa-trepa e de uma caixa de areia.

Os residentes do conjunto são os responsáveis pelo plantio da vegetação e pela manutenção, conservação e limpeza desses espaços. Ficou constatado, através de entrevistas, que logo após a inauguração do conjunto, os moradores formaram uma associação, compraram os equipamentos e materiais necessários e contrataram uma pessoa para fazer a limpeza e a manutenção dos espaços abertos comuns. A ocorrência de conflitos posteriores, ocasionadas entre outras razões, porque alguns não pagavam o valor estipulado ou as discussões sobre cuidados e formas de manutenção, levaram à desativação da associação. Em consequência, ficou definido informalmente que essa atividade seria de responsabilidade das pessoas que moram em frente aos espaços abertos comuns, excluindo, então, da responsabilidade, os residentes que moram de frente para a rua. Alguns usuários envolveram-se efetivamente na atividade e apropriaram-se desses espaços, personalizando-os com diferentes tipos de materiais, vegetais e inertes (Figura 3.15). A vegetação existente é constituída de árvores de médio e grande porte, arbustos e herbáceos. Outros moradores, entretanto, não assumiram essa tarefa. Como se pode perceber na fala de uma moradora, que reside em frente ao espaço aberto comum 2:

"O s vizinhos que tem carro estacionam na praça, eu não possuo, mas não impeço os que tem de utilizá-las como estacionamento. Também as crianças danificam as plantações. Por isso, não tenho o jardim como gostaria, não posso plantar as vegetações e flores que desejaria. Outros vizinhos não plantam ou não cuidam porque não gostam desse tipo de atividade ou não dispõem de tempo".

Este depoimento é um exemplo da disparidade de cuidados nestes ambientes (Figura 3.15 e 3.16). Não se pode generalizar conclusões, sobre um ou outro espaço aberto, pois as disparidades ocorrem dentro de um

mesmo espaço, assim como na frente de uma habitação existe um jardim bem cuidado, ao lado deste, existe outro totalmente abandonado. O ambiente que apresenta um pouco mais de uniformidade de conservação é o espaço aberto comum 2, pois um dos moradores é o paisagista e decorador da cidade e apresenta algumas características de líder. Ele tenta fazer um trabalho de conscientização da importância da vegetação, e também mantém o espaço, em frente a sua casa, muito bem cuidado, o que influencia alguns vizinhos.

As zonas gramadas em todos os espaços abertos comuns do CHST estão danificadas, principalmente devido ao seu uso intensivo, nos espaços das brincadeiras infantis, nas novas rotas de circulação, nas áreas informais de fluxo de veículos. Também há problemas com a reposição de lâmpadas nos postes de iluminação pública desses espaços, o que é de encargo da Prefeitura Municipal. Apresentamos, a seguir, o depoimento de um adulto de 47 anos que mora na frente do espaço aberto comum 3:

"O problema é que as autoridades não cumprem suas obrigações, não mantêm a limpeza, dificilmente recolhem o lixo, não controlam o estacionamento, bem como o trânsito de veículos nos espaços abertos. Não promovem um trabalho de conscientização dos moradores, mostrando seus direitos e deveres e a importância da solidariedade".



Figura 3.15: Vista parcial do Espaço Aberto Comum 2 do CHST
bem mantido



Figura 3.16: Vista parcial do Espaço Aberto Comum 7 do CHST
mal con o.

Junto ao CHST, está implantado o Complexo Esportivo Municipal, que oferece espaços para desenvolver atividades esportivas como futebol de salão, vôlei e basquete no Ginásio e futebol de campo na parte externa (figuras 3.17 e 3.18).



Figura 3.17: Vista do Complexo Esportivo Municipal



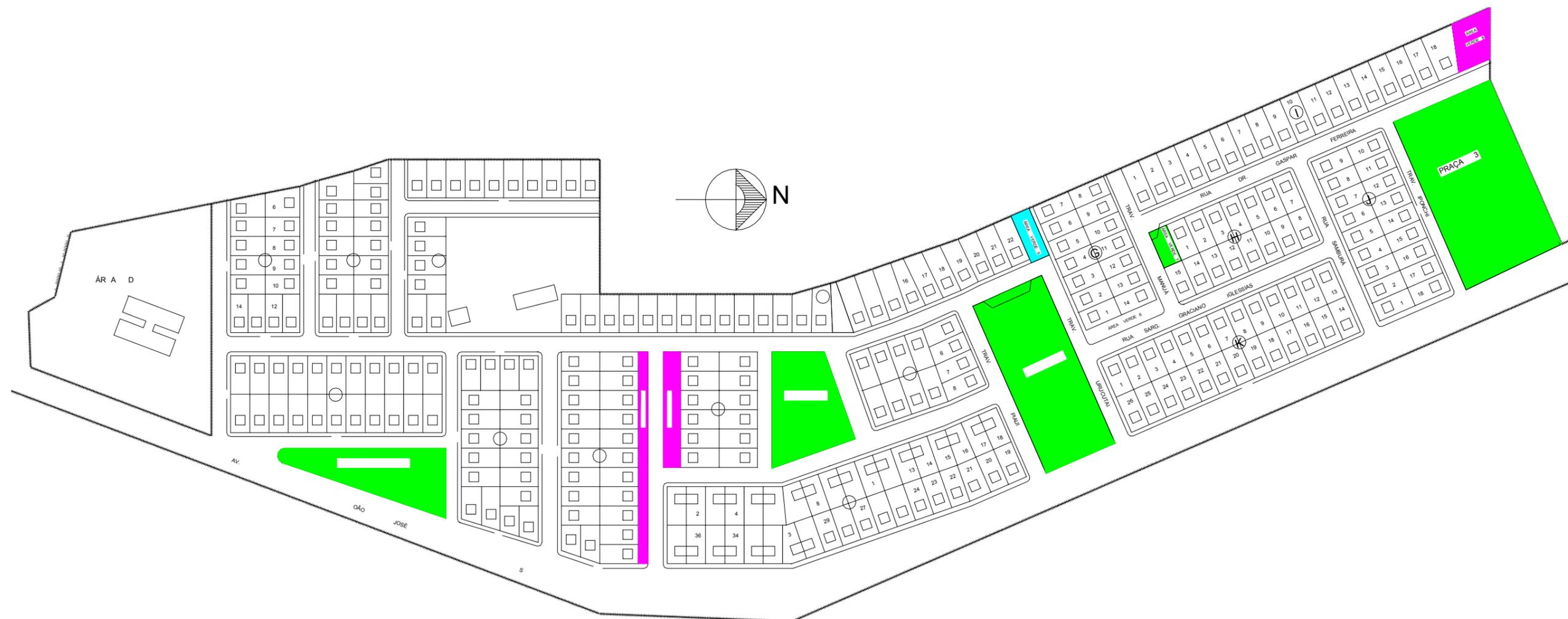
 **Complexo Esportivo Municipal**

Figura 3.18: Planta de localização do Complexo Esportivo Municipal junto ao CHST – outro espaço próximo ao CHST utilizado para recreação

3.1.1.2. Conjunto Habitacional de São Borja - CHSB

No projeto original do Conjunto Habitacional de São Borja, foram previstas três praças e oito áreas verdes. As áreas verdes 2, 3, 4, 6 e 8, talvez em virtude de não estarem claramente definidas e demarcadas, foram incorporadas pelos moradores vizinhos às áreas dos seus respectivos lotes. A área verde 5, devido a sua característica de reserva técnica, se transformou no prolongamento da travessa Urucutaí. Por conseguinte, os espaços abertos comuns que são apropriados e reconhecidos com fins de recreação são as praças 1,2 e 3, e as áreas verdes 1 e 7 (Figura 3.19). Todos esses espaços são visíveis das habitações do entorno e dos quarteirões próximos e permitem que os usuários tenham uma visão holística do ambiente.

A Prefeitura Municipal de São Borja é responsável pela limpeza e manutenção dos espaços abertos comuns do conjunto habitacional, em parceria com a associação de moradores, que é bastante atuante e exerce pressão sobre a Prefeitura. Existe um funcionário para executar esse trabalho, que consiste basicamente de varrição, recolhimento de lixo e alguns cuidados com a vegetação: Porém, a falta de pontos de abastecimento de água nesses espaços dificulta um pouco essa atividade, principalmente em termos de rega. Quando são necessários outros tipos de manutenção, como reparo e pintura dos equipamentos ou plantio de novas vegetações, uma outra equipe da Prefeitura executa a tarefa. Pelo fato de haver somente uma pessoa para cuidar de todos os espaços abertos recreacionais do conjunto, e não ser possível executar bem o trabalho em todos os espaços, houve um acordo entre a associação de moradores e o funcionário, para ele concentrar seus cuidados na praça 1 e na área verde 7. Os residentes do conjunto, com a assessoria de um engenheiro agrônomo, plantaram árvores de grande e médio porte, nos espaços abertos comuns.



- Espaço aberto comum transformado em rua
- Espaço aberto comum incorporado aos lotes vizinhos
- Espaço aberto comum apropriado com fins de recreação

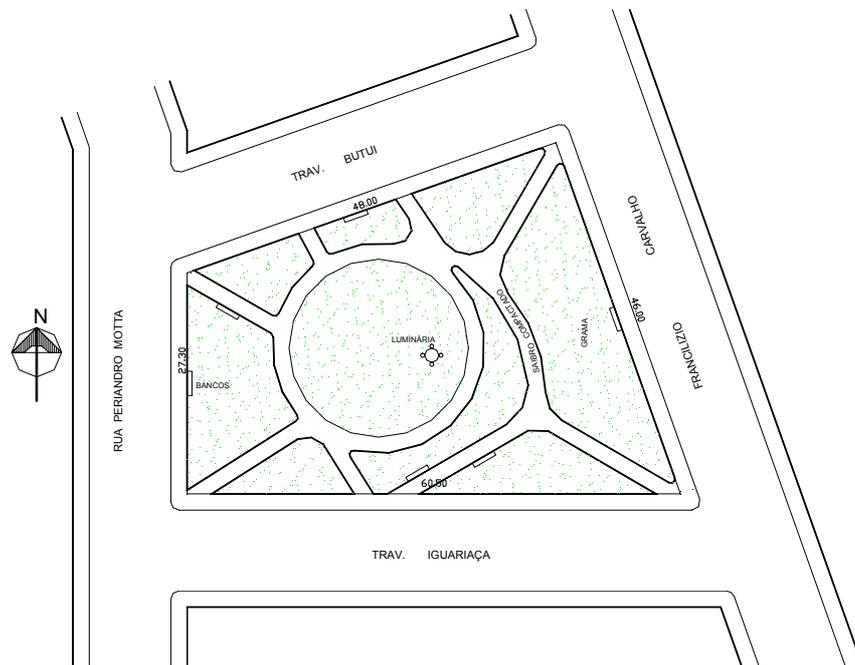
Figura 3.19: Planta de urbanismo do conjunto habitacional de São Borja com as modificações dos espaços abertos comuns

Algumas melhorias e modificações foram feitas, em parceria entre a Prefeitura Municipal e os moradores, na **Praça 1**, apesar de ter sido mantido o layout original. Os passeios, que haviam sido pavimentados com uma camada de saibro compactado, atualmente estão pavimentados com uma camada de cimento desempenado. Essa substituição ocorreu porque os moradores consideravam a pavimentação anterior não adequada para circulação de pessoas idosas, bicicletas, carrinhos de bebê, etc. Também foram plantadas várias árvores de médio e grande porte, principalmente no perímetro e na parte central da praça.

A iluminação pública foi substituída por uma mais moderna e eficiente, composta de luminárias montadas sobre colunas com altura de 3 m, conseguidas pela organização da Associação dos Moradores e sua insistente solicitação ao Prefeito Municipal (Figura 3.20 a 3.23).



Figura 3.20: Vista Praça 1 do CHSB com as modificações físicas
- acréscimo de vegetação, de luminárias e de pavimentação nas circulações -



 ambiente muito utilizado, grama danificada, novas rotas de circulação

Figura 3.22: Planta da Praça 1 do CHSB com as modificações físicas
 - - acréscimo de vegetação, de luminárias e de pavimentação nas circulações -



Figura 3.23: Vista Praça 1 do CHSB com as modificações físicas

- - acréscimo de vegetação, de luminárias e de pavimentação nas circulações -

Na **Praça 2** também foram feitas algumas alterações pela associação de moradores (Figura 3.24 e 4.25): ampliação do centro comunitário (Figura 3.26) e construção da cancha de bocha coberta, foram eliminados uma quadra esportiva e um recanto de bancos, ficando só uma quadra de esportes, que foi deslocada e recebeu uma camada de concreto e tela de proteção ((Figura 3.27). Para ser utilizada à noite, foram colocadas luminárias com pétalas, montadas sobre colunas com altura de 4m. Entre o Centro Comunitário e a cancha de bocha, foi demarcado e cercado com grades de ferro um espaço para fins sociais, onde foram construídos caramanchões cobertos de capim (Figura 3.28). O comércio também foi ampliado. O sistema de circulação de pedestres foi modificado, de acordo com os traços demarcados no local, reveladores de novas rotas informais de circulação.

Foram plantadas árvores de grande e médio porte, que se concentram mais no perímetro da praça e no setor de descanso. Entretanto, vários usuários, ao serem entrevistados, mencionaram a falta de arbustos e vegetação com flores. Os passeios e as áreas de recreação que haviam recebido uma camada de saibro compactado estão gramados, resultado talvez da inexistência de meio-fio, que fez a grama tomar conta desses espaços. Os locais mais utilizados da praça 2 do CHSB estão bastante danificados pelo uso (Figura 3.29).

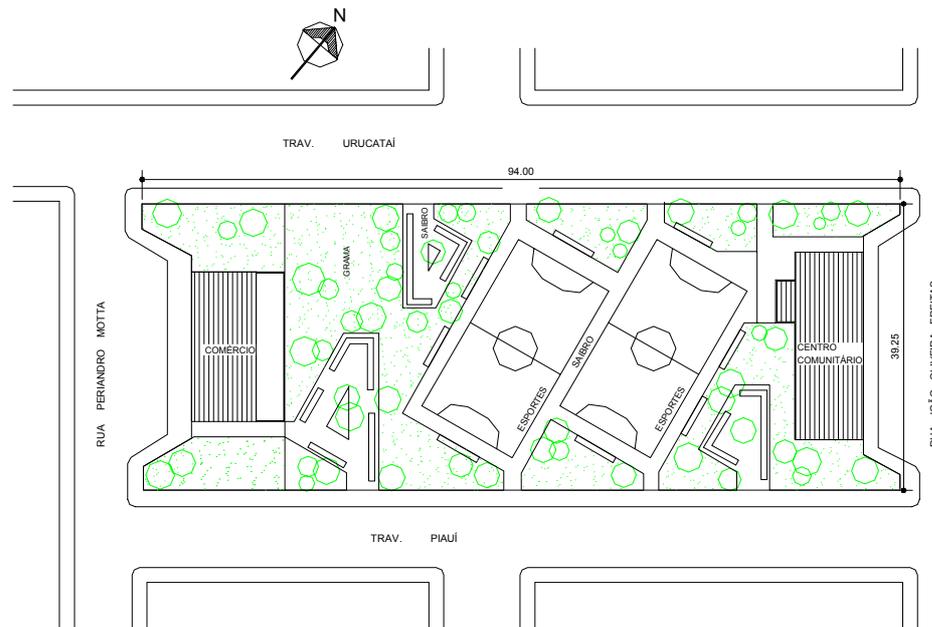


Figura 3.24: Planta Original da Praça 2 do CHSB



 ambiente muito utilizado, grama danificada, novas rotas de circulação

Figura 3.25: Planta da Praça 2 do CHSB com as modificações físicas - ampliação do Centro Comunitário e do Comércio, supressão de arranjo de bancos e de 2 quadras esportivas para construção de 1 quadra esportiva, 1 cancha de bocha coberta e 2 caramanchões.



Figura 3.26: Vista da Praça 2 do CHSB com as modificações físicas
Centro Comunitário, cancha de bocha coberta, acréscimo de vegetação, de tela e de grade de proteção e de pavimentação em alguns ambientes.



Figura 3.27: Vista da Praça 2 do CHSB com as modificações físicas
Acréscimos: Cancha de bocha, quadra esportiva com piso asfáltico, vegetação, tela de proteção e luminárias



Figura 3.28: Vista da praça 2 do CHSB com as modificações físicas
Acréscimos: cancha de bocha coberta, grade de ferro, caramanchão coberto de capim e vegetação.



Figura 3.29: Vista da praça 2 do CHSB com as modificações
Novas rotas de circulação, acréscimos: tela de proteção e luminárias na quadra esportiva com piso asfáltico e cancha de bocha coberta

A **Praça 3** do CHSB também sofreu algumas transformações, principalmente tendo a sua área original aumentada (Figura 3.30 a 3.33). Para demarcação e segurança da área, a praça foi cercada com tela de arame galvanizado. A quadra esportiva, os passeios, a área de recreação infantil e a área de descanso, que haviam sido pavimentadas com uma camada de saibro compactado, atualmente estão gramadas. Também foram plantadas várias árvores no local. O Posto de Saúde está sendo ampliado em parceria entre a Prefeitura Municipal e a Associação de Moradores do conjunto habitacional.

A Prefeitura Municipal cedeu verbalmente a praça 3 para o Clube Continente, que possui a sua sede no terreno ao lado. O acesso à praça, todavia, é permitido a todos, principalmente aos moradores do conjunto. Embora o clube tenha se responsabilizado pela limpeza, conservação e manutenção do espaço, o ambiente apresenta problemas de manutenção, citados em várias entrevistas. Os equipamentos que foram danificados e quebrados não foram consertados ou repostos, apenas os bancos não apresentam danos, uma vez que foram construídos em concreto, o que não exige manutenção sistemática, talvez isso ocorra porque este espaço não é percebido como “do conjunto”.



- Ampliação do Posto de Saúde e acréscimo de vegetação -

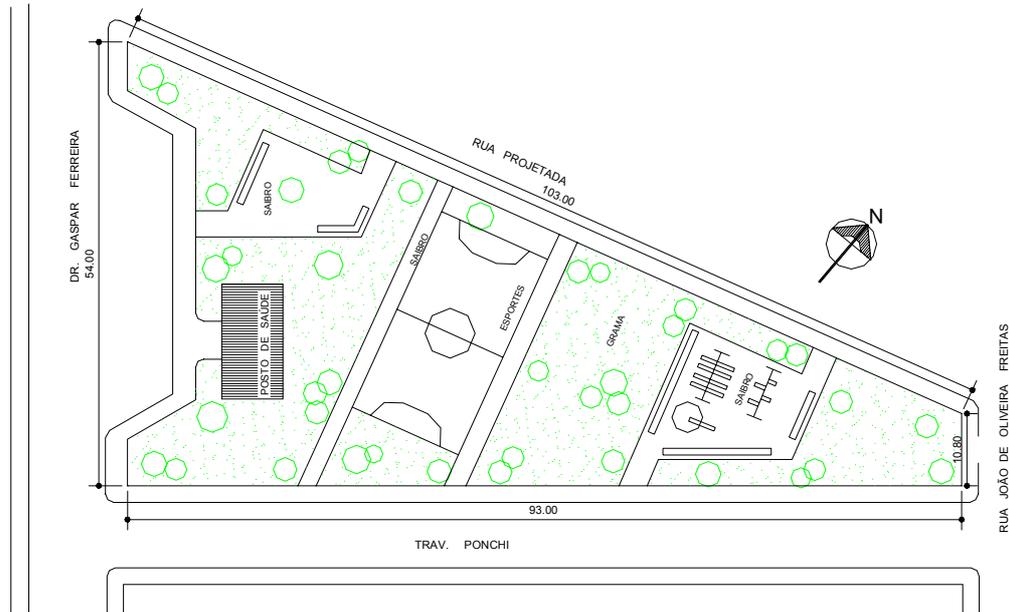
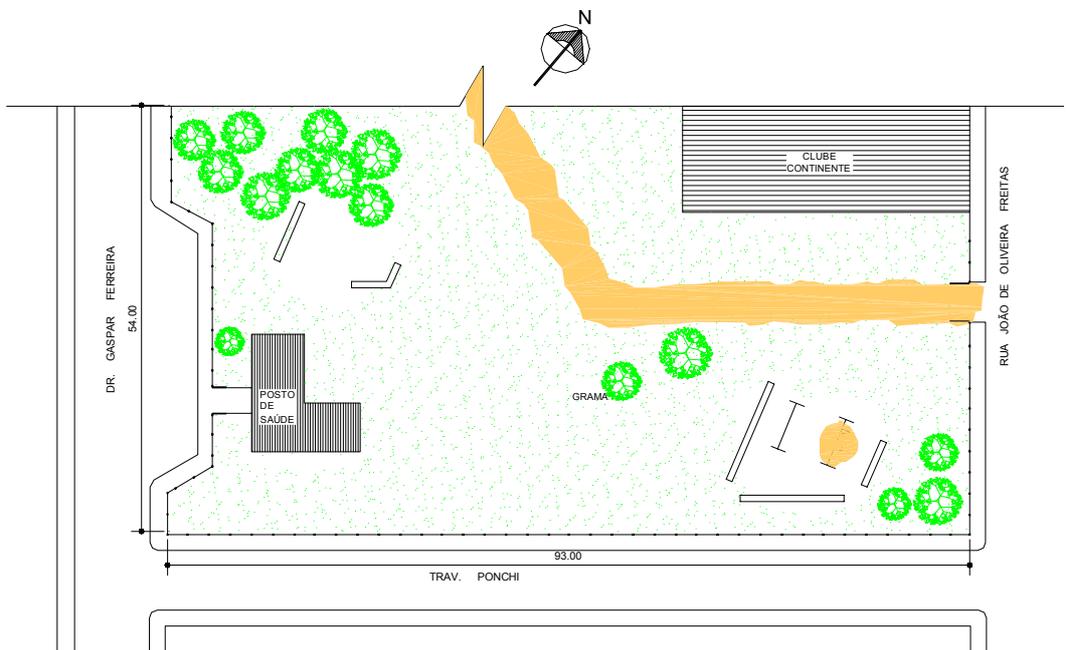


Figura 3.31: Planta Original da Praça 3 do CHSB



 ambiente muito utilizado, grama danificada, novas rotas de circulação

Figura 3.32: Planta da Praça 3 do CHSB com as modificações físicas
 - ampliação da área da Praça e do Posto de Saúde, acréscimo de vegetação e de tela de proteção -



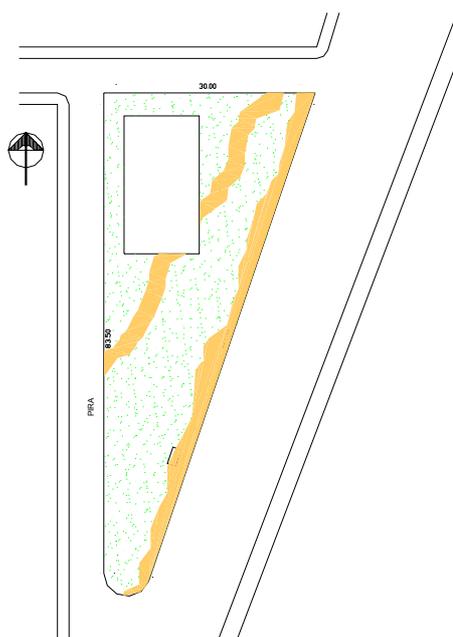
Figura 3.33: Vista da Praça 3 do CHSB com as modificações físicas

- Posto de Saúde ampliado, colocação de tela galvanizada, acréscimo de vegetação -

Foram feitas pequenas modificações na **Área Verde 1** do CHSB (Figura 3.34 e 3.35): foi colocado um abrigo na parada de ônibus e demarcado provisoriamente um campo para jogos; foram plantadas algumas árvores, além disso, criadas novas rotas informais de circulações de pedestres. Os passeios não foram pavimentados como previsto no projeto (Figura 3.36 e 3.37).

A Área Verde 1 apresenta sinais de abandono e um problema de segurança no que se refere ao trânsito veicular, mencionado nas entrevistas e questionários. É possível que o problema decorra de um conjunto de características da área: possuir forma triangular, o que reduz nos vértices o espaço para as crianças brincarem e correrem com segurança; estar localizada na entrada do conjunto - rua João de Oliveira Freitas e portanto, receber todo o fluxo de carros dos moradores, além do trânsito normal da cidade.

Figura 3.34: Planta Original da Área Verde 1 do CHSB



 ambiente muito utilizado, grama danificada, novas rotas de circulação

Figura 3.35: Planta da Área Verde 1 do CHSB com as modificações físicas
- colocação de abrigo na parada de ônibus, acréscimo de vegetação e demarcação de campo esportivo



Figura 3.36: Vista da Área Verde 1 do CHSB com as modificações físicas
- colocação de abrigo na parada de ônibus e de vegetação, novas rotas de circulação de pedestre -



Figura 3.37: Vista da Área Verde 1 do CHSB com as modificações físicas
- demarcação de campo esportivo., no fundo Sede Campestre do Clube Comercial -

A implantação do "playground" na **Área Verde 7** foi executada posteriormente à construção do CHSB, por reivindicação dos moradores à Prefeitura Municipal. O terreno está localizado numa esquina e possui uma área de 200 metros quadrados (Figuras 3.39 e 3.40). Conforme os depoimentos contidos nas entrevistas, a área foi cercada com tela, para definir o território e prover segurança. O espaço é fechado à noite e nos fins de semana. Foram colocados diversos equipamentos recreacionais, como balanços, gangorra, escorregador, vai-e-vem e caixa de areia. Não existem bancos e atrações para os adultos que acompanham as crianças (Figura 3.38). O ambiente de recreação da Área Verde 7 recebeu uma camada de saibro compactado e o passeio é pavimentado com pedra irregular. Ele possui várias árvores de médio e grande porte, é bem limpo e conservado e sua manutenção é de responsabilidade da Prefeitura Municipal.



Figura 3.38: Vista da Área Verde 7 do CHSB com as modificações físicas
- acréscimo de tela, de equipamentos recreacionais, de vegetação e de pavimentação-

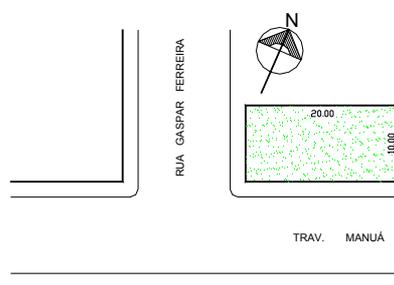


Figura 3.39: Planta Original da Área Verde 7 do CHSB

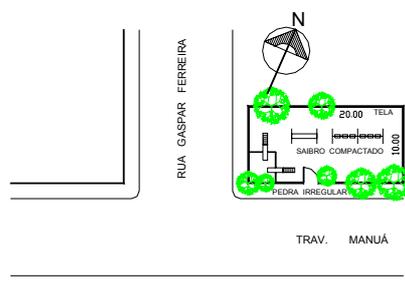


Figura 3.40: Planta da Área Verde 7 do CHSB com as modificações físicas
- acréscimo de equipamentos recreacionais, de vegetação, de tela de proteção e de pavimentação -

Além desses espaços previstos no conjunto habitacional para recreação, a Associação dos moradores do CHSB conseguiu emprestado da Associação Rural um terreno baldio, em frente ao Centro Comunitário, para que sejam desenvolvidas atividades esportivas, como futebol de campo (Figuras 3.41 e 3.42).

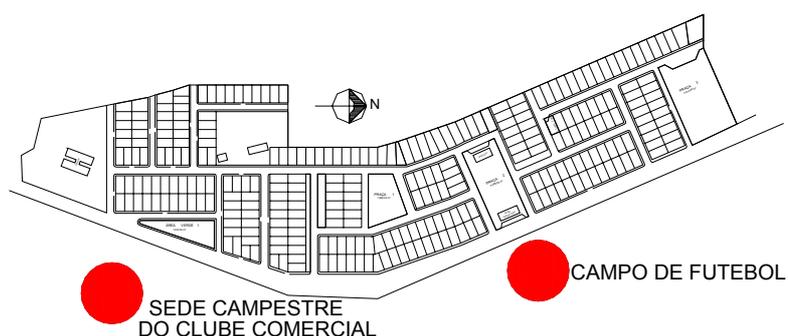


Figura 3.41: Outros espaços próximo ao CHSB utilizados para recreação



Figura 3.42: Vista do terreno emprestado aos moradores do CHSB para desenvolverem
mpo de futebol

No terreno em frente ao conjunto, na divisa leste, junto à rua João de Oliveira Freitas, está implantada a Sede Campestre do Clube Comercial, que oferece uma variedade de opções de atividades sociais e esportivas, e possui "playground". A utilização desse espaço é feita também por alguns moradores do conjunto habitacional com capacidade econômica para associar-se.

Uma análise comparativa entre os dois conjuntos nos permitem afirmar que tanto no CHST quanto no CHSB, espaços abertos comuns carecem de pontos de abastecimento de água, as áreas gramadas estão danificadas e praticamente inexistem lixeiras; apenas a área verde 7 do CHSB possui uma. Esses fatores afetam negativamente a manutenção e limpeza desses espaços.

As evidências mostram que o número de modificações e intervenções físicas nos espaços abertos comunitários nos dois conjuntos habitacionais aconteceram de forma diferente: enquanto no CHSB houveram várias alterações, porque, pela organização comunitária, foi possível atender aos desejos e necessidades dos usuários, no CHST as modificações feitas ocorreram basicamente em relação a paisagismo, de forma individual, sem consenso da comunidade.

3.1.2. Uso dos espaços abertos comuns recreacionais de acordo com os diferentes grupos de usuários - faixa etária

Para entender como os membros da família de diferentes faixas etárias utilizavam os espaços abertos comuns e como neles se comportavam, empregamos principalmente dois instrumentos: *questionários* - questão 8 - (aplicados a todos os moradores de cada unidade habitacional selecionada) e

mapas comportamentais. As respostas aos questionários e as observações da rotina dos usuários revelaram diferentes freqüências de uso e formas de apropriação dos espaços abertos comuns. A seguir, apresentaremos os resultados obtidos.

3.1.2.1. Crianças até seis anos incompletos

No CHST, o universo de crianças até 6 anos que responderam especificamente à questão 8 do questionário é de 19 e no de CHSB é de 15 (Tabela 3.1).

Tabela 3.1: USO DOS ESPAÇOS ABERTOS COMUNS - CRIANÇAS ATÉ 6 ANOS INCOMPLETOS

LOCALIZAÇÃO DA HABITAÇÃO	USO	CHST	CHSB
NÃO FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST=10 crianças CHSB = 2 crianças	sim	70%	100%
	não	30%	0%
FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST= 9 crianças CHSB =13 crianças	sim	100%	92%
	não	0%	8%
TOTAL CHST=19 crianças CHSB = 15 crianças	sim	84%	93%
	não	16%	7%

De acordo com os dados, a maioria das crianças até 6 anos, nos dois conjuntos, usa os espaços abertos de recreação, entretanto, o percentual total dos moradores no CHSB é maior (93%), do que o dos que vivem no CHST (84%) (Tabela 3.1). Um dos motivos de maior ou menor variedade de uso pode ser atribuído às condições de conservação: os equipamentos recreacionais, para essa faixa etária, são mais conservados e mantidos no CHSB do que no CHST. Porém, o percentual total de crianças que utilizam diariamente esses ambientes é maior no CHST (53%) do que no CHSB (47%)(Tabela 3.2). É possível que isso ocorra porque o desenho do CHST permite que um maior número de crianças tenha melhor acessibilidade e as condições de visibilidade dos espaços abertos sejam maiores, a partir de suas casas. A percepção de segurança é decorrência desse desenho (Figura 3.2).

Portanto, os resultados mostram que a expressiva maioria das crianças até 6 anos utiliza os espaços comuns, todos ou quase todos os dias.

Todas as crianças de até 6 anos, no CHST, que moram em frente aos espaços abertos, utilizam-no e o freqüentam diariamente. No entanto, nem todas as crianças que vivem em frente para as ruas usam esses ambientes; só 10% do universo os utilizam todos os dias. Como se vê, no CHSB todas as crianças que não vivem em frente a estes espaços os utilizam, porém o percentual das que vivem em frente a esses espaços e o utilizam é um pouco menor (92%) (Tabela 3.1).

A análise dos questionários nos permitiu constatar que as crianças que vivem em frente aos espaços abertos e não o utilizam são as que moram em frente à área verde 1, ambiente que não possui equipamentos recreacionais infantis e tem tráfego intenso em uma das bordas, o que gera insegurança (Fig. 3.35). No CHSB, assim como no CHST, a freqüência de uso diário é maior, dentre as crianças que moram em frente aos espaços abertos recreacionais (46%) e nenhuma das crianças, que não residem em frente a esses espaços, os utiliza todos os dias (Tabela 3.2)

Foi possível constatar que:

- No CHSB as crianças que não vivem em frente aos espaços abertos comuns, não os freqüentam diariamente.
- No CHST os espaços abertos comuns são menos usados e menos freqüentados, diariamente pelas crianças que não vivem em frente a esses espaços do que as crianças que moram em frente a esses ambientes.

É possível atribuir que isto ocorra, pelo fato das crianças estarem morando distante, carentes, portanto das condições de visibilidade dos responsáveis, de acessibilidade direta e necessitarem de alguém que os acompanhe.

Tabela 3.2: FREQUÊNCIA DE USO DOS ESPAÇOS ABERTOS COMUNS - CRIANÇAS ATÉ 6 ANOS INCOMPLETOS

LOCALIZAÇÃO DA HABITAÇÃO	FREQUÊNCIA DE USO	CHST	CHSB
NÃO FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 10 crianças CHSB = 2 crianças	todos os dias	10%	0%
	quase todos os dias (4-6)	40%	50%
	certa frequência (2-3)	20%	50%
	nunca	30%	0%
FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 9 crianças CHSB = 13 crianças	todos os dias	100%	46%
	quase todos os dias (4-6)	0%	31%
	certa frequência (2-3)	0%	15%
	nunca	0%	8%
TOTAL CHST = 19 crianças CHSB = 15 crianças	todos os dias	53%	47%
	quase todos os dias (4-6)	21%	33%
	certa frequência (2-3)	10%	13%
	nunca	16%	7%

Os resultados da pesquisa revelaram que nos dois conjuntos as crianças até 6 anos utilizam mais os espaços abertos comuns recreacionais no turno da tarde, em segundo lugar, no turno da manhã. No CHSB, essa faixa etária não frequenta esses espaços à noite; em contrapartida, no CHST, as crianças os utilizam à noite, sendo que a maioria das que brincam nesse horário moram em frente a esses espaços comuns (Tabela 3.3).

Tabela 3.3: TURNO DE USO DOS ESPAÇOS ABERTOS COMUNS - CRIANÇAS ATÉ 6 ANOS INCOMPLETOS

LOCALIZAÇÃO DA HABITAÇÃO	TURNO DE USO	CHST	CHSB
NÃO FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 10 crianças CHSB = 2 crianças	manhã	29%	50%
	tarde	100%	50%
	noite	14%	0%
FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 9 crianças CHSB = 13 crianças	manhã	100%	42%
	tarde	100%	58%
	noite	78%	0%
TOTAL CHST = 19 crianças CHSB = 15 crianças	manhã	69%	43%
	tarde	100%	57%
	noite	50%	0%

O principal motivo para as crianças até 6 anos utilizarem os espaços abertos comuns recreacionais, tanto no CHST como no CHSB, é o de brincar (Tabela 3.4).

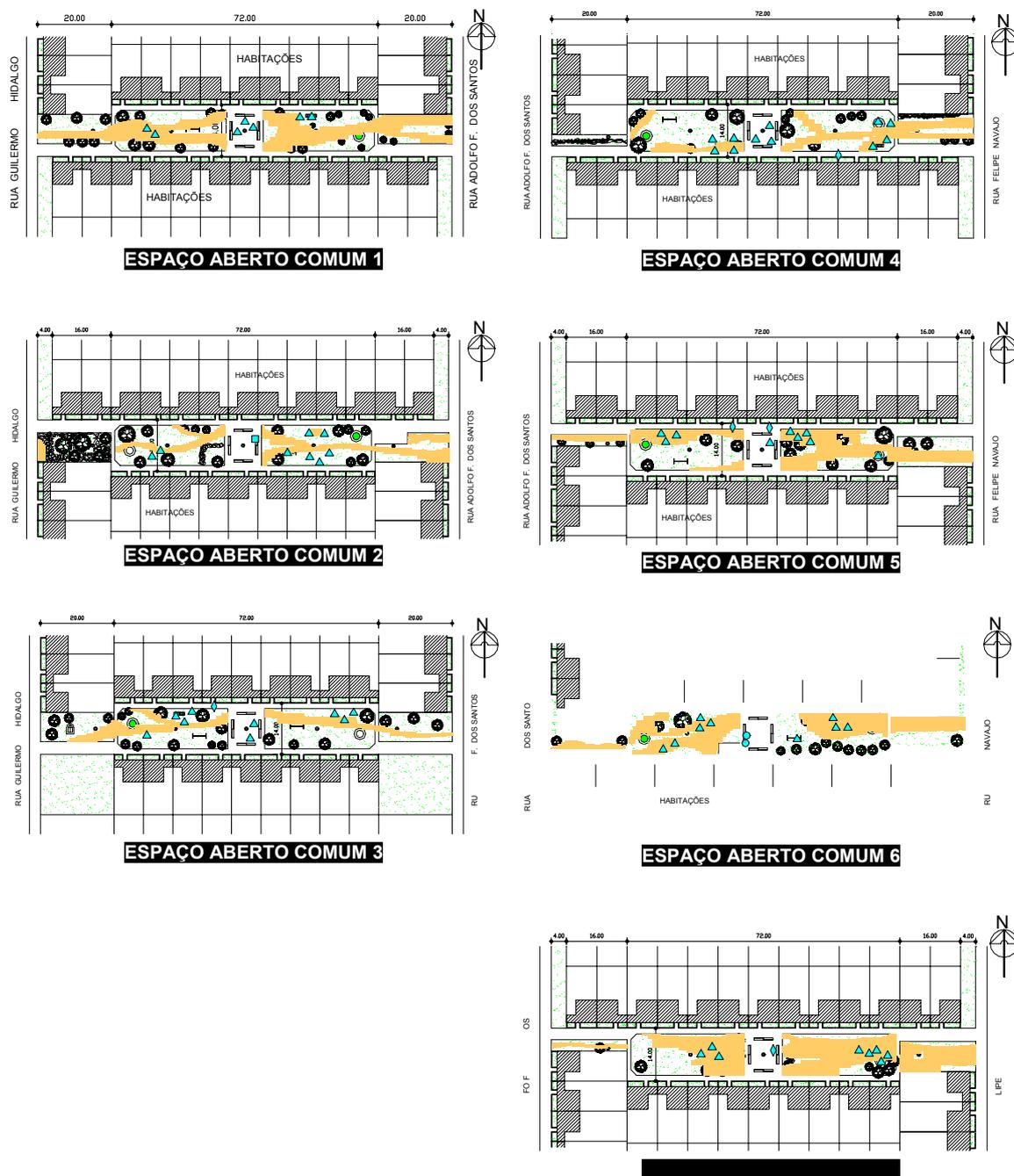
Tabela 3.4: FINALIDADE DE USO DOS ESPAÇOS ABERTOS COMUNS - CRIANÇAS ATÉ 6 ANOS INCOMPLETOS

LOCALIZAÇÃO DA HABITAÇÃO	FINALIDADE DE USO	CHST	CHSB
NÃO FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 10 crianças CHSB = 2 crianças	brincar	100%	100%
	sentar/desc.	14%	0%
	praticar esportes	29%	0%
	encontrar amigos	78%	0%
	tomar sol	43%	0%
	contato natureza	29%	0%
FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 9 crianças CHSB = 13 crianças	brincar	100%	100%
	sentar/desc.	0%	0%
	praticar esportes	0%	54%
	encontrar amigos	67%	46%
	tomar sol	22%	0%
	contato natureza	22%	0%
TOTAL CHST = 19 crianças CHSB = 15 crianças	brincar	100%	100%
	sentar/desc.	19%	0%
	praticar esportes	13%	50%
	encontrar amigos	75%	43%
	tomar sol	31%	0%
	contato natureza	25%	0%

O uso dos espaços abertos comuns e sua apropriação pelos usuários de até 6 anos incompletos e os tipos de atividades realizadas nesses ambientes estão indicados nas Figuras 3.43 a 3.47, referentes ao CHST e nas Figuras 3.48 a 3.50, referentes ao CHSB.

Percebe-se que, nos espaços abertos comuns recreacionais dos dois conjuntos, as atividades desenvolvidas são bastante semelhantes, nas ativas as crianças se divertem nos equipamentos recreacionais, jogam bola, andam de triciclo, brincam com areia, terra, pedras, etc. Os usuários dos espaços abertos comuns do CHST, entretanto, transformaram esses espaços num prolongamento das suas casas: brincam de casinha, de bonecas, de carrinhos, etc. Isto pode ocorrer em função do desenho do conjunto habitacional que propicia ótima acessibilidade física e visual, segurança e a conseqüente facilidade que as crianças têm para carregar os brinquedos.

As atividades passivas desenvolvidas por crianças até 6 anos são: sentar, descansar e encontrar amigos.



Legenda das atividades desenvolvidas

- ◆ **Ativa individual** - 1 pessoa - andar de triciclo, balanço, escorregador...
- ▲ **Ativa em grupo** - 1 pessoa – brincar de correr, pegar, jogar bola e bolita ...
- **Passiva individual** - 1 pessoa – observar...
- **Passiva em grupo** - 1 pessoa

Período de observação

15 a 31 de julho de 1994

Número de observações

Média 10 – todos os dias da semana – 3 x ao dia – metade da manhã e tarde e início da noite.

Figura 3.43: Mapa Comportamental - Espaços Abertos Comuns do CHST Crianças até 6 anos incompletos



Figura 3.44: Apropriação e uso do Espaço Aberto Comum 1 do CHST



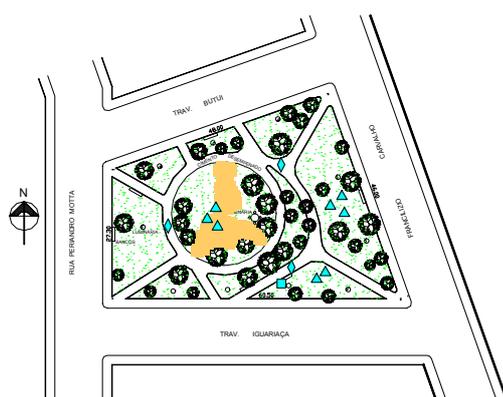
Figura 3.45: Apropriação e uso do Espaço Aberto Comum 4 do CHST
Crianças até 6 anos incompletos - brincar, andar de triciclo e encontrar amigos



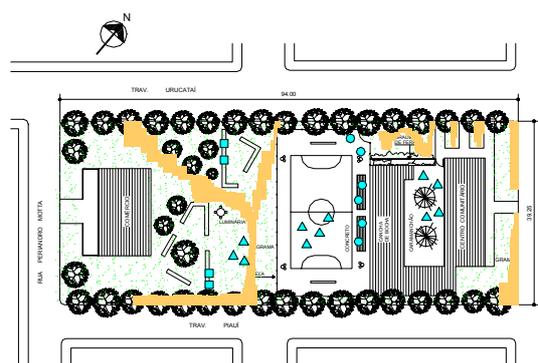
Figura 3.46: Apropriação e uso do Espaço Aberto Comum 5 do CHST
Crianças até 6 anos incompletos - jogar bolita e encontrar amigos



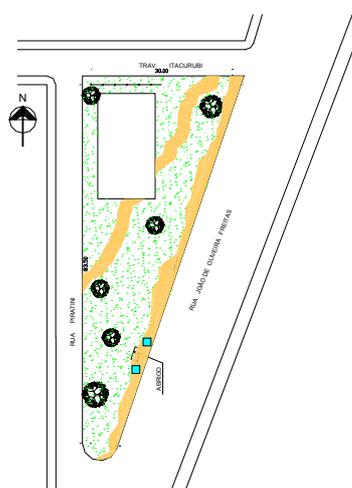
Figura 3.47: Apropriação e uso do Espaço Aberto Comum 4 do CHST
Crianças até 6 anos incompletos - brincar e encontrar amigos



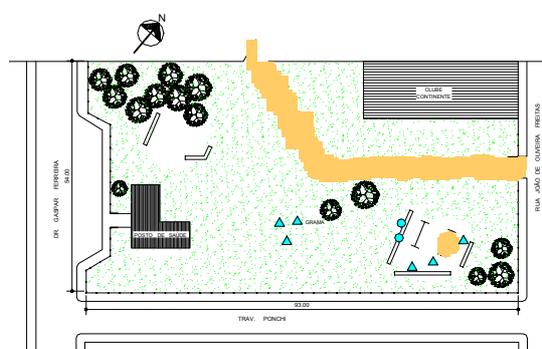
PRAÇA 1



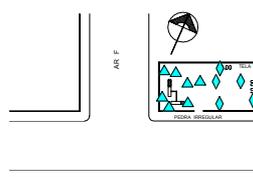
PRAÇA 2



ÁREA VERDE 1



PRAÇA 3



ÁREA VERDE 71

Legenda das

- ◆ **Ativa individual** - 1 pessoa - andar de triciclo, balanço, trepa-trepa, correr, pular...
- ▲ **Ativa em grupo** - 1 pessoa - andar de gangorra, jogar bola e bolita
- **Passiva individual** - 1 pessoa - sentar, observar ...
- **Passiva em grupo** - 1 pessoa - encontrar amigos, conversar, observar...

Período de observação

15 a 31 de julho de 1994

Número de observações

Média 10 – todos os dias da semana – 3 x ao dia – metade da manhã e tarde e início da noite.

Figura 3.48: Mapa comportamental - Espaços Abertos Comuns do CHSB Crianças até 6 anos incompletos



Figura 3.49: Apropriação e uso da Praça 3 do CHSB - Crianças até 6 anos incompletos - jogar bola e encontrar amigos -



Figura 3.50: Apropriação e uso da Área Verde 7 SB - Crianças até 6 anos incompletos - brincar e encontrar amigos -

O espaço aberto recreacional do CHST mencionado nos questionários e entrevistas, como o mais utilizado por essa faixa etária, era sempre o da frente da casa, quando as crianças pré-escolares residiam em frente a eles, por facilitar o livre acesso das crianças e permitir a visualização desses espaços a partir de suas casas.

Quando a habitação estava localizada em frente à rua, o espaço aberto mais próximo sem cruzamento de veículos, era citado como o mais utilizado pelos usuários de até 6 anos do CHST. A razão da escolha era porque o consideravam mais acessível e seguro, não apresentava problema de tráfego veicular e, por conseguinte, as crianças não necessitavam atravessar a rua para utilizá-los.

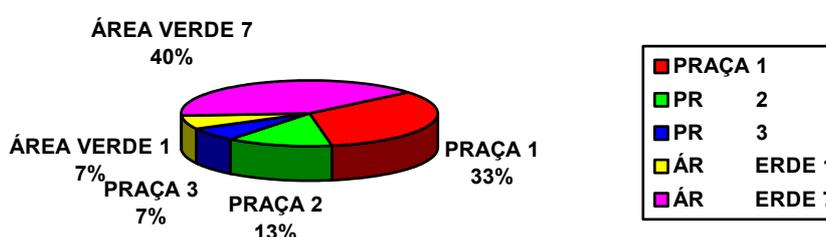
O espaço aberto comum preferido pelas crianças até 6 anos, que moram em qualquer local do CHSB, constatado pelas respostas aos questionários e entrevistas e nas observações, é a área verde 7 (Figura 3.48). Elas utilizam-na para brincar nos equipamentos recreacionais e encontrar os amigos. Esta preferência acontece porque esse espaço é o melhor equipado para essa faixa etária, é bem mantido, seguro, pois está cercado por tela e os moradores do entorno exercem controle permanente, além de possuir vegetação.

O segundo espaço em grau de preferência é a praça 1 (Figura 3.48). As crianças até 6 anos usam-na para brincar, como por exemplo, andar de triciclo, jogar bola e também para encontrar os amigos. Os usuários mencionam esta escolha pelo fato de possuir área para correrem e jogarem. Esse espaço é mais amplo que o primeiro. Essa praça é escolhida especialmente quando as crianças querem andar de triciclo, pois o cimento desempenado utilizado na pavimentação das circulações facilita essa atividade; quando pretendem jogar, porque na parte central existe um espaço gramado; por ter sombra e possuir bancos confortáveis com encosto, principalmente para as mães que vão acompanhar os filhos; por ser bem mantida e também por

proporcionar uma sensação de segurança, porque os moradores do entorno estão constantemente vigiando esse ambiente.

O terceiro espaço preferido pelos moradores do CHSB é a praça 2 (Figura 3.48). As crianças pré-escolares usam-na para brincar, encontrar os amigos e assistir os jogos. Utilizam principalmente o espaço destinado a fins sociais, junto ao centro comunitário, e a quadra esportiva, quando não está sendo utilizada para jogos, pois esses lugares são seguros. O primeiro está cercado com grades de ferro e o segundo com tela. São utilizados, também, os espaços junto aos arranjos de bancos. Elas se divertem enquanto os adultos e os jovens, que os levaram, praticam esportes e se reúnem com os amigos.

A praça 3 do CHSB (Figura 3.48), também é utilizada pelas crianças pequenas para brincarem e encontrarem amigos, ou para jogarem, pois existe um grande espaço livre gramado. Os usuários da praça 3 dessa faixa etária são, basicamente, os que moram em frente a ela. Talvez porque esteja localizada num extremo do conjunto habitacional, não é muito acessível aos demais moradores do conjunto e, também, porque não possui variedade de equipamentos e os que existem estão mal conservados.



Figura

Crianças até 6 anos incompletos

Nos dois conjuntos, um número reduzido de crianças até 6 anos usa a rua como espaço recreacional (Figura 3.51 e 3.52). No CHST, além dos espaços abertos comuns, a maioria utiliza o Complexo Esportivo Municipal

apontado como outro espaço próximo do conjunto habitacional, para recreação (Figura 3.52).

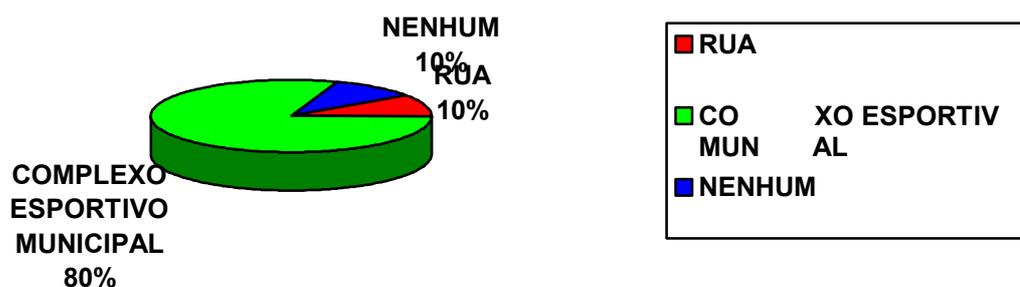


Figura 3.52: Outros espaços do CHST ou próximo a esse utilizados para recreação - Crianças até 6 anos incompletos

Entretanto, no CHSB, a maioria não utiliza outros espaços para recreação. Dentre os espaços apontados para esta finalidade, o que tem a preferência é o campo de futebol, localizado num terreno baldio, em frente ao conjunto. Normalmente, as crianças acompanham os pais e assistem aos jogos. O Centro Comunitário é o segundo na preferência dos moradores desta faixa etária (Figura 3.53).

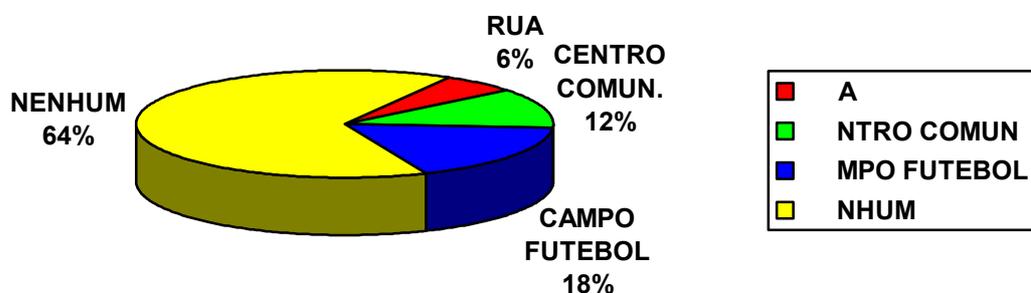


Figura 3.53: Outros espaços do CHSB ou próximo a esse utilizados para recreação - Crianças até 6 anos incompletos

3.1.2.2. Crianças de seis a 12 anos incompletos

No CHST, o universo de crianças de seis a 12 anos incompletos levantadas na questão 8 dos questionários no Conjunto Habitacional é de 32 indivíduos, no CHSB, esse universo é de 19 crianças.

Nos dois conjuntos, a maioria das crianças de seis a 12 anos utiliza, os espaços abertos de recreação. É interessante observar que todas as crianças dessa faixa etária, que moram em frente aos espaços abertos comuns, usam esses espaços; no entanto, as que vivem de frente para as ruas apresentam um percentual menor de uso (93% no CHST e 71% no CHSB) - Tabela 3.5.

Tabela 3.5: USO DOS ESPAÇOS ABERTOS COMUNS - CRIANÇAS DE 6 A 12 ANOS INCOMPLETOS

LOCALIZAÇÃO DA HABITAÇÃO	USO	CHST	CHSB
NÃO FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST= 14 crianças CHSB = 7 crianças	sim	93%	71%
	não	7%	29%
FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST=18 crianças CHSB =12 crianças	sim	100%	100%
	não	0%	0%
TOTAL CHST=32 crianças CHSB =19 crianças	sim	97%	89%
	não	3%	11%

Como indicado na Tabela 3.6, a seguir, a freqüência de uso diário dos espaços abertos comuns pelas crianças de seis a 12 anos é maior (67% no CHST e 50% no CHST), quando elas têm suas habitações localizadas em frente aos espaços comuns, do que quando têm suas casas situadas em frente à rua (7% no CHST e 29% no CHSB) , portanto, a tabela mostra e confirma que aqueles que visualizam e estão mais próximas usam mais esses espaços (Tabela 3.6).

Tabela 3.6: FREQUÊNCIA DE USO DOS ESP. ABERTOS COMUNS - CRIANÇAS DE 6 A 12 ANOS INCOMPLETOS

LOCALIZAÇÃO DA HABITAÇÃO	FREQUÊNCIA DE USO	CHST	CHSB
NÃO FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 14 crianças CHSB = 7 crianças	todos os dias	7%	29%
	quase todos os dias (4-6)	57%	13%
	com certa frequência (2-3)	29%	29%
	raramente (1 ou menos)	0%	0%
	nunca	7%	29%
FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 18 crianças CHSB = 12 crianças	todos os dias	67%	50%
	quase todos os dias (4-6)	11%	25%
	com certa frequência (2-3)	5%	25%
	raramente (1 ou menos)	17%	0%
	nunca	0%	0%
TOTAL CHST = 32 crianças CHSB = 19 crianças	todos os dias	41%	42%
	quase todos os dias (4-6)	31%	21%
	com certa frequência (2-3)	16%	26%
	raramente (1 ou menos)	9%	0%
	nunca	3%	11%

Os resultados da pesquisa indicam que o percentual total de crianças de 6 a 12 anos que utilizam os espaços abertos comuns do CHST é um pouco maior (93%), do que as que vivem no CHSB (89%) (Tabela 3.5). No entanto, o percentual total de crianças de 6 a 12 anos que utilizam diariamente esses espaços, é praticamente a mesma nos dois conjuntos (Tabela 3.6). Por conseguinte, podemos concluir que nos dois conjuntos habitacionais, a grande maioria das crianças de seis a 12 anos utilizam os espaços abertos comuns desses conjuntos, com fins de recreação, assim como os moradores de até seis anos.

De acordo com os dados levantados nos dois conjuntos, as crianças dessa faixa etária utilizam mais os espaços abertos comuns no turno da tarde. No CHSB, o segundo turno que tem a preferência dessa faixa etária é o da noite; no CHST, é o turno da manhã. Tanto no conjunto de CHST, quanto no CHSB, a maioria dos usuários que os frequentam a noite residem em frente aos espaços abertos comuns (Tabela 3.7).

Tabela 3.7: TURNO DE USO DOS ESPAÇOS ABERTOS COMUNS - CRIANÇAS DE 6 A 12 ANOS INCOMPLETOS

LOCALIZAÇÃO DA HABITAÇÃO	TURNO DE USO	CHST	CHSB
NÃO FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 14 crianças CHSB = 7 crianças	manhã	15%	20%
	tarde	92%	100%
	noite	8%	20%
FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 18 crianças CHSB = 12 crianças	manhã	44%	17%
	tarde	100%	100%
	noite	17%	25%
TOTAL CHST = 32 crianças CHSB = 19 crianças	manhã	32%	18%
	tarde	97%	100%
	noite	13%	24%

Os dados da pesquisa revelaram que, tanto num conjunto quanto no outro, o principal motivo das crianças de seis a 12 anos utilizarem os espaços recreacionais é o de brincar, seguido de encontrar os amigos e praticar esportes (mesmo quando não existem lugares específicos para essa atividade como no caso do CHST), tomar sol, sentar/descansar (Tabela 3.8).

Tabela 3.8: FINALIDADE DE USO DOS ESP. ABERTOS COMUNS - CRIANÇAS DE 6 A 12 ANOS INCOMPLETOS

LOCALIZAÇÃO DA HABITAÇÃO	FINALIDADE DE USO	CHST	CHSB
NÃO FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 14 crianças CHSB = 7 crianças	brincar	85%	80%
	namorar	0%	40%
	sentar/desc.	8%	20%
	praticar esportes	77%	40%
	encontrar amigos	46%	60%
	tomar sol	8%	20%
FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 18 crianças CHSB = 12 crianças	brincar	89%	92%
	sentar/desc.	22%	8%
	praticar esportes	39%	67%
	encontrar amigos	83%	75%
	tomar sol	22%	17%
TOTAL CHST = 32 crianças CHSB = 19 crianças	brincar	87%	88%
	namorar	0%	12%
	sentar/desc.	16%	12%
	praticar esportes	55%	58%
	encontrar amigos	68%	71%
	tomar sol	16%	18%

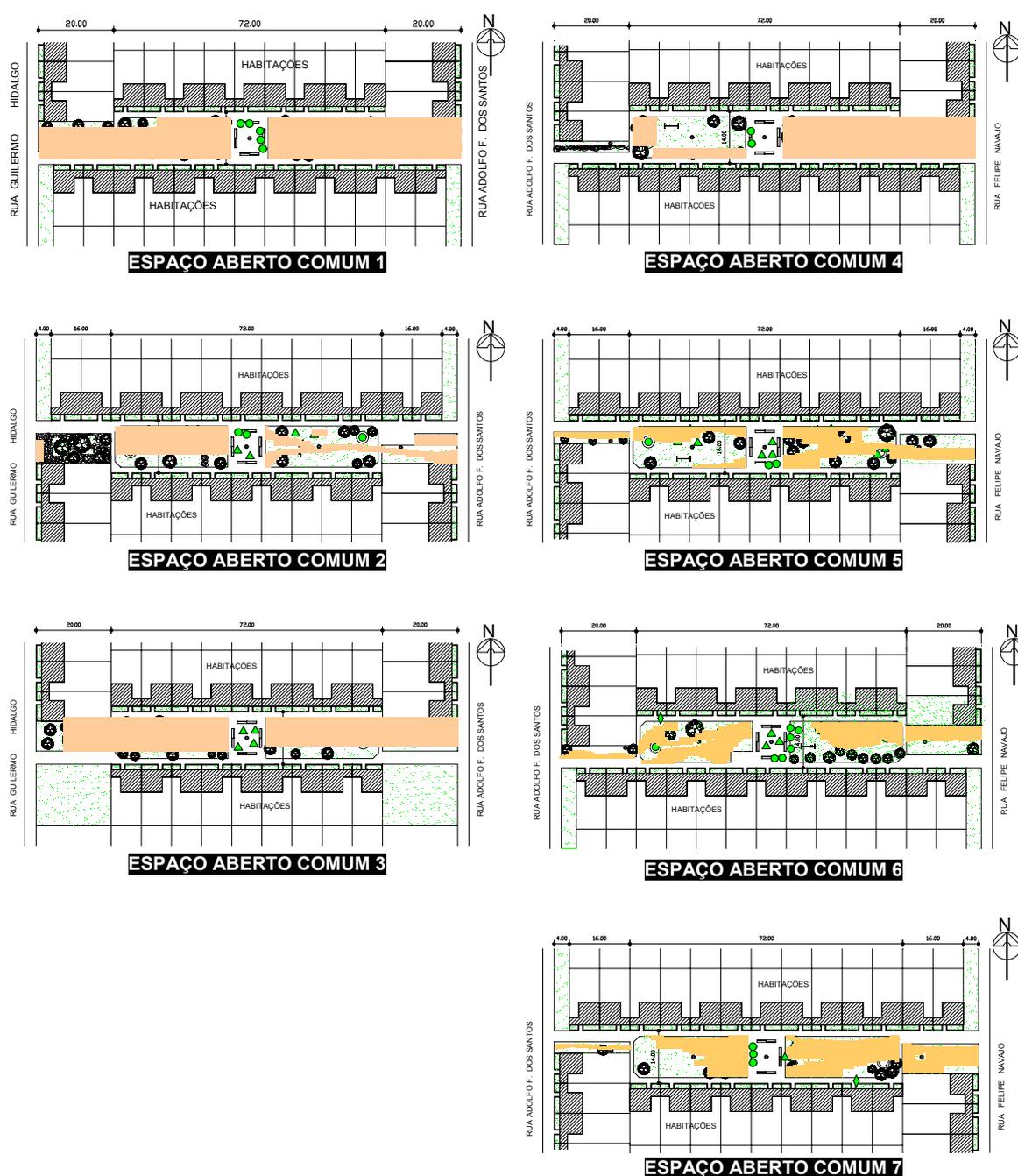
Os resultados sobre como os espaços abertos comuns no CHST são usados e apropriados por crianças de seis a 12 anos incompletos e o tipo de atividades que ocorrem nesses ambientes estão sistematicamente indicados

nas Figuras 3.54 a 3.58, referentes ao CHST, e nas Figuras 3.59 a 3.65, referentes ao CHSB.

Pelas observações realizadas nos espaços abertos comuns dos dois conjuntos, percebeu-se que, nesses espaços as crianças de seis a 12 anos desenvolvem atividades semelhantes, as ativas são: jogos de bola, de bolita, de pegar e amarelinha, andam de bicicleta, patins, etc.; também gostam de participar de brincadeiras com outras crianças formando grupos. Esses se compõem e se desfazem, pois as crianças dessa faixa etária são bastante agitadas e necessitam de um território maior, o que as faz circularem pela vizinhança, especialmente pelos outros espaços recreacionais. No entanto, os grupos se recompõem depois de um intervalo.

Para as crianças de seis a 12 anos as atividades passivas desenvolvidas são: sentar, descansar e encontrar amigos.

No CHST, assim como ocorreu com as crianças pré-escolares, o espaço aberto comum do Conjunto Habitacional mencionado como mais utilizado, pelas crianças de seis a 12 anos, era sempre o da frente da casa. Quando os usuários moravam em frente a ele, o motivo citado para essa escolha era a facilidade de acesso e a possibilidade de chamar os familiares em caso de surgir algum problema, ou o mais próximo, quando a habitação dava para frente da rua. No CHSB, o espaço aberto comum mais utilizado por essa faixa etária é a praça 2 (Figuras 3.59, 3.62 e 3.63), preferida por ser utilizada pelos amigos, possuir quadra esportiva, espaços livres para jogos e bancos que propiciam encontro e também por estar implantado, nessa área, o Centro Comunitário, que é intensamente utilizado por todas as faixas etárias. A segunda praça preferida é a de número 1 (Figuras 3.59 a 3.61), mencionada por oferecer a possibilidade de andar de bicicleta e patins, jogar bola, possuir bancos confortáveis e ter uma boa vegetação.



Legenda de atividades desenvolvidas

- ◆ **Ativa individual** - 1 pessoa - andar de bicicleta, balanço, escorregador...
- ▲ **Ativa em grupo** - 1 pessoa - jogar bola, brincar de pegar, correr, gangorra ...
- **Passiva individual** - 1 pessoa - sentar, observar...
- **Passiva em grupo** - 1 pessoa - encontrar amigos, conversar...

Período de observação

15 a 31 de julho de 1994

Número de observações

Média 10 – todos os dias da semana
–3 x ao dia – metade da manhã e tarde e início da noite

Figura 3.54: Mapa Comportamental - Espaços Abertos Comuns do CHST - Crianças de seis a 12 anos incompletos



Figura 3.55: Apropriação e uso do Espaço Aberto 4 do CHST - Crianças de seis a 12 anos incompletos - brincar, jogar bola e observar

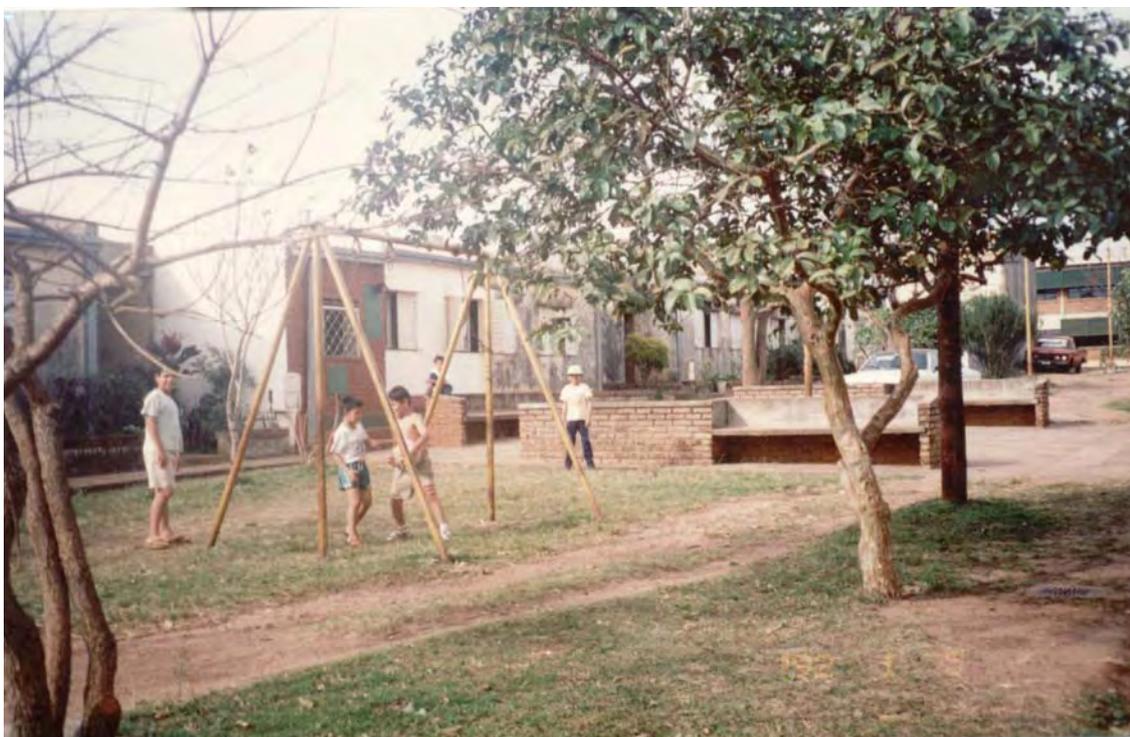


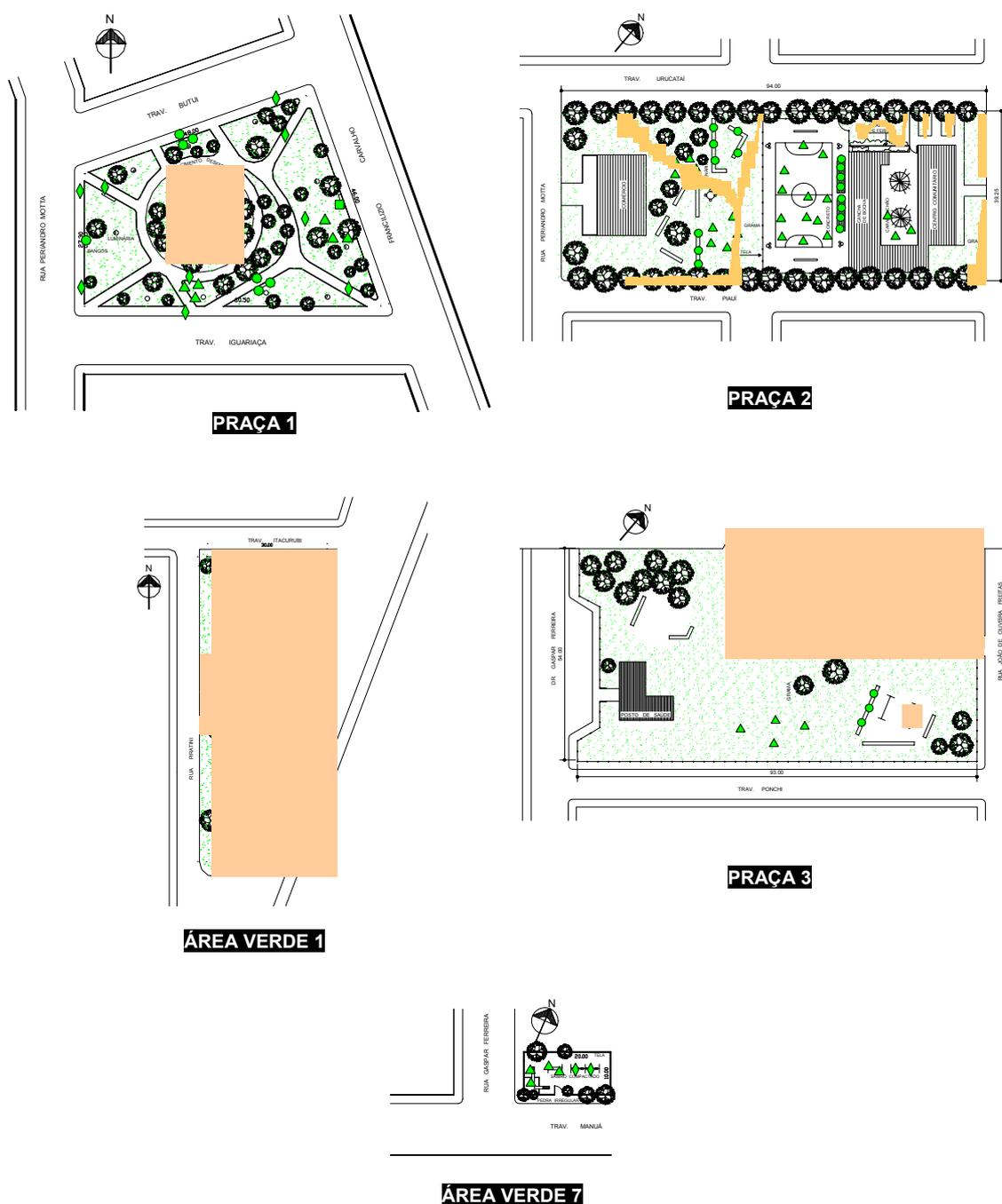
Figura 3.56: Apropriação e uso do Espaço Aberto 1 do CHST - Crianças de seis a 12 anos incompletos - brincar, jogar bola e observar (veículos estacionados)



Figura 3.57: Apropriação e uso do Espaço Aberto 6 do CHST
Crianças de seis a 12 anos incompletos - brincar de casinha e bonecas



Figura 3.58: Apropriação e uso do Espaço Aberto 1 do CHST
Crianças de seis a 12 anos incompletos - encontrar amigos (veículos estacionados)



Legenda de atividades desenvolvidas

- ◆ **Ativa individual** - 1 pessoa - andar de bicicleta, patins, balanço, escorregador
- ▲ **Ativa em grupo** - 1 pessoa - jogar bola, brincar de pegar, pular, gangorra ...
- **Passiva individual** - 1 pessoa - sentar, observar...
- **Passiva em grupo** - 1 pessoa - encontrar amigos, conversar...

Período de observação

15 a 31 de julho de 1994

Número de observações

Média 10 – todos os dias da semana
–3 x ao dia – metade da manhã e tarde e início da noite

Figura 3.59: Mapa Comportamental - Espaços Abertos Comuns do CHSB - Crianças de seis a 12 anos incompletos



Figura 3.60: Apropriação e uso da Praça 1 do CHSB - Crianças de seis a 12 anos incompletos -brincar, jogar futebol, andar de patins e encontrar amigos -



Figura 3.61: Apropriação e uso da Praça 1 do CHSB- Crianças de seis a 12 anos incompletos - encontrar amigos, brincar, jogar futebol e vôlei, andar de bicicleta e patins -



Figura 3.62: Apropriação e uso da Praça 2 do CHSB - Crianças de seis a



Figura 3.63

12 anos incompletos - encontrar amigos e jogar futebol -



Figura 3.64: Apropriação e uso da Praça 3 do CHSB - Crianças de seis a 12 anos incompletos - brincar e encontrar amigos -



Figura 3.65: Apropriação e uso da Área Verde 7 do CHSB Crianças de seis a 12 anos incompletos - brincar e encontrar amigos

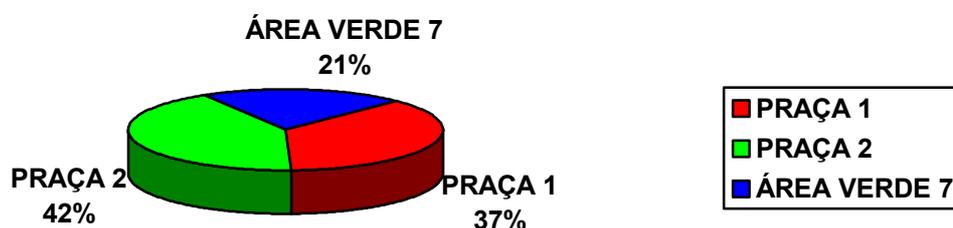


Figura 3.66: Espaços abertos comuns mais utilizados no CHSB Crianças de seis a 12 anos incompletos

Um número reduzido de crianças de seis a 12 anos, nos dois conjuntos habitacionais, utiliza a rua como espaço recreacional (Figuras 3.67 e 3.68). No CHST, a maioria dos moradores dessa faixa etária utiliza o Complexo Esportivo Municipal como outro espaço próximo ao conjunto habitacional, para recreação, talvez isso ocorra porque esse é o único espaço destinado à prática de esportes no entorno (Figura 3.67).

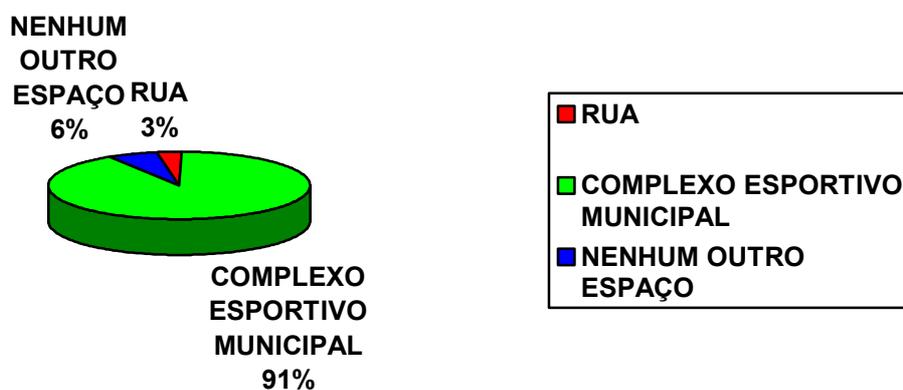


Figura 3.67: Outros espaços do CHST ou próximo a esse utilizados para

Já no CHSB, a maioria dos residentes utiliza o campo de futebol no terreno em frente ao conjunto, como outro espaço próximo ao conjunto, para recreação. O Centro Comunitário aparece em segundo lugar (Figura 3.68).

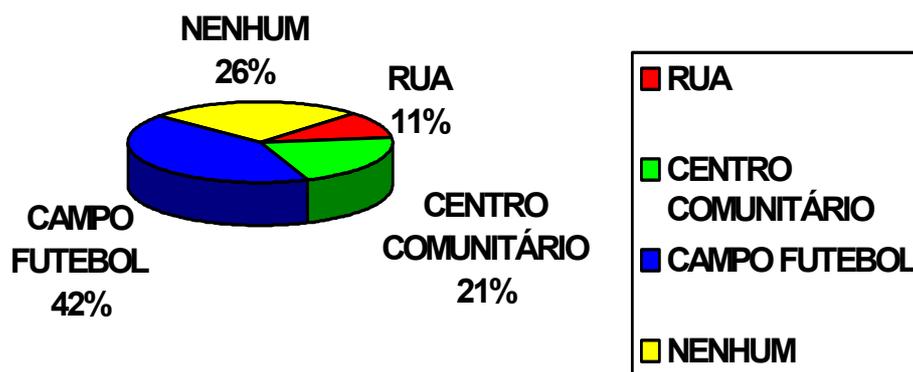


Figura 3.68: Outros espaços do CHSB ou próximo a esse utilizados para recreação - Crianças de seis a 12 anos incompletos

3.1.2.3. Adolescentes de 12 anos a 18 anos incompletos

No CHST, o universo de jovens de 12 a 18 anos incompletos que responderam à questão 8 do questionário é de 41 pessoas, no CHSB é de 24. A maioria dos adolescentes utiliza os espaços abertos comuns recreacionais no CHST, sendo que os que residem em frente a esses espaços os utilizam mais (87%) do que os que moram de frente para as ruas (65%): Tabela 3.9

Tabela 3.9: USO DOS ESPAÇOS ABERTOS COMUNS - ADOLESCENTES DE 12 A 18 ANOS INCOMPLETOS

LOCALIZAÇÃO DA HABITAÇÃO	USO	CHST	CHSB
NÃO FRENTE AO ESPAÇO ABERTO	sim	65%	91%
	CHST=26 adolesc. CHSB = 11 adolesc. não	35%	9%
FRENTE AO ESPAÇO ABERTO	sim	87%	100%
	CHST=15 adolesc. CHSB = 13 adolesc. não	13%	0%
	sim	73%	95%
	CHST=41 adolesc. CHSB = 24 adolesc. não	27%	5%

Percebe-se que, também no CHSB, a maioria dos adolescentes utiliza os espaços recreacionais do conjunto. Inclusive, todos os que têm sua habitação localizada de frente para esses espaços usam-nos e os que não possuem um espaço aberto comum em frente à sua casa utilizam-nos um pouco menos (91%). Os resultados da pesquisa indicaram que o percentual total de moradores de 12 a 18 anos que utilizam os espaços abertos comuns no CHSB é maior (95%) do que os que vivem no CHST (73%) - Tabela 3.9. Os

moradores dessa faixa etária do CHST, que não utilizam esses espaços, justificavam que faltavam equipamentos, não existiam atrações e atividades que preenchessem as suas necessidades. Já os adolescentes do CHSB argumentavam que era porque seus amigos não os freqüentavam.

A freqüência de uso diário dos espaços abertos comuns no CHST por jovens de 12 a 18 anos é maior no grupo dos que residem de frente para esses espaços (87%) do que os que moram em frente à rua (65%). Ainda, o índice de adolescentes que nunca freqüentam esses espaços é maior no grupo que mora em frente à rua do que no que mora em frente aos espaços abertos (Tabela 3.10).

Tabela 3.10: FREQUÊNCIA DE USO DOS ESPAÇOS ABERTOS COMUNS - ADOLESCENTES DE 12 A 18 ANOS INC.

LOCALIZAÇÃO DA HABITAÇÃO	FREQUÊNCIA DE USO	CHST	CHSB
NÃO FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 26 adolescentes CHSB = 11 adolescentes	todos os dias	12%	82%
	quase todos os dias (4-6)	12%	0%
	com certa freqüência(2-3)	19%	0%
	raramente (1 ou menos)	23%	9%
	nunca	34%	9%
FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 15 adolescentes CHSB = 13 adolescentes	todos os dias	20%	54%
	quase todos os dias (4-6)	27%	23%
	com certa freqüência(2-3)	40%	23%
	raramente (1 ou menos)	0%	0%
	nunca	13%	0%
TOTAL CHST = 41 adolescentes CHSB = 24 adolescentes	todos os dias	14%	66%
	quase todos os dias (4-6)	17%	13%
	com certa freqüência(2-3)	27%	13%
	raramente (1 ou menos)	15%	4%
	nunca	27%	4%

O percentual de jovens de 12 a 18 anos que utilizam diariamente os espaços abertos comuns no CHSB é menor no grupo que mora de frente para esses espaços (54%) do que no grupo que não mora de frente para esses espaços (82%). Talvez isso ocorra porque os jovens preferem espaços que propiciem privacidade, para se reunirem com os amigos, e não serem supervisionados pelos pais. Também a freqüência de uso diário dos espaços abertos comuns, pelos adolescentes é maior no CHSB (66%) do que no CHST

(14%) (Tabela 3.10). É possível que isso ocorra devido aos espaços abertos do CHSB oferecerem ambientes para atividades esportivas e também, pelo fato de estar localizado, num desses espaços, o Centro Comunitário, que é um local que proporciona várias atividades, para distintas faixas etárias, o que torna esses ambientes animados e conseqüentemente atrativos.

De acordo com os resultados da pesquisa, o turno em que os residentes de 12 a 18 anos mais freqüentam os espaços abertos comuns é o da tarde, seguido do turno da noite e do da manhã, tanto no CHST quanto no CHSB (Tabela 3.11). Nos dois conjuntos, o grupo de usuários que mais utiliza os espaços abertos recreacionais à noite é o grupo dos que não vivem em frente a esses espaços. Talvez o motivo seja o mesmo mencionado anteriormente, quando analisada a utilização diária dos espaços abertos comuns no CHSB e, também porque, para essa faixa etária, a acessibilidade funcional e visual não é tão importante, quanto o é para os usuários menores.

Tabela 3.11: TURNO DE USO DOS ESPAÇOS ABERTOS COMUNS - ADOLESCENTES DE 12 A 18 ANOS INCOMPL.

LOCALIZAÇÃO DA HABITAÇÃO	TURNO DE USO	CHST	CHSB
NÃO FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 26 adolescentes CHSB = 11 adolescentes	manhã	18%	0%
	tarde	100%	80%
	noite	47%	60%
FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 15 adolescentes CHSB = 13 adolescentes	manhã	0%	31%
	tarde	85%	77%
	noite	23%	54%
TOTAL CHST = 41 adolescentes CHSB = 24 adolescentes	manhã	10%	17%
	tarde	93%	78%
	noite	37%	43%

Nos dois conjuntos habitacionais, o principal motivo dos usuários de 12 a 18 anos utilizarem os espaços abertos comuns é o de encontrar amigos. No CHST, as razões seguintes são, pela ordem: sentar e descansar, namorar, brincar, tomar sol, ter contato com a natureza e tomar mate (Tabela 3.12).

No CHSB, pelo fato de existirem quadras esportivas, praticar esportes foi o segundo motivo indicado nos questionários para essa faixa etária

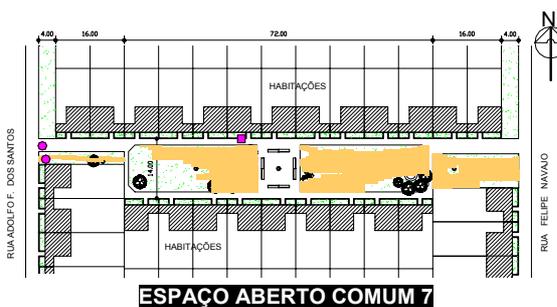
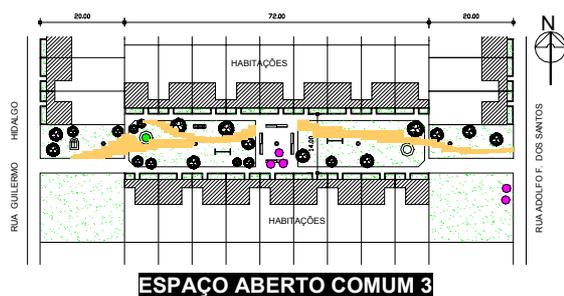
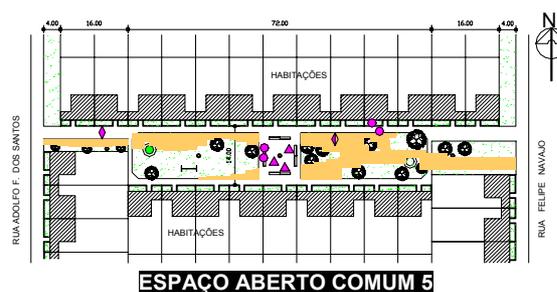
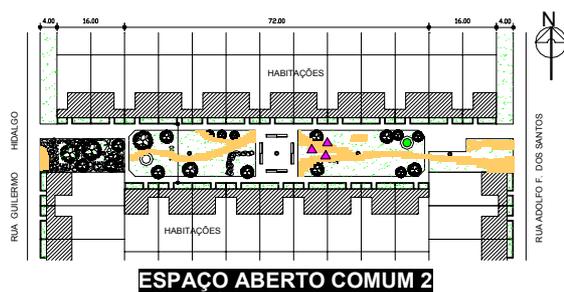
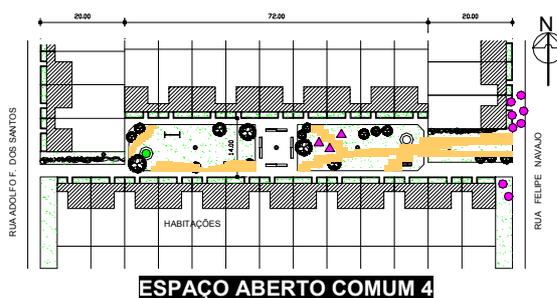
freqüentar esses espaços, seguido de namorar, tomar sol, sentar/descansar, brincar (Tabela 3.12).

Tabela 3.12: FINALIDADE DE USO DOS ESPAÇOS ABERTOS COMUNS - ADOLESCENTES DE 12 A 18 ANOS INC.

LOCALIZAÇÃO DA HABITAÇÃO	FINALIDADE DE USO	CHST	CHSB
NÃO FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 26 adolescentes CHSB = 11 adolescentes	brincar	0%	20%
	levar filho brincar	0%	0%
	namorar	65%	80%
	sentar/desc.	100%	30%
	praticar esportes	0%	70%
	encontrar amigos	100%	100%
	tomar sol	0%	10%
	contato natureza	0%	0%
	tomar mate	0%	0%
FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 15 adolescentes CHSB = 13 adolescentes	brincar	0%	15%
	levar filho brincar	23%	0%
	namorar	15%	15%
	sentar/desc.	69%	23%
	praticar esportes	0%	69%
	encontrar amigos	92%	77%
	tomar sol	15%	38%
	contato natureza	15%	23%
	tomar mate	8%	0%
TOTAL CHST = 41 adolescentes CHSB = 24 adolescentes	brincar	0%	17%
	levar filho brincar	10%	0%
	namorar	43%	43%
	sentar/desc.	87%	26%
	praticar esportes	0%	70%
	encontrar amigos	97%	87%
	tomar sol	7%	26%
	contato natureza	7%	13%
	tomar mate	3%	0%

Os resultados de como os espaços abertos comuns são usados e apropriados pelos usuários de 12 a 18 anos, e os tipos de atividade que ocorrem nesses ambientes, estão indicados nas Figuras 3.69 a 3.73, referentes ao CHST, e nas Figuras 3.74 a 3.80, referentes ao CHSB.

Pelas observações realizadas nos espaços abertos comuns dos dois conjuntos, percebeu-se que os jovens gostam de estar em grupo conversando, namorando, escutando música. Atividades esportivas, como vôlei, futebol, basquete, andar de bicicleta e patins também são bastante apreciadas.



Legenda das atividades desenvolvidas

- ◆ **Ativa individual** - 1 pessoa - andar de bicicleta...
- ▲ **Ativa em grupo** - 1 pessoa - jogar bola, brincar...
- **Passiva individual** - 1 pessoa - sentar, observar....
- **Passiva em grupo** - 1 pessoa - encontrar amigos, conversar, namorar...
- ◇ **Funcional** - 1 pessoa - limpar veículo, varrer...

Período de observação

15 a 31 de julho de 1994

Número de observações

Média 10 – todos os dias da semana
– 3 x ao dia – metade da manhã e tarde e início da noite.



Figura 3.70: Apropriação e uso do Espaço Aberto 5 do CHST - Adolescentes de 12 a 18 anos incompletos - encontrar amigos, jogar, namorar, sentar e observar



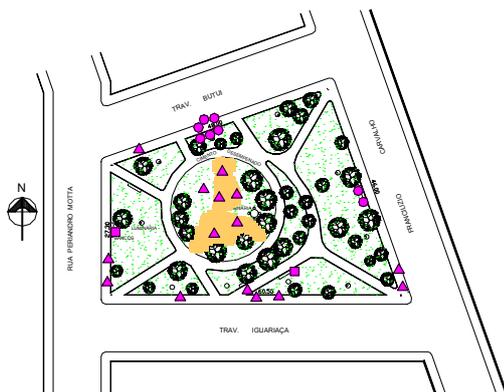
Figura 3.71: Apropriação e uso do Espaço Aberto Comum 4 do CHST - Adolescentes de 12 a 18 anos - encontrar amigos, sentar e observar



Figura 3.72: Apropriação e uso do Espaço Aberto Comum 6 do CHST - Adolescentes de 12 a 18 anos - encontrar amigos, lavar moto (atividade funcional)



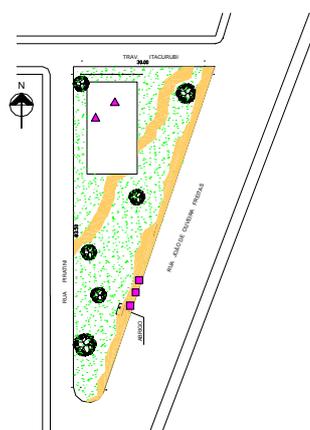
Figura 3.73: Apropriação e uso do Espaço Aberto Comum 5 do CHST - Adolescentes de 12 a 18 anos incompletos - encontrar amigos, namorar e varrer



PRAÇA 1



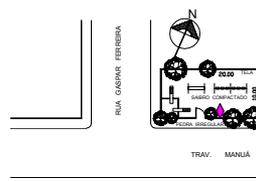
PRAÇA A 2



ÁREA VERDE 1



PRAÇA A 3



ÁREA VERDE 7

<ul style="list-style-type: none"> ◆ Ativa individual - 1 pessoa - andar de bicicleta, patins, skate... ▲ Ativa em grupo - 1 pessoa - jogar futebol, gincana, brincar... ■ Passiva individual - 1 pessoa - sentar, observar, tomar chimarrão... ● Passiva em grupo - 1 pessoa - encontrar amigos, conversar, namorar, tomar chimarrão... ◇ Funcional - 1 pessoa 	<p>Período de observação 15 a 31 de julho de 1994</p> <p>Número de observações Média 10 – todos os dias da semana – 3 x ao dia – metade da manhã e tarde e início da noite</p>
---	--

Fig B
Adolescentes de 12 a 18 anos incompletos



Figura 3.75: Apropriação e uso da Praça 1 do CHSB - Adolescentes de 12 a 18 anos incompletos - andar de patins, jogar futebol e observar -



Figura 3.76: Apropriação e uso da Praça 1 do CHSB - Adolescentes de 12 a 18 anos incompletos - encontrar amigos e jogar futebol -



Figura 3.77: Apropriação e uso da Praça 1 do CHSB - Adolescentes de 12 a 18 anos incompletos - encontrar amigos e observar -



Figura 3.78: A **centes de 12**
a 18 anos incompletos - jogar futebol -



Figura 3.79: Apropriação e uso da Praça 2 do CHSB - Adolescentes de 12 a 18 anos incompletos - jogar baralho, andar de bicicleta e observar -



Figura 3.80: Apropriação e uso da Praça 2 do CHSB - Adolescentes de 12 a 18 anos incompletos - andar de bicicleta, encontrar amigos e namorar -

Como já ocorreu com as outras faixas etárias, o espaço aberto comum, no CHST, mencionado como mais utilizado nos questionários, foi sempre o da frente da habitação, quando os adolescentes residiam em frente a esses ambientes, ou a mais próxima, quando a habitação era implantada de frente para a circulação viária (Figura 3.50), e o motivo mencionado para usá-los era que os amigos a freqüentavam e eles iam encontrá-los. Porém, pelas observações e entrevistas constatou-se que essa faixa etária utilizava pouco esses ambientes, isto é, as respostas às perguntas realizadas não correspondiam com as atitudes realmente adotadas, talvez isso ocorra porque para os adolescentes, a falta de privacidade interfere negativamente no uso desses espaços.

O espaço aberto comum mais utilizado no CHSB é a praça 2 (figuras 3.74, 3.78 a 3.80), preferida por essa faixa etária de 12 a 18 anos, porque os amigos a freqüentam e porque possui quadras esportivas e também porque o Centro Comunitário está localizado nesse espaço. Esses motivos exercem atração às pessoas dessa faixa etária. À tarde, nesse espaço começa a aumentar o número de jovens, que vão conversar, namorar, praticar esporte, mas é à tardinha que este lugar se converte em ponto de reunião. A partir desse momento, o grupo passa a dominar o ambiente e os espaços que antes eram utilizados pelas crianças para jogos de futebol informal e outras brincadeiras passam a servir de cenário para o encontro dos jovens. O segundo espaço mais indicado nos questionários é a praça 1 (Figuras 3.74 a 3.77), preferida por oferecer espaços que possibilitam andar de bicicletas e patins, jogar bola e outras atividades. Além disso, ela possui bancos confortáveis e tem uma vegetação considerada satisfatória pelos respondentes. O outro espaço utilizado é a área verde 1 (Figura 3.74), principalmente pelos moradores que residem em frente, para jogarem na quadra improvisada.

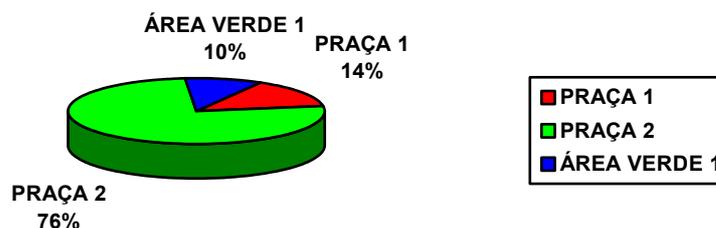


Figura 3.81: Espaços abertos comuns mais utilizados no CHSB - Adolescentes de 12 a 18 anos incompletos

A maioria dos moradores de 12 a 18 anos do CHST utilizam o Complexo Esportivo Municipal para recreação (80%); alguns respondentes não utilizam nenhum outro espaço no CHST, ou próximo a esse, para se divertir (20%) e nenhuma pessoa desse grupo etário utiliza a circulação viária como espaço recreativo (Figura 3.82).

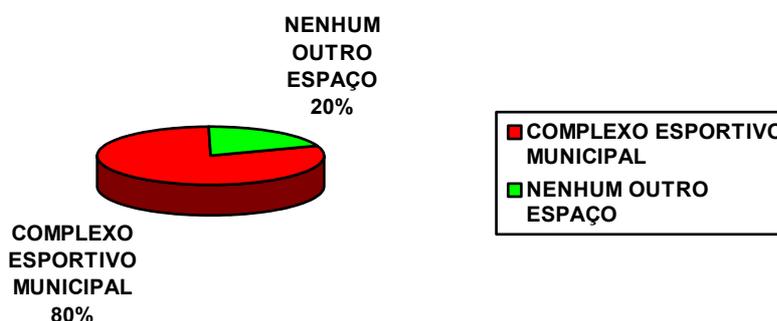


Figura 3.82: Outros espaços do CHST ou próximo a esse utilizados para

No entanto, o espaço que tem a preferência dos adolescentes no CHSB é o Centro Comunitário (35%), porque ele oferece várias atrações, como bailes, reuniões, jantares, campeonatos esportivos, gincana, e outras, seguido do campo de futebol (30%). Alguns dos respondentes não utilizam outro espaço para recreação (21%) e poucos usam as calçadas e ruas para se divertirem (10%) (Figura 3.83).

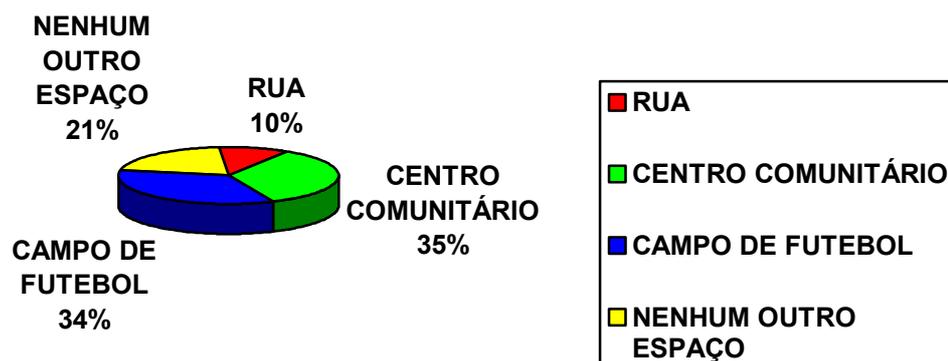


Figura 3.83: Outros espaços do CHSB ou próximo a esse utilizados para

3.1.2.4. Adultos de 18 anos a 60 anos incompletos

No CHST, o universo de indivíduos de 18 a 60 anos que responderam à questão 8 do questionário é de 61, no CHSB, esse universo é de 66 pessoas.

Os resultados da pesquisa indicaram que a maioria dos moradores de 18 anos a 60 anos incompletos, dos dois conjuntos habitacionais, utilizam os espaços abertos comuns. O percentual de uso é quase idêntico: os residentes do CHSB os utilizam um pouco mais (65%) do que os que vivem no CHST (62%). É possível que isso aconteça pelo fato de no CHSB, o Centro Comunitário estar localizado num dos espaços abertos comuns e, também, por serem oferecidos locais para atividades esportivas. Também nos dois conjuntos, são os adultos que têm suas habitações localizadas em frente a esses espaços que os utilizam mais (Tabela 3.13). Por conseguinte, a acessibilidade funcional e visual parece afetar o uso desses espaços pelos usuários de 18 a 60 anos.

Tabela 3.13: USO DOS ESPAÇOS ABERTOS COMUNS - ADULTOS DE 18 A 60 ANOS INCOMPLETOS

LOCALIZAÇÃO DA HABITAÇÃO	USO	CHST	CHSB
NÃO FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 29 adultos CHSB = 29 adultos	sim	34%	59%
	não	66%	41%
FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 32 adultos CHSB = 37 adultos	sim	88%	70%
	não	12%	30%
CHST = 61 adultos CHSB = 66 adultos	sim	62%	65%
	não	38%	35%

Nos dois conjuntos, os adultos que não utilizam os espaços abertos comuns alegam que faltam equipamentos e atrações que satisfaçam as suas necessidades, que não têm tempo disponível para freqüentá-los ou que preferem ficar em casa. Os que vivem em frente a esses espaços e não os freqüentam, além dos motivos expostos, afirmam que podem observar o movimento a partir de sua casa, o que lhes dá prazer. Portanto, a visibilidade aos espaços abertos propicia recreação aos residentes dessa faixa etária.

No CHST, 41% dos moradores adultos, que têm suas habitações localizadas em frente aos espaços abertos comuns, utilizam-nos diariamente (Tabela 3.14), mas nenhum adulto que vive em frente à rua utiliza-os todos os dias. Talvez a utilização diária seja motivada pelo desenho do CHST, que propicia aos residentes que moram em frente a esses espaços uma contigüidade de suas casas com essas áreas, criando um acesso funcional e visual direto, o que gera uma maior apropriação e conseqüentemente influenciando na freqüência de uso.

Tabela 3.14: FREQUÊNCIA DE USO DOS ESPAÇOS ABERTOS COMUNS - ADULTOS DE 18 A 60 ANOS INCOMPL.

LOCALIZAÇÃO DA HABITAÇÃO	FREQUÊNCIA DE USO	CHST	CHSB
NÃO FRENTE AO ESPAÇO ABERTO	todos os dias	0%	10%
CHST = 29 adultos	quase todos os dias (4-6)	0%	0%
CHSB = 29 adultos	com certa freqüência (2-3)	7%	24%
	raramente (1 ou menos)	27%	24%
	nunca	66%	42%
FRENTE AO ESPAÇO ABERTO	todos os dias	41%	11%
CHST = 32 adultos	quase todos os dias (4-6)	6%	18%
CHSB = 37 adultos	com certa freqüência (2-3)	41%	30%
	raramente (1 ou menos)	0%	11%
	nunca	12%	30%
TOTAL	todos os dias	21%	11%
CHST = 61 adultos	quase todos os dias (4-6)	3%	11%
CHSB = 66 adultos	com certa freqüência (2-3)	25%	27%
	raramente (1 ou menos)	13%	17%
	nunca	38%	34%

Entretanto, o percentual de adultos que freqüentam diariamente essas áreas no CHSB é só um pouco maior no grupo que tem a sua habitação localizada em frente aos espaços abertos comuns (11%) do que os que não estão situadas em frente a esses espaços (10%) (Tabela 3.14). Isso é possível acontecer porque o "layout" do CHSB propicia que a acessibilidade funcional não seja tão diferenciada entre os moradores que residem em frente aos espaços abertos comuns e os que não residem, o que gera apropriação semelhante a todos os moradores do conjunto, influenciando-os e estimulando-os igualmente.

Em ambos conjuntos os usuários de 18 a 60 anos, que não residem em frente aos espaços abertos comuns, não os utilizam no turno da manhã e apresentam um percentual de uso menor no turno da tarde e da noite, do que os que vivem em frente a esses espaços (Tabela 3.15).

Tabela 3.15: TURNO DE USO DOS ESPAÇOS ABERTOS COMUNS - ADULTOS DE 18 A 60 ANOS INCOMPLETOS

LOCALIZAÇÃO DA HABITAÇÃO	TURNO DE USO	CHST	CHSB
NÃO FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 29 adultos CHSB = 29 adultos	manhã	0%	0%
	tarde	80%	53%
	noite	20%	47%
FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 32 adultos CHSB = 37 adultos	manhã	39%	23%
	tarde	93%	58%
	noite	39%	65%
TOTAL CHST = 61 adultos CHSB = 66 adultos	manhã	29%	14%
	tarde	89%	56%
	noite	34%	58%

Os dados revelam que o turno preferido pelos residentes adultos no CHSB é o da noite, seguido do turno da tarde, especialmente ao cair da tarde, e do da manhã. Já os do CHST preferem o turno da tarde, também mais especificamente o final do turno, quando suspendem as atividades de trabalho cotidianos, seguido do turno da noite. A última opção é pelo turno da manhã (Tabela 3.15).

Os respondentes dos dois conjuntos citam que o principal motivo para a utilização dos espaços abertos comuns é encontrar os amigos. No CHST, os outros motivos são, pela ordem de preferência: sentar e descansar, tomar sol, tomar mate, levar os filhos para brincar, ter contato com a natureza e ver o movimento. No CHSB, as outras razões são: tomar mate, sentar/descansar, praticar esportes, levar o filho para brincar, tomar sol e ter contato com a natureza (Tabela 3.16).

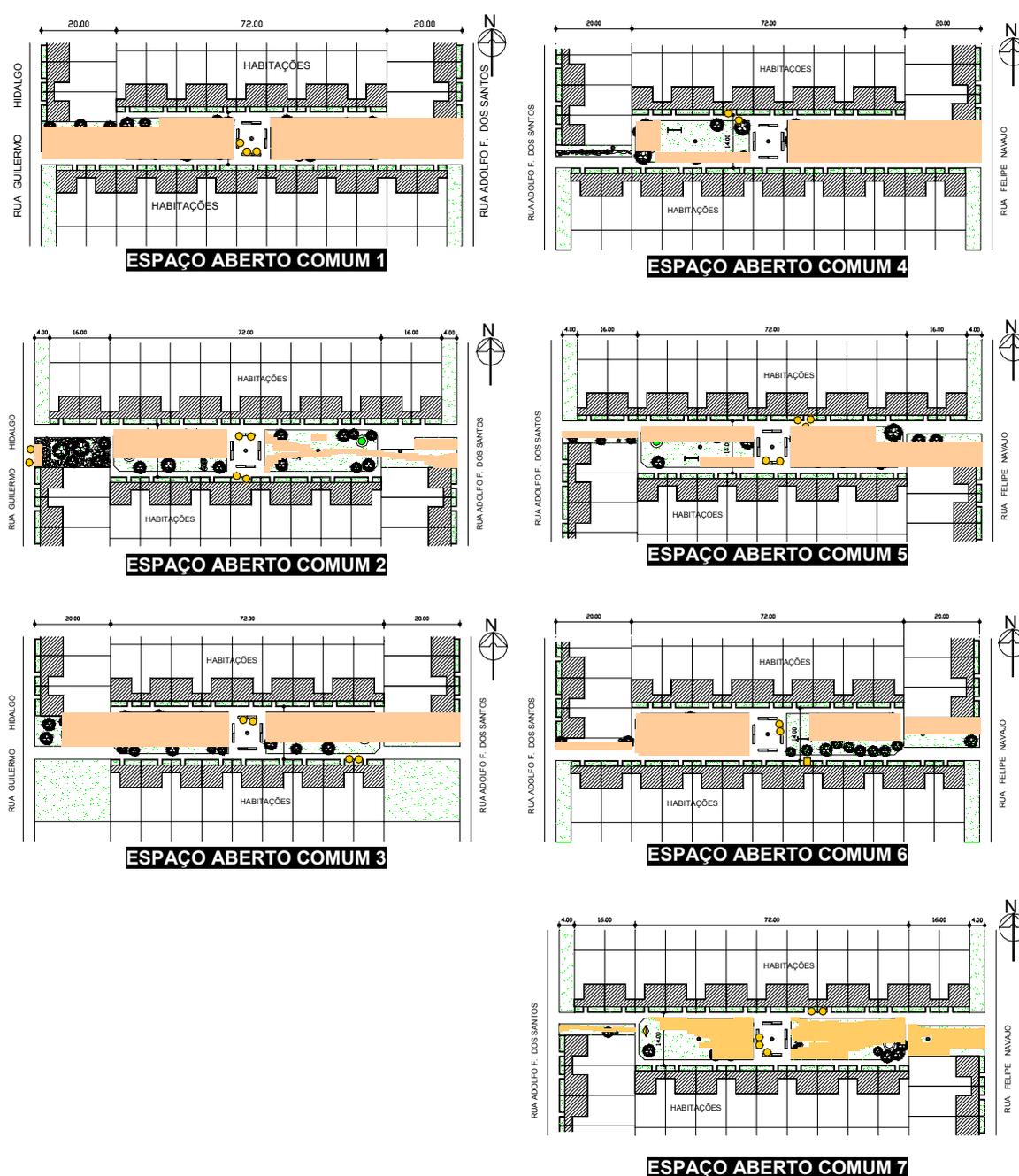
Tabela 3.16: FINALIDADE DE USO DOS ESPAÇOS ABERTOS COMUNS - ADULTOS DE 18 A 60 ANOS INCOMPLET.

LOCALIZAÇÃO DA HABITAÇÃO	FINALIDADE DE USO	CHST	CHSB
NÃO FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 29 adultos CHSB = 29 adultos	levar filho brincar	40%	12%
	sentar/desc.	60%	24%
	encontrar amigos	80%	100%
	tomar sol	40%	12%
	contato natureza	40%	0%
	tomar mate	40%	47%
	ver movimento	0%	0%
	FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 32 adultos CHSB = 37 adultos	levar filho brincar	21%
sentar/desc.		39%	27%
encontrar amigos		86%	88%
tomar sol		39%	31%
contato natureza		18%	31%
tomar mate		32%	19%
ver movimento		7%	0%
TOTAL CHST = 61 adultos CHSB = 66 adultos		levar filho brincar	26%
	sentar/desc.	44%	26%
	encontrar amigos	84%	93%
	tomar sol	39%	23%
	contato natureza	24%	19%
	tomar mate	34%	30%
	ver movimento	5%	0%

Os resultados de como os espaços abertos comuns são usados e apropriados pelos usuários de 18 a 60 anos, e os tipos de atividade que ocorrem nesses ambientes estão indicados na Figuras 3.84 a 3.88, referentes CHST, e na Figuras 3.89 a 3.93 referentes ao CHSB.

As observações realizadas nos dois conjuntos mostraram que, em ambos, as atividades recreativas apreciadas pelos adultos são semelhantes, ou

seja: encontrar os amigos, conversar, tomar chimarrão, ver o movimento. No CHSB, os respondentes dessa faixa etária também praticam esportes, visto que existem espaços para essa finalidade na praça 2. A quadra esportiva passa a ser utilizada pelos adultos, no final da tarde, entretanto, seu uso é mais intensificado à noite. As negociações de uso desses espaços são baseadas no diálogo, pelas diferentes faixas etárias e as regras são compartilhadas e flexíveis. No CHST, os espaços abertos comuns são uma extensão da casa: no fim da tarde, é costumeiro o encontro, principalmente das mulheres para conversar, tomar chimarrão e ver o movimento das crianças e dos vizinhos. Pelo fato de não existir local destinado aos esportes no conjunto habitacional, os adultos o praticam no Complexo Esportivo Municipal.



Legenda das atividades desenvolvidas

- ◆ **Ativa isolada** - 1 pessoa
- ▲ **Ativa em grupo** - 1 pessoa
- **Passiva isolada** - 1 pessoa - sentar, observar...
- **Passiva em grupo** - 1 pessoa - encontrar amigos, conversar, tomar chimarrão....
- ◆ **Funcional** - 1 pessoa - consertar e lavar automóvel, plantar...

Período de observação

15 a 31 de julho de 1994

Número de observações

Média 10 – todos os dias da semana
– 3 x ao dia – metade da manhã e tarde e início da noite

Figura 3.84: Mapa Comportamental - Espaços Abertos Comuns do CHST - Adulto de 18 a 60 anos incompletos



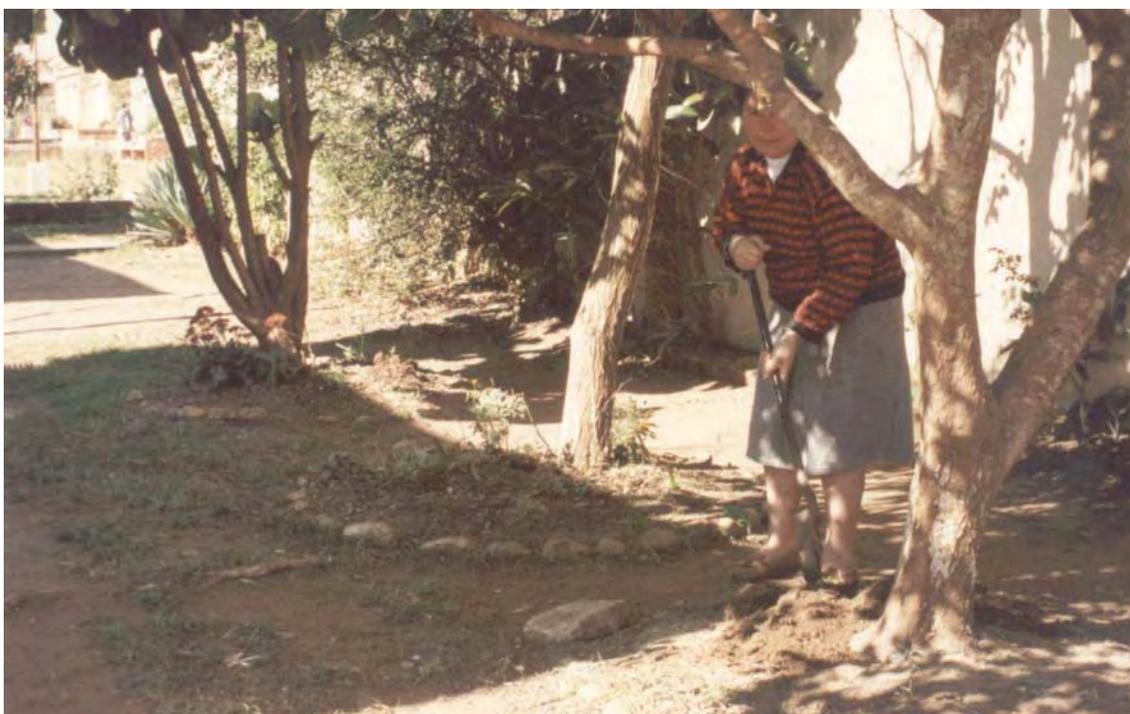
Fig **de**
18 a 60 anos incompletos - encontrar amigos, sentar/conversar, tomar chimarrão e observar -



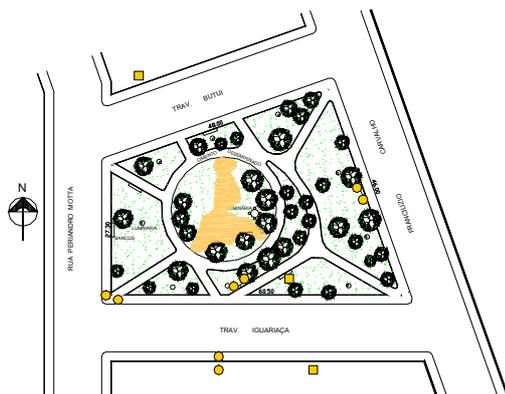
Figura 3.86: Apropriação e uso do Espaço Aberto Comum 2 do CHST - A



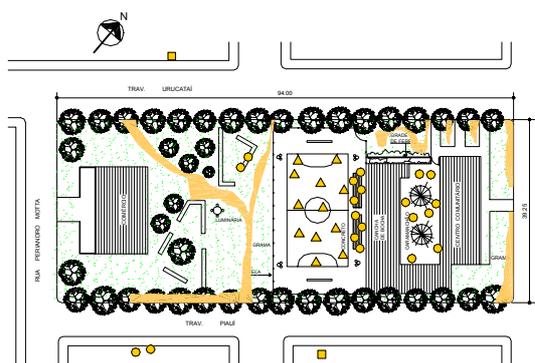
**Figura 3.87: Apropriação e uso dos Espaços Abertos Comum 1 do CHST
Adultos de 18 a 60 anos incompletos - lavar automóvel (veículos estacionados)**



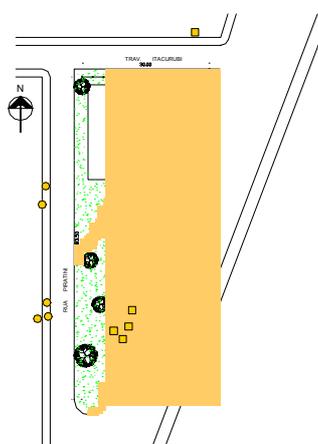
**Figura 3.88: Apropriação e uso do Espaço Aberto Comum 3 do CHST
Adultos de 18 a 60 anos incompletos - plantar**



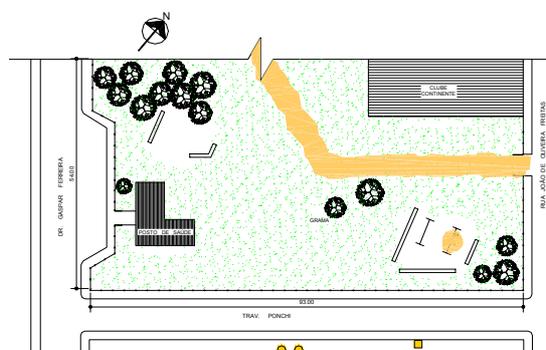
PRAÇA 1



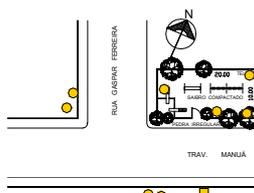
PRAÇA 2



ÁREA VERDE 1



PRAÇA 3



ÁREA VERDE 7

Legenda das atividades desenvolvidas

- ◆ **Ativa isolada** - 1 pessoa - andar bicicleta caminhar....
- ▲ **Ativa em grupo** - 1 pessoa -jogar futebol, bocha, gincana...
- **Passiva isolada** - 1 pessoa - sentar, observar, esperar ônibus...
- **Passiva em grupo** - 1 pessoa - tomar chimarrão, encontrar amigos, conversar....
- ◆ **Funcional** - 1 pessoa – plantar vegetação...

Período de observação

15 a 31 de julho de 1994

Número de observações

Média 10 – todos os dias da semana – 3 x ao dia – metade da manhã e tarde e início da noite.

Figura 3.89: Mapa Comportamental - Espaços Abertos Comuns do CHSB - Adultos de 18 a 60 anos incompletos



Figura 3.90: Apropriação e uso da Praça 1 do CHSB - Adultos de 18 a 60 anos incompletos - encontrar amigos, sentar, conversar e observar -



Figura 3.91: Apropriação e uso da Praça 2 do CHSB - Adultos de 18 a 60 anos incompletos - jogar bocha -



Figura 3.92: Apropriação e uso da Praça 2 do CHSB - Adultos de 18 a 60 anos incompletos - participar de atividades promovidas pela associação de moradores -



Figura 3.93: Apropriação e uso da Área Verde 7 do CHSB – Adultos de 18 a 60 anos incompletos - levar o filho para brincar -

No CHST, assim como ocorreu com as outras faixas etárias, o espaço aberto comum mencionado como mais utilizado é sempre o da frente da casa para os que moram em frente a esses espaços, porque o acesso funcional e visual é fácil. Na eventualidade de surgir problema dentro de casa, as pessoas podem ser chamadas, facilmente, o que proporciona tranquilidade para encontrar os vizinhos, conversar, tomar chimarrão e ver o movimento. Quando a habitação dá para a frente de rua, os residentes preferem o espaço mais próximo. O motivo mencionado para usá-lo foi o de levar os filhos para brincar, pois tinha acesso fácil e apresentava segurança em relação aos perigos do tráfego veicular, já que não havia necessidade de atravessar nenhuma circulação viária.

O espaço aberto comum mais utilizado pelos adultos do CHSB (figura 3.94) é a praça 2 (Figura 3.90 a 3.92), preferida pelas seguintes razões: possuir o centro comunitário, a quadra esportiva, onde jogam futebol, vôlei e basquete; ter cancha de bocha; apresentar animação e movimento; ser utilizada pelos amigos e poderem assistir aos jogos se não quiserem praticar esporte.

A segunda praça do CHSB preferida é a número 1 (30%) (Figura 3.89 e 3.90), mencionada por proporcionar um ambiente acolhedor e tranquilo, apresentar zonas de sombra e sol e possuir bancos confortáveis de madeira e com encosto, em que podem sentar para tomar chimarrão e conversar com os amigos, enquanto observam o movimento. Essa faixa etária também utiliza a área verde 7 (5%) (Figuras 3.90 e 3.93), pois esse é o espaço preferido para levar os filhos para brincar.

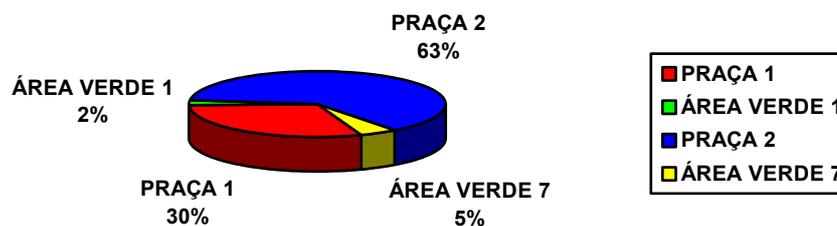


Figura 3.94: Espaços abertos comuns mais utilizados no CHSB Adultos de 18 a 60 anos incompletos

No CHST, a maioria dos adultos (56%) não utiliza nenhum outro espaço do conjunto, ou próximo a este, para desenvolver atividades recreativas, mas o local preferido dos que utilizam outro espaço para recreação é o Complexo Esportivo Municipal (41%), seguido da rua/calçada (3%), pois costumam colocar cadeiras para observar o movimento (Figura 3.95).

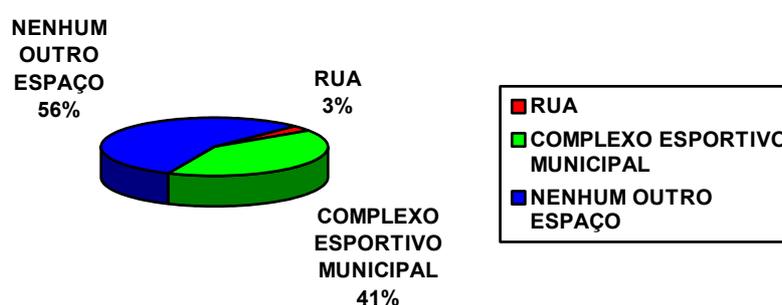


Figura 3.95: Outros espaços do CHST ou próximo a esse utilizados para

Já no CHSB, o outro espaço preferido pelos adultos é o Centro Comunitário (72%), por ser o local onde a comunidade se encontra para realizar festas, almoços, competições e conversar, seguido do campo de futebol (23%). Poucos usam as calçadas e ruas para se divertirem (5%) e quando o fazem, é para observarem o movimento (Figura 3.96).

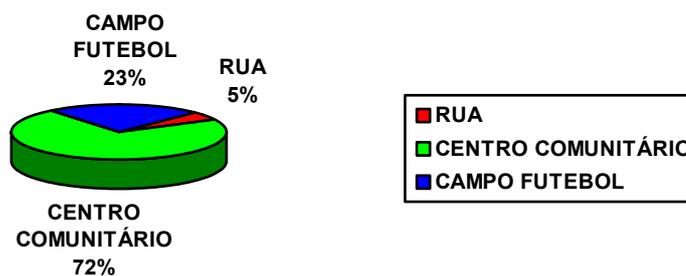


Figura 3.96: Outros espaços do CHSB ou próximo a esse utilizados para recreação - Adultos de 18 a 60 anos incompletos

Após conhecer os resultados da apropriação dos espaços abertos comuns pelos adultos de 18 a 60 anos, pode-se apontar que os aspectos que mais incentivam e influenciam positivamente o uso desses espaços, por essa faixa etária são: a presença de equipamentos para recreação que atendam as suas necessidades, como bancos para sentar, para conversar, etc., e a existência de espaços para atividades esportivas; acessibilidade funcional e visual e a sensação de segurança, embora outros aspectos também sejam considerados importantes.

3.1.2.5. Idosos a partir de 60 anos

O universo de residentes com mais de 60 anos, levantados na questão 8 do questionário no CHST é de 3 pessoas e no CHSB, esse universo é de 9. Portanto, o número de idosos é bem menor do que as outras faixas etárias. Deduz-se que isso talvez ocorra porque os conjuntos habitacionais foram concluídos a 14 anos no CHST e a 17 anos no CHSB, por conseguinte, a maioria dos proprietários das habitações ainda são adultos e os poucos idosos que aí vivem, geralmente moram junto com seus filhos.

Os dados obtidos indicaram que nenhum dos 3 idosos do CHST utiliza os espaços abertos comuns, ao contrário dos idosos do CHSB, onde a maioria deles (56%) utiliza os espaços com fins de recreação: o percentual de uso daqueles que não residem em frente a esses espaços é maior do que o daqueles que moram em frente a esses espaços (Tabela 3.17).

Tabela 3.17: USO DOS ESPAÇOS ABERTOS COMUNS - IDOSOS ACIMA DE 60 ANOS

LOCALIZAÇÃO DA HABITAÇÃO	USO	CHST	CHSB
NÃO FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 2 idosos CHSB = 6 idosos	sim	0%	67%
	não	100%	33%
FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 1 idoso CHSB = 3 idosos	sim	0%	33%
	não	100%	67%
TOTAL CHST = 3 idosos CHSB = 9 idosos	sim	0%	56%
	não	100%	44%

Em ambos os conjuntos, os idosos que não os utilizam justificam essa escolha, dizendo que faltam atrações, que gostam de ficar em suas casas e que as pessoas de sua faixa etária também não os freqüentam, não tendo assim com quem conversar. Alguns idosos que residem em frente aos espaços abertos comuns, nos dois conjuntos, responderam, como alguns outros adultos, que não freqüentam os espaços abertos comuns, pois podem observar esses espaços a partir de suas habitações, o que lhes permite registrar todo o tipo de comportamento e atividades. Assim, apesar de espectadores, na verdade participam dos acontecimentos, a partir da janela, ou da porta de suas casas, ou do jardim em frente a elas. Eles controlam o ambiente e intervêm, quando necessário.

Por essa razão, nota-se que 67% dos 3 idosos do CHSB que residem de frente a esses espaços nunca os utilizam e 33% usa-os com uma certa freqüência - 2 a 3 dias na semana; já a metade dos 6 idosos que não moram em frente aos espaços recreacionais freqüenta esses ambientes quase todos os dias - 4 a 6 dias na semana (Tabela 3.18).

Tabela 3.18: FREQUÊNCIA DE USO DOS ESPAÇOS ABERTOS COMUNS - IDOSOS ACIMA DE 60 ANOS

LOCALIZAÇÃO DA HABITAÇÃO	FREQUÊNCIA DE USO	CHST	CHSB
NÃO FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 2 idosos CHSB = 6 idosos	todos os dias	0%	0%
	quase todos os dias (4-6)	0%	50%
	com certa frequência (2-3)	0%	17%
	raramente (1 ou menos)	0%	0%
	nunca	100%	33%
FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 1 idosos CHSB = 3 idosos	todos os dias	0%	0%
	quase todos os dias (4-6)	0%	0%
	com certa frequência (2-3)	0%	33%
	raramente (1 ou menos)	0%	0%
	nunca	100%	67%
TOTAL CHST = 3 idosos CHSB = 9 idosos	todos os dias	0%	0%
	quase todos os dias (4-6)	0%	33%
	com certa frequência (2-3)	0%	22%
	raramente (1 ou menos)	0%	0%
	nunca	100%	45%

A Tabela 3.19 demonstra que os idosos do CHSB frequentam os espaços abertos comuns apenas no turno da tarde.

Tabela 3.19: TURNO DE USO DOS ESPAÇOS ABERTOS COMUNS - IDOSOS ACIMA DE 60 ANOS

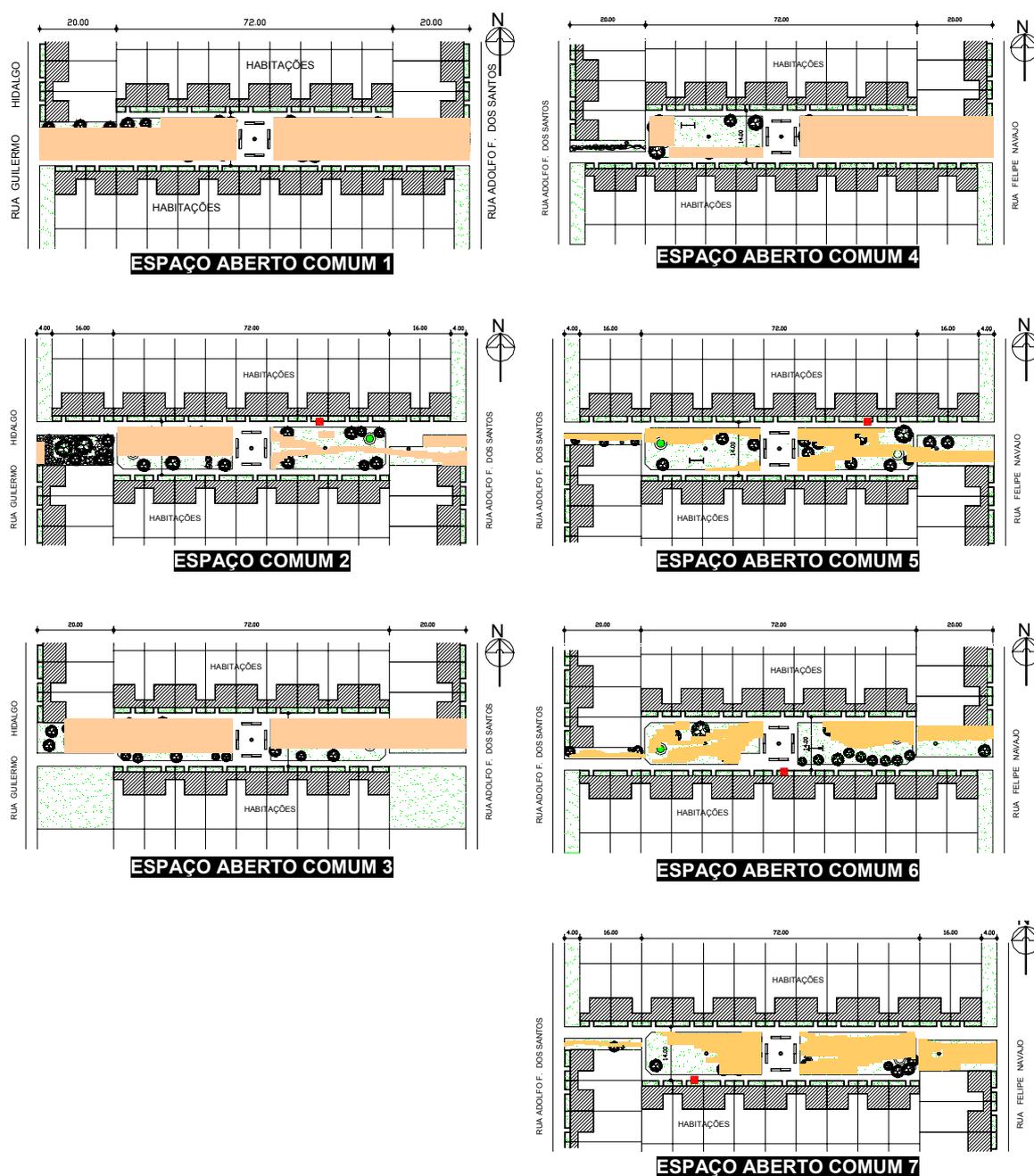
LOCALIZAÇÃO DA HABITAÇÃO	TURNO DE USO	CHST	CHSB
NÃO FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 2 idosos CHSB = 6 idosos	manhã	0%	0%
	tarde	0%	100%
	noite	0%	0%
FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 1 idosos CHSB = 3 idosos	manhã	0%	0%
	tarde	0%	100%
	noite	0%	0%
TOTAL CHST = 3 idosos CHSB = 9 idosos	manhã	0%	0%
	tarde	0%	100%
	noite	0%	0%

Pelas observações realizadas nos espaços abertos comuns no CHST e no CHSB, percebeu-se que as atividades apreciadas pelos idosos são as passivas: sentar, observar, tomar chimarrão e conversar. Já nos questionários, respondidos pelos moradores do CHSB, os motivos mencionados foram, pela ordem de preferência: encontrar amigos, sentar/descansar, tomar sol e ter contato com a natureza (Tabela 3.20).

Tabela 3.20: FINALIDADE DE USO DOS ESPAÇOS ABERTOS COMUNS - IDOSOS - ACIMA DE 60 ANOS

LOCALIZAÇÃO DA HABITAÇÃO	FINALIDADE DE USO	CHST	CHSB
NÃO FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 2 idosos CHSB = 6 idosos	sentar/desc.	0%	75%
	encontrar amigos	0%	100%
	tomar sol	0%	75%
	contato natureza	0%	50%
	tomar mate	0%	25%
FRENTE AO ESPAÇO ABERTO CHST = 1 idosos CHSB = 3 idosos	sentar/desc.	0%	0%
	encontrar amigos	0%	100%
	tomar sol	0%	0%
	contato natureza	0%	0%
	tomar mate	0%	0%
TOTAL CHST = 3 idosos CHSB = 9 idosos	sentar/desc.	0%	60%
	encontrar amigos	0%	100%
	tomar sol	0%	60%
	contato natureza	0%	40%
	tomar mate	0%	20%

As Figuras 3.97 e 3.98 apresentam como os espaços abertos comuns são usados e apropriados pelos idosos residentes no CHST e CHSB respectivamente, bem como os tipos de atividades que ocorrem nesses ambientes.



Legenda das atividades desenvolvidas

- ◆ **Ativa individual** - 1 pessoa
- ▲ **Ativa em grupo** - 1 pessoa
- **Passiva individual** - 1 pessoa - sentar, observar, tomar chimarrão
- **Passiva em grupo** - 1 pessoa - encontrar amigos, conversar, tomar chimarrão...
- ◆ **Funcional** - 1 pessoa

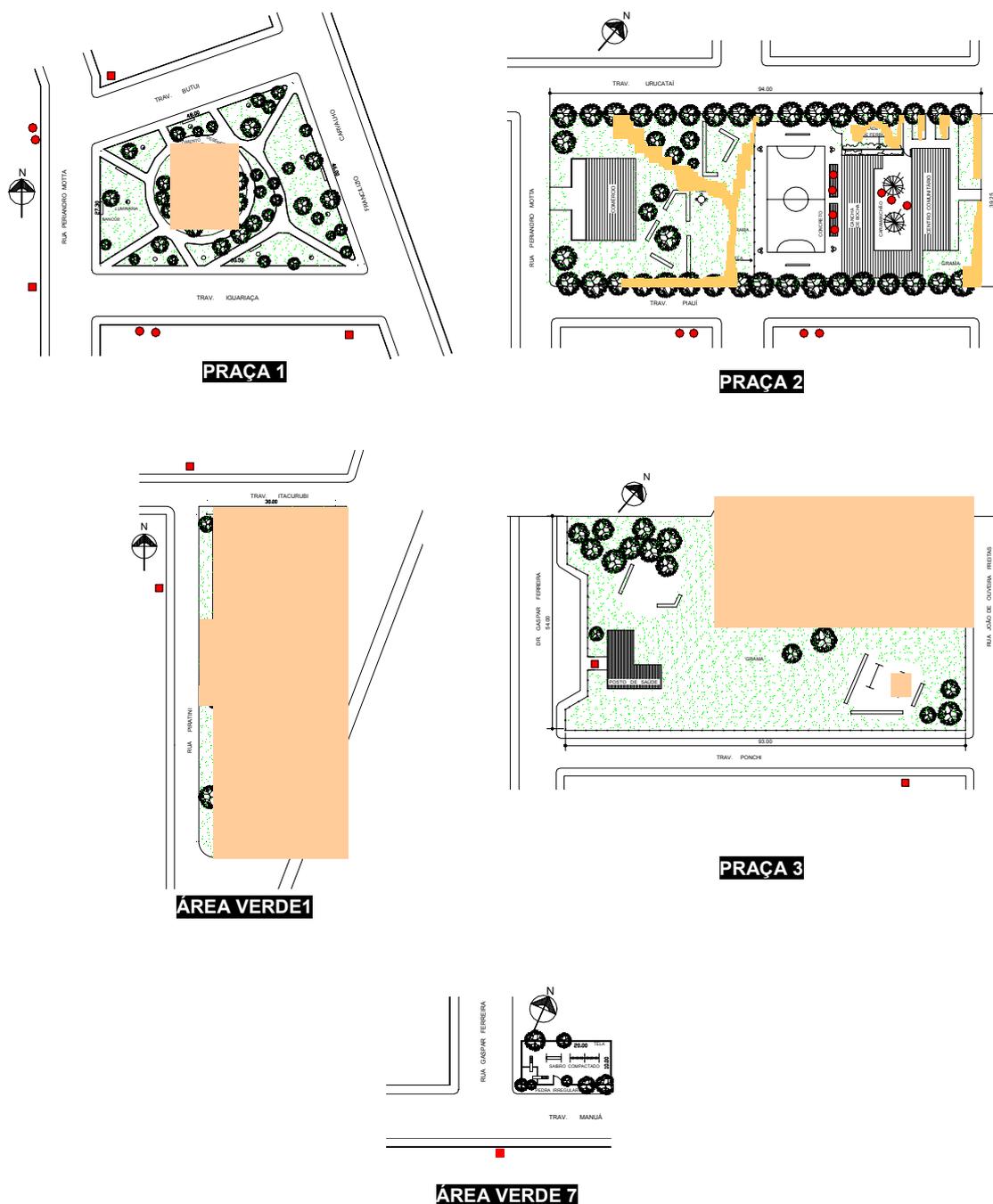
Período de observação

15 a 31 de julho de 1994

Número de observações

Média 10 – todos os dias da semana
– 3 x ao dia – metade da manhã e tarde e início da noite.

Figura 3.97: Mapa Comportamental - Espaços Abertos Comuns do CHST - Idosos acima de 60 anos



Legenda das atividades desenvolvidas

- ◆ **Ativa individual** - 1 pessoa
- ▲ **Ativa em grupo** - 1 pessoa
- **Passiva individual** - 1 pessoa - sentar, observar, tomar chimarrão
- **Passiva em grupo** - 1 pessoa - encontrar amigos, conversar, tomar chimarrão...
- ◆ **Funcional** - 1 pessoa

Período de observação

15 a 31 de julho de 1994

Número de observações

Média 10 – todos os dias da semana – 3 x ao dia – metade da manhã e tarde e início da noite

Figura 3.98: Mapa Comportamental - Espaços Abertos Comuns do CHSB - Idosos acima de 60 anos

A praça mais utilizada no CHSB, pela amostra de 9 usuários acima de 60 anos, é a número 1 (78%), preferida por proporcionar um ambiente tranquilo e acolhedor, ter boa sombra, possuir bancos confortáveis (madeira com encosto) e ser movimentada. A outra praça preferida é a número 2 (22%), mencionada por estar localizada em frente a suas casas, e por ser freqüentada também pelos filhos, netos e amigos (Figura 3.99).

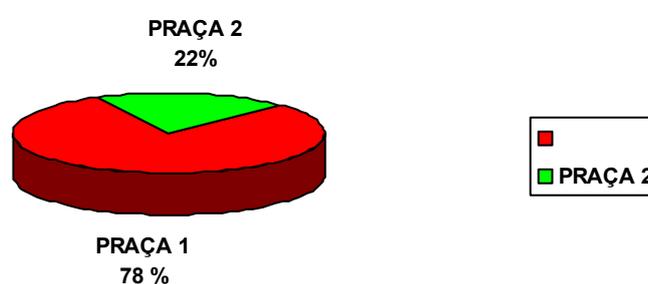


Figura 3.99: Espaços abertos comuns mais utilizados no CHSB Idosos - acima de 60 anos

Quanto à eventual utilização de algum espaço do conjunto, ou próximo a este, para recreação, os 3 idosos do CHST não utilizam nenhum e a maioria dos do CHSB também não utiliza nenhum outro espaço para essa finalidade. Os idosos que o fazem preferem o Centro Comunitário e o Clube Continente (Figura 3.100).

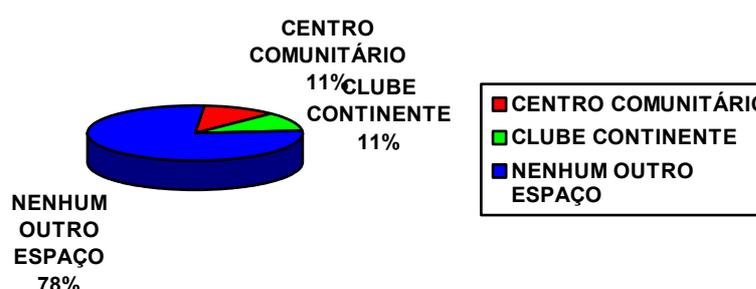
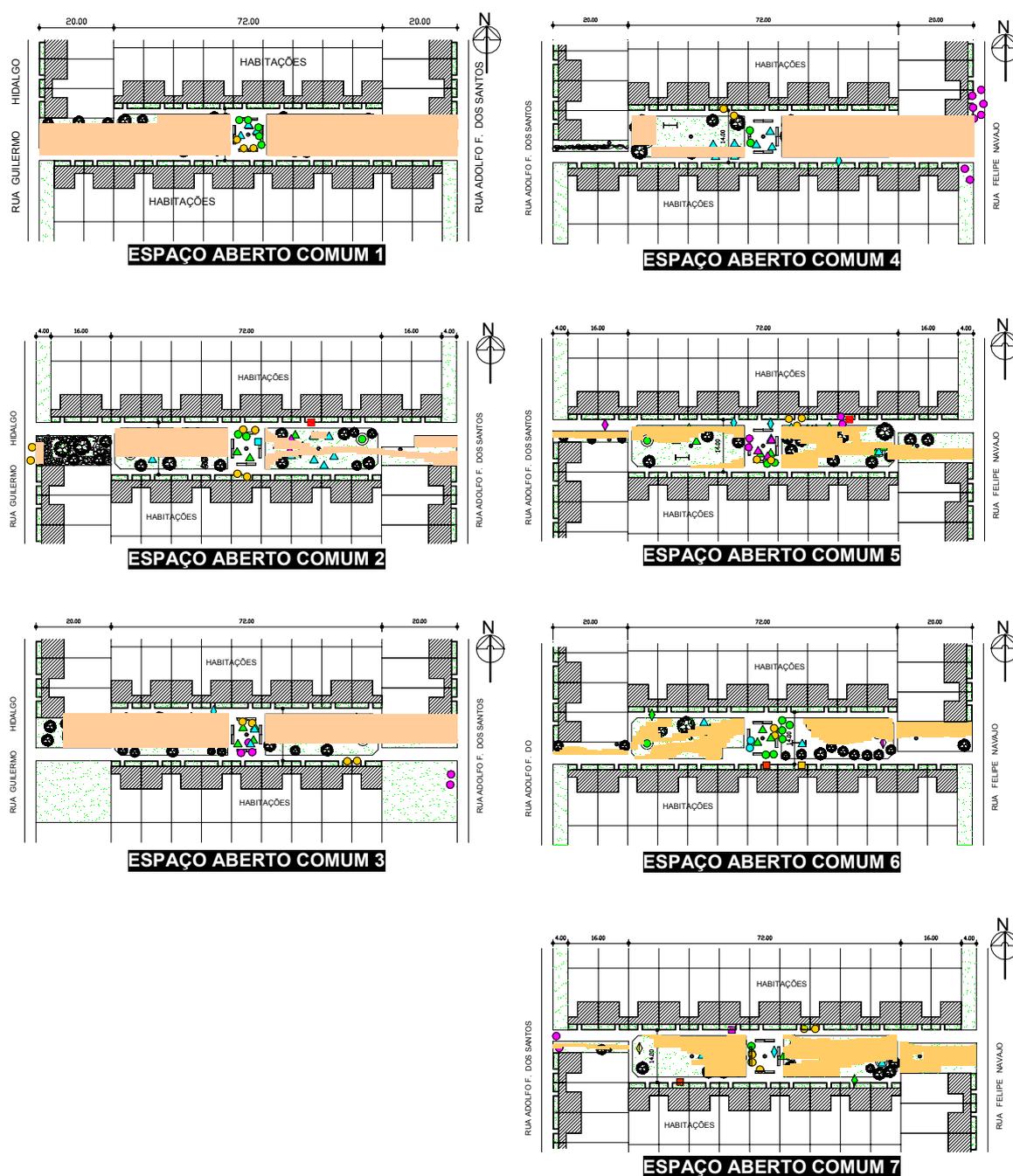


Figura 3.100: Outros espaços do CHSB ou próximo a esse utilizados para

Em síntese, os dados permitem dizer que, os aspectos que afetam positivamente o uso e apropriação dos espaços abertos comuns pelos idosos acima de 60 anos, são a existência de ambiente com qualidade físico-espacial e equipamentos recreacionais adequados que satisfaçam os desejos e expectativas dessa faixa etária, ou seja, espaços percebidos como acolhedores, com bancos confortáveis, que oportunizem relacionamento interpessoal, criando movimento e animação, conseqüentemente produzindo sensação de segurança aos usuários. Enfim, parece ser fundamental que os usuários idosos percebam que os espaços abertos comuns atendam aos seus interesses e necessidades, para serem motivados a freqüentá-los.

As Figuras 3.101 e 3.102 apresentam os resultados do levantamento da localização dos espaços abertos comuns com fins recreacionais e como eles são usados e apropriados pelos usuários de todas as faixas etárias, nos dois conjuntos.



Legenda dos Usuários

- Crianças até 6 anos incompletos - 1 pessoa
- Crianças de 6 a 12 anos incompletos - 1 pessoa
- Adolescentes de 12 a 18 anos incompl. - 1 pessoa
- Adultos de 18 a 60 anos incompletos - 1 pessoa
- Idosos acima de 60 anos - 1 pessoa

Período de observação

15 a 31 de julho de 1994

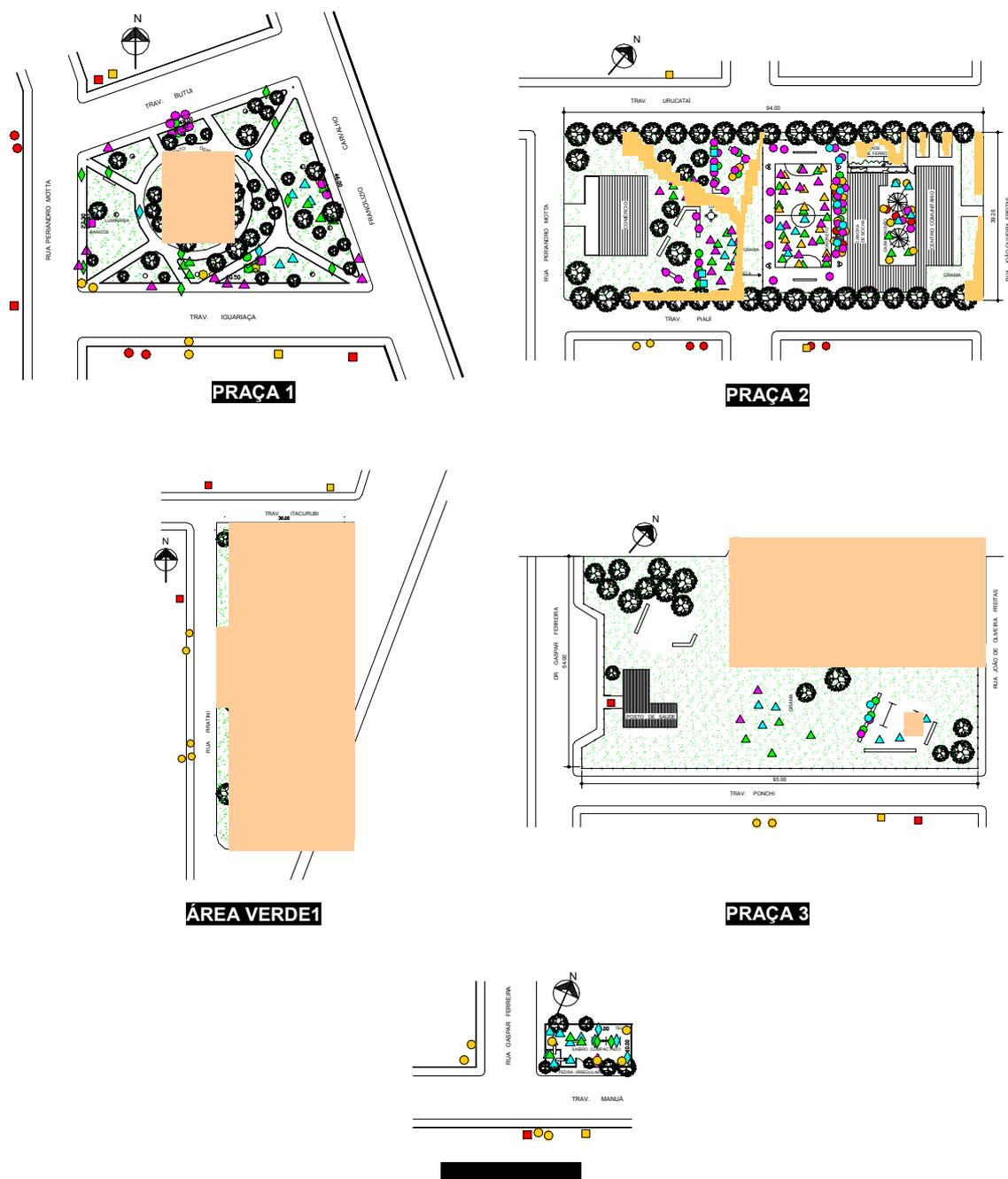
Nº de observações

Média 10 – todos os dias da semana – 3 x ao dia – metade da manhã e tarde e início da noite.

Figura 3.101

CHST - Todas as faixas etárias

omuns do



Legenda dos Usuários

- Crianças até 6 anos incompletos - 1 pessoa
- Crianças de 6 a 12 anos incompletos - 1 pessoa
- Adolescentes de 12 a 18 anos incompletos - 1 pessoa
- Adultos de 18 a 60 anos incompletos - 1 pessoa
- Idosos acima de 60 anos - 1 pessoa

Período de observação

15 a 31 de julho de 1994

Nº de observações

Média 10 – todos os dias da semana – 3 x ao dia – metade da manhã e tarde e início da noite.

Figura 3.102: Mapa Comportamental - Espaços Abertos Comuns do CHSB - Todas as faixas etárias

Os questionários - questão 8 - aplicados aos usuários dos espaços abertos nos dois conjuntos habitacionais revelaram diferentes freqüências de uso e formas de apropriação.

Nos dois conjuntos, pelo fato da maioria serem moradores há muitos anos e se conhecerem a bastante tempo, as relações se tornaram pessoais. As comunidades utilizam os espaços abertos comuns para fazer contato e isso produz socialização e segurança.

Em determinadas ocasiões, os espaços abertos comuns do CHSB transformam-se em locais de festa e toda a comunidade participa, como, por exemplo, para encerramento de gincana (Figura 3.103), ou de campeonato esportivos ou comemorações em geral. Nessas ocasiões, ocorre uma integração muito grande entre os moradores do conjunto habitacional.



Figura 3.103: A Praça 2 do CHSB se transforma em local de festa

No CHST, a contigüidade das casas, e destas com os espaços abertos comuns, facilita a comunicação entre os vizinhos. Esses espaços tornam-se uma extensão de suas casas, têm um significado semiprivado, propiciam uma rede de relações entre os vizinhos, criam uma intimidade social muito grande na quadra. Por conseguinte, as crianças daqueles espaços aberto utilizam livremente para se divertirem, os jovens unem-se aos amigos para conversar, escutar música e outros motivos, embora reclamem da falta de privacidade, e os moradores adultos, especialmente, os que vivem em frente aos espaços abertos comuns, quando suspendem as atividades cotidianas, normalmente no final da tarde, têm o hábito de sentarem nos bancos dos espaços abertos comuns ou de colocar cadeiras na frente de suas casas. Encaram esse hábito como recreação, pois nessas ocasiões encontram-se com os amigos e vizinhos, tomam chimarrão e olham o movimento. Somente os idosos consultados não freqüentavam esses espaços, mas observam-no e o controlam a partir de suas casas, sendo está uma forma de apropriação do espaço.

A comunidade do CHST incorporou informalmente ao conjunto habitacional o Complexo Esportivo Municipal, que está localizado na sua divisa, utilizando intensamente esse ambiente, provavelmente porque o projeto urbanístico não destinou espaços para a realização de atividades esportivas, talvez devido ao tamanho dos espaços abertos comuns não serem adequados a esse tipo de prática. Em suma, pelas razões verificadas nos dois conjuntos, acreditamos que os espaços abertos comuns geram uma riqueza de experiências para as pessoas de todas as idades.

3.2. Nível de satisfação dos usuários

Serão identificados, a partir de agora, os resultados provenientes dos dados coletados através das respostas aos questionários (com exceção da questão 8, já abordada no item 3.1.2.). O questionário visou identificar os fatores contextuais - características físicas do ambiente - que afetam positiva ou negativamente a percepção do usuário e, conseqüentemente, o seu grau de satisfação, tanto com os espaços abertos comuns, quanto com esses fatores contextuais individualizados. Os dados coletados a partir dos questionários foram enriquecidos pelas entrevistas realizadas junto aos usuários e pela observação dos ambientes em estudo.

3.2.1. Nível de satisfação dos usuários em relação aos espaços abertos comuns recreacionais e aos conjuntos habitacionais: pontos positivos e negativos

Os questionários aplicados nos dois conjuntos habitacionais revelaram que a maioria dos informantes estava satisfeita com os espaços abertos comuns recreacionais do seu respectivo conjunto, embora os que vivem no CHSB estejam mais satisfeitos do que os que moram no CHST. Neste último, os residentes que moram em frente a esses espaços apresentavam um índice maior de satisfação com os espaços abertos comuns (87% - 26 de 30), do que os que residem em frente à rua (60% - 18 de 30) (Tabela 3.21).

Tabela 3.21: NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM OS ESPAÇOS ABERTOS COMUNS DO CONJUNTO HABITACIONAL

Localização Habitação	Conjunto Habitacional Santo Tomé			Conjunto Habitacional São Borja		
	satisfeito	neutro	insatisfeito	satisfeito	neutro	insatisfeito
não frente espaço aberto	60,0%	20,0%	20,0%	93,0%	7,0%	0,0%
frente espaço aberto	87,0%	13,0%	0,0%	70,0%	18,0%	12,0%
total	73,5%	16,5%	10,0%	81,5%	12,5%	6,0%

No CHSB, pelo contrário, foram as pessoas que não vivem em frente aos espaços abertos comuns as que apresentaram o maior índice de satisfação com esses espaços (93% - 28 de 30) em comparação com as que vivem em frente a eles (70% - 21 de 30) (Tabela 3.21). A análise dos questionários, contudo, revela que os moradores que não estão satisfeitos com os espaços abertos comuns, e que vivem em frente a eles, são os que estão localizados em frente à área verde 1, que não possui equipamentos, apresenta deficiência na limpeza e tem circulação de veículos intensa em uma de suas bordas.

Os moradores do CHSB, além de estarem mais satisfeitos com os espaços abertos comuns, também apresentam um grau maior de satisfação com o conjunto habitacional (Tabela 3.22), o que leva a deduzir que talvez a existência de espaços abertos comuns adequados às necessidades dos usuários seja uma das variáveis que afetam a satisfação com o conjunto.

Tabela 3.22: NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM O CONJUNTO HABITACIONAL

Localização Habitação	Conjunto Habitacional Santo Tomé			Conjunto Habitacional São Borja		
	Satisfeito	neutro	insatisfeito	satisfeito	neutro	insatisfeito
não frente espaço aberto	93%	7%	0%	100%	0%	0%
frente espaço aberto	87%	13%	0%	88%	6%	6%
total	90%	10%	0%	94%	3%	3%

Nos questionários foi solicitada uma manifestação livre sobre os pontos positivos e negativos dos espaços abertos comuns nos dois conjuntos. A tabulação das respostas obtidas resultou nos itens apresentados nas Tabelas 3.23 e 3.24. Nelas também foram indicadas as respectivas frequências de ocorrência.

TABELA 3.23: NÚMERO E FREQUÊNCIA DE OCORRÊNCIA DAS RESPOSTAS INDICANDO OS PONTOS POSITIVOS DOS ESPAÇOS ABERTOS COMUNS

ITEM	PONTOS POSITIVOS	CHST		CHSB	
1.	É SEGURA	13	23,21%	7	10,94%
2.	É LOCALIZADA PRÓXIMA À HABITAÇÃO	9	16,07%	6	9,38%
3.	É BEM ILUMINADA	0	0,00%	7	10,94%
4.	TEM ESPAÇO RECREACIONAL INFANTIL	3	5,36%	6	9,38%
5.	NÃO CIRCULA VEÍCULOS	3	5,36%	0	0,00%
6.	FACILITA O CONTATO COM O VIZINHO	1	1,79%	5	7,81%
7.	PODE-SE OBSERVAR DE CASA AS CRIANÇAS BRINCANDO	9	16,07%	4	6,25%
8.	É CALMA E TRANQUÍLA	4	7,14%	4	6,25%
9.	TEM BANCOS	2	3,59%	4	6,25%
19.	NÃO TEM PONTOS POSITIVOS	2	3,59%	0	0,00%
11.	TUDO É POSITIVO	1	1,79%	0	0,00%
12.	É VIGIADA E CONTROLADA PELOS MORADORES	1	1,79%	0	0,00%
13.	SE CONHECE AS PESSOAS QUE FREQUENTAM	1	1,79%	0	0,00%
14.	TEM QUADRA ESPORTIVA	0	0,00%	4	6,25%
15.	TEM VEGETAÇÃO	3	5,36%	3	6,25%
16.	TEM VÁRIAS TIPOS DE PRAÇAS PARA ESCOLHER	0	0,00%	3	6,25%
17.	TEM ESPAÇO PARA SENTAR, VER O MOVIMENTO E TOMAR MATE	1	1,79%	2	3,13%
18.	TEM SOMBRA NO VERÃO	0	0,00%	2	3,13%
19.	TEM SOL NO INVERNO	0	0,00%	1	1,56%
20.	TEM ESPAÇO PARA JOGAR BOLA	2	3,59%	0	0,00%
21.	O TIPO DA PAVIMENTAÇÃO	0	0,00%	1	1,56%
22.	É ESPAÇOSA	0	0,00%	1	1,56%
23.	É ORGANIZADA	0	0,00%	1	1,56%
24.	É BELA	0	0,00%	1	1,56%
25.	É LIMPA	0	0,00%	1	1,56%
26.	SE TEM LIBERDADE	0	0,00%	1	1,56%
27.	É A ALEGRIA DAS CRIANÇAS	1	1,79%	0	0,00%
	TOTAL	56	100,00%	64	100,00%

Os respondentes dos dois conjuntos identificaram a segurança dos espaços abertos comuns (item 1) como o de maior peso no elenco de pontos positivos, todavia, no CHST o percentual foi maior (23,21%) do que no CHSB (10,94 %). No CHSB a iluminação - item 3, também recebeu a mesma pontuação (10,94 %) (Tabela 3.23).

O segundo item mencionado pelos respondentes de ambos conjuntos como qualidades dos espaços abertos comuns foi ser localizado próximo à habitação - acessibilidade (item 2). Também nesse item o percentual foi maior no CHST (16,07%) do que no CHSB (9,38%). No CHST o

item 7, poder observar de casa as crianças brincando - visibilidade, também recebeu o mesmo percentual (16,07%). Já no CHSB esse item foi o quarto mais citado como positivo (Tabela 3.23).

Tabela 3.24: NÚMERO E FREQUÊNCIA DE OCORRÊNCIAS DOS PONTOS NEGATIVOS INDICANDO OS PROBLEMAS DOS ESPAÇOS ABERTOS COMUNS

ITEM	PONTOS NEGATIVOS	CHST		CHSB	
1.	FALTA GUARDA	0	0,00%	8	12,12%
2.	FALTA PONTO DE ÁGUA E BEBEDOUROS	0	0,00%	8	12,12%
3.	FALTA MANUTENÇÃO, CONSERVAÇÃO E LIMPEZA	12	21,05%	7	10,61%
4.	FALTAM EQUIPAMENTOS RECREACIONAIS	13	22,81%	7	10,61%
5.	VEÍCULOS ESTACIONAM NOS ESPAÇOS RECREACIONAIS	7	12,28%	0	0,00%
6.	NÃO PERMITE O ACESSO DE CARRO E DEMAIS SERVIÇOS A CASA	5	8,77%	0	0,00%
7.	FALTAM FLORES	0	0,00%	5	7,58%
8.	FALTAM BANHEIROS PÚBLICOS	0	0,00%	5	7,58%
9.	FALTA SEGURANÇA	0	0,00%	4	6,06%
10.	BANCOS (MODELO, LOCALIZAÇÃO E ARRANJOS)	0	0,00%	3	4,55%
11.	ILUMINAÇÃO PRECÁRIA	2	3,51%	3	4,55%
12.	NÃO EXISTEM PONTOS NEGATIVOS	2	3,51%	2	3,03%
13.	FECHAMENTO DA ÁREA VERDE 7 EM ALGUNS DIAS E HORÁRIOS	0	0,00%	2	3,03%
14.	FALTA MANUTENÇÃO DA GRAMA	0	0,00%	2	3,03%
15.	RUÍDOS DAS BRINCADEIRAS DAS CRIANÇAS	3	5,26%	0	0,00%
16.	PISO IRREGULAR	0	0,00%	1	1,52%
17.	TEM FEZES DE CÃES	0	0,00%	1	1,52%
18.	COLOCAÇÃO DE LIXO EM LUGARES INADEQUADOS	4	7,02%	1	1,52%
19.	TEM EXCESSO DE ÁRVORES	0	0,00%	1	1,52%
20.	FALTAM BANCOS	0	0,00%	1	1,52%
21.	FALTAM ARBUSTOS	0	0,00%	1	1,52%
22.	FALTA MÚSICA	0	0,00%	1	1,52%
23.	FALTA VESTIÁRIO	0	0,00%	1	1,52%
24.	DIFERENÇA SOCIAL DOS USUÁRIOS	1	1,75%	0	0,00%
25.	CONFLITOS GERADOS PELOS DIFERENTES GRUPOS ETÁRIOS	1	1,75%	0	0,00%
26.	OS EQUIPAMENTOS RECREACIONAIS MACHUCAM AS CRIANÇAS	1	1,75%	0	0,00%
27.	FALTAM ATIVIDADES	1	1,75%	0	0,00%
28.	FALTA MANUTENÇÃO DA GRAMA	1	1,75%	0	0,00%
29.	PERDA DA PRIVACIDADE PELA LOCALIZAÇÃO EM FRENTE DA CASA	1	1,75%	0	0,00%
30.	FALTA VEGETAÇÃO	3	5,26%	1	1,52%
31.	PRECARIEDADE DA TELA DE PROTEÇÃO DA QUADRA ESPORTIVA	0	0,00%	1	1,52%
	TOTAL	46	100,00%	66	100,00%

O item mais mencionado como *problema* dos espaços abertos comuns no CHST, foi o número 4 - *faltam equipamentos recreacionais* (existe pouca variedade), além deles serem destinados à recreação infantil, com exceção dos bancos e de possuir somente um equipamento de cada modelo.

Já no CHSB um dos itens identificados como de maior número na lista de pontos negativos foi o item 1 - falta de guarda. Talvez esse item tenha sido bastante citado porque, conforme entrevista com os usuários, já houve uma pessoa encarregada para executar essa tarefa, e que cumpria bem essa missão, além de existir um bom relacionamento entre eles, no entanto, essa pessoa se aposentou e não houve uma substituição.

Foi bastante citado também o item 2 - falta de pontos de água e bebedouros. Inclusive essa falta torna-se um empecilho para a boa manutenção da vegetação, principalmente, nos períodos de estiagem. No CHST também não existem pontos de água, mas esse item não foi citado como negativo, talvez porque o desenho permita um acesso direto à maioria das habitações, facilitando a obtenção de água (Tabela 3.24).

Nos dois conjuntos, o segundo item mais citado como problema foi o número 3 - falta manutenção, conservação e limpeza dos espaços abertos comuns, mas o percentual de respondentes descontentes com esse item foi maior no CHST (21,05%), do que no CHSB (10,61%). É possível atribuir-se esse resultado, no CHSB à existência de uma associação bem organizada, que reivindica ao Prefeito melhorias e manutenção desses espaços (tabela 3.24).

O terceiro item mais mencionado como ponto negativo, no CHST, talvez devido ao *layout* adotado, foi o item 5 - veículos estacionam nos espaços recreacionais (ver figura 3.104 e 3.105). No entanto, no CHSB foram os itens número 7 - faltam flores, talvez porque os ambientes deste conjunto são bem arborizados e eles em consequência, possuem um grau de exigência maior, sentindo a falta de diversidade de cores e de aroma, e número 8 - faltam banheiros públicos, provavelmente porque os acessos das habitações a esses

espaços não sejam tão diretos como no CHST e porque possuem quadra esportiva e outros espaços que permitem praticarem uma variedade de esportes, havendo necessidade dos banheiros. O quarto item no CHST foi o número 6 - não permite o acesso de carro e demais serviços a casa, que também pode ter a ver com o modelo urbanístico adotado. No CHSB o item número 9 - falta segurança, apesar desse item ter conotação ambígua - foi o mais mencionado pelos respondentes, como ponto positivo dos espaços abertos comuns do conjunto (Tabela 3.24).

Todos os respondentes do CHSB e a maioria dos do CHST consideram importante à existência de espaços abertos comuns no conjunto habitacional (Tabela 3.25).

Tabela 3.25 : IMPORTÂNCIA DOS ESPAÇOS ABERTOS COMUNS NO CONJUNTO HABITACIONAL

Localização Habitação	Conjunto Habitacional Santo Tomé			Conjunto Habitacional São Borja		
	importante	neutro	não é import.	importante	neutro	não é import.
não frente espaço aberto	93,0%	0,0%	7,0%	100,0%	0,0%	0,0%
frente espaço aberto	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%
total	96,5%	0,0%	3,5%	100,0%	0,0%	0,0%

3.2.2. Nível de satisfação dos usuários em relação aos fatores contextuais

Nesse item serão apresentados os resultados das percepções dos usuários, expressas através de seu nível de satisfação em relação às características físicas do ambiente e com os elementos de desenho. Os fatores foram selecionados a partir da revisão da literatura sobre espaços abertos comuns. São eles: equipamentos recreacionais, acessibilidade, visibilidade, segurança, manutenção, aparência, vegetação, conforto térmico, tráfego, pavimentação - que foram identificados e percebidos pelos usuários,

em diferentes graus, como os mais ou menos importantes para a sua satisfação com os espaços abertos comuns.

3.2.2.1. Equipamentos Recreacionais

As respostas dos questionários indicaram que menos da metade dos respondentes do CHST consideravam satisfatória a localização dos equipamentos recreacionais nos espaços abertos comuns do conjunto, entretanto, a maioria dos informantes desse conjunto considerava insatisfatória a variedade de modelos -- o espaço dispõe apenas de balanços, escorregador e trepa-trepa -- e a quantidade de equipamentos recreacionais existentes nos espaços abertos comuns. Além de não haver variedade, existe só um de cada de modelo, principalmente destinados às crianças, com exceção dos bancos (ver 2.1.1.1) (Tabela 3.26).

Tabela 3.26: NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM OS EQUIPAMENTOS RECREACIONAIS EXISTENTES NOS E. A. C.

EQUIPAMENTOS RECREACIONAIS	LOCALIZAÇÃO DA HABITAÇÃO	Conjunto Santo Tomé			Conjunto São Borja		
		satisfat	neutro	insatisf.	satisfat	neutro	insatisf.
Localização dos equipamentos	não frente espaço aberto	33,0%	40,0%	27,0%	79,0%	14,0%	7,0%
	frente espaço aberto	50,0%	25,0%	25,0%	64,0%	12,0%	24,0%
	total	41,5%	32,5%	26,0%	71,5%	13,0%	15,5%
Variedade de modelos dos equipamentos	não frente espaço aberto	0,0%	53,0%	47,0%	29,0%	64,0%	7,0%
	frente espaço aberto	25,0%	19,0%	56,0%	29,0%	42,0%	29,0%
	total	12,5%	36,0%	51,5%	29,0%	52,0%	19,0%
Quantidade de equipamentos	não frente espaço aberto	13,0%	47,0%	40,0%	64,0%	7,0%	29,0%
	frente espaço aberto	25,0%	25,0%	56,0%	24,0%	35,0%	41,0%
	total	19,0%	32,0%	49,0%	42,0%	23,0%	35,0%
Equipamentos destinados às crianças	não frente espaço aberto	27,0%	40,0%	33,0%	50,0%	50,0%	0,0%
	frente espaço aberto	31,0%	13,0%	56,0%	47,0%	35,0%	18,0%
	total	29,0%	26,5%	44,5%	48,5%	42,5%	10,0%

A falta de equipamentos recreacionais, tanto no tocante à variedade, quanto à quantidade foi o item identificado como o de maior peso no elenco de problemas dos espaços abertos comuns do CHST (Tabela 3.24 -

item 4). Entretanto, 5,36 % dos respondentes citaram como ponto positivo o fato desses espaços possuírem áreas recreacionais infantis (Tabela 3.2.3), apesar da pouca variedade e quantidade de equipamentos e, também, a sua falta de manutenção.

Todavia, constatou-se que a maioria dos moradores questionados no CHSB consideravam satisfatória a localização dos equipamentos recreacionais (71,5%) nos espaços abertos comuns e quase a metade considerava satisfatória a quantidade de equipamentos recreacionais (42%) e também os equipamentos recreacionais destinados às crianças (48,50%). No CHSB, em relação à variedade de modelos de equipamentos recreacionais existentes nesses espaços, pelo fato de eles não oferecerem muitas opções, a maioria definiu-se pela neutralidade nem satisfatória, nem insatisfatória (52%) (ver 4.2.1.2 e Tabela 3.26). Alguns respondentes (9,38 %), citam, ainda, como pontos positivos desses espaços, à guisa de complementação, o fato deles possuírem "*playground*"- item 4, ao lado do fato de terem quadra esportiva - item 14 (Tabela 3.23). Verificou-se, pelos questionários, que a maioria dos respondentes, nos dois conjuntos habitacionais, está satisfeita com a localização, a disposição, o modelo e o número de bancos (ver 2.1.1.1 e 2.1.1.2) (Tabela 3.27).

Tabela 3.27: NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM OS BANCOS EXISTENTES NOS ESPAÇOS ABERTOS COMUNS

BANCOS NOS ESPAÇOS ABERTOS	LOCALIZAÇÃO DA HABITAÇÃO	Conjunto São Tomé			Conjunto São Borja		
		satisfat.	neutro	insatisf.	satisfat.	neutro	insatisf.
Localização dos bancos	não frente espaço aberto	80%	13%	7%	86%	0%	14%
	frente espaço aberto	94%	0%	6%	64%	24%	12%
	total	87%	6,5%	6,5%	75%	12%	13%
Disposição dos bancos	não frente e. a. c.	60%	33%	7%	79%	14%	7%
	frente e. a. c.	94%	6%	0%	70%	18%	12%
	total	77%	19,5%	3,5%	74,5%	16%	9,5%
Número de bancos	não frente e. a. c.	80%	20%	0%	72%	14%	14%
	frente e. a. c.	94%	6%	0%	53%	12%	35%
	total	87%	13%	0%	62,5%	13%	24,5%
Modelo dos bancos	não frente e. a. c.	87%	13%	0%	86%	0%	14%
	frente e. a. c.	100%	0%	0%	71%	6%	23%
	total	93,5%	6,5%	0%	78,5%	3%	18,5%

Aliás, os bancos foram citados, nos dois conjuntos, como ponto positivo dos espaços abertos comuns; entretanto, no CHSB, eles também foram citados como pontos negativos desses espaços, porém num percentual menor 4,55% (Tabela 5.3 e 5.4). Essas respostas contraditórias demonstram a falta de uma unanimidade de opiniões em relação à variedade de modelos ofertados neste conjunto.

Os dados obtidos na pesquisa mostraram que os moradores do CHSB estão mais satisfeitos do que aqueles no CHST, com a localização, variedade, quantidade de equipamentos recreacionais (Tabela 3.26), talvez por que ofereçam uma maior variedade e quantidade de equipamentos e inclusive propiciam ambientes para diferentes necessidades, gostos e faixas etárias, e também, porque esses estão melhor mantidos .

Entretanto, quanto aos itens relacionados com os bancos, os usuários do CHST apresentam um percentual maior de satisfação do que os do CHSB (Tabela 3.27). Essa maior satisfação dos usuários do CHST com os bancos certamente se explica pelo fato dos mesmos terem encosto, estarem dispostos num arranjo côncavo, estimulando a socialização dos usuários. Estão localizados, em forma de ilha, no centro do espaço aberto comum e oferecem um visual de todo o ambiente, permitindo a observação do movimento dos demais usuários do espaço e da vizinhança.

3.2.2.2. Acessibilidade

Em relação ao fator acessibilidade, a maioria dos respondentes do CHST (94%), que moram em frente aos espaços abertos recreacionais, está satisfeita com a localização desses espaços (Tabela 3.28), e com a distância da sua unidade habitacional ao espaço aberto comum mais próximo, ou seja,

na frente da casa nesse caso (Tabela 3.29). Os que moram em frente à rua apresentam um índice um pouco menor de satisfação em relação a esses dois itens (74% e 86%) (Tabela 3.28 e 3.29).

Tabela 3.28: NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM A LOCALIZAÇÃO DOS E. A. C. NO CONJUNTO HABITACIONAL

Localização Habitação	Conjunto Habitacional Santo Tomé			Conjunto Habitacional São Borja		
	satisfatório	neutro	insatisfatório	satisfatório	neutro	insatisfatório
não frente espaço aberto	74,0%	13,0%	13,0%	100,0%	0,0%	0,0%
frente espaço aberto	94,0%	0,0%	6,0%	100,0%	0,0%	0,0%
total	84,0%	6,5%	9,5%	100,0%	0,0%	0,0%

Em contrapartida, todos os informantes do CHSB, independentemente da localização de sua habitação, estavam satisfeitos com a localização dos espaços abertos comuns e com a distância de sua habitação do espaço aberto mais próximo (tabelas 3.28 e 3.29).

Tabela 3.29: NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM A DISTÂNCIA DA HABITAÇÃO AO ESPAÇO ABERTO MAIS PRÓXIMO

Localização Habitação	Conjunto Habitacional Santo Tomé			Conjunto Habitacional São Borja		
	satisfatório	neutro	insatisfatório	satisfatório	neutro	insatisfatório
não frente espaço aberto	86,0%	7,0%	7,0%	100,0%	0,0%	0,0%
frente espaço aberto	94,0%	0,0%	6,0%	100,0%	0,0%	0,0%
total	90,0%	3,5%	6,5%	100,0%	0,0%	0,0%

Nos dois conjuntos habitacionais, os respondentes indicaram como ponto positivo dos espaços abertos comuns o fato de eles estarem localizados próximos as suas habitações (Tabela 3.23 - item 2).

Tudo indica que os projetos de conjuntos habitacionais que oportunizam um fácil acesso funcional aos espaços abertos comuns, a partir das habitações, contribuem para o aumento da utilização e da frequência de uso desses espaços e, conseqüentemente, para o aumento do grau satisfação do usuário.

3.2.2.3. Visibilidade

O fator visibilidade foi percebido pelos usuários, dos dois conjuntos, como um dos principais fatores que afetavam positivamente a sua satisfação (Tabela 3.23 - item 7). Também a grande maioria dos respondentes em ambos conjuntos consideraram importante poderem enxergar os espaços comuns recreacionais, a partir de suas casas (Tabela 3.30).

Tabela 3.30: IMPORTÂNCIA DE VISUALIZAR UM ESPAÇO ABERTO COMUM A PARTIR DA HABITAÇÃO

Localização Habitação	Conjunto Habitacional Santo Tomé			Conjunto Habitacional São Borja		
	importante	neutro	não importante	importante	neutro	não importante
não frente espaço aberto	87,0%	0,0%	13,0%	93,0%	7,0%	0,0%
frente espaço aberto	94,0%	0,0%	6,0%	94,0%	0,0%	6,0%
total	90,5%	0,0%	9,5%	93,5%	3,5%	3,0%

Nos dois conjuntos habitacionais, os respondentes declararam que a visibilidade é importante, porque podem observar o movimento e as atividades, supervisionar o comportamento tanto dos usuários quanto de algum desconhecido e, eventualmente, intervir se surgir algum perigo, principalmente se eles têm filhos pré-escolares. Tudo isso produz um sentimento de segurança, propriedade e territorialidade.

Em suma, as condições de visibilidade contribuem para que os usuários se sintam mais satisfeitos com os espaços abertos comuns dos conjuntos habitacionais.

3.2.2.4. Segurança

Nos dois conjuntos habitacionais, os espaços comuns estão demarcados claramente, o que talvez tenha colaborado para o sentimento de propriedade e, conseqüentemente, de segurança, pois a maioria dos informantes dos dois conjuntos consideraram os espaços abertos recreacionais seguros quanto a criminosos e vândalos. No CHST, todos os que viviam em

habitações de frente para os espaços abertos comunitários estavam satisfeitos (Tabela 3.31). No entanto, no CHSB esse índice é um pouco menor (76%). Talvez a percepção de segurança dos usuários dos espaços abertos do CHSB, que vivem em frente, tenha sido um pouco afetada pelo desenho do conjunto que facilita mais o acesso de pessoas não residentes nele, o que pode gerar uma sensação de falta de controle.

Tabela 3.31 :NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM A SEGURANÇA DOS E. A. C. QUANTO A CRIMINOSOS E VÂNDALOS

Localização Habitação	Conjunto Habitacional Santo Tomé			Conjunto Habitacional São Borja		
	satisfatório	neutro	insatisfatório	satisfatório	neutro	insatisfatório
não frente espaço aberto	93%	7%	0%	57%	14%	29%
frente espaço aberto	100%	0%	0%	76%	6%	18%
total	96,5%	3,5%	0%	66,5%	10%	23,5%

Em relação ao fator segurança, os resultados da pesquisa apontam para uma coincidência: segurança está associada com visibilidade. Os usuários dos dois conjuntos que residiam em frente aos espaços abertos recreacionais e visualizavam esses ambientes, se sentiam mais seguros do que os que não moravam em frente a esses espaços. Os espaços abertos comuns que podiam ser observados a partir das casas dos moradores, das ruas e das áreas de circulação eram considerados seguros não só pelos pais e pelas crianças, mas também por todo o conjunto de usuários do ambiente recreacional, que foram questionados ou entrevistados, talvez porque a visibilidade favoreça o controle desses ambientes, e este fato origine o sentimento de segurança.

Segurança foi o item identificado como o de maior peso no elenco de vantagens dos espaços abertos comuns tanto no CHST quanto no CHSB (Tabela 3.23 - item).

Nas entrevistas realizadas os usuários dos dois conjuntos apontavam a iluminação como um dos aspectos que concorriam para a sensação de segurança. No entanto, nas respostas dos questionários os

respondentes do CHST estavam mais satisfeitos com a segurança de seus espaços abertos, do que com a iluminação pública desses espaços (Tabela 3.32) contrariando os depoimentos das entrevistas.

Tabela 3.32: NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM A ILUMINAÇÃO DOS ESPAÇOS ABERTOS COMUNS À NOITE

Localização Habitação	Conjunto Habitacional Santo Tomé			Conjunto Habitacional São Borja		
	satisfatório	neutro	insatisfatório	satisfatório	neutro	insatisfatório
não frente espaço aberto	60%	40%	0%	86%	14%	0%
frente espaço aberto	75%	25%	0%	88%	6%	6%
total	67,50%	32,50%	0%	87%	10%	3%

Ao contrário do CHST, os moradores do CHSB estavam mais satisfeitos com a iluminação do seus espaços abertos comuns (Tabela 3.32). O fato desses espaços serem bem iluminados foi citado como um dos principais pontos positivos (Tabela 3.23 - item 3). Nas entrevistas, os usuários manifestaram-se menos satisfeitos com a segurança atual em relação a criminosos e vândalos. Isto significa que a iluminação não é aspecto que concorra de modo definitivo para a percepção de segurança dos usuários, até porque esses ambientes são usados principalmente durante o dia.

As respostas aos questionários nos remetem à idéia de que os espaços abertos comuns nos dois conjuntos são considerados seguros, porque neles existe um conjunto de mecanismos de controle de integridade física e moral: visibilidade, observação sistemática dos usuários, circulação dos moradores e a sua presença constante. Esses motivos propiciam contatos e alimentam a rede de relações: todos se sentem responsáveis pelos acontecimentos nos espaços abertos comuns, como se fossem proprietários, considerando que o espaço pertence a todos e tudo isso gera muita confiança. Mesmo quando as crianças e os jovens utilizam outros espaços próximos ao conjunto habitacional para recreação, como o campo de futebol no terreno em frente ao conjunto em São Borja, ou o campo de futebol do complexo esportivo de Santo Tomé, existe o controle benéfico das pessoas.

Enfim, podemos dizer que a segurança como fator que concorre para a satisfação do usuário dos espaços abertos comuns foi um aspecto considerado positivo nos dois conjuntos, tendo apresentado índice mais acentuado de satisfação no CHST.

3.2.2.5. Manutenção

No CHST, 42,5 % do total dos respondentes desse item, manteve-se em nível de neutralidade, inclusive os que não residem em frente aos espaços abertos comuns apresentaram um índice maior - 60%, ou seja, a manutenção desses espaços não é considerada satisfatória nem insatisfatória, o que talvez expresse um descaso desses moradores (ver 3.1.1. e Tabela 3.33). No entanto, na apresentação do elenco de problemas, esse fator surgiu como um dos de maior peso (21,05% dos respondentes) (Tabela 3.24 - item 3).

Tabela 3.33: NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM A MANUTENÇÃO DOS ESPAÇOS ABERTOS COMUNS

	Conjunto Habitacional Santo Tomé			Conjunto Habitacional São Borja		
Localização Habitação	satisfatório	neutro	insatisfatório	satisfatório	neutro	insatisfatório
não frente espaço aberto	27%	60%	13%	57%	14%	29%
frente espaço aberto	37%	25%	38%	59%	12%	29%
total	32%	42,5%	25,5%	58%	13%	29%

Já no CHSB, a maioria dos respondentes considera satisfatória a manutenção dos espaços abertos comuns (Tabela 3.33), embora o item limpeza, manutenção e conservação tenha sido identificado, por alguns respondentes (10,61%), como problema dos espaços abertos comuns (Tabela 3.24 - item 3).

Os resultados mostraram, portanto, que os usuários dos espaços abertos comuns do CHSB estão mais satisfeitos com manutenção desses espaços, do que os do CHST, e também com os seus espaços abertos. Isto

nos leva a deduzir que a manutenção pode vir a ser um dos fatores que afetam a satisfação do usuário com os espaços abertos comuns.

3.2.2.6. Vegetação

Vale dizer que a vegetação foi um dos itens mencionados como ponto positivo dos espaços abertos comuns pelos respondentes dos questionários nos dois conjuntos habitacionais (Tabela 3.23, item 15). Entretanto, esse fator também foi identificado como problema, mas num índice percentual muito pequeno (Tabela, 3.24, item 30), no CHSB foi identificado como ponto negativo à falta de flores e arbustos (Tabela 3.24, item 7 e 21).

O resultado dos questionários indicaram que, em ambos conjuntos, a maioria dos respondentes estavam satisfeitos com a localização e tipo de vegetação existente nos espaços abertos comuns (67% e 51% no CHST, 87,5% e 72,5% no CHSB), mas no CHST um número significativo de respondentes não estavam nem satisfeitos nem insatisfeitos em relação a esses dois itens, principalmente os que não vivem em frente a esses espaços, quiçá seja porque foram excluído do processo de escolha das espécies e também da sua manutenção. No CHSB, também a maioria estava satisfeita com a quantidade de vegetação. Entretanto, no CHST, quanto a esse item, a neutralidade tornou-se evidente. Ao compararmos as respostas dos usuários dos dois conjuntos percebe-se que as do CHSB demonstraram maior índice de satisfação para com a vegetação (localização, quantidade e tipo) dos espaços abertos comuns, do que as dos usuários desses espaços no CHST (Tabela 3.34). Tudo indica que a diferença talvez seja porque no CHSB a decisão foi coletiva, enquanto que no CHST foram iniciativas individualizadas.

No CHST, enquanto os residentes que vivem em frente a esses espaços eram os mais satisfeitos com a localização e com o tipo de vegetação,

aqueles que vivem em frente às ruas eram os mais satisfeitos com a quantidade de vegetação existente (Tabela 3.34). A satisfação dos usuários do CHST, que residem em frente aos espaços abertos, talvez se deva ao fato deles próprios terem escolhido o tipo e a localização da vegetação.

Tabela 3.34: NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM A VEGETAÇÃO DOS ESPAÇOS ABERTOS COMUNS

ÁRVORES E VEGETAÇÕES	LOCALIZAÇÃO DA HABITAÇÃO	Conjunto S. Tomé			Conjunto São Borja		
		satisfat.	neutro	insatisf.	satisfat.	neutro	insatisf.
Localização	não frente espaço aberto	53,0%	47,0%	0,0%	93,0%	7,0%	0,0%
	frente espaço aberto	81,0%	13,0%	6,0%	82,0%	6,0%	12,0%
	total	67,0%	30,0%	3,0%	87,5%	6,5%	6,0%
Quantidade	não frente espaço aberto	47,0%	53,0%	0,0%	93,0%	7,0%	0,0%
	frente espaço aberto	44,0%	44,0%	12,0%	82,0%	6,0%	12,0%
	total	45,5%	48,5%	6,0%	87,5%	6,5%	6,0%
Tipo	não frente espaço aberto	33,0%	60,0%	7,0%	86,0%	7,0%	7,0%
	frente espaço aberto	69,0%	25,0%	6,0%	59,0%	18,0%	23,0%
	total	51,0%	42,5%	6,5%	72,5%	12,5%	15,0%

No entanto, no CHSB, os usuários mais satisfeitos com a localização, quantidade e tipo de árvores e vegetação são os que não residem em frente aos espaços abertos comuns (Tabela 3.34). Talvez isso ocorra, porque a vegetação plantada nos espaços abertos comuns não tem possibilidade de interferir no espaço privado do respondente ou, talvez, pelo fato de, normalmente, as pessoas desejarem muito residir em frente a esses espaços, só percebendo, portanto, os pontos positivos.

3.2.2.7. Aparência

Os dados obtidos indicaram que 48% das respostas dos usuários do CHST apresentaram índice de neutralidade em relação à aparência dos espaços abertos comuns recreacionais do conjunto. Entretanto, no CHSB, a

maioria dos respondentes (68%) mostrou-se satisfeita com a aparência desses espaços (Tabela 3.35).

Tabela 3.35: NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM A APARÊNCIA DOS ESPAÇOS ABERTOS COMUNS

Localização Habitação	Conjunto Habitacional Santo Tomé			Conjunto Habitacional São Borja		
	satisfatório	neutro	insatisfatório	satisfatório	neutro	insatisfatório
não frente espaço aberto	40%	47%	13%	72%	14%	14%
frente espaço aberto	38%	49%	13%	64%	18%	18%
total	39%	48%	13%	68%	16%	16%

Constatou-se também que, em ambos os conjuntos, as respostas dos moradores que não residem em frente aos espaços abertos comuns evidenciavam maior grau de satisfação com a aparência desses espaços, do que as dos que moram em frente a esses espaços, embora, no CHST, essa diferença seja pequena (Tabela 3.35). Isto nos leva a pensar que os moradores que vivem em frente a estes espaços percebem mais os problemas neles existentes e na hora de avaliá-los, isto influencia na sua percepção e, conseqüentemente, afete o seu nível de satisfação.

3.2.2.8. Conforto térmico

Para avaliar o fator conforto térmico foram realizados questionamentos relativos aos aspectos ventos, áreas de sombra no verão e áreas de sol no inverno.

A maioria dos respondentes do CHST (74%) e do CHSB (84%) considera satisfatória a proteção contra os ventos, nos espaços abertos comuns de seus conjuntos habitacionais (Tabela 3.36).

Tabela 3.36: NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM A PROTEÇÃO CONTRA OS VENTOS NOS ESPAÇOS ABERTOS

Localização Habitação	Conjunto Habitacional Santo Tomé			Conjunto Habitacional São Borja		
	satisfatório	neutro	insatisfatório	satisfatório	neutro	insatisfatório
não frente espaço aberto	67%	27%	6%	86%	14%	0%
frente espaço aberto	81%	13%	6%	82%	12%	6%
total	74%	20%	6%	84%	13%	3%

Nos dois conjuntos, também, a maioria dos respondentes estava satisfeita com as áreas de sombras que as árvores proporcionam no verão (Tabela 3.37) e com as áreas de sol, no inverno (Tabela 3.38).

Tabela 3.37: NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM AS ÁREAS DE SOMBRA, NOS ESPAÇOS COMUNS, NO VERÃO

Localização Habitação	Conjunto Habitacional Santo Tomé			Conjunto Habitacional São Borja		
	satisfatório	neutro	insatisfatório	satisfatório	neutro	insatisfatório
não frente espaço aberto	73,00%	27,00%	0,00%	100,00%	0,00%	0,00%
frente espaço aberto	50,00%	38,00%	12,00%	76,00%	12,00%	12,00%
total	61,50%	32,50%	6,00%	88,00%	6,00%	6,00%

Como mostra a tabela 3.37, as áreas de sombras que as árvores proporcionam no verão satisfazem mais os usuários dos espaços abertos comuns do CHSB do que os do CHST, porque seus espaços tem uma grande quantidade de árvores de médio e grande portes (Figura 3.20 e 3.23). Ao contrário, como indicado pela tabela 3.38, os respondentes do CHST apresentam um grau maior de satisfação com as áreas de sol nos seus espaços abertos no inverno, mas percebe-se que eles podam as árvores de modo inadequado segundo padrões técnicos, nessa estação do ano (Figura 3.16).

Tabela 3.38: NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM AS ÁREAS DE SOL, NOS E. A. C., NO INVERNO

Localização Habitação	Conjunto Habitacional Santo Tomé			Conjunto Habitacional São Borja		
	satisfatório	neutro	insatisfatório	satisfatório	neutro	insatisfatório
não frente espaço aberto	87,00%	13,00%	0,00%	93,00%	0,00%	7,00%
frente espaço aberto	88,00%	6,00%	6,00%	76,00%	12,00%	12,00%
total	87,50%	9,50%	3,00%	84,50%	6,00%	9,50%

No CHST, as respostas dos residentes que vivem em frente aos espaços abertos comuns apresentam maior índice de satisfação para com as áreas de sol no inverno, enquanto que as dos que vivem em frente às ruas apresentam maior índice de satisfação com as áreas de sombra no verão. É possível que, então, os usuários do CHST, que residem em frente aos espaços abertos, estejam mais satisfeitos com as áreas de sol no inverno, por serem eles mesmos que cuidam da manutenção, fazem as podas nas árvores como melhor lhes convém. No entanto, no CHSB, os usuários que não vivem em frente aos espaços abertos comuns são os mais satisfeitos tanto com as áreas de sombra no verão, quanto de sol, no inverno (Tabelas 3.37 e 3.38). Isto talvez se explique pelo mesmos motivos citados em relação ao fator vegetação, ou seja, porque quase sempre os indivíduos desejam morar em frente a esses espaços e não percebem os seus pontos de interferência negativa, e também porque o exagero ou a falta de vegetação nos espaços abertos não prejudica os seus espaços privados, ocasionando sombras no inverno ou excesso de sol no verão, conseqüentemente, quando freqüentam os espaços abertos comuns, só percebem os pontos positivos.

Nos dois conjuntos estudados o conforto térmico apresenta-se como fator de interferência pouco significativo no nível de satisfação dos usuários dos espaços abertos comuns. É possível que os aspectos negativos tenham sido amenizados pelo plantio de vegetação nesses espaços.

3.2.2.9. Tráfego

A maioria das respostas dos questionados, tanto no CHST (87%), quanto no CHSB (78%), indica que são consideradas satisfatórias as condições de trânsito de veículos junto aos espaços abertos comuns em relação ao fator segurança (Tabela 3.39).

Tabela 3.39: NÍVEL DE SATISFAÇÃO DAS CONDIÇÕES DE TRÁFEGO DE VEÍCULOS EM RELAÇÃO AO FATOR SEGURANÇA

Localização Habitação	Conjunto Habitacional Santo Tomé			Conjunto Habitacional São Borja		
	satisfatório	neutro	insatisfatório	satisfatório	neutro	insatisfatório
não frente espaço aberto	87%	7%	6%	86%	14%	0%
frente espaço aberto	87%	13%	0%	70%	24%	6%
total	87%	10%	3%	78%	19%	3%

Alguns usuários insatisfeitos no CHST é talvez resultado de não ter sido previsto no projeto, área para estacionamento de veículos. Em consequência, alguns moradores usam para essa finalidade os espaços abertos comuns destinados à recreação, gerando conflitos e insegurança aos usuários (Figura 3.104).

Os usuários que vivem no CHST estão mais satisfeitos com o trânsito de veículos que gera segurança do que os que moram no CHSB. Talvez a solução urbanística de segregação total do tráfego, adotada no primeiro, afete mais fortemente a percepção deste tipo de segurança do que o modelo escolhido para o *layout* do CHSB, caracterizado pela redução do volume e da velocidade do trânsito, através da utilização de ruas residenciais estreitas. Entretanto, o *layout* do CHST como foi dito anteriormente, também é responsável por conflitos - identificado em entrevistas. O impedimento do acesso de veículos às casas localizadas em frente aos espaços abertos comuns, e a não previsão de estacionamentos, faz com que o caráter público desses espaços contraste com as formas com que são circunstancialmente utilizados pelos moradores que tendem a privatizá-los, transformando-os, em estacionamento particular de veículos, gerando insegurança e incomodo para alguns freqüentadores desses ambientes. Isto ocorre em todos os espaços abertos comuns do conjunto habitacional.

3.2.2.10. Pavimentação

A maioria das respostas dos questionados (90% no CHST e 78% no CHSB) evidencia alto nível de satisfação em relação à pavimentação utilizada nos espaços abertos com fins de recreação de seus respectivos conjuntos. Mas, os usuários no CHST demonstraram estar mais satisfeitos que os usuários do CHSB (Tabela 3.40).

Tabela 3.40: NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM A PAVIMENTAÇÃO DOS ESPAÇOS ABERTOS COMUNS

Localização Habitação	Conjunto Habitacional Santo Tomé			Conjunto Habitacional São Borja		
	satisfatório	neutro	insatisfatório	satisfatório	neutro	insatisfatório
não frente espaço aberto	80%	13%	7%	86%	7%	7%
frente espaço aberto	100%	0%	0%	70%	12%	18%
total	90%	6,5%	3,5%	78%	9,5%	12,5%

Pelo fato da pergunta ter sido muito geral e não ter relacionado piso e atividades os dados não permitem uma interpretação mais objetiva.

3.3. Comentários gerais

Os resultados da investigação mostram que as **crianças são os principais usuários dos espaços abertos comuns**, tanto no CHST quanto no CHSB. Essa afirmativa encontra amparo nas pesquisas de Cooper (1975) e de Cooper & Sarkissian (1986). Há indicações de que a apropriação e o uso desses espaços, em conjuntos habitacionais, varia, principalmente, conforme a faixa etária e os fatores contextuais.

As evidências obtidas, já apontadas por Anderson (1982), Lay (1992) e Reis (1992) entre outros, expressam que a definição dos espaços abertos comuns afetam a apropriação, o uso, e a manutenção desses espaços, além de incentivarem o senso de propriedade. Portanto, o projeto de conjuntos habitacionais pode facilitar ou inibir o uso e a apropriação desses espaços

abertos comuns. O fato dos moradores agregarem aos seus lotes, áreas destinadas a espaços abertos comuns frontais ou laterais às suas residências no CHSB evidenciam a distorção mais significativa entre o projeto original e a realidade. Esta modificação determinou e consagrou, inclusive, a privatização de áreas com destinação pública. Isto também ocorre no CHST, inclusive alguns moradores tendem a reservar áreas para uso quase exclusivo de estacionamento de veículos.

Os resultados obtidos revelam que as pessoas tendem a usar e a se apropriar dos espaços abertos comuns que consideram adequados as suas necessidades. O uso afeta o seu relacionamento com os vizinhos, proporcionando uma identificação com o lugar e faz os usuários se apropriarem desses espaços como território seu.

No capítulo seguinte será apresentada a conclusão final da dissertação, onde se tentará identificar os principais fatores percebidos pelos usuários como importantes para o desempenho positivo ou negativo dos espaços abertos comuns.

CAPITULO IV

4. Conclusões

Este trabalho buscou investigar, de acordo com a percepção dos usuários, os principais **fatores** que **afetam positiva** ou **negativamente** o **desempenho** dos **espaços abertos comuns** em dois conjuntos habitacionais, em cidades limítrofes no Brasil e na Argentina. A investigação empreendida utilizou como instrumento a **avaliação pós-ocupação** e considerou como indicadores para avaliar o desempenho desses espaços o **comportamento** e a **satisfação** do **usuário**.

Para estabelecer conclusões relativas ao objetivo geral deste trabalho serão apresentados, em primeira instância, os aspectos relacionados aos objetivos específicos expressos à página XIX -- Introdução. Alcançados esses objetivos estará atingido o objetivo geral.

4.1. Quanto aos Objetivos da Pesquisa

4.1.1. Identificação do grau de correspondência do projeto original com a realidade

4.1.1.1. Supressão

No CHSB foram suprimidos arranjos de bancos, quadra esportiva para realizar melhorias. No CHST foram suprimidos equipamentos recreacionais face ao desgaste pela má conservação e uso. Isto significa que o CHSB apresentou maior alteração em termos de supressão do que o CHST. No CHSB suprimir tornou-se sinônimo de melhorar. A supressão ocorreu para atender as necessidades dos usuários. A decisão do grupo de tornar melhor o ambiente demonstrou alto grau de socialização, responsabilidade, apropriação e uso dos espaços abertos comuns, o que não é identificado no CHST.

Foi observado que a eliminação não necessariamente ocorreu pelo fato de os espaços e equipamentos serem considerados inadequados ou desnecessários. Foi, isto sim, detectado pelas entrevistas, uma demonstração de planejamento consciente para melhor aproveitar os espaços, a partir de prioridades definidas pela comunidade.

4.1.1.2. Inadequação de projeto

Em geral, os projetos se mostraram adequados, com algumas exceções. Vale citar que as evidências de abandono da Área Verde 1 do CHSB apontam inconvenientes de projeto tais como: localização do espaço aberto comum; sua forma; tráfego intenso numa das bordas e falta de definição ou escolha dos equipamentos recreacionais a serem implantados. A ausência de equipamentos neste espaço, tanto no projeto como atualmente, demonstra, também, a falta de interesse e motivação dos moradores em apropriar-se dele e dele fazer uso.

Merece fazer referência, também, às Áreas Verdes do CHSB, localizadas junto aos lotes, não claramente demarcadas e definidas na ocupação, apesar de traçadas no projeto. Tais áreas, conseqüentemente foram incorporadas aos terrenos lindeiros. Esta incorporação foi facilitada pela localização, dimensão e forma apresentada no projeto e na realidade.

A praça 3 do CHSB, por sua vez, sendo utilizada quase que exclusivamente pelos moradores do conjunto que vivem no entorno, demonstra outra inadequação de projeto: localizada em extremo do conjunto, distante da maioria das habitações provoca, em conseqüência, afastamento, freqüência reduzida e conservação relaxada, ou seja, não é tão percebida como pertencente ao conjunto.

No CHST, alguns moradores manifestaram-se desfavoravelmente ao tipo de proposta urbanística adotada. A justificativa reside no fato de não

existir, nas habitações localizadas em frente aos espaços abertos comuns, um acesso direto à rua. O acesso ocorre unicamente através desses espaços, dificultando, inclusive, serviços de abastecimento, socorro (atendimentos de ambulância e bombeiros), limpeza (recolhimento de lixo), entre outros. Bem como, a inexistência de local apropriado e seguro destinado ao estacionamento de veículos.

A proximidade dos espaços abertos comuns com as moradias, para alguns habitantes do CHST, também foi considerada como projeto inapropriado, pela perda da privacidade dentro de suas próprias casas, assim como, pelo saldo do divertimento das crianças, como vidraças quebradas e ruído de suas brincadeiras entre outros aspectos, que por vezes é motivo de colisão de idéias e direitos, interferindo na vida particular dos moradores. Portanto, identificam a proximidade excessiva entre os espaços abertos e as habitações circundantes, como geradora de conflitos entre moradores do conjunto habitacional.

A proposta urbanística do CHST, devido aos espaços abertos teoricamente destinados ao uso de todos os moradores, estarem privilegiadamente localizados em relação a certas habitações, facilitando com que assumissem fortemente o caráter de espaços semiprivado, não contribuiu para fomentar uma vivência comunitária, o que já não acontece no CHSB, onde constatamos integração entre os moradores, inclusive eles consideram-se uma comunidade e dividem esforços com a Prefeitura Municipal para manter e melhorar os espaços abertos comuns do conjunto. Portanto, os resultados sugerem que o desenho do CHST seria menos adequado do que o *"layout"* do CHSB, onde, pelo fato dos espaços estarem mais claramente definidos como pertencentes a coletividade, permitiu que fossem reconhecidos pela comunidade.

4.1.1.3. Acréscimos e/ou adaptações

No CHST, não houveram modificações nos espaços abertos comuns em termos de acréscimo, a não ser em relação à vegetação. As adaptações observadas nesse conjunto dizem respeito a locais para estacionar veículos, por falta de definição, no projeto, de espaços seguros destinados para essa função.

No CHSB, o índice de socialização e de vivência comunitária organizada foi determinante para a realização de acréscimos, tais como: ampliação do Centro Comunitário, do Posto de Saúde e do Comércio e plantio de vegetação adequada, conforme recomendações técnicas.

4.1.2. Manutenção como elemento desencadeador de responsabilidade, apropriação e uso

O sentimento de responsabilidade, apropriação e o uso são evidentes na forma como os usuários fazem a manutenção e a conservação dos espaços abertos comuns. As constatações relacionadas a esses aspectos foram feitas a partir das observações e das entrevistas realizadas com os usuários dos dois conjuntos habitacionais.

Nota-se que os espaços abertos comuns melhor conservados tendem a ser passíveis de uso mais intenso, porém, esse argumento perde força se aplicado ao CHST. Nele, todos os espaços são utilizados, independentemente do estado de conservação: num mesmo ambiente apresenta-se disparidade de cuidados.

Face à situação apresentada, é possível dizer-se que responsabilidade, apropriação e uso estão relacionados aos objetivos de vida e aos valores dos moradores dos conjuntos habitacionais.

As observações realizadas e os depoimentos dos moradores sugerem que, realmente o objetivo primordial de apropriação dos espaços abertos através do uso e intervenções físicas realizadas pelos moradores apresentou-se diferente nos dois conjuntos habitacionais.

No CHST, o comportamento dos usuários permite dizer que um dos objetivos da apropriação pode ser o de ter um pedaço a mais de terra, agregado ao seu lote, numa tendência à privatização, permitindo, porém, que outros o usem.

Por outro lado, no CHSB, é possível dizer que o comportamento dos usuários demonstrou que o objetivo de apropriar-se e usar intensamente os espaços abertos comuns têm íntima relação com a noção de bem coletivo, expresso na sistemática de manutenção dos mesmos espaços. Ao mesmo tempo, numa atitude contraditória, espaços abertos comuns não claramente demarcados, tanto nos projetos, quanto na construção, tornaram-se privados, sendo cercados, demarcados e apropriados. Atualmente, essas áreas constituem-se lotes particulares, consagrados por aceite ou ignorância dos demais moradores, numa visão clara da relação uso, apropriação, responsabilidade x valores e objetivos de vida.

4.1.3. Uso dos espaços abertos comuns por faixa etária

A divisão por faixa etária (critério utilizado para determinar a classificação dos grupos de usuários) permitiu estabelecer informações a respeito da frequência, do turno em que utilizam os espaços abertos comuns e o tipo de atividades que realizam, quando neles se encontram.

A análise dos dados e os resultados obtidos permitiram concluir que:

4.1.3.1. Crianças até 6 anos incompletos

A expressiva maioria das crianças pequenas, nos dois conjuntos, utiliza diariamente os espaços abertos comuns, especialmente no turno da tarde, para, por ordem de preferência brincar, encontrar amigos, tomar sol e outras atividades. A localização da moradia em relação aos espaços abertos comuns para essa faixa etária influencia o índice de frequência.

A análise das respostas relativas à apropriação e frequência de uso dos espaços abertos comuns talvez seja afetada principalmente pela acessibilidade física e visual; além da segurança proporcionada pelos modelos dos desenhos adotados nos dois conjuntos habitacionais; bem como, pela diversidade e localização dos equipamentos recreacionais no CHSB, e somente a localização dos mesmo no CHST.

Estabelecendo comparações entre os conjuntos habitacionais analisados, é possível afirmar que o *layout* do CHST favorece a frequência diária aos moradores de até 6 anos e que tem suas habitações localizadas em frente aos espaços abertos comuns. O grau acentuado de apropriação vem à tona quando se observa que as crianças trazem para esses espaços seus próprios brinquedos. Por outro lado, não se descarta a possibilidade de que carregar brinquedos pessoais se deve à carência de equipamentos atrativos para sua recreação, nas horas de lazer.

No CHSB, o uso intensivo da Área Verde 7 acentua a idéia de coletivo, pois atrai deslocamento de todas as crianças do conjunto habitacional, pelos fatores que oferece (mencionado na análise), independentemente da localização da habitação.

É válido ponderar que o *layout* do CHST incentiva a frequência diária, porém o uso maior no CHSB é atribuído às condições que atenderam as necessidades e valores demandados pela comunidade.

4.1.3.2. Crianças de seis a 12 anos incompletos

A totalidade das crianças que residem em frente aos espaços abertos comuns usa esses espaços, principalmente no turno da tarde, o que não ocorre com as que moram afastadas. Numa comparação entre os dois conjuntos habitacionais pode-se afirmar que, no CHST, o uso das crianças de 6 a doze anos, alcança um índice maior do que no CHSB, entretanto, a frequência diária é semelhante.

As crianças dirigem-se a esses espaços recreacionais nos dois conjuntos com a mesma finalidade, principalmente brincar, encontrar amigos e praticar esportes entre outros.

Essa faixa etária é determinante de um grau maior de liberdade, e isto facilita, nos dois conjuntos habitacionais, uma amplitude de deslocamento demonstrando um índice maior de apropriação do espaço aberto comum.

A procura por espaços adequados que permitam jogos coletivos ou deslocamentos por patins, bicicletas e outros é mais intensa nessa faixa etária do que na das crianças até 6 anos. Então: o espaço que ofereceu condições para o atendimento dessas necessidades é aquele que recebeu maior índice de frequência de uso, em relação ao coletivo dos habitantes, independentemente da localização da moradia. No CHST, pelo fato do “*layout*” do conjunto não ter previsto espaços apropriados para esses tipos de atividades, a solução alternativa adotada é a utilização do Centro Esportivo, localizado no entorno.

Pode-se talvez inferir, após conhecer os dados obtidos através de questionários, entrevistas e observações que o uso e a apropriação dos espaços abertos comuns pelas crianças de seis a 12 anos, nos dois conjuntos, deve-se principalmente à acessibilidade física, visual e aos *layout* adotados

que proporcionam segurança quanto a criminosos, vândalos e perigos do tráfego veicular.

Estabelecendo comparação entre os conjuntos habitacionais analisados percebe-se que a frequência de uso diário das crianças que residem distantes dos espaços abertos comuns é reduzida, especialmente no CHST. Percebe-se, também, que no CHST, o fato de não existir um ambiente amplo que permita jogos coletivos, tão importantes nesta fase de desenvolvimento infantil, colabora para a redução de frequência diária. Porém no cômputo geral, as respostas relativas a uso e frequência, nesta faixa etária, apresentam-se identificadas e com mínimas diferenças. Isto significa que as crianças de 6 a doze anos incompletos, nos dois conjuntos, apresentam comportamentos semelhantes em relação à apropriação dos espaços abertos comuns.

4.1.3.3. Adolescentes de 12 a 18 anos incompletos

Nessa faixa etária, é notável a diferença de uso e frequência de um conjunto habitacional para outro. Geralmente, nos dois conjuntos, os adolescentes se reúnem à tardinha, para encontrar amigos, conversar e namorar, entretanto, no CHSB eles também se reúnem para realizar atividades culturais, esportivas e sociais (festas, gincanas, bailes), em consequência, o percentual total dos que utilizam os espaços abertos comuns é maior do que os de CHST.

O desenho do CHSB oferece espaços e ambientes que atendem às características e necessidades típicas dessa idade. Isto faz com que o grau de apropriação e o uso seja, portanto, mais acentuado.

No CHST, talvez tenha colaborado para a redução do nível de apropriação e de uso dos espaços abertos comuns pelos adolescentes, a

ausência de espaços que ofereçam privacidade, bem como, para a prática de esportes. Por essa razão, o Centro Esportivo foi a opção encontrada para realizá-las, o que também ocorre com o grupo de seis a 12 anos.

A análise dos dados permite inferir que nessa faixa etária, alguns aspectos como, por exemplo, a localização dos espaços abertos comuns em relação às habitações, não podem ser considerados determinantes fundamentais para maior ou menor grau de apropriação e uso dos espaços abertos comuns, e sim ambientes que atendam a suas necessidades.

4.1.3.4. Adultos de 18 a 60 anos

A maioria das pessoas dessa faixa etária usa os espaços abertos comuns nos dois conjuntos habitacionais. Os percentuais obtidos representam pouco mais da metade das pessoas consultadas.

Nessa faixa etária, nos dois conjuntos habitacionais, a localização da unidade habitacional em relação aos espaços abertos comuns foi considerada aspecto determinante para o aumento dos índices de uso e frequência diária.

Esse aspecto, no CHST, é responsável pelas diferenças acentuadas entre frequência e o uso dos moradores que vivem em frente a esses espaços e os que vivem distantes. No entanto, no CHSB, apesar das distâncias existentes, a frequência e uso são mais acentuados do que a do CHST; talvez isso ocorra pela variedade de opções de recreação que o *layout* oferece.

O turno de uso preferido pelos adultos também apresenta-se diferente nos dois conjuntos. Aspectos como oferecimento de oportunidades, senso de coletividade e localização dos espaços abertos comuns, em termos

de proximidade e distância interferiram na escolha e na conseqüente definição dos turnos para freqüência e uso dos moradores adultos.

Mais uma vez, a ausência de um espaço que oportunize diferentes tipos de atividades se faz sentir no CHST, determinando a preferência pelo turno da tarde, especialmente no seu final. As pessoas ali se reúnem quase exclusivamente para "por assuntos em dia". Em contrapartida, os moradores do CHSB se dirigem a esses ambientes, preferencialmente à noite, tendo em vista as oportunidades diversas de recreação e socialização encontradas.

Nos dois conjuntos habitacionais, os adultos apresentam as mesmas preferências em termos de tipos de atividades desenvolvidas, por ordem de preferência, encontrar amigos, conversar e tomar chimarrão. Os adultos do CHSB têm mais opções de atividades, como práticas de esportes, reuniões sociais e culturais, uma vez que o desenho previu equipamentos destinados a essas atividades, como o Centro Comunitário. Equipamento esse que favorece e fomenta uma vivência comunitária.

4.1.3.5. Idosos a partir de 60 anos

Os resultados da pesquisa, nessa faixa etária, apesar do tamanho da amostra parecer pequeno, é representativo do seguimento, tendo em vista o reduzido número de moradores idosos nos dois conjuntos, apontam para uma situação deveras curiosa, ou seja, nenhum idoso do CHST usa os espaços abertos comuns. O máximo constatado pelas observações foi a ocupação de espaço junto à porta da moradia (no limite entre o público e o privado), para fins de apreciar os arredores, aparentemente sem objetivos definidos.

Ao contrário desse comportamento, no CHSB, a maioria dos idosos usa e freqüenta os espaços abertos comuns, com certa assiduidade:

quase todos os dias, inclusive e principalmente, quando não moram em frente a eles, pois o aspecto localização desses espaços em frente à habitação, nos dois conjuntos, transforma os moradores idosos, bem como alguns adultos, em espectadores do que se passa nos espaços abertos comuns. Faz deles participantes, ainda que à distância, dos acontecimentos que se desenvolvem nesses espaços, caracterizando o tipo de atividade recreativa de preferência. No CHSB, além de espectador de esportes e outras atividades mais movimentadas, os idosos são participantes ativos daquelas atividades de caráter mais social: almoços, jantares, participando inclusive na sua elaboração, além de outras formas de participar.

Em relação ao uso e frequência dos idosos nos espaços abertos comuns, a análise dos dados aponta para um nível bom de apropriação expresso pelas respostas no CHSB, onde o turno de preferência é a tarde. A não frequência dos idosos do CHST não permite o estabelecimento de comparação mais detalhada, entre os moradores dessa faixa etária dos dois conjuntos habitacionais.

4.1.4. Níveis de satisfação dos usuários - pontos positivos e negativos

Foram aplicados questionários para estabelecer o nível de satisfação dos usuários em relação aos espaços abertos comuns, aos conjuntos habitacionais e aos fatores contextuais: equipamentos recreacionais, acessibilidade, visibilidade, segurança, manutenção, vegetação, aparência, conforto térmico, tráfego, pavimentação.

Em função das perguntas abertas realizadas e constantes do questionário, foi possível, também, determinar, numa primeira abordagem, pontos positivos e negativos apresentados pelos espaços abertos comuns. Na verdade, o nível de satisfação expresso pelos pontos positivos e negativos está

em íntima relação com o juízo de valor estabelecido pelos usuários, com referência aos espaços abertos comuns como um todo, porque cada respondente teve a oportunidade de manifestar-se livremente, sem qualquer interferência em sua opinião.

Os principais *pontos positivos* dos espaços abertos comuns, indicados pelos moradores dos dois conjuntos habitacionais, foram *segurança e localização desses em relação a suas habitações* (referenciando-se ao fator acessibilidade), com predominância de percentual maior no CHST. Citações do tipo "poder observar de casa as crianças", "tem espaço recreacional infantil", "é calmo e tranquilo", "facilita contato com o vizinho", entre outras são expressas pelos respondentes dos dois conjuntos habitacionais. Isto significa que, apesar de conjuntos habitacionais diferentes, com desenhos peculiares, com pessoas de nacionalidade e costumes diversos, em dois diferentes países, ainda que limítrofes, os anseios, os desejos e as necessidades são quase as mesmas, determinando características comuns aos indivíduos.

Os principais *pontos negativos* indicados (*falta de equipamento no CHST, falta de pontos de água e banheiros no CHSB*, por exemplo) diferem nas opiniões dos moradores de ambos conjuntos. Essas divergências, segundo as observações realizadas, estão vinculadas diretamente às carências determinadas, às necessidades constatadas e aos pontos considerados como de estrangulamento. É possível que esses pontos de estrangulamento ou essas carências digam respeito diretamente ou ao desenho de cada um dos conjuntos habitacionais e/ou ao gerenciamento ou a sua administração.

Em contrapartida, aspectos relacionados à conservação e limpeza, por exemplo, foram citados nos dois conjuntos, também com certa ênfase, especialmente no CHST.

A análise desses pontos positivos e negativos apresentados nas respostas dos moradores permitiu constatar que as características semelhantes apontadas quando da seleção dos conjuntos habitacionais, a

rigor, não constituíram aspectos de sustentação para a existência de equilíbrio de opiniões. Aqueles pontos considerados negativos num conjunto, eventualmente foram ignorados ou considerados positivos no outro. A recíproca também existiu.

Os níveis de satisfação dos usuários com os espaços abertos comuns e com os conjuntos habitacionais, na verdade, foram a expressão do maior ou menor atendimento às necessidades do individual e do coletivo, dentro das expectativas de cada um, conforme o indicado nas tabelas 3.21 e 3.22.

4.1.5. Nível de satisfação dos usuários em relação aos fatores contextuais

Em relação aos fatores contextuais, a análise realizada permitiu estabelecer dois aspectos distintos:

- esses fatores serviram de instrumentos para que os indivíduos respondentes apontassem, através deles, suas concordâncias ou discordâncias, agrados ou desagradados em relação aos locais onde vivem, convivem e se integram;
- o estudo isolado de cada um dos fatores poderá oferecer uma visão incompleta e distorcida da importância que eles podem exercer sobre as opiniões dos usuários, sua frequência, uso e apropriação dos espaços abertos comuns.

Face a essas constatações, optou-se por realizar uma conclusão genérica em relação aos fatores contextuais, expressa em tópicos, buscando tornar evidentes os pontos em que eles interferiram na percepção dos usuários dos espaços abertos comuns e, conseqüentemente na sua avaliação.

- A maioria dos residentes dos dois conjuntos (73,5% no CHST - 81,5% no CHST) estudados apresenta um *nível de satisfatoriedade*

positiva em relação aos *espaços abertos comuns* expressa pela utilização que deles fazem.

➤ Os *moradores*, principalmente as crianças maiores, adolescentes e adultos, *preferem* ambientes que proporcionem *atividades esportivas*. O fator equipamentos recreacionais representado por quadras esportivas foi um dos responsáveis pelo índice maior de satisfação.

➤ Os *espaços abertos comuns*, nos dois conjuntos, estão claramente definidos e demarcados. Este aspecto, apontado nas entrevistas e questionários, contribui para influenciar positivamente a apropriação, o uso e o nível de satisfação do usuário em relação a esses espaços, promovendo, inclusive o senso de territorialidade e a sua conservação. Ficou claro que a *localização dos espaços abertos comuns em relação às habitações* afeta (embora de maneira diferente conforme a faixa etária) o uso desses espaços e o comportamento do usuário, mas não define significativamente o seu grau de satisfação.

➤ Este senso de territorialidade e a apropriação expressa o grau de uso e satisfação dos usuários e é decorrência do encontro de aspectos de ordem física, social, cultural, material, afetiva nesses espaços. Entretanto, os *espaços abertos comuns* que não ofereciam os fatores considerados de interesse dos usuários apresentaram significativos índice de rejeição ou neutralidade. Isto significa que os *espaços abertos comuns* que ofereciam *equipamentos recreacionais condizentes* com as *necessidades e interesses dos usuários* foram *apropriados e intensamente utilizados* pelos residentes dos conjuntos; entretanto os que careciam de equipamentos foram pouco usados.

➤ Constatou-se que, quando os *espaços abertos comuns* não oferecem equipamentos que atendam às necessidades e aos desejos dos usuários, eles dificilmente são *apropriados* pelos residentes do conjunto, o que repercute negativamente na intensidade da frequência de seu uso e na sua manutenção, mesmo quando a responsabilidade da manutenção é dividida

entre a Prefeitura e os moradores, como no caso da praça 3 do CHSB. Desse modo, os *equipamentos recreacionais* dos espaços abertos comuns *afetam* o *usuário* tanto na sua *motivação* para *usá-los* e *conservá-los* quanto no seu *comportamento*.

➤ As evidências encontradas a partir do trabalho de campo indicaram o que vários autores (BUTLER, 1973; DARKE, 1982, P. 371; COLVIN, 1973; COOPER, 1975) já haviam dito, ou seja, que, também, a *acessibilidade facilita* o *uso* desses espaços e que esse fator é mais relevante quando os usuários são crianças.

➤ A investigação também mostrou que a *visibilidade* é outro pré-requisito importante, porque *promove* o *sentimento* de *propriedade* e de *territorialidade*, o que faz com que os moradores se sintam mais seguros e transformem esses espaços num ambiente animado. Entretanto, o peso desse fator varia conforme a faixa etária, sendo mais importante para as crianças, principalmente as com idade até seis anos. Portanto, os resultados mostram que a *acessibilidade* e *visibilidade afetam a frequência de uso* dos espaços.

➤ Ao analisar a pesquisa, também, constata-se que existem alguns aspectos relacionados aos fatores que *influenciam negativamente*, tais como *falta de equipamentos, manutenção* e outros.

➤ As evidências encontradas a partir do trabalho de campo atestam que o grau de *apropriação* e *uso* dos espaços abertos comuns é *influenciado* principalmente pela *percepção* do fator *segurança*, nesses espaços.

➤ No CHSB, a pesquisa ratifica o indicado por Cooper & Sarkissian (1990) em relação à conservação dos espaços abertos comuns dos conjuntos habitacionais: definir claramente a responsabilidade da manutenção e contratar um zelador para executar essa tarefa, mesmo quando não dispõem de recursos para tal, pois os moradores podem se mobilizar e usar pressão política, para consegui-lo, como aconteceu no CHSB.

➤ Também foram corroboradas as indicações de vários autores (BUTLER, 1973; COOPER & SARKISSIAN, 1986; HURTWOOD, 1975) de que as *áreas gramadas* têm baixa resistência ao uso, são facilmente danificadas e *exigem muita manutenção*. A literatura aponta que uma boa estratégia é os moradores ficarem responsáveis pela manutenção das áreas comuns e considera que a boa manutenção pode estar relacionada ao aumento do envolvimento dos usuários no processo de conservação (COOPER & FRANCIS, 1990; COOPER & SARKISSIAN, 1986; LYNCH, 1980).

➤ Verificou-se, também que a *vegetação* é um fator significativo para que a comunidade do conjunto habitacional se aproprie e use os espaços abertos comuns. Percebeu-se que os usuários, gostavam de permanecer nos ambientes que ofereciam arranjos de vegetação.

➤ Os dados evidenciam que os espaços com *aparência visual positiva* afetam as atitudes e o comportamento dos usuários, motivando-os ao uso.

➤ Em relação ao fator *conforto térmico*, os efeitos do *sol não prejudicam o uso* dos espaços abertos do CHST e do CHSB, porque existe um certo equilíbrio entre sol e sombra, apesar de, no CHST, as habitações projetarem sombras nesses espaços, em algumas horas do dia. O *vento* também *não chega a afetar a utilização* desses espaços. Só quando ocorrem precipitações de *chuva*, os *usuários não utilizam os ambientes recreacionais*. Inclusive, a associação dos moradores do CHSB cobriu e fechou a cancha de bocha para poder ser utilizada, sempre, independentemente do clima.

➤ Também confirmou-se, especialmente quando o usuário é criança, que as medidas de *gerenciamento do tráfego* nos projetos de conjuntos habitacionais reduzem o perigo relativo ao trânsito de veículos e, como consequência, facilitam o acesso e aumentam a apropriação e o uso dos espaços abertos comuns recreacionais. Isso é válido principalmente no modelo adotado no CHST, que é a segregação total do tráfego. Entretanto, por

outro lado, esse tipo de projeto gera outros tipos de problemas, tais como dificuldades de provisão de serviços (recolhimento de lixo, bombeiros, ambulâncias, entre outros que poderiam ser citados).

➤ Os dados conseguidos revelaram que os residentes dos dois conjuntos habitacionais utilizam muito pouco as *circulações veiculares* como espaços de recreação, o que contraria vários autores (JACOBS, 1973; SANTOS *et al.*, 1985; LYNCH, 1980).

➤ Os residentes dos dois conjuntos habitacionais demonstraram ter uma relação positiva com os seus espaços abertos comuns. Identificam-se com eles, e estes são de grande importância para eles. Estão satisfeitos, utilizam-nos intensamente, e a apropriação ocorre naturalmente. No entanto, esse relacionamento pode ser melhorado, se forem incorporados nesses espaços outros desejos e necessidades dos usuários expressos neste estudo, quais sejam: mais equipamentos, mobiliários e iluminação adequada em alguns espaços; plantar espécies vegetais, principalmente arbustos e flores; a manutenção, conservação e limpeza regulares, etc.

Os *espaços abertos comuns* nos dois conjuntos habitacionais desempenham um *papel relevante* na *criação* de uma *vida comunitária*, pois estimulam o contato entre os moradores do conjunto, além de satisfazerem as suas necessidades de atividades recreacionais e promoverem o contato com a natureza. No CHST, esses espaços também propiciam atividades funcionais como lavagem e conserto de veículos, os quais não têm acesso aos terrenos privados dos residentes. Entretanto o valor desses espaços varia de importância conforme a faixa etária das pessoas, sendo mais importante para as crianças. Varia também de acordo com as percepções e valores de cada um.

Vale refletir sobre o papel desempenhado pelos fatores contextuais e o modo como eles interferiram nas opiniões e decisões dos usuários. É possível dizer que os fatores -- equipamentos recreacionais,

segurança, acessibilidade, manutenção e visibilidade -- funcionaram como idéias centrais em torno das quais gravitaram as opções dos moradores. Além disso, esses fatores, pela sua relevância, apresentaram-se como interdependentes uma vez que um pode interferir no desempenho e no papel do outro. É por esse motivo que, em várias respostas puderam ser percebidas as ligações existentes entre eles e o quanto um fator influenciou as decisões dos respondentes a respeito de outro fator.

Algumas observações finais se fazem importantes, nestas conclusões, em função dos fatores contextuais analisados:

➤ a *segurança* é fator que oportuniza confiança aos residentes dos conjuntos habitacionais e estimula o uso dos espaços abertos comuns;

➤ a *localização* dos espaços abertos comuns, tendo como foco o fator *acessibilidade*, foi considerada adequada pelos moradores e *elemento facilitador* para o acesso diário e, conseqüentemente, para a utilização mais intensa;

➤ os fatores *acessibilidade* e *visibilidade*, enfocados a partir das habitações da maioria, no CHST, e em parte, no CHSB, também *geraram segurança*, estimularam o uso e a apropriação dos espaços abertos comuns;

➤ os *equipamentos recreacionais*, um dos fatores considerados mais significativos, suas quantidades, seus modelos, seus arranjos e sua localização nos espaços abertos comuns ofereceram a oportunidade, aos moradores, de escolherem locais de recreação, conforme suas necessidades e, permitindo a observação da vida do entorno, encorajaram o seu uso, a conversação entre usuários e, conseqüentemente a integração social. Dentre esses equipamentos, as *quadras de esporte* foram *fator de impulsão para socialização e interação* dos indivíduos entre faixas etárias diferentes e semelhantes.

Sob o ponto de vista relacionado ao **desenho dos conjuntos habitacionais**, foram identificados como **pontos negativos**:

➤ *a falta de espaços para atividades e programas recreacionais* dentro do conjunto (CHST) destinados a jovens, adultos e idosos, ocasionando desmotivação quanto ao uso e a apropriação das faixas etárias correspondentes. O oposto desta constatação foi observado no CHSB, onde a implantação de um Centro Comunitário, para múltiplas atividades atraiu os residentes do conjunto habitacional e tornou vivos os espaços abertos comuns, provocando as iniciativas de uma associação de moradores, resultando num maior entrosamento e incentivando uma vida comunitária. Isto posto poder-se-ia dizer que organização social é alavanca para melhoria das condições de vida e para a manutenção dos bens coletivos;

➤ *a ausência de pontos de água, bebedouros e banheiros*, identificados como necessários para uma melhoria de qualidade de vida. Essa ausência determinou dificuldades para a manutenção da vegetação, para a realização de brincadeiras das crianças, para saciar a sede, principalmente, dos que praticavam esportes e para instalação de banheiros, junto às quadras esportivas. É curioso observar que o desenho do CHST não provocou nos moradores o sentimento da falta dos pontos de água visto que o espaços abertos comuns tem ótima acessibilidade às habitações;

➤ *o horário de funcionamento da Área Verde 7 no CHSB que restringia o uso da mesma*. Apesar desse ponto não ter sido indicado para avaliação por ser um problema administrativo foi necessário citá-lo como desfavorável e interferente aos índices de uso, frequência, apropriação e, conseqüentemente, nível de satisfação.

4.2. Considerações Finais

Após as considerações de ordem mais estritamente relacionadas com os objetivos de realização desta pesquisa, cabe apontar alguns comentários críticos sobre as potencialidades e limitações dos métodos empregados, bem como, indicações quanto a futuros desenvolvimentos da pesquisa.

4.2.1. Potencialidades

Os tópicos abaixo demonstram as principais potencialidades do modelo de Avaliação Pós-Ocupação do Ambiente Construído - APO. São elas as seguintes:

- representa uma alternativa metodológica para avaliar o desempenho de ambientes construídos e ocupados, porque permite detectar, identificar e diagnosticar os aspectos positivos e negativos desses espaços, através da *participação de todos agentes envolvidos* neste processo de produção e uso. Sendo assim, gera dados para serem utilizados como base, tanto para sugerir diretrizes de projetos de intervenção do ambiente avaliado, como para retroalimentar projetos similares ao estudado, a serem utilizados *essencialmente* pela mesma população de usuários, e assim, contribuir para o aumento da qualidade dos espaços construídos.

- é uma ferramenta que ajuda a estudar e aferir as relações construído-usuário, dessa maneira, colabora para que se produzam ambientes que preencham as expectativas psicocomportamentais dos usuários e atendam

satisfatoriamente as funções para as quais foram destinadas, portanto, trás benefícios aos ocupastes e/ou proprietários de ambientes construídos, bem como, aos projetistas de obras similares.

Em suma, a APO é um bom instrumento para avaliar a qualidade do ambiente construído.

4.2.2. Limitações

A presente pesquisa apresentou limitações, os quesitos a seguir resumem as principais:

➤ a avaliação de desempenho dos ambientes a partir da coleta de opinião e do comportamento dos usuários instrumentaliza *parcialmente* o melhoramento dos procedimentos de projeto, pois os valores depurados através desse método podem mudar de lugar para lugar e de tempo em tempo, sendo assim, não são *generalizáveis* para outras populações de usuários, portanto, não é possível derivar novos protótipos de projetos, para alcançar esse objetivo, aconselha-se, então, associar ao método a utilização também, de procedimentos descritivos, analíticos e preditivos;

➤ na segmentação da população da amostra proposta, a faixa etária de 18 a 60 anos abrangeu usuários com características diferenciadas. Por esse motivo teria sido mais interessante ter desdobrado-a em pelo menos 2 faixas etárias, tendo em vista que essa foi classificada de acordo com os tipos de necessidades e de atividades comuns ao grupo;

➤ o tamanho da amostra dos diferentes grupos de usuários (questão 8 do questionário), resultou numa variação grande entre os respondentes das diferentes faixas etárias, desde o máximo de 66 pessoas entre 18 e 60 anos moradores do CHSB, até o mínimo de 3 indivíduos com mais de 60 anos moradores do CHST, gerando uma limitada

representatividade dos usuários idosos, apesar da amostra ser representativa da população moradora dos conjuntos habitacionais;

➤ a não utilização de outros procedimentos estatísticos para analisar os dados quantitativos obtidos através dos questionários (adotado somente frequência), pode ter contribuído á limitação das conclusões;

➤ a não observação *sistemática* das atividades realizadas nos outros espaços do conjunto habitacional não definidos para recreação mas utilizados para essa finalidade ou próximos a estes, apesar de não ser este o objetivo da pesquisa, certamente prejudicou o entendimento da apropriação desses ambientes. Fato que, se melhor elucidado, poderia ter contribuído mais para um maior alcance de resultados na pesquisa;

➤ a pergunta feita nos questionários sobre os materiais utilizados nos pisos dos espaços abertos comuns, por ser muito geral, não permitiu uma interpretação mais objetiva. Se tivesse relacionado atividades com pisos preferidos, o resultado poderia ter sido melhor.

4.2.3. Continuidade dos Trabalhos

Pelo fato de que, atualmente, o déficit habitacional se concentra principalmente no extrato social de baixa renda e de que, além disso, existe uma grave crise de financiamento do setor habitacional, tornando bastante escassos os recursos destinados à habitação da população mais carente, é fundamental:

➤ implementar programa de avaliações pós-ocupação nos conjuntos habitacionais populares existentes, mas como já foi dito, sugere-se a associação de novos procedimentos de investigação que, na medida do possível, possam simular as variáveis envolvidas e testar seus impactos. Também é aconselhável que as variáveis sejam investigadas em menor

número e que os casos utilizados para as suas medições sejam em maior número. Desta maneira afirmações mais efetivas e generalizáveis serão possíveis.

- encetar avaliações que verifiquem, entre outros aspectos, o nível de satisfação dos usuários, em relação ao conjunto habitacional, aos espaços abertos comuns e às habitações – dimensionamento, ambientes que a compõe, aparência externa e interna, paredes, revestimentos, forros, cobertura, pintura, etc.

- realizar levantamentos dos espaços resultantes das modificações executadas pelos moradores dos conjuntos habitacionais, tanto nos ambientes privados como nos públicos;

- verificar as diferentes tipologias utilizadas nos conjuntos habitacionais, identificando as vantagens e as desvantagens de cada modelo construído, bem como, custo/benefício.

Enfim, para que conjuntos habitacionais sejam construídos com mais qualidade, com custos menores e que atendam às necessidades dos usuários é fundamental continuar pesquisando e estudando as características pessoais dos usuários, as relações entre os projetos e os resultados dos ambientes construído, bem como a influência que estes exercem na satisfação, no comportamento e na percepção dos usuários.

Referências bibliográficas

- ALEXANDER, C. et al. *Um lenguaje de patrones*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S. A, 1980.
- ANDERSON, J. R. Components of Housing Design-Social and Behavioral. In: MACSAI, J. et. al. *Housing*. New York: Jonh Wiley and Sons, 1982.
- ASHIHARA, Y. *El diseño de espacios exteriores*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A, 1981.
- ATTADIA DA MOTTA, C. F. *Nível de satisfação em conjuntos habitacionais da Grande São Paulo*, São Paulo: IPT/FAPESP, 1975.
- AZEVEDO, M. Avaliação Pós-ocupação em núcleos habitacionais resultantes de regime de ajuda-mútua na região metropolitana de São Paulo, em relação a sua adaptação ao uso. Anais do seminário "A avaliação pós-uso-Apu". São Paulo: FAUUSP, FUPAM, 7-9 jun. 1989 pp. 177-186.
- BENTLEY, I. et al. *Responsive Environmets: A manual for designers*. London: The architectural press, 1987.
- BUTLER, G, D. *Recreação*. Rio de Janeiro: Editora Lidor, 1973.
- CARR, S. & K. LYNCH. Open space: Freedom and control. In Taylor (Ed.). *Urban Open Space*, pp. 17-18. New York: Rizzoli, 1981.
- CARR, S. et al. *Public Space*. New York: Cambridge University Press, 1992.
- CARSTENS, D. Y. Housing and outdoor spaces for the elderly. In Cooper Marcus and C. Francis (Eds.). *People places*. pp.171-214. New York: Van Nostrand Reinhold, 1990.
- COLVIN, B. *Land and Landscape*. London: John Murray, 1970.
- COOPER, C. *Easter Hill Village: Some social implications of design*. New York: Free Press, 1975.
- , C., & C. FRANCIS (Eds.). *People Places*. New York: Van Nostrand Reinhold, 1990.
- , C., & W. SARKISSIAN. *Housing as If People Mattered*. Berkeley: University of California Press, 1986.
- DARKE, J. The design of public housing: architects' intentions and users' reactions. Department of Town and Regional Planning, University of Sheffield, Ph. D. Thesis, 1982.

- DEL CARLO, U. & ORNSTEIN, S.W. *Avaliação do edifício e da cidade: Medos e Mitos*. Sinopses, FAUUSP, 14:5-12, dez.,1990.
- DEL RIO, V. *Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento*. São Paulo: Pini,1990.
- Department of the Environment. *The social effects of living off the ground*. Housing Development Directorate Occasional Paper 1/75. London: HMSO, 1975.
- DREYFUSS, J. Urban Recreation. In TAYLOR (Ed.) *Urban Open Spaces* pp. 36-38. New York: Rizzoli, 1981.
- DUMAZEDIER, J. *Lazer e Cultura Popular*. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 1973.
- FRANCESCATO, G. et al. *Residents' Satisfaction in HUD-Assisted Housing: Design and Management factors*. Illinois: University of Illinois, Housing Research and Development Program, 1979.
- FRANCIS, C. Day Care Outdoor Spaces. In Cooper Marcus & C. Francis (Eds.) *People Places*. pp. 215-262. New York: Van Nostrand Reinhold, 1990.
- GEHL, J. *Life Between Buildings*. New York: Van Nostrand Reinhold, 1987.
- GOLD,S.M. *Urban recreation planning*. Philadelphia: Lea & Febiger, 1973.
- GRUFFYDD, B. *Tree Form, Size and Colour. A guide to selection, planting and design*. London: E. & F. N. Spon, 1987.
- HIGUCHI, T. *The visual and spatial structure of landscapes*. Massachusetts: MIT Press, 1989.
- HULTSMAN, J., et al. *Planning Parks For Peoples*. Oxford: Venture Publishing, Inc, 1987.
- HURTWOOD, L. A. *Planning for play*. London: Thames and Hudson, 1975.
- KATO, A. *Japanese Open Space as an Amenity*. Tokyo: Process Architecture Co., Ltd., 1993.
- KIRSCHENMAN J. & MUSCHALEK C. *Diseño de barrios residenciales*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S. A., 1980.
- KRIER, R. *El espacio urbano* . Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S. A., 1981.
- . Stuttgart *Teoria Y práctica de los espacios urbanos*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S. A., 1976.

- JACOBS, J. *Murte y vida de las grandes Ciudades*. Madrid: ediciones península, 1973.
- LANG, J. *Creating Architectural Theory*. New York: Van Nostrand Reinhold, 1987
- LAURIE M. *Intoduccion a la arquitectura del paisaje*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S. A., 1983.
- LAY, M. C. D. *Responsive site design user environmental perception and behaviour*. Oxford Polytechnic. Tese de Doutorado, 1992.
- LAY, M. C. D. & REIS, A. T. Satisfação e comportamento do usuário como critérios de avaliação pós-ocupação da unidade e do conjunto habitacional. In: ANTAC, Avanços em Tecnologia e Gestão da Produção de Edificações. In: Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, São Paulo, EPUSP, vol. 2, p. 903-912. ANAIS do ENTAC 93, São Paulo, 1993.
- LAY, M. C. D. & REIS, A. T. Workshop Avaliação Pós-Ocupação. São Paulo: ANAIS da ANTAC, NUTAU-USP, p. 28-49, 1994
- LE CORBUSIER. *Planejamento Urbano*. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 1971.
- . *Carta de Atenas*. Belo Horizonte: Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Minas Gerais, 1964.
- LEFEBVRE, H. *De Lo rural a lo urbano*. Barcelona: Península, 1978.
- LIMA, M. *A Cidade e a Criança*. São Paulo: Nobel, 1989.
- LYNCH, K. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- . *Planificacion del sitio*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S. A., 1980.
- MARENGO DE TAIPA, M. La ciudad y sus espacios abiertos. *Suma* - colección temática 3/83 : 12-21. Buenos Aires: Ediciones Summa SA, 1983.
- MEDEIROS, E. B. *O lazer no planejamento urbano*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1975.
- NEWMAN, O. *Defensible Space*. New York: The Macmillan Company, 1972.
- NICHOLSON, S. *How not to cheat children the theory of loose parts*. Landscape Architecture 62, I: 30-4, 1971.
- ORNSTEIN, S. W. *Avaliação Pós-ocupação (APO) do ambiente construído*. São Paulo: EDUSP - Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

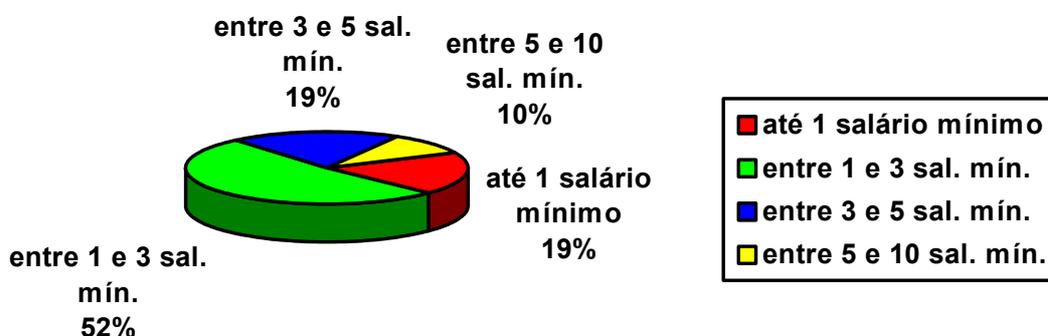
- . *Habitação autogerida. Análise de um caso paulistano*. São Paulo, Nov. 1988, 116: 173 - 175.
- . *Metodologia para avaliação pós-uso (APO) da habitação auto-gerida: O caso do Butantã - S.P.* Anais do seminário "Avaliação pós-uso - APU "São Paulo, FAUUSP, FUPAM, 7 - 9 jun. 1989, pp. 187 - 189.
- PREISER, W. *et al. Post-occupancy Evaluation Practices in the Building Process*. Washington: Nacional Academy Press, 1987.
- PREISER, W. *et al. Post-occupancy Evaluation*. New York:: Van Nostrand Reinhold, 1988.
- PRINZ, D. *Projetos Urbanos*,(vol, 1), *Configuração Urbana*,(vol.2). Lisboa: Ed. Presença, 1984.
- RAPOPORT, A. *Aspectos humanos de la forma urbana*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1978.
- REIS, A. T. L. *"Mass Housing Design, User Participation and Satisfaction"*. Oxford. Tese de Doutorado, 1992.
- SALVIATI, E. *Os espaços livres urbanos de Brasília*. São Paulo: Sinopses 11 pp. 15-26, FAU-USP, 1988.
- SANOFF, H. *Visual research methods in design*. New York: Van Nostrand Reinhold, 1991.
- SANTOS, C. N.; *et al. Quando a rua vira casa: A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. São Paulo: Projeto Editores, 1985.
- . *A cidade como um jogo de cartas*. São Paulo: Projeto Editores, 1988.
- SEELEY, I. H. *Outdoor recreation and the urban environment*. London: Macmillan press,1973.
- SERRA, G. G. *Habitação e tecnologia, no espaço Brasileiro*. Sinopses. São Paulo: FAUUSP, 12: 68 - 72, Nov., 1989.
- SERRA, F. e J. VALERA. *Plazas urbanas Diseños del Estudio Serra: Valera. Suma - colección temática 3/83 : 26-43*. Buenos Aires: Ediciones Summa SA, 1983.
- SIPES, J. & J. ROBERTS. *Playground surfaces: safety and accessibility*. Landscape Architecture 84: 36-38.SIPES & ROBERTS, 1994.
- SITTE, C. *The art of building cities*. New York: Reinhold Publishing Corporation, 1945.

- STONE, L. J. e CHURCH, J. *Infância e adolescência*. Belo Horizonte: Editora Interlivros de Minas Gerais Ltda, 1978.
- TANDY, C. *Manual de paisaje urbano*. Madrid: H. Blume Ediciones, 1976.
- UNTERMANN, R. & SMALL, R. Conjuntos de viviendas. *Ordenacion urbana y planificacion*. México: Ediciones Gustavo Gili S.A., 1984.
- VELASCO, J. M. A. *Ciudad y espacios verdes*. Madrid: Serviço Central de Publicaciones. Ministerio de la vivienda, 1971.
- WALTERS, R. *Introducion al diseno en áreas residenciales*. Madrid: Hermann Blume, 1985.
- WIGNER, R. F. *Nível de satisfação de uma população desfavelizada "com a nova área residencial e fatores que o afetam*. dissertação de mestrado, Porto Alegre, Propur - UFRGS, 1978.
- ZEISEL, J. *Inquire by Design: Tools for Environment-Behavior Research*. New York: Cambridge University Press, 1981.

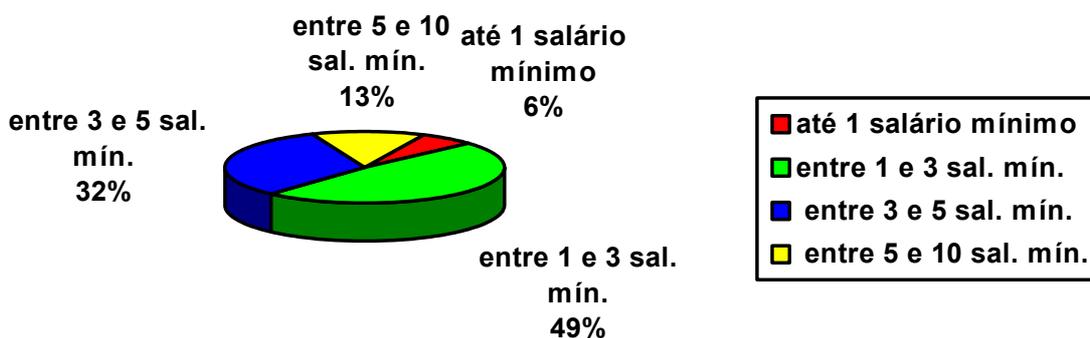
PERFIL DA POPULAÇÃO QUESTIONADA, NOS CONJUNTOS HABITACIONAIS POPULARES EM SANTO TOMÉ E EM SÃO BORJA

1. RENDA FAMILIAR DOS RESPONDENTES

RENDA FAMILIAR DOS RECONDENTES EM SANTO TOMÉ



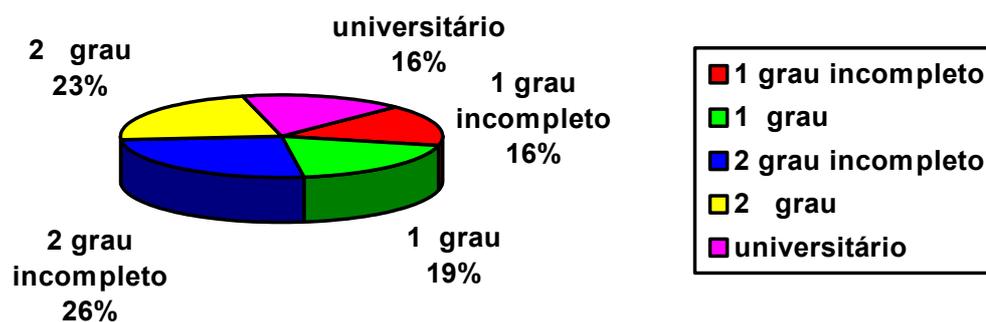
RENDA FAMILIAR DOS RESPONDENTES EM SÃO BORJA



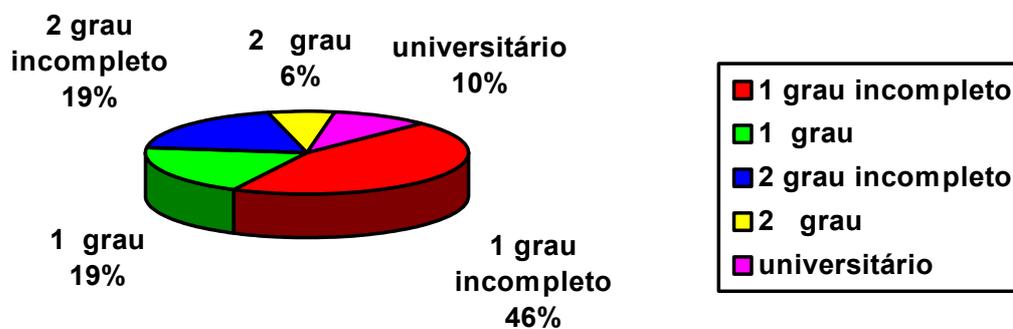
*Observação: Embora o salário mínimo da Argentina seja quase três vezes maior que do Brasil, o poder de compra dos cidadãos nos dois países, tendem a ser semelhante.

2. ESCOLARIDADE DOS RESPONDENTES

ESCOLARIDADE DOS RESPONDENTES EM SANTO TOMÉ

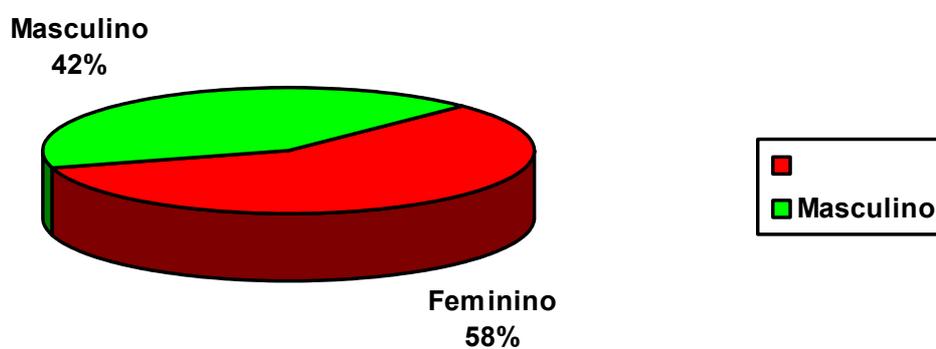


ESCOLARIDADE DOS RESPONDENTES EM SÃO BORJA

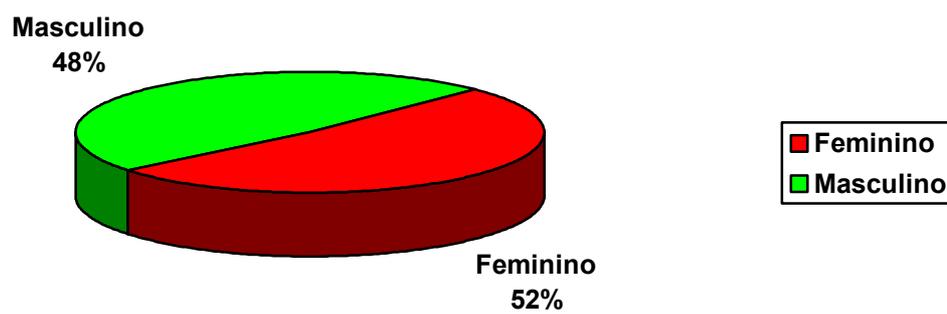


3. SEXO DOS RESPONDENTES

SEXO DOS RESPONDENTES EM SANTO TOMÉ

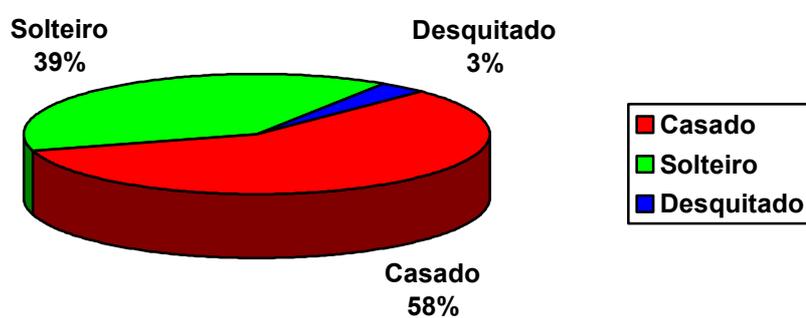


SEXO DOS RESPONDENTES EM SÃO BORJA

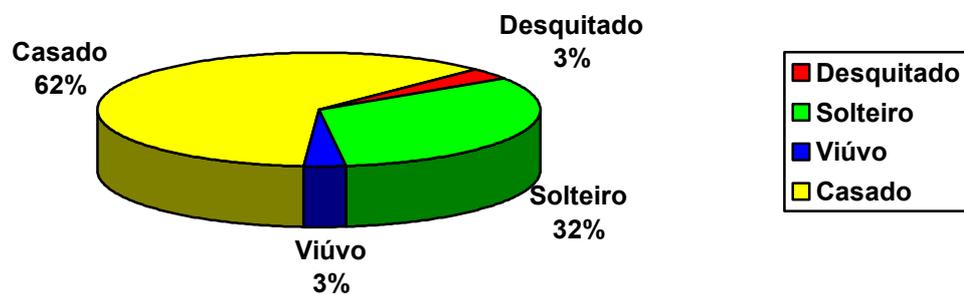


4. ESTADO CIVIL DOS RESPONDENTES

ESTADO CÍVIL DOS RESPONDENTES EM SANTO TOMÉ



ESTADO CÍVIL DOS RESPONDENTES EM SÃO BORJA

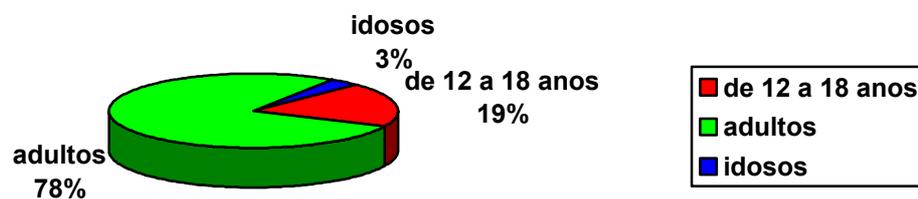


5. FAIXA ETÁRIA DOS RESPONDENTES

FAIXA ETÁRIA DOS RESPONDENTES EM SÃO BORJA



FAIXA ETÁRIA DOS RESPONDENTES EM SANTO TOMÉ



EXEMPLO DE QUESTIONÁRIO

INFORMAÇÕES GERAIS

1. ENDEREÇO	2. CONJUNTO	3. ORIENTAÇÃO CASA	QUESTIONÁRIO	DATA
quadra	1. S. Borja	1. frente para rua	NÚMERO	__/__/__
casa	2. S. Tomé	2. frente para espaço aberto		

4. INFORMAÇÕES SOBRE O RESPONDENTE

- 4.1. SEXO: Feminino - Masculino
 4.2. IDADE:
 4.3. PROFISSÃO:
 4.4. NÍVEL DE EDUCAÇÃO: nunca foi a escola - 1 grau inc. - 1 grau - 2 grau inc. - 2 grau - univ. inc. - univers.
 4.5. ESTADO CIVIL: Casado - Solteiro - Viúvo - Desquitado
 4.6. RENDA FAMILIAR: até 1 salário mínimo-entre 1 e 3 sal.- entre 3 e 5 sal.- entre 5 e 10 sal.- mais de 10 sal.

5 - Há quanto tempo a família mora neste conjunto?

() anos

6 - Você aluga esta casa ou é proprietário?

() Locatário

() Proprietário

7 - Como você se sente vivendo neste conjunto?

() satisfeito

() nem satisfeito nem insatisfeito

() insatisfeito

8 - INFORMAÇÕES SOBRE OS ESPAÇOS ABERTOS COMUNS DO CONJUNTO HABITACIONAL

GRUPO ETÁRIO	ATÉ 6 ANOS	DE 6-12 ANOS	DE 12 - 18 ANOS	DE 18 - 60 ANOS	ACIMA DE 60 ANOS
Número de pessoas					
Uso dos espaços abertos					
Por que não?					
Finalidade					
Frequência					
Turno de uso					
Qual o espaço aberto mais utilizado? Por que?					
Outros espaços do conj. ou próximos a este utilizados para recreação.					

Uso	Finalidade	Frequência	Turno	Outros espaços
1- sim	1- brincar	1- todos os dias	1- manhã	1- rua
2- não	2- levar filho para brincar	2- quase todos os dias (4-6)	2- tarde	2- terreno próximo
	3- namorar	3- quase todos os dias (4-6) (S-D)	3- noite	3- centro comunitário.
	4- sentar / descansar	4- com uma certa frequência (2-3).		4- ginásio de esportes
	5- praticar esportes	5- com uma certa frequência (2-3) (S-D)		5- outros locais. qual (is)?
	6- encontrar amigos	6- raramente (1 ou menos)		
	7- tomar sol	7- raramente (1 ou menos) (S-D)		
	8- contato com a natureza	8- nunca		
	9- outro motivo. qual (is)?			

9 - Como você se sente em relação às praças deste conjunto habitacional?
 satisfeito nem satisfeito nem insatisfeito insatisfeito

10 - Para você e sua família, a existência de praças neste conjunto é:
 importante nem um nem outro não é importante

11 - A possibilidade de poder enxergar uma praça a partir de sua casa é:
 importante nem um nem outro não é importante

12 - Você acha que o barulho das brincadeiras das crianças nas praças:
 incômoda nem um nem outro não incômoda

13 - A localização das praças no conjunto é:
 satisfatória nem satisfatória nem insatisfatória insatisfatória

14 - A distância da sua casa a praça mais próxima é:
 satisfatória nem satisfatória nem insatisfatória insatisfatória

15 - A aparência das praças é:
 satisfatória nem satisfatória nem insatisfatória insatisfatória

16 - A localização dos equipamentos recreacionais nas praças é:
 satisfatória nem satisfatória nem insatisfatória insatisfatória

17 - A variedade de modelos de equipamentos recreacionais existentes nas praças é:
 satisfatório nem satisfatório nem insatisfatório insatisfatório

18 - A quantidade de equipamentos recreacionais existentes nas praças é:
 satisfatório nem satisfatório nem insatisfatório insatisfatório

19 - Os equipamentos recreacionais destinados às crianças existentes nas praças são:
 satisfatórios nem satisfatórios nem insatisfatórios insatisfatórios

20 - A limpeza e a manutenção das praças é:
 satisfatória nem satisfatória nem insatisfatória insatisfatória

21 - A segurança das praças quanto a criminosos e vândalos é:
 satisfatória nem satisfatória nem insatisfatória insatisfatória

22 - A segurança das praças quanto ao perigo dos veículos é:
 satisfatória nem satisfatória nem insatisfatória insatisfatória

23 - A localização dos bancos nas praças é:
 satisfatória nem satisfatória nem insatisfatória insatisfatória

24 - O arranjo dos bancos nas praças é:
 satisfatório nem satisfatório nem insatisfatório insatisfatório

ANEXO III

(ver Capítulo III)

GUIA DE ENTREVISTAS

Avaliação dos usuários dos espaços abertos comuns quanto:

- * localização dos espaços abertos no conjunto habitacional;
- * importância de morar em frente aos espaços abertos comuns;
- * equipamentos comunitários - localização
 - variedade
 - quantidade
- * sentimento de segurança - criminosos e vândalos
 - veículos
- * sentimento da aparência;
- * acessibilidade x apropriação e uso;
- * visibilidade x apropriação e uso;
- * visibilidade x segurança;
- * distância das habitações aos espaços abertos comuns;
- * conflitos;
- * integração social entre os moradores;
- * manutenção e limpeza do espaço x sentimento de responsabilidade;
- * manutenção x apropriação e uso;
- * barulho das brincadeiras das crianças nos espaços abertos x incomodo dos vizinhos;
- * vegetação x apropriação e uso;
- * pavimentação x apropriação e uso;
- * iluminação x segurança;
- * conforto térmico;
- * modificações/alterações - necessidades
 - motivos
- * pontos positivos;
- * pontos negativos.